

**Universidade Federal de Juiz de Fora**  
**Pós-Graduação em História**  
**Doutorado em Narrativas, Imagens e Sociabilidades**

**Felipe Araujo Xavier**

**A TRAJETÓRIA INTELLECTUAL DE DELIO CANTIMORI: ESCRITOS  
POLÍTICOS, HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA (1904-1966).**

Juiz de Fora  
2015

**Felipe Araujo Xavier**

**A TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE DELIO CANTIMORI: ESCRITOS  
POLÍTICOS, HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA (1904-1966).**

Tese apresentada no Programa de Pós-graduação em História, área de concentração: Narrativas, Imagens e Sociabilidades da Faculdade de História da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de doutor.

Orientador: Prof. Dr. Cássio da Silva Fernandes

Juiz de Fora

2015

Felipe Araujo Xavier

**A TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE DELIO CANTIMORI: ESCRITOS  
POLÍTICOS, HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA (1904-1966).**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em  
História da Universidade Federal de Juiz de Fora  
como requisito parcial para obtenção do título de  
DOUTOR em História.

Juiz de Fora, 21 de maio de 2015

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Cássio da Silva Fernandes (orientador)

---

Profa. Dra. Cláudia Maria Ribeiro Viscardi – Presidente

---

Profa. Dra Naiara dos Santos Damas Ribeiro – Titular

---

Prof. Dr. Maurizio Ghelardi – convidado

---

Prof. Dr. Henrique Espada R. L. Filho – convidado externo

Dedico à minha sobrinha Marcelinha.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, venho agradecer os meus pais, Paulo Antônio Xavier e Heloísa Helena Araujo Xavier pelo amor, dedicação e o apoio na minha formação.

Agradeço a CAPES pela bolsa que financiou esse trabalho, tanto no Brasil quanto nos nove meses que pude permanecer pesquisando junto à *Scuola Normale Superiore di Pisa*.

Sou extremamente grato ao meu orientador, Prof. Dr. Cássio da Silva Fernandes que, com amizade, sabedoria, sensibilidade e competência, participou do longo trajeto de pesquisa dessa tese empenhando-se nas orientações, leituras e críticas aos meus textos. Agradeço o meu coorientador Prof. Maurizio Ghelardi que me recebeu com grande hospitalidade na *Scuola Normale Superiore di Pisa*, me cedeu importantes informações em relação à trajetória de Delio Cantimori e se prontificou em participar da qualificação e da defesa dessa tese, mesmo com os entraves dos quais a distância entre Brasil e Itália nos impõe. Agradeço o Prof. Dr. Henrique Espada que, com o olhar de exímio estudioso da historiografia italiana, me ajudou no aprimoramento dessa tese ao participar da qualificação e da defesa. Agradeço a Professora Dra Naiara dos Santos D. Ribeiro pela disponibilidade em participar da qualificação e da defesa da tese e a Professora Dra Cláudia M. Ribeiro Viscardi por aceitar o convite e enriquecer ainda mais esse seleto grupo de avaliadores.

Sou grato também aos professores coordenadores do Programa de Pós-Graduação em História da UFJF, em especial, a Dra Carla Almeida que, em meio aos percalços burocráticos para realização da minha viagem para Itália, me ajudou na obtenção da bolsa Sanduíche, e aos demais mestres que, de alguma maneira, estão presentes nas minhas reflexões.

Agradeço a todos os funcionários da *Scuola Normale Superiore* que me forneceram a estrutura e o auxílio necessário para o desenvolvimento das minhas pesquisas na biblioteca e no arquivo, onde se encontra o acervo de Delio Cantimori.

Agradeço os meus professores e grandes amigos Gian Paolo Bastiani e Andrea Marques que me ensinaram seus idiomas nativos, por preços literalmente amigáveis, e me deram acesso a uma grande bagagem cultural para que pudesse desenvolver minhas pesquisas na Itália sem grandes obstáculos idiomáticos.

Agradeço os meus irmãos, familiares e amigos que sempre me deram suporte espiritual nessa caminhada e participaram desses quatro anos de doutorado: Marcelo

Araujo Xavier e Ricardo Araujo Xavier, João Marcelo Bentes, Rodrigo Nascimento, Derik Ribeiro, Luiz Mário Camacho, Gleidson Andrade, Rafael Gonçalves, Hugo Imbelloni, Leonardo Rabite, Pedro Buarque, Jorge Lanini, Lucas Deotti e Luiz Guilherme Rodrigues. O meu amigo Corcino Mattos, que me cedeu sua casa como estadia para as minhas pesquisas iniciais na Unicamp. Os meus amigos italianos e estrangeiros que me receberam com hospitalidade em Pisa: Carmine Della Bruna, Luigi Battaglia, Tommaso, Michele Bonora, Ivan Carbone, Francesco Tepedino, Daniel Li Veli, Giulia Yuki e Takashi Araya. Os meus amigos que, além de suporte espiritual, me ajudaram diretamente nas reflexões sobre a minha subjetividade, a realidade histórica e o meu objeto de pesquisa: Jamir Fabri, Luiz Mario F. Costa, Pedro Ivo Tanagino e Mario Grez.

A todos, meus sinceros agradecimentos!

Como dirá em certo ponto Burckhardt, “apreciador é quem ama as coisas”, isto é, quem ama o particular concreto, os fatos, os movimentos e os fenômenos políticos, religiosos, poéticos, literários, quem se interessa por aquilo que são, poesias, lutas, guerras, revoluções, homens, fatos, como contraste a quem se interessa, sobretudo por esquemas nos quais se cataloga as mesmas coisas. Esse ímpeto onívoro de curiosidade e de experiências também parece ser qualquer coisa que o professor queira comunicar aos seus jovens estudantes com o entusiasmo do explorador que direciona novas gerações às obras e as prepara não só tecnicamente.

Delio Cantimori.

## Resumo

Este trabalho tem como escopo abordar a complexa trajetória política e intelectual de Delio Cantimori (1904-1966), partindo da sua educação familiar mazziniana, sua aderência ao Fascismo e aos preceitos do idealismo atualista como base paradigmática de leitura do Renascimento e da política contemporânea italiana e europeia. Assim, sigo o processo de inflexão teórico vivenciado pelo estudioso italiano durante a década de 1930, quando as experiências de pesquisas dos hereges na Europa do *Cinquecento* e seus contatos com novas leituras e ambientes intelectuais e políticos se misturavam com as modificações dos planos do governo fascista, a decadência da fé no corporativismo, o desprestígio popular em relação do regime, o projeto expansionista italiano, o desenrolar histórico alemão e a influência da Alemanha nazista sobre a Itália. Estes fatores levaram Cantimori a se aproximar do Partido Comunista Italiano e dos preceitos teóricos do materialismo histórico. Dessa maneira, finalizo com a sua segunda desilusão política em relação às políticas culturais ideológicas do Partido Comunista Italiano, que levou o intelectual a uma profunda nostalgia de sua geração de historiadores, empenhados em leituras históricas ético-políticas, pautadas em métodos e interpretações filológicas, incompatíveis com os pressupostos ideológicos partidários, e a aproximação da tradição histórico-cultural de Jacob Burckhardt, de seu pessimismo, de seu cientificismo e de sua concepção de História como uma disciplina propedêutica.

Palavras-chave: Delio Cantimori. Historiografia italiana. Idealismo. Marxismo. História da Cultura.

### Abstract

This work is scoped to approach the complex political and intellectual trajectory of Delio Cantimori (1904-1966), from his Mazzinian family education, their adherence to Fascism and the precepts of idealism actualist as paradigmatic background reading Renaissance and contemporary Italian and European politics. So follow the theoretical turning process experienced by the Italian scholar during the 1930s, when their experience of research about the heretics in Europe of *Cinquecento* and his contacts with new perspectives and intellectual and political environments mingled with the modifications of the plans of the fascist government, the decline of faith in the corporatism, the popular prestige over the regime, the Italian expansionist project, the German historical progress and the influence of Nazi Germany over Italy. These factors led Cantimori to close the Italian Communist Party and theoretical precepts of historical materialism. Thus, I conclude with his second political disillusionment with the ideological cultural policies of the Italian Communist Party, which led the intellectual to a deep nostalgia for his generation of historians, committed to ethical and political historical readings, guided methods and philological interpretations, incompatible with party ideological presuppositions, the approach of the cultural-history tradition of Jacob Burckhardt, in his pessimism, his scientism and his conception of history as a propaedeutic subject.

Keywords: Delio Cantimori. Italian historiography. Idealism. Marxism. History of Culture.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 A formação intelectual e política do jovem Delio Cantimori (1904-1931)</b> .....	27
2.1- Uma breve história da origem e consolidação do Fascismo.....	27
2.2- Carlo Cantimori e o ambiente familiar republicano mazziniano.....	33
2.3 - Os anos de Liceu Clássico, o ingresso na <i>Scuola Normale Superiore di Pisa</i> e a aproximação com o Partido Nacional Fascista.....	36
2.4 - Giovanni Gentile, Giuseppe Saitta e a formação idealista atualista de Delio Cantimori.....	42
2.5 - Streben e o mito: os pontos de união entre elite e povo.....	49
2.6 - Delio Cantimori e o Renascimento como problema da história da consciência italiana.....	51
2.7 - Delio Cantimori, Estado Corporativo Ético e o Fascismo europeísta.....	58
2.8 - O jovem Delio Cantimori e seus primeiros contatos com a cultura política do mundo alemão.....	65
<b>3 Os estudos dos hereges italianos do Cinquecento: do paradigma filosófico idealista ao “método histórico positivo”</b> .....	71
3.1. A tolerância helvética e o problema de consciência italiana nos hereges do <i>Cinquecento</i> : uma reflexão sobre a formação da reforma em Basileia e Zurique.....	71
3.2. Estudos e pesquisas em Basileia e o contato com a teologia: o retorno das guerras religiosas.....	78
3.3. Reflexões sobre Política, Estado e Fascismo no caso Baglietto.....	83
3.4 - Para além de Basileia: Delio Cantimori e suas pesquisas pelas bibliotecas e arquivos europeus.....	86
3.5 - Um debate particular e profícuo com Benedetto Croce: diálogos sobre Reforma e a inflexão da filosofia para a história.....	92
3.6 – Delio Cantimori e Federico Chabod: metodologia e história religiosa no Renascimento.....	101
3.7 - O método histórico positivo, a filologia e a redação dos <i>Eretici italiani del Cinquecento. Ricerche storiche</i> .....	107
3.8 - A ascensão e consolidação do nacional-socialismo ao poder e as reflexões políticas de Delio Cantimori.....	116

<b>4 O comunismo e o marxismo em Delio Cantimori: política e reflexões historiográficas entre as décadas de 1930 e 1950.....</b>	<b>128</b>
4.1- O fascismo expansionista e os anos da conversão política: Cantimori e sua guinada ao comunismo.....	128
4.2- Delio Cantimori, Paul Oskar Kristeller e Elisabeth Feist: resistência às leis racistas fascistas, em meio às pesquisas sobre os hereges italianos do <i>Cinquecento</i> .....	135
4.3 - O retorna à <i>Scuola Normale</i> , em meio à crise da Segunda Guerra Mundial.....	140
4.4 – <i>Giacobini, Utopisti e Riformatori italiani</i> .....	144
4.5 - A crítica cantimoriana à sociologia alemã.....	151
4.6 - A adesão ao Partido Comunista Italiano, o pensamento crítico como renovação da cultura e o marxismo cantimoriano.....	157
4.7- Delio Cantimori e sua atividade editorial nos anos de participação no PCI.....	165
<b>5 O “buon metodo storico” e a organização da cultura, como saída para a formação do cidadão (1956-1966).....</b>	<b>172</b>
5.1 – Uma nova desilusão política.....	172
5.2 – Debates historiográficos e a defesa do “ <i>buon metodo</i> ”.....	183
5.3 – Cantimori e Jacob Burckhardt: diálogos historiográficos sobre a escrita da história e a organização da cultura.....	189
5.4 – As universidades e a escrita da História entre o ideal de pequeno Estado e o projeto de Estado Potência: Basileia <i>versus</i> Berlim.....	199
<b>6 CONCLUSÃO.....</b>	<b>214</b>
 <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	 <b>221</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Delio Cantimori (1904-1966) foi um intelectual italiano de trajetória ideológica controversa e complexa, o qual viveu em meados do século XX e carregava problemas de interpretação histórica originários de gerações de pensadores europeus de séculos anteriores – conflitos que ainda se apresentavam de vital importância para a historiografia europeia, especialmente, a italiana.

Como pretendo apresentar nessa tese, o filho primogênito de Silvia e Carlo Cantimori, natural de Russi – uma pequena comunidade da Província de Ravenna –, cresceu interagindo com a ação política de seu pai, que foi um dos principais estudiosos de Giuseppe Mazzini, no início do século XX.

Durante sua formação clássica, no Ensino Médio, Cantimori estudou naquele confuso ambiente romagnolo republicano de tradição mazziniana, permeado pelo idealismo crociano e, sobretudo, gentiliano,<sup>1</sup> em que as pessoas liam o patriótico e intervencionista periódico do Partido Socialista *Il Popolo d'Italia*, mas tendiam a se esquivar dos socialistas e apoiar os fascistas.<sup>2</sup>

Cantimori também fez parte da primeira geração italiana formada nos cursos superiores fascistas, ao ingressar na *Università di Pisa*, junto à *Scuola Normale Superiore*, onde desenvolveu seu interesse pelos estudos relacionados à religiosidade, política e à formação da Europa Moderna, tomando o paradigma interpretativo idealista atualista de seus professores Giovanni Gentile e Giuseppe Saitta como a principal base organizadora do turbilhão de informações, ideias e leituras juvenis.

Imerso nas reflexões idealistas, o jovem intelectual se empenhou em decifrar a relação entre as crenças, as sensibilidades religiosas e as ações dos homens nos seus projetos religiosos e políticos, que tinham como objetivo a consolidação de uma cultura elevada, para, então, atingir o almejado Estado Moderno.

Assim como tantos outros jovens italianos inseridos nas reflexões idealistas, Cantimori confiou na via fascista como forma de concretização de uma verdadeira Revolução republicana<sup>3</sup> de cunho universalista, empenhada na formação civil, ética e

---

<sup>1</sup> CANTIMORI, Delio. *Eretici italiani del Cinquecento e altri scritti*. 2º Ed. Torino: Guilio Einaudi editore, 1992. p. 11.

<sup>2</sup> CANTIMORI, Delio. *Il mio Liceo a Ravenna (1919-1922)*. In: *Ravenna. Una capitale. Storia, costumi, tradizioni*. Bologna: Alfa, 1965. Cf. CHIANTERA-STUTTE, Patricia. *Delio Cantimori. Um intellettuale del Novecento*. Roma: Carocci editore, 2011. p. 15.

<sup>3</sup> CANTIMORI, Delio. Federico Chabod. Revista Belfagor, XV, 1960. In: CANTIMORI, Delio. *Storici e storia. Metodo, caratteristiche e significato del lavoro storiografico*. 1º Ed. Torino: Giulio Einaudi editore, 1971. p. 285. Cf. PERTICI; Roberto. *Mazzinianesimo, fascismo, comunismo: l'itinerario politico di Delio Cantimori (1919-1943)*. Milano: Editoriale Jaca Book SPA, 1997. p. 40-50. MICCOLI,

moral do seu povo italiano, em busca de eliminar a distância entre as massas e a elite intelectual, superando os períodos Renascentista e o *Risorgimento*<sup>4</sup>.

Em 1927, o jovem estudioso começou a colaborar com publicações de ensaios para a *Vita Nova*, revista de um órgão da Federação Fascista Bolonhesa, na qual permaneceu até 1932. Seus textos trabalharam questões como a concepção atualista da religião e a situação particular da Itália e da Alemanha em meio à crise da Europa.

Com um requinte mais acadêmico, em 1927, publicou, no *Giornale Critico della Filosofia Italiana*, seu primeiro artigo importante sobre a temática da Europa Moderna, *Il caso del Boscoli e la vita del Rinascimento*<sup>5</sup>, e redigiu *Bernardino Ochino, uomo del Rinascimento e riformatore*<sup>6</sup>. Em 1928, defendeu sua *Tesi di Laurea*, em Filosofia, *Ulrico von Hutten e i Rapporti tra Rinascimento e Riforma*<sup>7</sup>, publicada dois anos depois, e produziu seu texto de aperfeiçoamento na *Scuola Normale, Sulla storia del concetto di rinascimento*<sup>8</sup>, defendido em 1929, enquanto também se laureava em *Lettere* na *Università di Pisa*, com uma tese sobre literatura alemã, *L'“Agnes Bernauer” di Friedrich Hebbel e la rappresentazione romantica dello stato*<sup>9</sup>.

No mesmo ano, Cantimori venceu o concurso para a Cátedra de História da Filosofia para liceus, tornando-se professor no *Liceo Classico Dettòri di Cagliari*, onde permaneceu somente até o final do ano letivo de 1931, devido a seu sucesso em um concurso ministerial, que lhe rendeu uma bolsa de estudos no exterior. Nessa oportunidade, o estudioso começou seu projeto de investigação dos hereges italianos exilados na Europa do *Cinquecento*.

Assim, em dezembro daquele mesmo ano, direcionou-se para Basileia, onde estudou e promoveu pesquisas na biblioteca e nos arquivos locais até o mês de julho de

Giovanni. *Delio Cantimori. La ricerca di una nuova critica storiografica*. Torino: Giulio Einaudi editore, 1970. p. 22.

<sup>4</sup> O *Risorgimento* [em Português: Ressurgimento] é um termo historiográfico utilizado para se referir ao complexo contexto de transformações econômicas, sociais e políticas, permeado por movimentos culturais e literários e eventos diplomáticos e militares, que levaram à unidade da Itália. Esse período se iniciou no final do *Settecento* e se estendeu pelo *Ottocento*, até a instauração da Unificação Italiana, em 1970.

<sup>5</sup> CANTIMORI, Delio. *Il caso Boscoli e la vita del Rinascimento*. In: *Giornale Critico della Filosofia Italiana*. Milano – Roma: Casa editrice d'arte bestetti e tumminelli, 1927.

<sup>6</sup> CANTIMORI, Delio. *Ochino uomo del Rinascimento e Riformatore*. Annali della R. Scuola Normale Superiore di Pisa. Tipografia Editrice Pacini Mariotti, 1929.

<sup>7</sup> CANTIMORI, Delio. *Ulrico von Hutten e i rapporti tra Rinascimento e Riforma*. Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa. Classe di Lettere e Filosofia. Vol. XXX, Fasc. II. Pisa. Tipografia editrice pacini Moriotti. 1930.

<sup>8</sup> CANTIMORI, Delio. *Sulla storia del concetto di renascimento*. Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa, serie 2º, I, 1932, p. 229-268. In: CANTIMORI. Op. cit. 1971. p. 413-462.

<sup>9</sup> CANTIMORI, Delio. *L'“Agnes Bernauer” di Friedrich Hebbel e la rappresentazione romantica dello stato*. In: *Civiltà Moderna*. Firenze, 1933 e 1934.

1932, quando retornou à Itália e transferiu-se para o *Liceo Classico Ugo Foscolo di Pavia*. Ali trabalhou até meados de 1933, entretanto, obteve uma nova bolsa de estudos, financiada pela *Fondazione Volta*, que lhe proporcionou a oportunidade de viajar e estudar por diversos lugares da Europa.

Nesse fluxo de estudos, redação de resenhas – principalmente para a revista *Leonardo* – e traduções para a editora *Sansoni*, no ano de 1934, começou a trabalhar no *Istituto italiano di studi germanici*, em Roma, e lecionou História da Igreja na *Facoltà di Lettere* da *Università di Roma*. Na mesma década, Cantimori também se manteve trabalhando no seu livro de maior fôlego, *Eretici italiani del Cinquecento. Ricerche storiche*, redigido às pressas, em 1939, para poder se tornar titular da cátedra de História da *Facoltà di Magistero* de Messina.

Em 1940, foi nomeado professor da *Scuola Normale Superiore di Pisa*; em 1948, transferiu-se para a cátedra de História Moderna da *Facoltà di Lettere di Pisa*, onde já havia trabalhado no curso de História Medieval, no ano letivo de 1944-1945,<sup>10</sup> e depois, no ano de 1951, seguiu para a *Università di Firenze*.<sup>11</sup>

Nesse período, trabalhou, principalmente, as disciplinas e temáticas voltadas para a História da Religião, História Moderna, Historiografia, Filosofia da História e Metodologia, deixando um legado importante para o caminho da historiografia italiana, ou melhor, europeia.

Entretanto, na década de 30, Cantimori colecionou experiências políticas como a Concordata, a crise do Estado ético corporativo, a Guerra da Etiópia, a aproximação de Mussolini aos preceitos políticos nacional-socialistas e a implantação das leis raciais, que o levaram a uma profunda reflexão sobre sua crença no modelo de sociedade fascista.

Contemporaneamente, o jovem intelectual também provou um grande amadurecimento de suas reflexões teórico-metodológicas, como consequência de seu abandono da filosofia, adesão aos estudos históricos e filológicos – os estudos da *Germania Giovane* –, o contato com a teologia barthiana e a “esquerda hegeliana”.

Episódios e experiências intelectuais como essas levaram, paulatinamente, Cantimori à conclusão de que o Regime Fascista também falhara na construção de uma

---

<sup>10</sup> Devido a problemas burocráticos, falta de professores na *Università di Pisa* e ao desejo do então diretor da *Scuola Normale di Pisa*, G. Gentile, Cantimori foi escalado para aproximar as relações entre as duas instituições. Cf. SIMONCELLI, Paolo. *Cantimori, Gentile e la Normale di Pisa. Profili e documenti*. Milano: Ed. FrancoAngeli storia, 1994. p. 120-122.

<sup>11</sup> MICCOLI. Op. cit. 1970. p. 339-374.

*bildung* cultural capaz de superar o intolerante conservadorismo reacionário italiano “contrarreformador”, descompromissado com os preceitos modernos de formação ético-moral do povo.

Essa lacuna espiritual deixada pela desilusão com o fascismo foi gradualmente preenchida, durante a segunda metade da década de 1930, através de sua aproximação com os estudos marxistas e suas relações com integrantes do PCI, tendo destaque sua esposa, Emma Mezzomonti.

Dentro dessa nova fase intelectual, Cantimori escreveu uma série de verbetes relacionados à cultura política alemã para o *Dizionario Politico* fascista, publicado em 1940. Três anos depois, seria impresso seu livro *Utopisti e Riformatori italiani. Ricerche storiche (1794-1847)*<sup>12</sup>, seguindo o seu gosto pelo projeto político-cultural dos radicais reformadores, portadores de uma visão de modernidade não realizada e a ligação entre Renascimento, Iluminismo e *Risorgimento*, herdada das suas joviais reflexões gentilianas.

Interessado pela historiografia marxista, Cantimori manteve-se ligado ao PCI, direcionando, novamente, sua crença política e seu trabalho na formação cultural como suporte para a formação de uma nova ideia de sociedade.

Convencido de que as pesquisas históricas deveriam ter como objetivo primordial a formação humana, sem submeter-se a fins políticos, Cantimori colecionou conflitos e desavenças dentro do PCI. Insatisfeito com a política militante defendida por setores do partido, em seus órgãos de cultura, e com suas leituras apologéticas sobre o estudo da história, o intelectual italiano sofreu uma nova desilusão, distanciando-se do PCI, oficialmente, em 1956.<sup>13</sup>

Nos demais dez anos que lhe restaram, o estudioso italiano se voltou para as preocupações com a organização da cultura italiana, através de seus trabalhos de tradução, estudos historiográficos, críticas à sociologia, redações de artigos sobre Humanismo, Renascimento e Reforma e, até mesmo, de um projeto de produção de um novo livro, de amplitude bem maior do que aquele sobre os *Eretici*, interrompido, entretanto, pelo inusitado acidente em sua biblioteca, o qual o levou ao óbito.

---

<sup>12</sup> CANTIMORI, Delio. *Utopisti e Riformatori italiani. Ricerche storiche (1794-1847)*. 1º Ed. Firenze: Sansoni, 1943.

<sup>13</sup> Cf. VITTORIA, Albertina. *La “ricerca oggettiva”: il rapporto fra la politica e la cultura per Gastone Manacorda e Delio Cantimori. Introduzione al carteggio*. In: *Amici per la storia – Lettere 1942-1966*. Roma: Carocci editore, 2013.

Desde sua morte, em 1966, uma gama de trabalhos vem sendo feita dentro do universo historiográfico italiano, retratando a trajetória política e intelectual desse historiador.

Tendo se tornado referência para a historiografia italiana, após o fatal acidente em sua biblioteca, seus ex-alunos e amigos de profissão, cada um à sua maneira, encontraram-se no comprometimento de refletir sobre o caminho intelectual traçado por Delio Cantimori, avaliando sua ligação com o republicanismo de Giuseppe Mazzini, o idealismo atualista gentiliano, o fascismo, suas reflexões sobre o nacional-socialismo, a aproximação ao marxismo e sua guinada para o comunismo, além dos seus trabalhos sobre os hereges do *Cinquecento*, Humanismo, Renascimento e Reforma e o minucioso exercício metodológico de estudioso de história e historiografia.

Em 1967, diversos textos foram publicados sobre Cantimori. A *Rivista Storica Italiana* lançou uma edição em homenagem ao intelectual, com estudos de temas cantimorianos, da qual participaram amigos e ex-alunos, como Roland Bainton, Carlo Dionisotti, Antonio Rotondò, Luigi Firpo, Arnaldo Momigliano, Franco Venturi, Carlo Ginzburg, entre outros, seguidos pela bibliografia levantada por Leandro Perini e J. A. Tedeschi<sup>14</sup> e por dois importantes textos de Werner Kaegi, *Ricordo di Delio Cantimori*<sup>15</sup>, e Marino Berengo, *La ricerca storica di Delio Cantimori*.<sup>16</sup>

No mesmo ano, no mês de maio, a revista *Belfagor* publicou reminiscências de intelectuais como Giuseppe Dessí, Ernesto Sestan, Myron P. Gilmore, Sergio Bertelli e Felix Gilbert<sup>17</sup> e, meses depois, o texto *Ritratti critici di contemporanei. Delio Cantimori*, do colega Eugenio Garin.<sup>18</sup>

Além dessas homenagens, sob a responsabilidade de Francesco C. Rossi, respaldado pelo consenso de Emma Mezzomonti, foram publicadas as cartas de Delio Cantimori, escritas entre 1960 e 1964, para a revista *Itinerari*, nas quais o intelectual debateu e refletiu sobre questões voltadas para o método historiográfico, a organização da cultura e a produção intelectual daqueles tempos.<sup>19</sup>

---

<sup>14</sup> Rivista Storica Italiana. Edizioni scientifiche italiane, Napoli, 1967.

<sup>15</sup> KEAGI, Werner. *Ricordo di Delio Cantimori*. In: Rivista storica italiana. Idem. 1967.

<sup>16</sup> BERENGO, Marino. *La ricerca storica di Delio Cantimori*. In: Rivista storica italiana. Idem. 1967.

<sup>17</sup> Belfagor. Firenze: Casa editrice Leo S. Olschki, Firenze, 1967.

<sup>18</sup> GARIN, Eugenio. *Ritratti critici di contemporanei. Delio Cantimori*. In: Belfagor. Idem. 1967

<sup>19</sup> CANTIMORI, Delio. *Conversando di storia*. 1º Ed. Bari: Editori Laterza, 1967.

Em 1968, um volume dos *Annali della Scuola Normale Superiore* foi dedicado ao ex-professor da instituição; participaram dele Carlo Dionisotti, E. Garin, Ernesto Sestan, seguidos por Leandro Perini, Salvatore Caponetto e L. Szczucki.<sup>20</sup>

Entretanto, em meio ao calor do momento, esteve presente uma operação histórica e historiográfica, com o intuito de amenizar o passado político polêmico de Cantimori. Muitos documentos e escritos do intelectual italiano foram queimados por sua mulher e outros, apropriados por ex-alunos que trabalhavam na catalogação e organização do arquivo de Delio Cantimori, então doado à *Scuola Normale*.

A intervenção historiográfica fica clara quando deparamo-nos com a censura ao verbete de Domenico Caccamo – que seria publicado no *Dizionario Biografico degli Italiani* –, devido à ênfase dada à sua relação duradoura com Gentile, a quem se manteve leal até anos antes da sua morte, e à cautela dedicada à sua inflexão do fascismo para o comunismo.<sup>21</sup> Lealdade que ficou patente nos escritos de Paolo Simoncelli *Cantimori, Gentile e La Normale di Pisa* (1994), que, à sua particular interpretação, apresentou a íntima relação construída entre o estudioso italiano e o filósofo e diretor da *Scuola Normale*, desde quando Cantimori era graduando até os últimos anos da vida de Gentile. Uma relação pautada em uma virtuosa amizade e grandes favores, como obtenção de Cátedras, transferências de instituições, parcerias administrativas e lealdade intelectual e política.<sup>22</sup>

Segundo Perfetti, essa ação de abrandar o polêmico passado cantimoriano, por parte dos historiadores, seguiu por dois caminhos: o primeiro aceitou certas influências, em detrimento de outras, vendo “as obras como uma pesquisa ininterrupta e coerente de uma metodologia historiográfica original”, que não demonstrasse débito com a formação idealista de Gentile, sendo quase um exercício destinado à adesão ao materialismo histórico, como cânone interpretativo “sempre presente na alma do estudioso”; o segundo apresentou-se como um exercício de máxima retroação de sua ruptura com o idealismo, ligando-a à crise do Estado Corporativista ético do início dos

---

<sup>20</sup> *Annali della Scuola Normale Superiore*. Industrie grafiche V. Lischi & Figli, Pisa 1968.

<sup>21</sup> PERFETTI, Francesco. *Delio Cantimori storico e maestro*. In: *Delio Cantimori e la cultura politica del novecento*. Cura: Eugenio di Rienzo e Francesco Perfetti. Firenze: Casa editrice Le Lettera, 2009. p. IX. Cf. CACCAMO, Domenico. *Profilo di Delio Cantimori*. Nuova Storia Contemporanea. Le Lettere, 2001. “Esse texto foi escrito em meados da década de 70 para o XVIII volume do *Dizionario Biografico degli Italiani* publicado pelo Istituto da *Enciclopedia Italiana*. A direção da obra não considerou apropriado publicá-lo seja pela atenção reservada pelo autor à passagem de Cantimori ao comunismo seja por que ele enfatizava demais a ligação afetiva, também cultural, que uniu Cantimori a Gentile até o assassinato deste último. O publicamos hoje aqui como documento de um clima cultural.” p. 87.

<sup>22</sup> Cf. SIMONCELLI. *Cantimori, Gentile e la Normale di Pisa*. Op. cit. 1994.

anos 30, quando a tese de Ugo Spirito, sobre “corporação proprietária”, veio a ser acusada de comunismo, para libertá-lo, o mais rápido possível, de seu passado idealista e fascista.<sup>23</sup>

Dentro da primeira “via de interpretação” empenhada na purificação do passado cantimoriano citada acima, destacar-se-ia a biografia intelectual *Delio Cantimori: la ricerca di una nuova critica storiografica*<sup>24</sup>, do ex-aluno Giovanni Miccoli, um dos mais importantes estudiosos da carreira de Cantimori, que esteve entre os responsáveis pelo trabalho de levantamento dos seus cursos e seminários e pela publicação desses, junto a uma vasta bibliografia.<sup>25</sup>

Produto de seu empenho nos estudos sobre o intelectual italiano, na obra citada acima, Miccoli fez um desenho meticuloso do caminho traçado por Delio Cantimori, tendo como fio condutor sua procura por uma “nova crítica historiográfica”, a qual superasse o idealismo atualista presente no início de sua formação.<sup>26</sup>

Partindo de sua infância na Romagna até seus últimos trabalhos redigidos em vida, autor de pequenos textos e análises esmiuçadas, G. Miccoli aprofundou-se em questões relacionadas à influência das Escolas Idealistas de Giovanni Gentile e Giuseppe Saitta nas leituras de Cantimori, as discussões sobre a formação do Estado italiano, o conceito de Cultura e a leitura dos hereges como representantes do espírito nacional.

Assim, seguiu o processo de amadurecimento de Cantimori como historiador, ao apresentar seus importantes trabalhos sobre Bernardino Ochino e Ulrico von Hutten, suas viagens pela Europa, em busca de estudar os hereges italianos perseguidos pela Igreja, e seu contato com Basileia e a teologia, que ajudaram Cantimori a formar um novo entendimento do Renascimento e da História como ciência.

Sendo assim, sem ater-se profundamente às questões políticas do ex-professor, as leituras de Miccoli anteciparam o processo de desligamento de Delio Cantimori dos preceitos atualistas, ainda no início da década de 1930, tendo como primeiro sinal seu

---

<sup>23</sup> PERFETTI, Francesco. *Delio Cantimori storico e maestro* op. cit. 2009. p. VIII.

<sup>24</sup> MICCOLI. Op. cit. 1970.

<sup>25</sup> Giovanni Miccoli e Leandro Perini foram responsáveis pelo levantamento dos cursos e seminários apresentados por Delio Cantimori, durante sua carreira, primeiramente publicados na revista Belfagor [Firenze: Casa editrice Leo S. Olschki, 1967.]. Perini ainda trabalhou junto com John A. Tedeschi, no levantamento da bibliografia e dos escritos do intelectual italiano, originalmente publicado na Rivista storica italiana (1967). Ambos os trabalhos estão publicados como apêndice da obra de G. Miccoli: *Delio Cantimori: la ricerca di una nuova critica storiografica*. Op. cit. 1970. p. 339 – 412.

<sup>26</sup> CF. CARAVALE, Giorgio. *Delio Cantimori e il fascismo*. In: Nuova Storia Contemporanea. Luni Editrice, 2000.

artigo *Sulla storia del concetto di Rinascimento*, publicado em 1932, ao qual Miccoli direcionou três sub-capítulos.

Nesse livro, Miccoli também trabalhou os diálogos do intelectual italiano com importantes autores para sua época, como Max Weber, Benedetto Croce, Omodeo e Jacob Burckhardt, suas interpretações políticas, seu distanciamento do projeto fascista e aproximação do ideal comunista (ideologia deixada durante os anos de 1950 e, definitivamente, em 1956).

Em outro momento, já em 1993, o mesmo autor ainda publicou outros artigos que fazem menção a Cantimori, como o mais recente, *La ricerca storica come “storia positiva”*, no qual superou patentemente a ideia de distanciamento precoce do idealismo e apresentou um resgate da concepção de “história positiva”, “método histórico positivo”, “crítica histórica positiva”, entre outras definições dadas por Cantimori aos seus estudos eruditos de uma realidade histórica particular, concreta, definida e objetiva, com origens e permanências ainda ligadas ao pensamento atualista gentiliano.<sup>27</sup>

Participando do congresso realizado na cidade natal de Cantimori, em 1978, também publicou *Aspetti della riflessione storiografica di Delio Cantimori fra guerra e dopoguerra*, junto com textos de outros importantes historiadores e amigos de Cantimori, como Gastone Manacorda, Claudio Varese, Leandro Perini, Cesare Luporini, etc.<sup>28</sup>

Na segunda linha, Perfetti inseriu o livro de Michele Ciliberto, *Intellettuali e fascismo. Saggio su Delio Cantimori* (1977), no qual o autor trabalhou a relação de Cantimori com questões como o Estado Ético Corporativo, a teoria política durante meados dos anos 30, o conceito de política, suas análises sobre o nazismo, a relação entre política e historiografia, entre outras temáticas.<sup>29</sup>

Nesse livro, o historiador buscou mover-se sobre a ideia de que a inteira experiência intelectual de Cantimori é caracterizada pela busca da harmonia entre a fidelidade do cidadão ao Estado e a verdade abnegada pelas pesquisas, que deveria ser o objetivo do intelectual, como tal. Sendo assim, os escritos políticos de Cantimori, entre 1927 e 1943, são analisados a partir da possível contribuição que poderiam prover para uma melhor compreensão da relação entre política e cultura.<sup>30</sup>

---

<sup>27</sup> MICCOLI, Giovanni. *La ricerca storica come “storia positiva”*. In: Studi Storici. Bari: Edizioni Dedalo, 1993. p. 758 e 760.

<sup>28</sup> BANDINI, B. V. *Storia e storiografia. Studi su Delio Cantimori*. Roma: Editori Riuniti, 1979.

<sup>29</sup> CILIBERTO, M. *Intellettuali e fascismo. Saggio su Delio Cantimori*. Bari: De Donato, 1977.

<sup>30</sup> Idem, p. 16. Ver: CARVALE. Op. cit. 2000. p.133 e 134.

Dessa maneira, o autor ressalta a interpretação de Cantimori, que enxergava similaridades entre o bolchevismo e o fascismo, em vez de oposições, e sua adesão ao comunismo, a qual fora impulsionada, inicialmente, pela crise do Corporativismo dos fascistas de esquerda, Ugo Spirito e Volpicelli, em 1934, e a descrença na capacidade do Fascismo em promover uma real transformação da nação e implantação de uma justiça social. Cantimori teria, então, encontrado no marxismo e no PCI a síntese entre a teoria e a política, que, aos seus olhos, esfacelara-se no projeto fascista.<sup>31</sup>

No artigo *Dalla filosofia alla storiografia: gli inizi di Delio Cantimori*, publicado em 1981, e no livro *Sulla crise dell'attualismo. Della Volpe, Cantimori, De Ruggiero, Lombardo-Radice*, os autores Sandro Barbera e Giuliano Campioni também seguiram a via de defesa de um precoce destaque cantimoriano em relação ao atualismo gentiliano, antecipando ainda mais esse evento para inseri-lo nos anos de liceu, em Ravenna.<sup>32</sup>

Com base em notas tomadas por Cantimori, nas margens do manual escolástico de três volumes, *Lezioni sulla psicologia, Lezioni sulla logica, Lezioni sulla morale*, de Vito Fazio Allmayer, na obra *L'idealismo dell'Atto e il problema delle categorie*, do seu professor de liceu, Galvano Della Volpe, e no livro *La filosofia italiana nelle sue relazioni con la filosofia europea*, de B. Spaventa, os historiadores afirmam que o jovem estudante teria se distanciado das ideias de Gentile ainda em 1924, antes mesmo de ter iniciado seus estudos na *Scuola Normale Superiore di Pisa*.

Depois da publicação desses livros e das coleções de artigos *Storici e Storia*, em 1971, nos quais foram concentrados diversos escritos sobre história e historiografia, de *Umanesimo e Religione nel Rinascimento*, em 1975, composta por diferentes textos que retrataram o universo espiritual na formação da Europa Moderna, e de um quase completo silêncio dos estudiosos por cerca de dez anos, o interesse pelos escritos de Cantimori foi reacendido e expandido.

No ano de 1991, depois de vinte e cinco anos da morte do intelectual italiano, Luisa Mongoni responsabilizou-se por compilar e publicar o livro *Politica e storia contemporanea. Scritti 1927- 1943*, acompanhado por um acurado artigo introdutório sobre a trajetória política do intelectual italiano, desde os anos do fascismo ao seu desligamento do PCI, que reabriu as discussões sobre a ligação entre Cantimori, o

---

<sup>31</sup> Idem.

<sup>32</sup> CAMPIONI, G; BARBERA, S. *Dalla filosofia alla storiografia: gli inizi di Delio Cantimori*. In: *Sulla crise dell'attualismo. Della Volpe, Cantimori, De Ruggiero, Lombardo-Radice*. Milano: Franco Angeli Editore, Milano, 1981. p. 37-152. Cf. CARAVALE. Op. cit. 2000. p. 135 e 136.

idealismo atualista e as correntes políticas fascistas, comunistas e do nacional-socialismo.<sup>33</sup>

Um ano depois, Adriano Prosperi reeditou seu livro dos hereges, seguido por importantes textos de autoria de Cantimori e, também, por uma introdução sobre a trajetória política e, principalmente, intelectual do italiano e o processo de amadurecimento de sua forma de pensar a história e os hereges do *Cinquecento*.<sup>34</sup>

Partindo da abordagem histórica do aporte metodológico de Delio Cantimori, Prosperi ressaltou os primeiros contatos de Cantimori com o fascismo e a temática dos hereges, permeados pela perspectiva filosófica do idealismo atualista de Giovanni Gentile e, depois, de Giuseppe Saitta, e o processo de redação de seu livro *Eretici italiani del Cinquecento. Ricerche storiche*, enfatizando suas pesquisas e estudos em Basileia e sua aproximação com a teologia.<sup>35</sup>

Além disso, teve-se ao importante diálogo entre o ainda jovem pesquisador Delio Cantimori e o renomado filósofo italiano Benedetto Croce, que inspirou sua guinada da Filosofia da História para os seus estudos concretos e particularizados de História, ligados aos estudos filológicos, traçando diálogos efervescentes sobre Renascimento, Reforma e Contrarreforma.

Essa discussão veio seguida por uma apresentação mais resumida da importância de sua aproximação com autores como Gioacchino Volpi, Lucien Febvre e F. Chabod, entre outros estudiosos, e seu contato com o *Warburg Institute*, além de suas aulas de 1957, em Pisa, as quais, três anos depois, foram publicadas com o título *Prospettive di storia ereticale italiana del Cinquecento*.<sup>36</sup>

As análises desses historiadores abriram uma nova geração de interpretações da trajetória política e intelectual de Cantimori. Começando pela jornada de estudos sobre Cantimori, realizada pela *Fondazione Istituto Gramsci* e a revista *Studi Storici*, em junho de 1993, em comemoração à edição de *Politica e storia contemporanea* e dos *Eretici italiani del Cinquecento e altri scritti*, da qual participaram A. Prosperi,

---

<sup>33</sup> CANTIMORI, Delio. *Politica e storia contemporanea. Scritti (1927- 1943)*. 1º Ed. Cura di Luisa Mangoni. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1991.

<sup>34</sup> Prosperi também foi acusado por historiadores e intelectuais italianos de amenizar a trajetória política e intelectual do seu professor, Delio Cantimori, ao focar seu método de estudo como linha interpretativa. Cf. D'ELIA, Nicola. *Delio Cantimori e la cultura politica tedesca (1927-1940)*. Roma: Istituto Storico Germanico di Roma & Viella, 2007. p. 9-13.

<sup>35</sup> PROSPERI, Adriano. *Introduzione*. In: CANTIMORI. *Eretici italiani del Cinquecento e altri scritti*. Op. cit. 1992.

<sup>36</sup> Idem.

Massimo Firpoi, Giovanni Miccoli, Antonio Rotondò, Silvana Seidel Menchi, Corrado Vivanti, Bruno Bongiovanni, Enzo Collotti e Jens Petersen.<sup>37</sup>

Esses artigos se dividiram entre debates sobre o método e as leituras de Cantimori, voltados para a temática dos hereges, Humanismo, Renascimento e Reforma, e suas reflexões políticas sobre a Alemanha e o nacional-socialismo, que agora entravam em cena como questão essencial para o entendimento da trajetória política de Cantimori nos anos 30 e 40.

Um ano depois, abrindo uma discussão historiográfica sobre as abordagens da trajetória político-intelectual de Cantimori, foi publicada a já citada obra de Paolo Simoncelli, *Cantimori, Gentile e la Normale di Pisa*, na qual se apresentou uma análise mais aprofundada sobre a aproximação entre Cantimori e G. Gentile, em contraposição às leituras que amenizaram sua relação com o fascismo.<sup>38</sup>

Dando seguimento a esses estudos sobre a trajetória de Cantimori, o mesmo historiador – ex-aluno de Renzo De Felice – publicou, em 2008, uma nova obra intitulada *Cantimori e o libro mai edito. O movimento nazionalsocialista dal 1919 al 1933*, em que reforçou a veia autoritária nacionalista mantida viva pelo italiano, nas suas reflexões joviais, até sua aproximação com o comunismo.<sup>39</sup>

Em 1997, debruçado na trajetória política de Cantimori, Roberto Pertici publicou *Mazzinianesimo, fascismo, comunismo: l'itinerario politico di Delio Cantimori (1919-1943)*<sup>40</sup>. Nesse trabalho, que veio influenciar diretamente a escrita e a interpretação dessa tese, o historiador italiano R. Pertici apresentou uma leitura mais distante das controvérsias políticas suscitadas após a morte de Cantimori, que vinham permeando os estudos sobre a trajetória e o pensamento político de Cantimori.

Roberto Pertici parte seus estudos dos seus contatos que Cantimori teve com o mazzinismo de seu pai, Carlo Cantimori, sua passagem pela doutrina fascista, descrevendo duas fases: a primeira, quando o intelectual italiano defendeu o Estado Fascista como fé religiosa não confessional e se aproximou do idealismo gentiliano; e a segunda fase, em que apoiou os ideais que embasavam o projeto de implantação do Estado Ético Corporativo.

---

<sup>37</sup> Studi storici. Edizioni Dédalo, Bari, 1993.

<sup>38</sup> SIMONCELLI. Op. cit. 1994.

<sup>39</sup> SIMONCELLI, Paolo. *Cantimori e il libro mai edito. Il Movimento nazionalsocialista dal 1919 al 1933*. Frenze: Casa Editrice Le Lettere, 2008.

<sup>40</sup> PERTICI. Op. cit. 1997.

Nesse contexto, apontou uma especificidade da interpretação política de Delio Cantimori, que enxergou similaridades entre a ideologia fascista e o bolchevismo, pelo fato de combaterem o liberalismo e defenderem a imposição da moral nas relações econômicas. Segundo o autor, isso foi um fator para sua guinada, no ano de 1938, ao bolchevismo, e sua aproximação do Partido Comunista Italiano.

Dentro dessa trajetória, o livro também destacou sua ligação com a filosofia idealista de G. Gentile e G. Saitta, seus debates ideológicos com B. Croce, os diálogos com as obras de Carl Schmitt, sua viagem à Basileia e a interferência de suas leituras políticas nas interpretações dos hereges italianos disseminados na Europa. Também ressaltou o seu distanciamento das perspectivas teleológicas de cunho filosófico-político, para se aproximar da concretude da leitura da História da Cultura.

Na comemoração dos cem anos de nascimento de Cantimori, Gennaro Sasso, especialista em temas como o idealismo e o pensamento político de Maquiavel e importante estudioso da trajetória intelectual de Federico Chabod, publicou a obra *Delio Cantimori: filosofia e storiografia*.<sup>41</sup>

O autor trabalhou alguns artigos voltados para discussões metodológicas e historiográficas relacionadas às convicções políticas de Cantimori, retratando o diálogo entre suas reflexões sobre os hereges e o pensamento de Croce, Weber e Marx. Aprofundou nas suas interpretações da relação entre o humanismo, o Renascimento e a Reforma e também apresentou o debate de Cantimori com figuras como F. Chabod e Croce e suas influências na redação dos *Eretici italiani del cinquecento*. A sua aproximação com a filosofia romântica dos séculos XVIII e XIX e suas leituras de Jacob Burckhardt também são temas trabalhados na sua obra.

Em 2002, John Tedeschi havia, também, publicado as correspondências de Cantimori com Roland Bainton, junto a uma importante introdução retratando a amizade desses intelectuais e seus círculos de contatos, seguidas por um apêndice em que transitavam personalidades como Frederic Corss Church, Kristeller, Federico Gentile, W. Koehler, entre outros.<sup>42</sup>

No ano de 2013, esse trabalho de reorganização das correspondências de Cantimori também foi realizado por Albertina Vittoria, a qual se debruçou na compilação das cartas trocadas entre Cantimori e Gastone Manacorda e na redação de

---

<sup>41</sup> SASSO, Gennaro. *Delio Cantimori: filosofia e storiografia*. Ed. Scuola Normale Superiore di Pisa. 2005.

<sup>42</sup> TEDESCHI, John. *The correspondence of Roland Bainton and Delio Cantimori*. Edited by John Tedeschi. Firenze: Leo S. Olschki Editore, 2002.

uma esclarecedora introdução que se aprofundou na relação particular dos dois intelectuais e políticos com o Partido Comunista Italiano.<sup>43</sup>

Entretanto, a obra que mais se identifica com a tese aqui almejada foi escrita por Patricia Chiantera-Stutte e intitulada *Delio Cantimori. Un intellettuale del Novecento*<sup>44</sup>, que antes de este livro, lançou, em 2005, um trabalho de menor dimensão, *Res Nostra Agitur. Il pensiero di Delio Cantimori (1928-1937)*, no qual o historiador Roberto Pertici participou como avaliador, deixando indícios diretos de confluências interpretativas sobre a trajetória cantimoriana.<sup>45</sup>

Em seu livro, *Delio Cantimori. Un intellettuale del Novecento*, a autora faz uma análise da trajetória intelectual de Cantimori, focando três pontos vitais que permearam o pensamento do estudioso italiano: sua atenção para a relação entre religiosidade e política; a busca da superação do hiato entre elite política e intelectual e o povo; e sua atenção para o estudo filológico e a educação como ética profissional.<sup>46</sup>

Agora, tratando-se de Brasil, tudo indica que uma das principais vias de chegada das obras de Delio Cantimori, mesmo de maneira muito tímida, deu-se através dos historiadores da arte do Programa de Pós-Graduação em História da Unicamp, onde ainda hoje se encontra a biblioteca com o maior número de livros e publicações, em território brasileiro, sobre e de própria autoria de Cantimori.

Dentro desse círculo, em contato com o Professor Dr. Luiz Marques, Cássio da Silva Fernandes captou a importância do italiano para a historiografia e para o debate metodológico da História.

Como estudioso da tradição histórico-cultural burckhartiana, que trabalha a formação da Europa Moderna e a arte e cultura Renascentista, Cássio Fernandes construiu uma relação entre a História da Cultura e as reflexões cantimorianas, em *Delio Cantimori: um diálogo com a História da Cultura*.<sup>47</sup>

Tendo como alguns dos pilares a biografia intelectual de G. Miccoli e a introdução de A. Prosperi, nesse artigo, o professor apresentou, sumariamente, o contato do italiano com as reflexões de G. Gentile e G. Saitta e demonstrou sua inflexão da filosofia para a concretude interpretativa da História, retratando a importância da sua

<sup>43</sup> VITTORIA. Op. cit. 2013.

<sup>44</sup> CHIANTERA-STUTTE, Patricia. *Delio Cantimori: un intellettuale del novecento*. Roma: Carocci, 2011.

<sup>45</sup> Cf. CHIANTERA-STUTTE, Patricia. *Res Nostra Agitur. Il pensiero di Delio Cantimori (1928-1937)*. Bari: Palomar, 2005.

<sup>46</sup> CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. 2011. p. 11 e 12.

<sup>47</sup> FERNANDES; Cássio da Silva. *Delio Cantimori: um diálogo com a História da Cultura*. In: Exercícios de micro-história. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

aproximação com o ambiente erasmiano da cosmopolita Basileia, suas reflexões sobre os hereges e seus diálogos com historiadores da Cultura como Jacob Burckhardt, Aby Warburg e Werner Kaegi.

Dessa ligação interpretativa, traçou algumas das ideias que, na sua visão, teriam influenciado Delio Cantimori na tessitura de seu método microscópico de análise, apresentado com uma íntima relação com a tradição da História da Cultura.

Salvo através desse pequeno artigo e de algumas citações, como as realizadas por Henrique Espada Lima, em seu livro *A micro-história italiana*,<sup>48</sup> Delio Cantimori apresenta-se, para os estudiosos brasileiros, como um célebre historiador desconhecido. Sem obras traduzidas para o Português, o escritor italiano se mantém nas sombras, mesmo deixando uma contribuição expressiva para a pródiga geração de historiadores europeus que se formaram em meio à crise da Europa e que refletiram sobre a prática de pesquisa científica da História, Historiografia e da Europa Moderna.

Sendo assim, venho propor, nesse trabalho, uma leitura sobre a complexa trajetória política e intelectual de Delio Cantimori, através de um estudo crítico e preciso de livros, resenhas, cursos, cartas e artigos, de sua autoria ou referentes a ele, que comportam informações sobre leituras, diálogos, interpretações e contatos que influenciaram sua visão e formação cultural.

Levando em consideração a subjetividade de escolhas, indecisões, sucessos e decepções vivenciadas pelo intelectual nas diferentes épocas de sua vida, tendo como fio condutor desse trabalho sua constante busca por decodificar os modelos de sociedade e cultura propostos pelos grupos radicais minoritários – heréticos, reformadores, jacobinos, utopistas – “irregulares”, presentes no Renascimento e no *Risorgimento*, que permearam suas interpretações sobre a ação fascista, nazista e comunista na concretização de ideais éticos e morais, os quais confluíram para um caminho pautado por decepções políticas e lutas pela organização da cultura, que desaguou, no final de sua carreira, nas reflexões histórico-culturais burckhardtianas voltadas para a formação do cidadão e para a disciplina história como ciência propedêutica.

Para isso, não podemos perder de vista sua constante preocupação com a ação política e intelectual da elite na necessidade de renovação ética do povo com o objetivo de esfacelar o hiato criado entre a elite e as massas, direcionando-a para sua

---

<sup>48</sup> LIMA, Henrique Espada. *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Civilização brasileira, Rio de Janeiro, 2006. p. 286-288.

participação na vida civil pública, sua constante ligação entre religiosidade e política e o uso da filologia – desde a década de 1930 – como mecanismo disciplinar para suas análises.<sup>49</sup>

Dessa maneira, no primeiro capítulo, *A formação intelectual e política do jovem Delio Cantimori (1904-1931)*, procuro apresentar a situação da Itália no início do século XX, em meio às duas Grandes Guerras, para entendermos melhor o momento em que Delio Cantimori nasceu e se formou, levando em conta a atmosfera familiar permeada pelo republicanismo mazzinista de seu pai, Carlo Cantimori. Logo depois, exploro sua formação no Liceu Clássico, seu ingresso na *Università di Pisa* e na *Scuola Normale Superiore* e sua aproximação com a filosofia idealista atualista, que deu base para sua adesão ao Partido Nacional Fascista e para suas primeiras reflexões políticas, históricas e historiográficas.

No segundo capítulo, *Os estudos dos hereges italianos do Cinquecento: do paradigma filosófico idealista ao método histórico positivo*, abordo a importância das pesquisas de Cantimori pela Europa e dos seus debates historiográficos – destacando os diálogos com Benedetto Croce e Federico Chabod – para seu distanciamento do paradigma idealista atualista e a constituição do seu “método histórico positivo”, pautado na análise filológica. A partir disso, busco demonstrar como sua aproximação com a história influenciou sua abordagem de questões ligadas à tolerância e à teologia no *Cinquecento* e nas políticas contemporâneas desenvolvidas dentro do Estado Fascista e na Alemanha nazista.

No terceiro capítulo, *O comunismo e o marxismo em Delio Cantimori: política e reflexões historiográficas entre as décadas de 1930 e 1950*, procuro apresentar como as políticas fascistas e nazistas influenciaram no distanciamento de Cantimori do PNF e na sua adesão à ideologia comunista. A partir disso, reflito sobre seu posicionamento cantimoriano contrário ao racismo fascista e nazista, no apoio aos agentes do PCI e em suas críticas ao projeto social e cultural fascista. Abordo, também, sua crítica à sociologia alemã, sua atividade editorial, junto à editora *Sansoni* e à editora *Einaudi*, e sua crença no marxismo como pensamento crítico capaz de promover a necessária renovação cultural italiana e europeia.

No quarto capítulo, *Uma nova desilusão política: o “buon metodo” e a organização da cultura como saída para a formação do cidadão (1956-1966)*,

---

<sup>49</sup> CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. 2005. p. 13-16.

primeiramente, procuro apresentar o processo de distanciamento de Delio Cantimori, em relação às atividades político-culturais do PCI, após as divergências em relação ao posicionamento ideológico de jovens marxistas na gestão dos órgãos de cultura comunistas. Logo depois, abordo o esforço do intelectual romagnolo no resgate da perspectiva da história ético-política da sua geração e sua aproximação com o pensamento histórico-cultural burckhardtiano, que embasou sua luta persistente pela formação civil italiana, através de reflexões sobre a organização das universidades, de bibliotecas, arquivos, manuais, atividades editoriais, traduções, etc.

## 2 A formação intelectual e política do jovem Delio Cantimori (1904-1931).

### 2.1- Uma breve história da origem e consolidação do Fascismo.

Nascido no ano de 1904, em Russi, uma pequena cidade romagnola, Delio Cantimori assistiu, desde seus primeiros lapsos de consciência, a um contexto de incertezas econômicas e tensões sociais e políticas. Vivenciou o início do século XX de uma Europa tomada pelos discursos nacionalistas, que inflamaram os sentidos de paixão e arrastaram o povo ao fanatismo. Um continente no qual a política adquiriu “*Pathos* religioso” e a nação se converteu em uma espécie de divindade do mundo moderno, na qual os mártires tornaram-se os atores políticos e o Estado transformou-se em Pátria.<sup>50</sup>

A nação deixava de ser somente sentimento para converter-se em vontade. Deixava de direcionar-se para o passado, movendo sua perspectiva para o futuro, como uma espécie de “porvir” necessário e natural.<sup>51</sup> Era a Europa da incompatibilidade entre o continente como unidade de civilização e a individualidade fanático-religiosa das nações emergidas no século XIX. Um continente imerso na crise e que veio a vivenciar as maiores catástrofes bélicas de sua história.

No caso italiano, no século XIX, vemos o desenrolar do *Risorgimento*, um complexo processo político seguido por uma série de transformações econômicas, sociais e culturais, internas e externas, que levaram à unificação da Itália, em 1870.

Segundo F. Chabod, os pensamentos de dois personagens do *Risorgimento* se fizeram fortemente presentes no início do século XX: Giuseppe Mazzini, um dos principais políticos revolucionários do *Risorgimento*, que via o movimento com requintes universalistas e defendia uma revolução geral que deveria libertar a Itália e as demais nações oprimidas, eliminando os “dois monstros” europeus: o Império Austríaco e o Império Turco; e Cesare Balbo, católico e porta-voz dos interesses cristãos, que defendia o abandono de possessões italianas à Áustria para que esta direcionasse todas as suas energias para o oriente, fazendo papel de guarda avançada da civilização ocidental e cumprindo sua parte para o equilíbrio do continente europeu e de suas unidades nacionais.<sup>52</sup>

Após a Unificação, a visão que dominou a política italiana, entre 1870 e 1914, e influenciou na participação da Itália na Tríplice Aliança, foi a conservadora “concepção Balbo”, que esperava a formação de um acordo amigável com o Império Austro-

<sup>50</sup> CHABOD, Federico. *La idea de nación*. Traducción de Stella Mastrangelo. Fondo de Cultura Económica México. 1987. p. 79 e 80.

<sup>51</sup> Idem. p. 80.

<sup>52</sup> CHABOD, Federico. *História do Fascismo*. Lisboa: Editora Arcádia Limitada, 1963. p. 20 – 23.

Húngaro para readquirir territórios sem perturbar o equilíbrio europeu e impossibilitava uma tomada de posição revolucionária de cunho mazzinista.<sup>53</sup>

O Ministro das Relações Exteriores, Sonnino, não tinha em mente a queda do Império dos Habsburgo e esperava seguir fazendo acordos com as nações eslavas, sem dar importância para o surgimento de movimentos nacionalistas no interior dos Estados.<sup>54</sup>

O inesperado ocorreu! Em meio ao infortuno esfacelamento do Império Austro-Húngaro após a guerra, os nacionalistas italianos e iugoslavos entraram em disputa pelas regiões da Dalmácia e da cidade de Fiume.

Seguindo seus antigos preceitos políticos, o governo italiano buscou meios diplomáticos para manter a paz, frustrando os esforços tanto daqueles que lutaram na guerra quanto do povo que esperava as benéfcias do fim do conflito. Como consequência, o Estado italiano viu-se desrespeitado por flancos de seu próprio exército, que, liderados por D'Annunzio, marcharam e tomaram Fiume, demonstrando a debilidade da ordem interna da vida estatal.<sup>55</sup>

Nesse contexto caótico, a Itália veio a vivenciar grandes transformações políticas. Até a Grande Guerra, somente o Partido Socialista<sup>56</sup> tinha formação rígida e compartilhava espaço com pequenos grupos políticos, como os republicanos – com uma pequena parcela de representantes no congresso – que, no geral, combatia o regime institucional monarquista, defendendo a implantação de uma república dentro do modelo de pensamento de Giuseppe Mazzini. Os nacionalistas – também sofriam com a pequena força numérica – tinham um programa que extrapolava as fronteiras previsíveis à representação parlamentar, buscando agir na orientação moral da juventude italiana.<sup>57</sup>

Nascido como *Associazione Nazionalista Italiana*, o grupo nacionalista desenvolveu uma identidade heterogênea antiliberal e antidemocrática, hierárquica, militarista e imperialista, consequência de uma confluência de elementos defendidos por ex-revolucionários de esquerda que direcionavam o espírito combativo para a nação,

---

<sup>53</sup> Esse pensamento também se fez presente em F. Crispi, um discípulo de Mazzini, ex-revolucionário convertido à monarquia, que posteriormente a 1880, declarou no Parlamento a necessidade do Império de Habsburgo contra uma possível invasão russa. CHABOD. Op. cit. 1963. p. 23 e 24.

<sup>54</sup> Idem. p. 26

<sup>55</sup> Idem. p. 27 e 28.

<sup>56</sup> O Partido Socialista Italiano foi fundado, em 1892, separando-se dos anarquistas. Historicamente, esse partido também teve seu desenvolvimento sobre o filão revolucionário patriótico de Mazzini e Pisacane. Cf. MORANDI, Carlo. *I partiti politici nella storia italiana*. Firenze: Felice le Monnier, 1968. p. 38.

<sup>57</sup> CHABOD. Op. cit. 1963. p. 54.

pró-católicos nostálgicos aos conflitos entre Igreja e Estado, monarquistas, industriais, protecionistas, opositores à greve e defensores da disciplina, escritores, jornalistas, etc.<sup>58</sup>

Em 1919, em contraposição ao Partido Socialista Italiano, idealizado pelo padre D. Luigi Sturzo, surgiu o Partido Popular Italiano com o projeto de defesa dos ideais católicos, representando o regresso maciço dos católicos à política.<sup>59</sup>

Nesse mesmo ano, no mês de março, em Milão, foi fundado o movimento fascista, ainda sem um plano doutrinal sólido, mas que viria a mudar a trajetória da história italiana.<sup>60</sup>

\*\*\*

Dentro dessa efervescência política, o governo italiano promoveu uma reforma eleitoral, através da qual o velho modelo parlamentar, baseado na personificação das escolhas dos candidatos, se enfraqueceu com a implantação do sistema de proporcionalidade, valorizando a ideologia dos partidos. Daí em diante, as eleições se tornaram uma verdadeira luta partidária, na qual o Partido Socialista e o Partido Popular Italiano eram os mais expressivos, desfrutando do apoio de organizações sindicais e sociais.<sup>61</sup>

Em 1920, com o resultado das urnas, os velhos grupos parlamentares já não podiam governar sem levar em consideração a posição política dos representantes católicos e dos socialistas. Nessa situação, as velhas forças liberais encontraram dificuldades em aproximar estes grupos dos seus projetos políticos, como era costume fazer quando sua supremacia era clara.<sup>62</sup>

Em meio à essa turbulência política, o governo italiano buscou resolver sua questão com a Iugoslávia e assinou o Tratado de Rapello, reconhecendo a hegemonia iugoslava na região dominada do Mar Adriático, e ordenou a saída das tropas nacionalistas italianas de Fiume. Desobedecido, o primeiro ministro Giovanni Giolitti<sup>63</sup> deu ordem ao seu exército para invadir a cidade e restituir o poder iugoslavo, promovendo um episódio que veio a ser conhecido como “Natal de sangue”.<sup>64</sup>

<sup>58</sup> MORANDI. Op. cit. 1968. p. 65 e 66.

<sup>59</sup> CHABOD. Op. cit. 1963. p. 56 e 57.

<sup>60</sup> Idem, p. 75.

<sup>61</sup> Idem, p. 55- 59.

<sup>62</sup> Idem, p. 65.

<sup>63</sup> Giovanni Giolitti foi um dos principais políticos italianos do final do século XIX e início do século XX. Com um posicionamento liberal, Giolitti exerceu a função de primeiro Ministro italiano em 1892-93 e por grande parte dos conflituosos primeiros quinze anos do século XX, que foram denominados como *Età Giolittiana*. Ainda voltou ao governo em 190-21 em meio à questão de Fiume, as sublevações comunistas e o fortalecimento do fascismo.

<sup>64</sup> Idem, p. 66.

Este evento veio a causar um furor nacionalista e fascista em um momento no qual as greves e as tomadas das fábricas varriam grandes cidades italianas. Confiando nas estratégias utilizadas em outras greves, a base governista acreditava que, ao dispor-se da força policial em pontos estratégicos, como correios, telégrafos, estações e bancos, esse problema seria controlado e os operários entenderiam que as fábricas não funcionariam sem o auxílio do capital. Mas a burguesia não entendeu dessa maneira, e o medo de uma revolução tomava proporções cada vez maiores.

Pressionados pela oposição, em 1921, os setores conservadores do Estado, liderados pelo Ministro do Governo Giolitti, dissolveram a Câmara de Deputados e buscaram reorganizá-la à moda antiga.<sup>65</sup>

Ao promoverem novas eleições, o Partido Popular e o Partido Comunista, surgidos da dissidência do Partido Socialista, aumentaram sua participação em detrimento da diminuição do espaço socialista. No bloco nacionalista, houve a aparição de representantes do movimento fascista. No geral, nenhum grupo tornou-se maioria, deixando a situação do governo ainda preocupante.<sup>66</sup>

Para aumentar a instabilidade, o jovem Estado italiano sofria com os déficits econômicos que haviam trazido consequências graves à pequena e média burguesia – definidas por Federico Chabod como profissionais liberais, proprietários e quadros do comércio e da indústria – e aos pequenos proprietários de terras.<sup>67</sup>

Assim, o pós-guerra tão esperado não trouxe consigo a resolução dos problemas financeiros, frustrando a esperança de dias felizes após o fim dos conflitos. Esperança essa que era alimentada principalmente por aqueles que compuseram as frentes de batalha e agora se encontravam desempregados e maculados pela participação nos combates que ajudaram a gerar tal desconforto para a nação.<sup>68</sup>

Nesse país substancialmente agrícola, muitos camponeses eram proprietários de porções de terras incapazes de produzir o necessário para suprir suas subsistências. Também existiam aqueles homens suprimidos de qualquer propriedade ou outros que viam a propriedade agrícola como uma recompensa das batalhas. Unidos num mesmo ideal, esses grupos iniciaram uma demonstração de desejo pela posse das terras.<sup>69</sup>

---

<sup>65</sup> Idem, p. 64 e 65.

<sup>66</sup> Idem, p. 65.

<sup>67</sup> Idem, p. 33, 34 e 36.

<sup>68</sup> Idem, p. 36 e 39.

<sup>69</sup> Idem, p. 40 e 43.

Uma massa de camponeses, motivada por angústias geradas pela grande guerra, manuseando suas bandeiras vermelhas, ocupou terras não cultivadas e cultivadas nos arredores de Roma, provocando um grande desconforto para os setores sociais antes detentores dessas propriedades. A palavra de ordem era acabar com o desemprego rural, fazendo com que os proprietários também empregassem a mão-de-obra disponível no mercado.<sup>70</sup>

Em meio ao movimento de tomada dos campos, os italianos também presenciaram a formação daquilo que foi chamado de “bolchevismo branco”. Liderados pelo deputado católico Miglioli, este grupo veio a tomar regiões mais bem cultivadas e ricas da Itália, como as vizinhanças de Cremona e o centro do vale Padano, defendendo uma gestão direta dos agricultores através de uma empresa coletiva gerida por conselhos, cujos lucros os trabalhadores teriam participação.<sup>71</sup>

Nesse mesmo contexto, as cidades do norte da Itália, em especial Turim, Gênova e Milão, começaram a conhecer os grandes aglomerados industriais juntamente com seus problemas. Ali, grande parcela dos operários aderiu ao socialismo e promoveu fortes greves. Seguindo o exemplo russo leninista, seus componentes começaram a levantar o ideal de combate à pátria burguesa defendida por diversos setores da sociedade italiana, inclusive por grande parte dos combatentes da guerra que se sentiram ofendidos com as blasfêmias direcionadas ao amor à nação.<sup>72</sup>

Paralelamente, assistiu-se a ascensão do Fascismo e da figura de Mussolini, que inicialmente foi personagem importante do Partido Socialista, no qual exerceu o cargo de diretor do jornal “Avanti!”, sendo expulso, em 1914, pelo apoio ao projeto de entrada na guerra contra a Áustria e a Alemanha.<sup>73</sup>

Esse líder político, que veio a se tornar peça chave na formação do movimento fascista, não vacilava na defesa de sua doutrina da ação como forma de resolução dos problemas que assolavam o país e na promoção da sua própria imagem em seus discursos polêmicos, que agitavam as multidões imersas nos traumas psicológicos do pós-guerra e que não toleravam uma vida civil tranquila e ordenada.<sup>74</sup>

Naqueles primeiros anos, a doutrina fascista era apenas uma ferramenta tática para Mussolini exercer sua persuasão conforme as circunstâncias e a platéia

---

<sup>70</sup> Idem, p. 44, 45 e 46.

<sup>71</sup> Idem, p. 45.

<sup>72</sup> Idem, p. 47 e 48.

<sup>73</sup> Idem, p.76.

<sup>74</sup> Idem, p. 77.

direcionada. Com isso, à sua volta, se formava círculos de ex-combatentes que levavam sentimentos de revolta contra tudo aquilo que parecia humilhar a pátria. Assim, os nacionalistas, já próximos desde 1920, verteriam sua doutrina no fascismo.<sup>75</sup>

Ao lado dos chefes fascistas locais, se formavam profissionais da violência, os quais compunham as “esquadras de ação” que participavam das expedições punitivas contra os socialistas, comunistas e demais opositores dos ideais fascistas.

No início dos anos 20, após a ocupação das fábricas pelos socialistas, o fascismo tomou corpo sólido, tornando-se partido em 1921, momento em que ultrapassou os limites citadinos da comuna e da província de Milão. A Emilia Romagna assistiu ao fortalecimento do movimento em cidades como Ferrara e Bolonha, onde os vermelhos sempre dominaram o universo político. Ali, líderes fascistas como Baldo, um dos responsáveis pela faceta militar do grupo fascista, e Grandi, um agitador sindical que formou os primeiros sindicatos fascistas, agiram quase como parceiros para ampliar a ação dos “camisas negras”.<sup>76</sup>

Isto se deu com a aproximação entre as milícias, o sindicato e os interesses dos proprietários de terras e industriais. Os proprietários, que estavam sedentos de vingança devido às invasões de suas terras, e os industriais, que sofriam com as conquistas dos trabalhadores organizados nos sindicatos, viram no apoio aos sindicatos fascistas uma maneira de fortalecer seus interesses e afastar o fantasma do perigo revolucionário, com a ação das milícias que submetiam os trabalhadores às suas ordens por meio da força.<sup>77</sup>

Parte da população também se aproximou do fascismo por causa da energia gerada pelo sentimento de ofensa ao patriotismo italiano e pela sensação de apatia do governo defronte às instabilidades econômicas e sociais e às adversidades vividas, como o medo da revolução. Em contraposição, os fascistas vinham com a ação, atitude esperada por grande parcela da população, que, muitas vezes, não apoiava a ditadura, mas desejava a presença de um Estado que ordenasse e tranquilizasse o universo italiano.

O Partido Fascista representou uma novidade no sistema político liberal e constitucional, mas que não conseguiu absorvê-lo dentro dos moldes do seu regime. Do

---

<sup>75</sup> Idem, p. 77 e 78.

<sup>76</sup> Idem, p. 79 e 80.

<sup>77</sup> Idem, p. 80 e 81.

ponto de vista organizacional e técnico, representou algo novo em relação aos partidos tradicionais, tendo sua faceta militar.<sup>78</sup>

Portanto, a perigosa novidade e o desconhecimento do projeto fascista levaram os italianos a assistirem à Marcha sobre Roma como um evento militar, um desfile que se consumou com as negociações entre o governo e o Partido Fascista, com a velha esperança de absorver e canalizar seus projetos dentro do regime político liberal e evitar um conflito sangrento entre a milícia e o exército.<sup>79</sup>

Nessa nova fase, inicialmente não ocorreram mudanças substanciais. Mussolini aceitou a participação de liberais e populares no governo. Em detrimento de sua preferência pelo regime republicano, o líder político acolheu o regime monarquista, que já havia manifestado simpatia pelos ideais nacionalistas fascistas por intermédio da Rainha. Em contraposição, manteve a violência contra socialistas, comunistas, populares e qualquer outra força oposta ao fascismo.<sup>80</sup>

Dentro desse contexto repressor, os fascistas continuaram aceitando a colaboração de outros atores políticos até a implantação da lei eleitoral de 1923, que atribuiu dois terços da Câmara ao partido vencedor. Bastaria, agora, o partido obter a vitória para dispor-se da Câmara a seu bel-prazer, e, para atingir este objetivo, Mussolini não economizou na repressão aos adversários.<sup>81</sup>

Com a vitória nas eleições, em 1925, o PNF tratou de por na ilegalidade todos os órgãos representativos, entre eles os partidos que não estivessem ligados ao fascismo. Mantendo essa política de concentração de poder, em 1928, implantou uma nova lei eleitoral através da qual uma lista, com o dobro do número de candidatos em relação às vagas, era designada pelos sindicatos e outras instituições representativas, ficando a cargo do Grande Conselho fascista escolher os nomes propostos para que, em seguida, a população elegeisse os aprovados. Assim, a ditadura já estava implantada, deixando de lado o sistema parlamentar e constitucional para impor um sistema plebiscitário estadista.<sup>82</sup>

## **2.2- Carlo Cantimori e o ambiente familiar republicano mazziniano.**

Como tantos outros intelectuais dessa geração, Delio Cantimori cresceu e conheceu uma realidade confusa, permeada por grandes transformações políticas e

---

<sup>78</sup> Idem, p. 96.

<sup>79</sup> Idem, p. 97.

<sup>80</sup> Idem, p. 99 e 102

<sup>81</sup> Idem, p. 103

<sup>82</sup> Idem, p. 103 e 104.

sociais, em um arco de tempo muito restrito.<sup>83</sup> Paralelamente àqueles eventos apresentados acima, o jovem italiano se formou em um ambiente político familiar e particular, ligado ao convívio com o efervescente universo republicano paterno, permeado por ideias políticas de pensadores românticos italianos e estrangeiros, que, de alguma forma, se colocavam em diálogo com suas reflexões sobre o republicanismo mazziniano e o *Risorgimento*.

Também natural de Russi, Carlo Cantimori nasceu em 1878, sob um forte clima de violência política, sobretudo entre republicanos e socialistas. Após o segundo grau voltado para os estudos clássicos, em Parma, ingressou na *Facoltà di Lettere e Filosofia* da *Università di Pisa*, passando por Bologna e Padova. Em 1900, já era militante e dirigente local do Partido Republicano, em Ravenna.

Naqueles anos, teve contatos com o mundo “subversivo” de jovens intelectuais como o jornalista Luigi Campolongo, estudioso de Mazzini e um dos mais importantes militantes socialistas, e seu colega Alceste De Ambris, combatente em Fiume e um dos expoentes do sindicalismo revolucionário e do Partido Republicano Italiano.<sup>84</sup>

A respeito da sua formação intelectual, Carlo Cantimori contemplou-se com a literatura de românticos como Lamartine<sup>85</sup>, Victor Hugo<sup>86</sup> e Carducci<sup>87</sup>, passando pelos simbolistas franceses, parnasianos e, em especial, pelo poeta e dramaturgo nacionalista Gabriele D’Annunzio<sup>88</sup>, que liderou o exército na tomada da cidade de Fiume.<sup>89</sup>

Como escritor, o pai de Delio Cantimori teve um opúsculo vencedor de um concurso promovido pela Central do Partido, confirmando sua importância entre os estudiosos dos ideais republicanos de Giuseppe Mazzini.<sup>90</sup>

---

<sup>83</sup> Segundo Adriano Proserpi, em um texto de 1951, Delio Cantimori se referiu à “settimana rossa” de junho de 1914, como a primeira experiência ligada à gênese de sua consciência política, em que na escola lhe informaram que aquele evento “era para o povo, mas não era o povo”. PROSPERI. *Introduzione*. Op. cit., 1992. nota 41. pag. XXXII. Mesmo que a palavra consciência política possa ser um pouco imprópria para sua idade, esta recordação pode nos trazer uma ideia sobre uma possível memória em relação aos eventos que anteciparam a I Guerra Mundial.

<sup>84</sup> PERTICI. Op. cit. 1997. p. 6.

<sup>85</sup> Alphonse Marie Louis de Prant de Lamartine (1790-1869) foi um escritor, poeta e político que marcou o movimento romântico francês e europeu.

<sup>86</sup> Victor Marie Hugo (1802-1885) foi um escritor e político francês que se tornou um expoente do romantismo.

<sup>87</sup> Poeta italiano inserido na polêmica antirromântica dos amigos-pedantes, da qual também fizeram parte G. Chiarini, G. T. Gargani e O. Targioni Tozzetti, no livro publicado em 1856, combatendo a falta de concretude do pensamento romântico estrangeiro.

<sup>88</sup> Foi considerado o escritor mais importante do decadentismo europeu, tendo como característica uma grande erudição na assimilação de diferentes correntes literárias e filosóficas.

<sup>89</sup> *Idem*, p. 5-6.

<sup>90</sup> *Idem*, p. 6.

Dialogando com as ideias do geógrafo e jornalista positivista, Arcangelo Ghisleri<sup>91</sup>, e de Geatano Salvemini<sup>92</sup>, na tese de fundo de seu escrito, Carlo Cantimori combateu o regime monárquico, afirmando que as reformas propostas pelo movimento democrático não teriam atingido seu objetivo de melhorar as condições materiais e morais devido ao fato de não terem colocado o Estado monárquico italiano no cerne da discussão, pois este seria o responsável por impedir o aprimoramento estatal.<sup>93</sup>

Em Padova, buscou a orientação do filósofo, psicólogo e principal expoente do positivismo sistemático italiano, Roberto Ardigò<sup>94</sup>, para a redação do seu trabalho de conclusão de curso em História da Filosofia, projeto no qual concordaram em trabalhar a personalidade filosófica e política de G. Mazzini na história do pensamento italiano.<sup>95</sup>

Sem um acompanhamento próximo do já idoso Ardigò, Carlo Cantimori buscou, nas ideias de G. Mazzini, os princípios que tomavam o pensamento positivista, mesmo sabendo que o líder político não possuía contato com – ou consciência suficiente sobre – o desenrolar dos paradigmas das ciências positivas nos seus diferentes ramos.<sup>96</sup>

Desse trabalho, nasceu o volume publicado em 1903, *Saggio Sull'Idealismo di Giuseppe Mazzini*, que foi reeditado, em 1922, sob uma perspectiva idealista, após sua aproximação do atualismo gentiliano.

Em um período de forte militância, entre 1904 e 1914, Carlo Cantimori começou a captar o fortalecimento do idealismo no universo intelectual italiano, entrando em contato com os estudos de Giovanni Gentile, nos quais o autor defendia o embasamento da ação política, na dimensão religiosa, moral e ética, e apresentava uma perspectiva sobre G. Mazzini como o profeta da renovação política.<sup>97</sup>

Mais tarde, Carlo Cantimori também acolheu os preceitos educacionais reformadores de G. Gentile, assegurando a imanência religiosa do Estado. Anos depois, Carlo Cantimori foi convidado a se inscrever no Partido Nacional Fascista, ao qual fez

---

<sup>91</sup> Como geógrafo, fez importantes trabalhos sobre cartografia e como jornalista escreveu revista *Preludio*, de caráter progressista positivista, e em revistas *Cuore e critica*, *La rivista repubblicana*, *L'educazione politica*, e no jornal *Italia del popolo*, todos de viés republicano.

<sup>92</sup> Geatano Salvemini (1873-1957) foi um historiador e político italiano do Partido Socialista Italiano, que se destacou pela sua oposição ao governo liberal de G. Giolitti e ao Regime Fascista. O historiador conduziu C. Cantimori à reflexão sobre o sistema fiscal, as despesas militares e seu nexos com a política estrangeira, ressaltando a história do *Risorgimento* e as barreiras a serem superadas para o progresso da nação.

<sup>93</sup> Idem, p. 7-9.

<sup>94</sup> Roberto Ardigò (1828-1920) foi sacerdote 1871, mas deixou a igreja para se tornar professor de filosofia na Universidade de Padova, onde se tornou o principal representante do positivismo italiano.

<sup>95</sup> Idem, p. 7.

<sup>96</sup> Idem, p. 7 e 8.

<sup>97</sup> Idem, p 11- 18.

sua adesão em 1926, tornando-se diretor do Instituto fascista de cultura, em Furlì, e presidente dos Institutos Secundários e de Liceu.<sup>98</sup>

Com isso, a religiosidade política do Estado, com a sua função ética de formação e elevação do povo italiano, e a dimensão espiritual da ação política de pensadores do *Risorgimento*, como G. Mazzini, foram algumas das temáticas que atravessaram os escritos de G. Gentile e Carlo Cantimori e foram sequenciadas por Delio Cantimori.<sup>99</sup>

Por sua vez, no contexto do pós-guerra, permeado pelo convívio com as ideias de seu pai, Delio Cantimori formou-se no Ensino Fundamental e Médio Clássico e adentrou, em 1924, no ambiente universitário pisano, frequentando o curso de História da Filosofia na *Facoltà di Lettere e Filosofia* da *Università di Pisa* e os seminários da *Scuola Normale Superiore di Pisa*.

### **2.3 - Os anos de Liceu Clássico, o ingresso na *Scuola Normale Superiore di Pisa* e a aproximação com o Partido Nacional Fascista.**

No ambiente [de Ravenna], isto era claro e nítido, o filho de um republicano podia ser “fiumiano” e também ter amigos fascistas; deveria ser inscrito na “Vanguardia Republicana” e depois no partido. Se um pai republicano não forçasse o filho maior a seguir esse caminho, em tudo e para tudo, era um mau sinal.<sup>100</sup>

Entre conflitos de gerações e influências paternas, Delio Cantimori seguiu sua fase de formação no Ensino Fundamental. Assim como Mussolini – disse W. Kaegi, em suas memórias –, Cantimori era romagnolo, enquanto que

(...) em nenhum outro lugar na Itália as pessoas possuíam, tão profundamente, a elementar passionalidade revolucionária que tem no sangue desse velho domínio do Estado pontifício, negligenciado por séculos.<sup>101</sup>

Ali, o jovem italiano cresceu em contato com e assistindo à violência das esquadras dos “camisas negras” e também teve amigos ligados aos republicanos

---

<sup>98</sup> Idem, p. 11-18.

<sup>99</sup> Cf. CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. 2011. p. 16. Já no final de sua vida, em 1965, referindo-se aos anos de escola em Ravenna, Delio Cantimori recordou da incapacidade de republicanos e professores em compreender a presença da religiosidade em Mazzini e que um homem poderia ser religioso sem ir à Igreja. Cf. CANTIMORI. Op. cit. 1965. p. 251

<sup>100</sup> Idem, p. 252.

<sup>101</sup> KAEGI. Op. cit. 1967. p. 888.

antifascistas, como seu saudoso colega Dino Silvestroni, que morrera em combates contra as milícias de Balbo, em Ravenna, no ano de 1922.<sup>102</sup>

Na adolescência, ainda dotado da típica ingenuidade ginásial, Delio Cantimori demonstrava afinidade com as ideias nacionalistas de G. D'Annunzio, defendendo a “questão de Fiume” entre seus colegas e considerando-a, segundo W. Kaegi, uma espécie de “nova encarnação daquele ideal de união de cultura, poesia, e ação política”<sup>103</sup>.

Além de D'Annunzio, no curso do Ensino Médio Clássico, o jovem italiano começava a traçar ou reforçar seus contatos com alguns importantes autores que tomavam o cenário italiano, como Jacob Burckhardt, Voltaire, Michelet, Salvemini, Giuseppe Mazzini, lendo o semanal *Rivoluzione Liberale*, de Piero Gobetti,<sup>104</sup> e livros como *Carlos V*, de W. Robertson<sup>105</sup>, e *Discorsi di religione* e *Profeti del Risorgimento* de Gentile, entre outros.

Leituras consequentes de contatos com seus professores que, de alguma maneira, influenciaram os primeiros passos de sua carreira. Dentre eles, destacaram-se o latinista Cesare Bione, que foi um dos responsáveis por direcionar Delio Cantimori ao pleito de uma vaga na *Scuola Normale Superiore di Pisa*, e Galvano Della Volpe<sup>106</sup> – crítico do idealismo atualista que tomava as cátedras italianas – que, em seus cursos, apresentou as ideias de G. Gentile, B. Croce, Hegel, Marx e Giuseppe Saitta,<sup>107</sup> e trabalhou, com seus alunos, questões como o “ato” gentiliano, as categorias de Kant e distinções de Croce.<sup>108</sup>

Vindo de um ambiente familiar republicano, tendo um pai político, escritor e filósofo, e passando por leituras e aulas relacionadas à ideias tão complicadas, o adolescente colecionava informações de grande complexidade que deviam gerar uma grande confusão na mente juvenil de Cantimori. Entretanto, esse conhecimento

<sup>102</sup> CANTIMORI. Op. cit. 1965. p. 251.

<sup>103</sup> KAEGI. Op. cit. 1967. p. 886.

<sup>104</sup> Piero Gobetti (1901-1926) foi político e escritor fundador do periódico *Energie Nuove* e do semanal *Rivoluzione Liberale*, inspirador do antifascismo de cunho liberal radical, enxergando o movimento fascista como sendo fruto dos maus históricos italianos.

<sup>105</sup> Willian Robertson (1721-1793) foi religioso e historiador escocês, decano da Universidade de Edimburgo.

<sup>106</sup> G. Della Volpe (1895-1968) foi professor de História da Filosofia em Messina junto com Delio Cantimori, em 1939. Seu pensamento esteve ligado ao marxismo, vendo no materialismo histórico o moderno findar do pensamento dogmático.

<sup>107</sup> Cf. CANTIMORI. Op. cit. 1965. MICOLLI. Op. cit. 1970. p. 13

<sup>108</sup> OSTENC, Michel. *Cantimori e l'idealismo gentiliano*. In: *Delio Cantimori e la cultura politica del novecento*. Op. cit. 2009. p. 19.

provavelmente estimulou o estudante italiano a se aprofundar nos seus estudos sobre filosofia e literatura.

Em 1924, após o término do Ensino Médio Clássico, o estudante romagnolo entrou no curso História da Filosofia, na *Facoltà di Lettere e Filosofia* da *Università di Pisa*, e venceu o concurso para uma vaga na *Scuola Normale Superiore di Pisa*.

Naquele período, a *Scuola Normale* acabava de sofrer uma reforma movida pelo diretor Giovanni Gentile, através da qual foi introduzida uma nova geração de professores, fascistas e não fascistas, mas sempre imersos nas reflexões idealistas contrárias ao positivismo científico.<sup>109</sup>

Nesse universo pisano, o jovem estudante se relacionou com professores como Giuseppe Tarantino, que lecionava filosofia moral, Armando Carlini<sup>110</sup>, que trabalhava no campo da teoria, Valgimigli, Ussani e Mancini, que compunham o setor clássico, Attilio Momigliano, historiador e crítico literário crociano e dono da cátedra de literatura italiana, o professor de Literatura Alemã, Giovan Vittorio Amoretti,<sup>111</sup> o grande expoente do idealismo atualista, Giovanni Gentile, que, nesse período, lecionou História da Filosofia na *Scuola Normale*, e Guiseppe Saitta, professor titular da cátedra de filosofia na *Università di Pisa*.

Segundo Chiantera-Stutte, não podemos alegar que, nesse período, a *Scuola Normale* era uma instituição ortodoxa completamente integrada ao fascismo, nem mesmo que os estudantes fossem o modelo do novo “homem fascista”. Não obstante, era uma instituição que gozava de relativa liberdade, dotada de um espaço relativamente aberto para discussões políticas e declarações, mais ou menos veladas, que se opunham ao regime.<sup>112</sup>

Nesse ambiente, Cantimori se tornou um grande amigo de Giovanni Gentile Junior, aluno do curso de física que o inseriu nos contatos com a família Gentile e a quem dedicou seu trabalho de conclusão de curso sobre Ulrico von Hutten.

Entre amizade e admiração, Cantimori foi próximo de Fausto Meli, o qual, após sua morte prematura, teve seu livro, *Spinoza e due antecedenti italiani dello spinozismo*,

---

<sup>109</sup> CHIANTERA-STUTTE, Op. cit. 2011. p. 19.

<sup>110</sup> Carlini (1878-1959) foi professor de filosofia teórica na *Università di Pisa* (1922-48), onde se tornou reitor (1927-35). Desenvolveu seu pensamento no âmbito do Idealismo Atualista, direcionando-se para o espiritualismo teísta centralizado no conceito e no valor da pessoa humana.

<sup>111</sup> MICOLLI. Idem. p. 17.

<sup>112</sup> CHIANTERA-STUTTE, Op. cit. 2011. p. 19.

resenhado, em 1931, por Cantimori, que o classificou como “a obra melhor e mais característica que saiu nos últimos dez anos da *Scuola Normale*”.<sup>113</sup>

Importante texto no qual Cantimori se recordou do cansativo ambiente acadêmico da Escola Filosófica, permeado pelo tecnicismo com problemáticas vagas sobre a religiosidade e que impulsionou alunos – entre eles, Meli e o próprio Cantimori – à aproximação da escola de História da Filosofia de Giuseppe Saitta, onde, apesar da menor exigência técnica, se sentia a efervescência ideal, a paixão filosófica e ambição pela verdade, oferecendo uma orientação não meramente acadêmica que solucionavam os problemas espirituais dos jovens estudantes.<sup>114</sup>

Cantimori também construiu uma forte relação de amizade com outros estudantes de filosofia, como Mario Manlio Rossi, filósofo de posição política rebelde com traços anarquistas, Aldo Capitini e Claudio Baglietto, pacifistas, religiosos e antifascistas.

Com Capitini, Cantimori teceu grandes discussões sobre o “sentido de religiosidade do espírito humano”, presente na relação entre política e ética. Nesse debate, ambos acreditavam ser necessário partir do impulso religioso dado por Mazzini para conceber uma revolução político-social e também concordavam que a religiosidade seria contraposta à religião e à Igreja.

Entretanto, a partir de uma concepção historicista de base idealista, para Cantimori, a transcendência estava ligada à imanência e se fazia presente nas obras humanas e no amor pela história dos homens, em que a subjetividade era protagonista e cujo caráter ético residia na vida política. Já para Capitini, a transcendência se elevaria através do sentido de imanência e de espírito humano.

A partir das diferentes concepções de imanência, Capitini acreditava que, para elevar as massas, cada um deveria abrir sua fenda na organização social existente através da prece para alcançar a comunhão dos homens; já Cantimori acreditava que a história, sobretudo a história das nações e dos povos, deveria conduzir a uma renovação moral coletiva.<sup>115</sup>

Diferentemente de seu amigo Capitini, que recusou-se a se inscrever no Partido Nacional Fascista – mesmo se tornando secretário econômico da *Scuola Normale*, em

---

<sup>113</sup> CANTIMORI, Delio. *Recensione di Fausto Meli, Spinosa e due antecedenti italiani dello spinozismo*, G. C. Sansoni, Firenze 1934. *Giornale Critico della Filosofia Italiana*, XVI, 1935. P 86-88. In: CANTIMORI. Op.cit. 1991. p. 131.

<sup>114</sup> Idem, p.131.

<sup>115</sup> CHIANTERA-STUTTE, op. cit. 2011. p. 24-26.

1930 – e que fazia parte do movimento antifascista pisano, Cantimori optou por aderir aos preceitos políticos fascistas.

Uma vez Capitini me disse: “mas você não é fascista, diria que você se fez de fascista para ter liberdade de expressar as suas opiniões” – [opiniões] que então eram de um liberalismo cosmopolita e individualista, com tendências rebeldes e vagamente socialistas. Acreditava na *Paneuropa*, lia Malaparte, Conquista do Estado, porque recordava vagamente que Gobetti havia publicado um livro. Tinha recordações da leitura de Revolução Liberal feitas em Forlì, que não entendia. Havia permanecido na minha cabeça só uma série de escritos que interpretava o fascismo como luta entre pais e filhos – e por aversão do meu pai, havia flertado com colegas esquadristas, mas não entrei e não peguei a carteira em 1926,<sup>116</sup> quando eles me convidaram dizendo que aceitava pessoas (...) de estudo como eu que eles nos liberaram a passagem (...)<sup>117</sup>

Embora sua adesão talvez não tenha sido impulsionada pelo interesse em obter liberdade de expressão em meio ao contexto de constante policiamento e repressão, Delio Cantimori realmente se tornou um fascista anômalo de uma trajetória de experiências, contatos, leituras e reflexões que o levaram a uma concepção particular de ideal fascista em constante diálogo com reflexões em voga.

Segundo suas recordações, quando ainda jovem, o estudante romagnolo teria visto, na filosofia idealista, o ponto culminante da filosofia moderna, o qual daria ao fascismo o status de verdadeira revolução republicana sindical de Mazzini e Corridoni – algo que o *Risorgimento* não teria realizado –, devendo se tornar uma revolução europeia.<sup>118</sup>

Em 1934, Cantimori apresentou outras recordações das suas preferências políticas juvenis, as quais nasceram a partir do seu repúdio aos valores liberais. Segundo o intelectual italiano, no ano de 1924, quando ainda se preparava para o exame de

<sup>116</sup> Segundo seus escritos pessoais, Cantimori teria se inserido no Partido Fascista depois do ano de 1926, entretanto, ao aceitar o convite dos mesmos amigos esquadristas, pediu para que retrocedessem a data de sua adesão na carteira. Cf. PROSPERI. Op.cit. 1992. p. XXII.

<sup>117</sup> Apud. CHIANTERA-STUTTE, Patricia. *Res Nostra Agirtur*. Op. cit. 2005. p 12 e 13.

<sup>118</sup> Nesse texto, redigido em 1960, Cantimori apresentou algumas de suas memórias que se misturavam com a trajetória do ilustre historiador italiano F. Chabod, que falecera naquele ano. Nele, Cantimori deixou patente a ligação entre sua adesão ao PNF e as reflexões idealistas atualista. Dessa maneira, das suas relações com seu amigo F. Chabod emergia “a recordação das primeiras leituras mazzinianas, que é associado na memória a discussões sobre o princípio de autoridade em Mazzini, à leitura dos *Profeti del Risorgimento* de Gentile, e aos discursos dos amigos de escola republicanos que discutiam sobre a tendência republicana do fascismo (a qual, diziam, haver conduzido a cada modo a república) e ao romanismo carducciano.” CANTIMORI, Delio. Federico Chabod. Belfagor, XV, 1960, p. 688-704. In: CANTIMORI. Op. cit. 1971 p. 285. Cf. CANTIMORI. Carta à revista Itinerari XV, n 58, junho de 1962. In: CANTIMORI. Op.cit. 1967. p. 138.

seleção da *Scuola Normale* e influenciado pela atmosfera romagnola em que cresceu, sua concepção política era respingada por um “nacionalismo patriótico de propaganda bélica, de atitude de intervencionismo republicano” e ligada à aplicação dos “métodos do maquiavelismo vulgar” para a construção da “Politeia” platônica.<sup>119</sup>

Apesar do seu entusiasmo em relação àquela força irracional dos esquadristas, sendo homem das letras, teórico e desprovido de uma ação concretamente marcial, Cantimori não encontrava espaço para sua participação dentro daquele grupo político que admirava. Até o momento em que a própria feição do fascismo começou a tomar uma nova roupagem:

Assim, após dois anos em 1926, quando este amigo, junto a um outro, também famoso esquadrista, veio me dizer para me inscrever no Fascio; (...) “agora cabe a vocês homens de estudo; agora o fascismo não se faz mais com as bombas, se faz à mesa – eu, empurrado pelos velhos impulsos, pelas reflexões que em Pisa, meu verdadeiro centro de conhecimento e amizades, era por agora conhecido sem equívoco como fascista, e sobretudo pelo argumento que encontrei certo e verdadeiro, e também me lisonjeava. Escutar dizer, assim, por aqueles jovens ousados que havia tantas vezes invejado e admirado pela coragem, força de decisão, liberdade de movimento, força. Aceitei me inscrever no Fascio, contestando porém que o cartão fosse retrodatado, como me foi oferecido.”<sup>120</sup>

Na mesma passagem, Delio Cantimori veio a afirmar que, em meio ao turbilhão de ideias e leituras, a “filosofia de Croce, Gentile e Saitta” veio a organizar o seu confuso mundo mental.<sup>121</sup> Entretanto, durante seu exame de consciência, que prosseguiu durante sua vida depois da queda do fascismo e de todas as atrocidades vivenciadas na guerra, Cantimori sempre se responsabilizou pelos seus atos:

Não estou fazendo uma análise de como e de porquê me coloquei naquele caminho [fascista], nem quero dizer que a confusão que tinha

---

<sup>119</sup> Dez anos atrás me preparava para o exame de normalista no jardim da casa de meu pai em Forlì. As paixões políticas do momento não me tocavam muito. Julgava as coisas com muita frieza. Do ponto de vista da razão política, me surpreendia com os escândalos de meu pai pelo assassinato de um membro do Parlamento, e depois me envergonhava por essa incompreensão. Parecia-me justo, isto é lógico, que um inimigo perigoso e acre deveria ser eliminado... A minha “política” consentia em aplicar os métodos do maquiavelismo vulgar à realização da “Politeia” platônica. Resíduos do nacionalismo patriótico da propaganda bélica, de atitude de intervencionismo republicano, motivos do movimento “combatentista” e lembranças do período de propagandista “fiumiano” fizeram sim com que no inverno em Pisa me declarasse fascista nas discussões entre normalistas. Queria me inscrever em 1924, durante o episódio Matteotti. Via no fascismo, sobretudo, e quase exclusivamente o programa de 1919: o monarquismo fascista me parecia um puro expediente político... Não obstante a insensatez herdada do ambiente político romagnolo, sentia junto à classe na qual vivia e na qual a escola me fazia pertencer e acolhia em mim, pelo sentimento, pelo impulso, com conceitos vagos e genéricos, os motivos do Fascismo de batalha. In: PROSPERI. Op. cit. 1992. p. XXI

<sup>120</sup> Idem, p. XXII.

<sup>121</sup> Idem, p. XXI.

na cabeça era culpa de Gentile, Croce, De Sanctis, Hegel, Mazzini, Gioberti, Gioacchino Volpe, Lutero, Burckhardt e Sorel. Não quero dizer que era culpa dos padres; antes de tudo, estas são genealogias que você escolhe e é ele o responsável; em segundo lugar, aquela mistura eu fazia, o enriquecendo com ingredientes sempre novos.<sup>122</sup>

Contudo, naqueles anos como estudante em Pisa, o jovem realmente teve a oportunidade de fazer uma aproximação com os pensamentos desses filósofos, em especial, Giovanni Gentile, que, nesse período, lecionou História da Filosofia na *Scuola Normale*, e Giuseppe Saitta, professor titular da cátedra de filosofia na *Università di Pisa*, os quais ajudaram a reordenar tantas leituras e ideias joviais dentro do paradigma idealista atualista.

Cada qual com sua estima dentro do Estado Italiano, ambos compartilhavam das ideias fascistas e da perspectiva do idealismo atualista, refletindo sobre temáticas relativas ao imanentismo religioso, presente tanto nos projetos espirituais e políticos de personagens renascentistas quanto naqueles do *Risorgimento*, e influenciando diretamente a leitura de Delio Cantimori sobre a formação da Europa Moderna.

#### **2.4 - Giovanni Gentile, Giuseppe Saitta e a formação idealista atualista de Delio Cantimori.**

Como Delio Cantimori, seu professor, G. Gentile (1875 - 1944), teve sua formação ligada à *Scuola Normale Superiore di Pisa*, onde pode se aproximar do professor de teoria da filosofia Donato Jàja<sup>123</sup> (1839-1914), com quem teve os primeiros contatos com o filósofo e historiador da filosofia, Bertrando Spaventa (1817 – 1883), personagem basilar na construção do pensamento idealista atualista gentiliano.

B. Spaventa foi nominado professor na *Università di Napoli* por De Sanctis, em 1861, passando pela *Università di Bologna*, onde seus cursos deram origem às suas obras sobre o hegelianismo,<sup>124</sup> o que o impulsionou a estudar a tradição filosófica moderna italiana sob a ótica historicista.

Como o próprio Cantimori afirmou, ao trabalhar o pensamento filosófico italiano, B. Spaventa não se preocupou com a filosofia nacional em seu senso estrito e

<sup>122</sup> Carta à revista *Itinerari* XV, n 58, junho de 1962. In: CANTIMORI. Op.cit. 1967. p. 139.

<sup>123</sup> Donato Jàja foi professor de teoria da filosofia em Pisa, seguiu o pensamento hegeliano de Bertrando Spaventa e teve como principais obras *Dell'apriori nella formazione dell'anima e della coscienza, Ricerca speculativa, Teoria del conoscere*, entre outras.

<sup>124</sup> Os livros de B. Spaventa foram reeditados por G. Gentile: *Le prime categorie della logica di Hegel* (1863), *Principi di filosofia* (1867), com o título *Logica e metafisica*, e *Frammento inedito*, intitulado *Riforma della dialettica hegeliana* (1913).

nem considerou a Itália um território geográfico limitado. Para o filósofo, o importante era entender como a filosofia italiana se posicionava no diálogo com o universo europeu.<sup>125</sup>

Seu patriotismo se manifestou como um evento crítico de exploração da vida cultural italiana em busca das origens espirituais e da nova filosofia italiana, a qual se acumulou e permeou o Renascimento, denominado, também, na linguagem romântica de Spaventa, como *Risorgimento*.

Dessa maneira, B. Spaventa moveu-se no centro da História da Filosofia, colocando o Renascimento como a aurora da Revolução Filosófica italiana, por meio da qual os filólogos humanistas teriam quebrado a distância entre o povo e os literatos e combatido os valores medievais. Aos seus olhos, este episódio fez com que a ciência e as letras restabelecessem o poder laico, formando um sistema de Estados que deram uma unidade à vida particular das nações até então inexistentes.<sup>126</sup>

Sendo a maior expressão do mundo moderno, o Renascimento representou o momento em que a cultura italiana atingiu essa unidade, mas teve sua maturidade freada pela restauração católica da Contrarreforma, através da qual a separação entre leigos e sacerdotes foi resgatada e o poder religioso reforçado.<sup>127</sup>

Foi dentro desses preceitos teóricos hegelianos, que Giovanni Gentile desenvolveu suas reflexões sobre religiosidade, política e formação ética e moral do povo, inserindo-as no mesmo debate sobre a história da filosofia moderna italiana, que retrata um arco de relações temporais entre Renascimento, *Risorgimento* e Fascismo. Ali, o pensamento atualista gentiliano constituiu sua própria identidade no universo filosófico italiano e veio a influenciar uma geração de estudantes, tendo, entre eles, Delio Cantimori.

Por sua vez, G. Gentile teria dado um passo interpretativo dentro desse debate de B. Spaventa. Diferentemente do *Risorgimento*, que – na interpretação hegeliana de Spaventa – teve seu sucesso tolhido pelo movimento contrarreformador da Igreja. No juízo de Gentile, o Fascismo teria materializado a tão esperada Revolução em que o

---

<sup>125</sup> CANTIMORI, Delio. *Sulla storia del concetto di Rinascimento*. Op. cit. 1932. In: CANTIMORI. Op. cit. 1971. p. 447.

<sup>126</sup> Idem, p. 447.

<sup>127</sup> Idem, p. 448. Delio Cantimori afirmou que o Renascimento e a Reforma são tratados por Spaventa como dois aspectos de uma única revolução filosófico-espiritual, onde o primeiro se manifestou como protesto na Itália e o segundo como reforma em outros países. Assim, o conceito de Renascimento é enquadrado na história geral da filosofia, de maneira equivalente ao conceito de Reforma, que é alargado ultrapassando os limites eclesiásticos e atingindo uma importância no campo da história do pensamento. Cf. Idem, p. 450.

povo italiano pôde se elevar moral e civicamente e aproximar-se dos preceitos científicos e literários das elites intelectuais, tornando-se participantes conscientes do processo político como nunca antes visto na história italiana.

Nesse contexto, o Idealismo atualista, com seu requinte religiosamente político de união entre fé e ação transformadora do homem, teve o papel de filosofia impulsionadora do homem na superação da religião e da realidade dialética, defendida por outros filósofos idealistas, ao portar o ser humano a uma realidade transcendental somente presente no ato puro, no qual se harmonizam ideia e ação, fé e atitude política.<sup>128</sup>

Delio Cantimori entrou em contato exatamente com estas ideias no início da sua trajetória intelectual e política, sendo estimulado pelas reflexões sobre a relação entre crença religiosa, o imanentismo humanista e a política e os problemas de história da consciência italiana relacionados à analogia entre Renascimento, *Risorgimento* e a Revolução Fascista.

Como vemos, desde quando terminava sua formação no Ensino Médio Clássico, Cantimori já havia tido estudado as seguintes obras gentilianas: *I Profeti del Risorgimento Italiano*<sup>129</sup>, na qual Gentile retratou a trajetória e a concepção religiosa da política de Gioberti, Garibaldi e, principalmente, de Giuseppe Mazzini, interpretados como homens que captaram a necessidade da fé religiosa para dar base à ação política coletiva de renovação moral italiana e unidade aos esforços individuais; e *Discorsi di religione*<sup>130</sup>, na qual apresentou o problema político, filosófico e moral relacionado à concepção de religiosidade.

Outra obra de Gentile que teria influenciado diretamente o início dos estudos do jovem romagnolo sobre os hereges italianos do *Cinquecento* e a sua importância na formação da consciência italiana foi *Giordano Bruno e il pensiero del Rinascimento*.

Nela, o filósofo italiano defendeu o resgate e a divulgação da representação imaginária de Giordano Bruno como um mártir nacional, expoente da filosofia renascentista, que morreu por sua fé e ação coerentemente com seus ideais, mesmo perante a opressão religiosa da Igreja contrarreformadora.<sup>131</sup>

<sup>128</sup> Cf. GENTILE, Giovanni. *La Religione*. Firenze: Sansoni, 1965.

<sup>129</sup> GENTILE, Giovanni. *I Profeti del Risorgimento Italiano*. 4º ed. Firenze: Sansoni, 1944

<sup>130</sup> GENTILE, Giovanni. *Discorsi di religione*. 1º Ed, 1920. In: *La Religione*. Firenze: Sansoni, 1965.

<sup>131</sup> GENTILE, Giovanni. *Giordano Bruno e il pensiero del Rinascimento*. Firenze: Vallecchi Editori, 1920. p. 9.

Entretanto, é provável que Cantimori tenha se interessado por escritos estritamente teóricos naqueles anos em que frequentou o ambiente universitário pisano. Segundo Pertici, em uma correspondência na qual o intelectual agradeceu a oportunidade de ter sido o responsável pela revisão tipográfica da obra *Teoria Generale dello spirito come atto puro*, Cantimori rememorou sua primeira leitura de um dos mais importantes trabalhos teórico-metodológicos do seu professor.

Em uma pausa do trabalho, [afirma Cantimori] me pus a foliar a minha cópia da segunda edição *Spoerri*; e encontrei a data da minha primeira leitura da *Teoria dello spirito*: em dezembro de 1924; e me encontrei a recordar a agitação e o entusiasmo daquela leitura, o fervor do pensamento e do trabalho que essa [leitura] me despertou.<sup>132</sup>

O professor G. Gentile lançou as bases dessas reflexões sobre o idealista atualista no seu artigo *L'atto del pensiero come atto puro*, publicado em 1912, que seria aprofundado em seu curso do ano letivo de 1915 e 1916, apresentado na *Università di Pisa*, dando origem ao livro *Teoria Generale dello spirito come atto puro*.

Nessa obra, Gentile apresentou o pensamento religioso de George Berkeley, que nega a existência da realidade fora do campo ideal humano, o qual estaria imerso na mente absoluta e transcendental de Deus, local onde o ser pensante é incapaz de promover uma inovação para além do âmbito desse pensamento divino.<sup>133</sup>

Ainda nessa mesma obra, Gentile saiu em defesa de Emmanuel Kant como precursor do idealismo moderno, ao constituir, dentro do universo humano, uma interpretação que distinguiu o Eu Empírico, dotado de um pensamento finito, e o Eu Transcendental, caracterizado pela sua universalidade infinita, portanto, sendo o verdadeiro eu pensante.<sup>134</sup>

Dando sequência às suas ideias, Gentile expandiu sua problematização do espírito, na sua unidade transcendental e na multiplicidade empírica, como desenvolvimento, ao tratar das análises dialéticas do ato de pensar.<sup>135</sup>

Para isto, partiu da abordagem de duas categorias: a dialética do pensamento pensado e a dialética do pensamento pensante. A primeira se ligou à corrente de interpretação platônica, em que o exercício dialético se tornou caráter intrínseco da

<sup>132</sup> Apud: PERTICI. Op. cit. p. 21.

<sup>133</sup> GENTILE, Giovanni. *Teoria generale dello spirito come atto puro*. 7ª ed. Firenze: Casa editrice le lettere, 1987. p. 4 - 6.

<sup>134</sup> A defesa da primazia de Kant foi fruto da consideração de que o filósofo alemão ultrapassou a concepção antiga ao reforçar o poder de criação do espírito humano desses âmbitos de pensamento transcendental e empírico. Idem (id.) pág. 7.

<sup>135</sup> GENTILE. Op. cit. 1987. p. 39.

realidade, na qual se porta como pressuposto do seu desenrolar. A segunda se aproximou do pensamento de Kant, defendendo que todo o pensável pressupõe o ato de pensar no devir, de maneira que a dialética transforma o processo real em história do pensamento.<sup>136</sup>

Desse debate, G. Gentile enveredou-se para a análise do pensamento dialético hegeliano e da sua afirmativa de que não poderíamos conceber dialeticamente o real se não imaginarmos o real como pensamento.

Assim, segundo o autor, para Hegel, o intelecto idealiza as coisas abstratas analiticamente através da razão que concebe o espírito e entende toda a pluralidade das coisas na unidade do espírito. Dessa maneira, Gentile afirmou que, nesse caso, a dialética ainda se tornou uma lei arquetípica do pensamento em ato e seu ideal e pressuposto.<sup>137</sup>

Sumariamente exposto o debate no qual G. Gentile se imergiu, podemos entender melhor sua defesa de uma releitura do idealismo alemão, em especial do hegelianismo, ao propor o espírito como ato puro. Portanto, em suas palavras:

O ponto de vista transcendental é aquele que se capta na realidade do nosso pensamento quando o pensamento se considerou não como ato realizado, mas, por assim dizer, quase ato em ato. Ato, que não se pode absolutamente transcender, porque ele é a nossa própria subjetividade, isto é, nós mesmos; ato, que não se pode nunca e em nenhum modo objetivar.<sup>138</sup>

O pensar, como ato, não pode se transcender, porque somos nós mesmos, nossa subjetividade, que, de maneira alguma, pode ser objetivada; não podemos nos distanciar do nosso próprio ato de pensar. Para Gentile, conhecer a realidade espiritual é assimilá-la em nós mesmos, pois somente no campo interior pode ser solucionada. O objeto se resolve no sujeito.<sup>139</sup>

\*\*\*

Inserido na corrente de pensamento atualista, Giuseppe Saitta (1881 – 1965) foi outro importante professor de filosofia de Delio Cantimori durante sua graduação em Filosofia da História na *Università di Pisa*.

---

<sup>136</sup> Idem, p. 43 e 44.

<sup>137</sup> Idem, p. 54.

<sup>138</sup> Idem, p. 8.

<sup>139</sup> Idem, p. 14.

Impulsionado pela afinidade que sentia com o ambiente profissional da escola filosófica de Saitta,<sup>140</sup> Cantimori reforçou seu contato com o professor e então diretor do periódico *Vita Nova*, ao colaborar com o órgão de cultura fascista, entre 1927 e 1932.

Entre artigos, ensaios e notas, Delio Cantimori fez vinte e quatro publicações na revista, tratando de questões que chamavam a atenção dos intelectuais fascistas em meio às incertezas daqueles anos. De forma propagandista, escreveu sobre o então novo movimento nacionalista conservador alemão e também se voltou para questões internas da Itália, como as interpretações clericais e reacionárias do fascismo, o valor humanístico e imanentista do atualismo filosófico, o sistema corporativista e a importância da Itália naquele delicado momento europeu de crise das democracias e de ascensão e consolidação dos regimes autoritários.

Por sua vez, seu professor Giuseppe Saitta teve a carreira de docente iniciada nas escolas estatais e continuada nas universidades de Cagliari, Pisa e Bolonha. Anteriormente, fazia parte do meio clerical, do qual se distanciou após uma crise de consciência em relação ao pensamento religioso da Igreja Católica, encontrando nos preceitos teóricos da filosofia idealista gentiliana e seu imanentismo uma saída espiritual pessoal.

Autor de obras como *La scolastica del secolo XVI* e *La politica dei Gesuiti, Lo spirito come eticità, L'educazione dell'umanesimo in Italia, Il pensiero di Vincenzo Gioberti e Marsilio Ficino e la filosofia dell'umanesimo*, Saitta também se inseriu no tradicional debate da historiografia italiana sobre a relação entre Renascimento, *Risorgimento* e o contexto atual italiano, no qual desenhou uma leitura imanentista sobre o Humanismo como o movimento filosófico em que se encontrava a identidade italiana.

No prefácio da primeira edição de sua obra sobre Ficino, o professor lançou a seguinte proposta:

Este meu volume propõe demonstrar como a filosofia de Marsílio Ficino, que assinala a mais profunda enunciação da ciência do homem, se deve partir para entender a corrente religiosa da Reforma e a corrente filosófica do Renascimento. A revolução religiosa e a revolução filosófica, que algumas vezes se desdobra no período do Renascimento, uma em oposição à outra, têm uma raiz comum, que é representada pelo pensamento elevado de Ficino, não entendido

---

<sup>140</sup> CANTIMORI. Recensione di Fausto Meli. Op. cit. 1935. In: CANTIMORI, Op. cit. 1991. p. 131.

adequadamente por estrangeiros e pelos nossos próprios historiadores e filósofos.<sup>141</sup>

Como assinalou este fragmento, nesse livro, Saitta construiu uma leitura sobre Marsílio Ficino como o símbolo humanista da ruptura europeia em relação ao obscuro e ultrapassado pensamento medieval, através das suas traduções de autores da antiguidade, estudos e reflexões neoplatônicas.

Segundo Saitta, a vanguarda do filósofo italiano humanista sobre a revolução filosófica do Renascimento e a revolução religiosa da Reforma, faz de seu pensamento neoplatônico o divisor de uma era na qual se encontrava a tradição original e a consciência espiritual italiana, mas que não foi captada devido à submissão da intelectualidade italiana aos juízos dos estudiosos estrangeiros.<sup>142</sup>

Isto fica muito claro no decorrer de seu livro *Marsilio Ficino e La filosofia dell'umanesimo*, no qual não economizou argumentos para eleger o neoplatonismo ficiniano como gênese das transformações da Idade Moderna que nasceram na Itália e que, através da fama e divulgação de suas obras, atingiram outros países, como França e Alemanha.<sup>143</sup>

O professor de Cantimori ressaltou a originalidade da síntese do pensamento de Ficino, que, na sua interpretação, teria enxergado os ensinamentos cristãos ligados aos diálogos de Platão e às reflexões dos neoplatônicos, fazendo do filósofo grego a quintessência do cristianismo.<sup>144</sup>

Portanto, para Saitta, o dono dessa originalidade retiraria qualquer dúvida sobre a grandeza de ser o maior humanista. Sem o seu trabalho, acreditava Saitta, não haveria o renascimento italiano, que culminou nas reflexões de Telesio, Giordano Bruno, Campanella e na Reforma.<sup>145</sup>

Personagens como Giordano Bruno de G. Gentile e Marsilio Ficino de Saitta foram importantes no amadurecimento das ideias de Cantimori sobre a identidade italiana, seu viés europeísta e a historiografia relacionada à formação da Europa moderna. Ideias as quais deram base para a construção dos seus debates sobre os

---

<sup>141</sup>SAITTA, Giuseppe. *Marsilio Ficino e la filosofia dell'umanesimo*. 3ª edizione. Editoriale Fiammenghi & Nanni. Bologna, 1954. pág. VII.

<sup>142</sup> Idem, p. VII.

<sup>143</sup> Idem, p. 5.

<sup>144</sup> Idem, p. 51 e 52.

<sup>145</sup> Idem, p. 55.

hereses italianos do *Cinquecento*, os utopistas do *Settecento* e a sua definição histórica sobre o Renascimento, *Risorgimento* e a sua interpretação sobre o contexto fascista.

## 2.5 - *Streben* e o mito: os pontos de união entre elite e povo.

Como afirmou Luisa Mangoni, o artigo *Osservazioni sui concetti di cultura e storia della cultura*, publicado em 1928, se apresentou como um momento crucial das reflexões de Delio Cantimori. Aqui, o jovem intelectual lançou as bases idealistas de suas leituras, as quais vão atravessar tanto seus próximos textos sobre os hereses e a formação da Europa Moderna quanto seus escritos políticos.<sup>146</sup>

Nesse artigo, o jovem romagnolo saiu em defesa de um conceito de história da cultura diferente daqueles dos trabalhos de estudiosos que enxergavam o conceito de cultura como fruto da *Bildung* ou educação interior perante *civilisation* exterior e mecânica.

Para Cantimori, o conceito de cultura deveria ser visto como unidade fundamental do espírito:

a cultura é a vida espiritual na forma mais elementar e geral; que, nos termos das várias filosofias, soa: o devir racional do irracional, a forma da passagem do múltiplo ao uno, do caos à ordem, da vida ao pensamento, a forma do sintetizar-se da análise.<sup>147</sup>

Dessa forma, na visão de Delio Cantimori, a cultura se manifestaria no momento primordial, geral e vago de unidade, na formação espiritual do indivíduo, dentro da sua história concreta. Através do *Streben* (esforço), se organizaria a múltipla e caótica doutrina dos sentidos nos idiotas e crianças, e das letras, ciências, entre outros campos de conhecimentos, no povo.<sup>148</sup>

Como primeira e elementar forma de atividade espiritual, a partir do *Streben*, a cultura se torna presente em todos os homens com seu viés universal religioso.<sup>149</sup> Ela abarca todos os agentes involuntários da “concreta vida espiritual e do concreto pensamento”.

Segundo Cantimori, nesse essencial esforço coletivo de organização da realidade caótica primordial, a elite intelectual se identifica com o homem mais simples do povo,

<sup>146</sup> MANGONI, Luisa. *Europa sotterranea*. In: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. XIX e XX.

<sup>147</sup> CANTIMORI, Delio. *Osservazioni sui concetti di cultura e storia della cultura*. Scritti vari pubblicati dagli alunni della R. Scuola Normale Superiore di Pisa per le nozze Arnaldi-Cesaris Daniel, Pisa, 1928, p. 29-43. In: CANTIMORI, Idem. 1991. pág. 6.

<sup>148</sup> Idem, p. 6.

<sup>149</sup> Idem, p. 7.

dando significado e aplicando na vida as poucas questões aprendidas na escola. Portanto, a história da cultura, assim entendida, tem sua importância na aproximação das elites e das massas. Nela, se encontra o ponto primordial da união desses grupos sociais, a qual é tão almejada pelo idealismo.<sup>150</sup>

Dessa maneira, Delio Cantimori define a história da cultura como o estudo da passagem do estado natural do homem para o estado de plenitude espiritual.

(...) a história da cultura pode ser classificada como representação do simples devir racional do irracional, no desenvolvimento que gradualmente tomou juntamente ao desenvolvimento e ao enriquecimento da filosofia *stricto sensu*, da prática, da poesia, e assim por diante. Caso observarmos a particular história de cada um de nós, ninguém pode desconhecer nela, ao nome cultura, um mover-se confuso de desejos, propósitos, ideias, intuições, cognições, que se movem e tomam vários aspectos e formas, mas são todos unificados pelo esforço de sair e de alcançar uma mais concreta, uma real unidade: a história dessa passagem da natureza (da espiritualidade adormecida, negligente de si, então fora de si) à espiritualidade plena (desse despertar-se), é a história da cultura.<sup>151</sup>

A história da cultura se direcionaria para o estudo daquele momento organizador primordial do *Streben*, no qual os estudiosos poderiam obter maior clareza e consciência dos sentimentos elementares, muitas vezes escondidos, que compõem a civilidade e, através do espírito do povo, encontrar a atualidade intrínseca da vida espiritual.<sup>152</sup>

Como enfatizou Chiantera-Stutte, o mito nacional também seria um elemento aglutinador entre o Estado e o povo.<sup>153</sup> Isto ficou patente nos seus escritos que buscaram retratar o surgimento e o fortalecimento dos jovens conservadores na Alemanha.

Atento ao movimento nacionalista alemão, em seu texto de 1928, *Germania Giovane: Concezione dello Stato*, Cantimori ressaltava que a nação, concebida como universal, se tornaria um dos mitos que serve para a devoção e o despertar do sentimento de pertencimento a uma grande família de antiga nobreza.

Em outra passagem, na busca de reconstituir a história desse povo como forma de retomada da consciência de si, Cantimori também apresentou o projeto alemão de historiadores como Mommsen, cujas narrativas ligadas ao passado tomavam uma

<sup>150</sup> Cf. CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. 2011. p. 28.

<sup>151</sup> CANTIMORI. *Osservazioni sui concetti di cultura e storia della cultura*. Op. cit. In: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 8.

<sup>152</sup> Idem, p. 10.

<sup>153</sup> CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. 2011. p. 29.

roupagem mitológica de origens ligadas aos Cimbros e Teutônicos, com objetivo de resgatar suas típicas características e seus ensinamentos.<sup>154</sup>

Para finalizar, podemos ver a importância do mito do Terceiro Reich, definido pelo romagnolo como a entidade imanente irrealizável a ser atingida pela nação alemã, que, apesar de fundada nos conceitos pangermanistas e racistas, carregaria questões positivas como o combate à burguesia, ao nacionalismo chauvinista e à democracia.<sup>155</sup>

Portanto, a partir dessas reflexões teóricas sobre a importância da história da cultura e do mito como ferramentas de entendimento de resgate das raízes espirituais de um povo e de união entre as elites e as massas, Cantimori trabalhou seus primeiros escritos políticos sobre o Fascismo italiano, o movimento conservador e a situação europeia, e suas interpretações históricas iniciais debruçadas no problema da formação da Europa moderna e da construção da identidade italiana.

## **2.6 - Delio Cantimori e o Renascimento como problema da história da consciência italiana.**

A inquietação espiritual da escola de Saitta se refletiu imediatamente na atenção direcionada a argumentos quase ignorados pela cultura italiana; contra a desconfiança dos mesmos ensinamentos, aqueles jovens se colocaram a pesquisar a história do pensamento religioso do Renascimento nos escritores da imigração protestante italiana. Viam neles o resgate da acusação de escasso vigor moral que pesa sobre o mundo intelectual italiano do Renascimento. Viam homens que haviam afrontado problemas sempre ainda abertos na vida espiritual italiana, e dolorosamente abertos. (...) Dos estudos sobre o Renascimento de Gentile e de Saitta voltávamos a De Sanctis, aos quais os problemas éticos eram tanto afins a eles e dali partiam.<sup>156</sup>

Nessa passagem da sua resenha sobre o livro *Spinoza e due antecedenti italiani dello spinozismo* do amigo Fausto Meli, Delio Cantimori resgatou novamente o ambiente no qual amadurecia suas primeiras leituras voltadas para os homens renascentistas, inserindo-se em uma tradição de pensamento italiano e europeu que propunha resolver problemas de história da consciência italiana.

---

<sup>154</sup> Idem, p. 36 e 37.

<sup>155</sup> Na tentativa de sanar esse déficit de fontes sobre a situação alemã, entre 1929 até 1932, D'Elia investigou os documentos arquivados de Delio Cantimori e encontrou um escrito datilografado intitulado "Nazis", que provavelmente seria referente a uma contribuição à revista *Vita Nova*, em que o jovem italiano examinou as vitórias eleitorais do NSDAP e as reações da imprensa italiana. CANTIMORI. "Nazis". In: D'ELIA. Nicola. Op. cit. 2007. p. 125.

<sup>156</sup> CANTIMORI. Recensione di Fausto Meli. Op. cit. 1935, p. 86-88. In: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 132.

A temática da formação da Idade Moderna ligada à história da consciência italiana se fez presente em seus textos acadêmicos *Il caso Boscoli e la vita del Rinascimento*<sup>157</sup>, *Bernardino Ochino, uomo del Rinascimento e riformatore*<sup>158</sup>, *Ulrico von Hutten e i rapporti tra Rinascimento e Riforma*<sup>159</sup>, chegando à sua obra de maior fôlego: *Eretici italiani del Cinquecento. Ricerche storiche*<sup>160</sup>.

Em suma, estes estudos cantimorianos tiveram como fio condutor o exame dos projetos de homens que – no juízo do estudioso italiano – compartilharam, defenderam e praticaram uma religiosidade laica imanente, pautada na ação política concreta de transformação da estrutura social e mental e que tiveram seus planos de libertação espiritual reprimidos por atitudes conservadoras reformadoras das igrejas: seja o conspirador Boscoli, o cavaleiro e teólogo alemão Ulrico von Hutten ou Bernardino Ochino e os demais heréticos a todas as confissões, perseguidos pela Igreja.<sup>161</sup>

Sendo assim, por de trás disso, o que se mantinha em pauta novamente era a questão idealista do florescer da consciência civil italiana, apta a unir e constituir um Estado capacitado a fim de empreender a formação do povo sobre valores éticos e a insuficiência do vigor moral dos homens renascentistas em concretizar este ideal perante a ação reformadora da Igreja.

Não obstante, este debate compõe um “arco” de pensamento que teria surgido com a ideia de Renascimento, atravessado o *Risorgimento* e atingido os dias atuais do jovem estudante, e que foi a temática central do seu texto *Sulla storia del concetto di Rinascimento*<sup>162</sup>, no qual o intelectual italiano apresentou uma importante reflexão historiográfica sobre os conceitos de Reforma e Renascimento.

Nesse artigo produzido para seu aperfeiçoamento na *Scuola Normale Superiore di Pisa*, Cantimori teceu uma história conceitual através das leituras apresentadas pelos pensadores que trabalharam e ajudaram a cunhar o termo Renascimento, demonstrando

---

<sup>157</sup> CANTIMORI. Op. cit. 1927.

<sup>158</sup> CANTIMORI. Op. cit. 1929.

<sup>159</sup> CANTIMORI. Op. cit. 1930.

<sup>160</sup> CANTIMORI, Delio. *Eretici italiani del Cinquecento. Ricerche storiche*. 1º Ed. Firenze: Sansoni. 1939. CANTIMORI. Op. cit. 1992. 3º Ed. 1939.

<sup>161</sup> No seu artigo sobre Boscoli, Cantimori buscou se embasar tanto na concepção de realidade estética gentiliana, na qual o espírito renascentista se concretizava como imitação da antiguidade, quanto na consciência histórica dos humanistas, defendida por Saitta, como o pedestal da concreta liberdade e berço da nação italiana. Nos demais textos, sobre Ochino e Hutten e nos *Eretici*, se vê despontar personagens radicais, tipicamente saittianos, dotados de discursos extremistas e atitudes permeadas pelo senso de humanidade divina, liberdade e a imanência de suas paixões e glórias que os levaram a ser mal interpretados pela geração renascentista e reformadora.

<sup>162</sup> CANTIMORI. *Sulla storia del concetto di Rinascimento*. Op. cit. 1932. In: CANTIMORI. Op. cit. 1971. p. 413-462.

uma erudição sobre a temática, sempre em sintonia com a metodologia idealista e as visões de seus professores G. Gentile e G. Saitta, que, cada qual com suas especificidades, defendiam a síntese e a realização das pendências renascentistas na Revolução Fascista.

Partindo dessa perspectiva idealista, Delio Cantimori apresentou seu juízo sobre estes movimentos que abriram a Idade Moderna e resgatou a construção do termo Renascimento e a redefinição do seu significado, desde o *Cinquecento* até o século XIX, momento em que se desenvolveu uma esclarecedora discussão historiográfica entre estudiosos italianos e estrangeiros.

Além da leitura de Bertrando Spaventa, já retratada no debate sobre a formação intelectual de G. Gentile, o estudioso romagnolo aprofundou-se nas interpretações alemãs sobre o Renascimento de G. W. F. Hegel, Jacob Burckhardt e F. Nietzsche, e nas italianas do período do *Risorgimento*, de Giuseppe Mazzini, Giuseppe Ferrari, Vincenzo Gioberti, até Francesco De Sanctis, com as quais G. Gentile, G. Saitta e Cantimori dialogam diretamente.

Ao iniciar o debate, Cantimori mencionou algumas reflexões de pensadores dos tempos da formação da Europa Moderna, como Cola di Rienzo, Vasari, Maquiavel, Giotto, Ulrico di Hutten, Bernardino Ochino. Aqui, cada qual com sua posição, tratava o período como o mais feliz, mas apenas para os iniciados naquela nova cultura humanista que vinha se consolidando.<sup>163</sup>

Seguindo cronologicamente, o autor afirmou que, na historiografia do *Settecento*, esta perspectiva perdeu seu caráter polêmico, simbólico e espiritual para se tornar a primeira reação contra o espírito medieval. O Renascimento e o Humanismo não seriam mais vistos como o renascimento da arte e a regeneração da *virtù* romana e humana, mas como a restauração e imitação das letras e da filosofia antiga, que, juntamente com a Reforma e seus elementos antimievais, agiram contra a barbárie gótica e a escolástica.<sup>164</sup>

Seguindo essas reflexões, traçou uma análise particularizada da visão de G.W.F. Hegel (1770 – 1831), ressaltando sua posição sobre o Renascimento, a Reforma e o processo de desenvolvimento histórico. Na perspectiva do filósofo alemão, esses eventos seriam vistos separadamente e somente unidos no processo exterior de

---

<sup>163</sup> Idem, p. 416.

<sup>164</sup> Idem, p. 418-419.

superação espiritual da Reforma sobre o vago e insignificante retorno às artes e à filosofia da antiguidade, exercido pelo Renascimento.

A revolução antimidieval e anticatólica protestante é considerada a reificação do homem, do Estado, do espírito, que se firmou como algo essencial à vida.<sup>165</sup> Dessa maneira, o evento que realmente teria inaugurado a Idade Moderna foi a Reforma Protestante. Esta seria a verdadeira renascença ligada à transcendência espiritual religiosa, ao espírito do povo alemão e aos processos históricos que levariam à concretização do seu Estado.

Segundo Delio Cantimori, Hegel entendeu o Renascimento como um movimento de retorno à antiguidade, dotado de uma posição espiritual confusa, caracterizada por ser um período de dissolução do universo feudal, que não criou novas forças estatais e, conseqüentemente, não promoveu nenhuma inovação relacionada ao mundo moderno europeu.<sup>166</sup>

Após trabalhar a leitura de Hegel, Delio Cantimori partiu para a reflexão da História da Cultura, destacando a visão de Jacob Burckhardt e sua concepção de História como o jogo de três potências: o Estado, a Religião e a Cultura.

Segundo o estudioso romagnolo, dentro desse jogo, o historiador basileense constitui sua leitura pautada em um individualismo histórico que se debruçou sobre uma análise da vida social refinada e aristocrática de uma Itália dos séculos XV e XVI, período representado como época de ouro para a cultura, a qual se sobrepôs às concepções do Estado, e para a arte individualmente estética, que se expandiu pelo continente, tomando um caráter europeu.<sup>167</sup>

Não obstante, Burckhardt ressaltaria sua consciência de que a audácia dos valores humanistas e a moralidade cristã dos artistas, muitas vezes vistos como heréticos, estavam intimamente ligadas à corrupção e às incertezas que assolavam o princípio dos tempos modernos, momento no qual o próprio Renascimento deflagrou sua originalidade e espontaneidade.<sup>168</sup>

O italiano ainda afirmou que, para J. Burckhardt, o Renascimento e a Reforma se posicionaram como movimentos espirituais distintos e heterogêneos que podiam se tocar em certos momentos. Além disso, apesar de enxergar o Renascimento como um

---

<sup>165</sup> Idem, p. 420-425.

<sup>166</sup> Idem, p. 420-425.

<sup>167</sup> Idem, p. 427- 428.

<sup>168</sup> Idem, p. 428 – 429.

movimento pagão, defendeu o seu caráter inovador, combatendo as leituras que descreviam o período renascentista como mero retorno mimético à antiguidade.<sup>169</sup>

Seguindo as abordagens do artigo, Delio Cantimori chamou atenção para as reflexões de Friedrich Nietzsche em sua obra, *Humano Demasiado Humano*, na qual o filósofo veio a reforçar a visão positiva do Renascimento e retratou o período como uma fase de expansão do pensamento, desprezo da autoridade, ascensão da ciência, libertação do indivíduo, ardor pela veracidade e perfeição nas suas obras dotadas de uma suprema pureza moral.<sup>170</sup>

O Renascimento, em contraposição aos nacionalismos, é interpretado como um movimento europeu no qual houve a vitória da cultura sobre a obscuridade, gerando uma força positiva de civilização moderna ainda não superada. Uma idade do ouro tomada por personalidades superiores, de energia sobre-humana, na qual se encontrava o primeiro reinado do Anticristo e a primeira aparição do super-homem. Por isso, deveria ser retomada como forma de combate aos fracassos do mundo contemporâneo.<sup>171</sup>

Para F. Nietzsche, a Reforma tomava uma roupagem negativa, sendo considerada a pura realização dos espíritos anacrônicos medievais ingênuos e incapazes de compreender os valores intelectuais. Por desventura, o movimento reformador veio a se tornar vitorioso, cooperando para a instalação de novas trevas e rejeição da potencialidade do homem, bloqueando a penetração do espírito antigo e moderno.<sup>172</sup>

Após trabalhar tais visões estrangeiras, Delio Cantimori se encarregou de direcionar suas leituras para as representações do Renascimento lançadas pelos estudiosos italianos do princípio do século XIX, iniciando pela do nacionalista republicano Giuseppe Mazzini.

Segundo Delio Cantimori, suas concepções relacionadas ao Renascimento e à Reforma estavam imersas nas suas intenções políticas republicanas, as quais buscavam organizar e sintetizar os motivos e atitudes para libertação do povo italiano, seguindo os moldes sugeridos pelo iluminismo e pelo romantismo católico.

Giuseppe Mazzini teria enxergado o Renascimento como uma época de grandes invenções e circulações de ideias que geraram um processo de unificação da civilização italiana e levaram ao progresso *Settecentesco*, mas os avanços artísticos, as descobertas

---

<sup>169</sup> Idem, p. 431.

<sup>170</sup> Idem, p. 431.

<sup>171</sup> Idem, p. 431- 434.

<sup>172</sup> Idem, p. 433.

e as revelações na filosofia e na ciência, potencialmente promotoras da unidade nacional, teriam sido esterilizadas pela tirania que reinava na região.<sup>173</sup>

Outro importante pensador e político do *Risorgimento*, inserido nesse debate historiográfico, foi o federalista Giuseppe Ferrari. Tratando principalmente dos aspectos literários do Renascimento, ressaltou seus antagonismos representados como uma multidão espetacular de poetas, artistas, príncipes, cardeais, escritores, ignorantes e assassinos, os quais tumultuavam o *Cinquecento*.<sup>174</sup>

Tramitando entre exaltação e crítica, G. Ferrari enxergava a Itália como a primeira nação da Europa medieval, unida pelo comércio, riquezas e liberdade, mas cuja divisão dos Estados e associação às causas medievais trouxe a anarquia, freando o desenvolvimento nacional.<sup>175</sup>

Embasado nessas interpretações gerais, G. Ferrari produziu sua leitura sobre a produção intelectual renascentista, a qual não foi classificada como mero retorno ou produção inovadora. Reconheceu a originalidade dos grandes pensadores e cientistas do período, os quais se encontravam independentes e utilizavam as descobertas da antiguidade, poupando-se ao trabalho de desvendar. Mas, em contraposição, ressaltou a existência dos imitadores.<sup>176</sup>

No andamento de seu artigo, Cantimori apresentou seu contato com o pensamento de Vincenzo Gioberti, teólogo defensor de que a História Religiosa pertence à História da Filosofia e de que é dentro desse universo que o Renascimento e a Reforma deveriam ser analisados, sem interpretá-los como movimentos espirituais, ideais ou conceituais, ou mesmo categorias históricas. Segundo tal concepção, ambos apareceriam como fatos e acontecimentos pontuais com importância política, confessional e ideológica.<sup>177</sup>

Nessa perspectiva, o Renascimento é entendido como o evento que originou o mundo moderno, no qual os estudos da antiguidade foram ressuscitados, mas o espírito de independência não foi libertado. Seus filósofos são submetidos a avaliações incertas; num momento, os pensadores são vistos como inovadores, como nos casos de G. Bruno e Campanella, e noutro, classificados como renovadores do platonismo. Sendo assim, Gioberti afirmou que esta posição de repetição e imitação foi uma índole da época, que

---

<sup>173</sup> Idem, p. 438 - 439.

<sup>174</sup> Idem, p. 441.

<sup>175</sup> Idem, p. 442.

<sup>176</sup> Idem, p. 441.

<sup>177</sup> Idem, p. 444.

restituiu os livros clássicos, os atrativos da erudição associada à verdade e às maravilhas dos sistemas antigos.<sup>178</sup>

Finalizando seu resgate historiográfico, Cantimori apresentou as ideias do crítico literário e historiador da literatura, Francesco de Sanctis, que o influenciou diretamente nas suas reflexões sobre o sentido do Renascimento e da Reforma na formação da Europa Moderna.

Como afirmou Delio Cantimori, De Sanctis alicerçou seu pensamento sobre o Renascimento e a Reforma em duas bases: na leitura hegeliana, que enfatiza a força vital da Reforma, e na interpretação burckhardiana do Renascimento como manifestação da seriedade do humanismo adorador da arte pura. Mais próximo de Hegel, movido pelo patriotismo e pela defesa do seu conceito de seriedade moral, De Sanctis seguiu uma via oposta à de F. Nietzsche, enxergando no Renascimento a ruína da Itália.<sup>179</sup>

Delio Cantimori assegurou que, para o estudioso italiano, o movimento renascentista teve um caráter completamente intelectual, fazendo-se uma construção ideal distante do real, incapaz de construir um novo organismo político e social. Ao contrário, a Contrarreforma, com seu lado ideal bem definido, soube colocar em prática suas ambições, sufocando o movimento renascentista que se encontrava fragilizado na sua concreta realização.<sup>180</sup>

Portanto, a Contrarreforma vale para De Sanctis como religião secularizada, com fé operante e ardor real, e como reação à corrupção do Renascimento, que carecia dessas virtudes e se encontrava deficiente no plano de ação concreta na formação da consciência nacional italiana. Com este evento materializado, a religião veio a se tornar um instrumento arbitrário que serviu de subsídio natural ao domínio político despótico.

Segundo Cantimori, o filósofo fez ressalvas em relação aos pensadores renascentistas, elevando as figuras de Campanella, G. Bruno e, principalmente, Maquiavel à condição de espíritos adultos, livres, dotados de seriedade moral para dar maturidade ao espírito nacional italiano ao combater os freios reformadores. Mas a indiferença do povo levou a Itália à servidão em meio à ascensão dos grandes Estados Nacionais que se formavam ao redor.<sup>181</sup>

---

<sup>178</sup> Idem, p. 444- 443.

<sup>179</sup> Idem, p. 454.

<sup>180</sup> Idem, p. 456.

<sup>181</sup> Idem, p. 459.

Dessa maneira, seu artigo *Sulla storia del concetto di Rinascimento* não somente apresentou um rico balanço historiográfico sobre o assunto, como também contextualizou a própria leitura cantimoriana dentro de uma tradição de pensamento debruçada sobre o sentido de modernidade e formação dos Estados Nacionais, insistente no resgate da “acusação de escasso vigor moral que pesa sobre o mundo intelectual italiano do Renascimento”.

Dentro desses debates, Cantimori voltava a sua atenção para os humanistas italianos, heréticos a todas as confissões, perseguidos pela Igreja e portadores da consciência moderna italiana, com seus projetos reformadores das estruturas sociais e mentais. Ideias que tiveram sua essência preservada nos ciclos religiosos mais radicais e que perpassaram o Renascimento, o *Risorgimento* e a Revolução Fascista, desembocando na religiosidade do idealismo atualista.

## **2.7 - Delio Cantimori, Estado Corporativo Ético e o Fascismo europeísta.**

Como afirmamos antes, em 1925, foi implantada uma ditadura unipartidária, na qual havia espaço legal apenas para o Partido Nacional Fascista e seus órgãos representativos do governo italiano.

Aperfeiçoando a implantação desse regime autoritário, em 1928, uma Lei eleitoral foi lançada, concentrando o poder no Grande Conselho do Fascismo, que se tornou o órgão responsável por escolher os candidatos que poderiam concorrer às eleições italianas, após uma primeira filtragem promovida pelas demais instituições representativas fascistas.<sup>182</sup>

Nesse processo de domínio do Estado-Partido, após 1925, surgiram diversas leis que buscaram reprimir a oposição ao fascismo. No campo da comunicação, os mais importantes órgãos da imprensa italiana, como *La Stampa* de Turim e o milanês *Corriere della Sera*, caíram nas mãos fascistas.

Formou-se um rígido tribunal para a defesa do Estado, no qual aqueles que “conspiravam” contra o governo, os antifascistas, eram julgados duramente. Além disso, a “milícia voluntária para a segurança nacional” (MVSN)<sup>183</sup>, que teve origem nos

<sup>182</sup> CHABOD. Op. cit. 1963. p. 108.

<sup>183</sup> A partir da obra de Chabod *L'Italia contemporanea*, vemos que a melhor tradução para o MVSN seria “milícia voluntária para a segurança nacional”, entretanto, a obra traduzida para o português, com o título alterado, *História do Fascismo* [Op. cit. 1963. p. 108] apresentou a tradução como “milícia voluntária para a segurança militar”, trocando precipitadamente a palavra nacional por militar. Cf. *L'Italia contemporanea* (1918-1948). Torino: Giulio Einaudi editore, 1961. p. 80.

“camisas negras”, foi oficializada para conservar os “direitos da revolução”, devendo juramento de fidelidade ao rei, mas sempre submetidas às ordens do *Duce*.<sup>184</sup>

Como afirmou F. Chabod, com esse aparato esmagador, a opinião pública antifascista foi comprimida. Alguns se exilaram, outros foram presos e mortos – como no caso de A. Gramsci – ou exerceram suas atividades na clandestinidade. Salvo um pequeno grupo de Senadores como Francesco Ruffini<sup>185</sup>, Luigi Albertini<sup>186</sup> e, principalmente, Benedetto Croce, que, através da direção da revista de filosofia, história e literatura *La Critica*, continuou a exprimir publicamente seus ideais de liberdade e oposição ao fascismo, mas com uma linguagem voltada para questões culturais que mascarava o viés político.<sup>187</sup>

Nesse mesmo contexto, o governo italiano apresentou um projeto corporativista de organização do trabalho, evento que despertou a esperança de diversos grupos sociais em relação ao regime fascista.

Em um decreto de primeiro de julho de 1926, pela primeira vez o termo corporação apareceu oficialmente, mas o alicerce do Estado Corporativo foi apresentado em vinte e um de abril de 1927, com a promulgação da *Carta del Lavoro*<sup>188</sup> que proclamou:

O trabalho (...) é um dever social. A este título, e só a esse título, é tutelado pelo Estado. O complexo da produção é unitário, do ponto de vista nacional; os seus objetivos são unitários e resumem-se no bem-estar dos indivíduos e no desenvolvimento do poderio nacional. (art 2º)<sup>189</sup>

Como ressaltou F. Chabod, o “bem-estar dos indivíduos” e o “desenvolvimento do poderio nacional” andavam de mãos dadas, como consequência da intenção de atrelar o campo econômico ao Estado, para contrapor os ideais liberais,<sup>190</sup> que, em voga antes da Grande Guerra e após o seu fim, não controlaram a crise econômica e despertaram a insatisfação de diversos setores da sociedade italiana.

---

<sup>184</sup> Idem, p. 109 e 110.

<sup>185</sup> Francesco Ruffini foi jurista e político e um dos poucos professores universitários que se recusaram fazer o juramento ao regime fascista, sendo demitido. No campo intelectual estudou o direito canônico na Itália.

<sup>186</sup> Luigi Albertini foi um político e jornalista, diretor do *Corriere della sera*, que fez parte do Manifesto dos intelectuais antifascistas, em 1925, promovido por B. Croce. Após declarar sua oposição ao regime, Albertini perdeu a propriedade do seu jornal.

<sup>187</sup> Idem, p. 112 e 113.

<sup>188</sup> Votada pelo Grande Conselho Fascista, em vinte e um de abril de 1927, a *Carta del Lavoro* compôs um dos primeiros passos para a implantação do Estado corporativo, depois das leis sobre a disciplina jurídica das relações coletivas de trabalho (1926) e das instituições do ministério das corporações (1926).

<sup>189</sup> Idem, p. 118.

<sup>190</sup> Idem, p. 118 e 119.

O mesmo historiador fez uma importante alusão ao período da guerra, no qual, devido às exigências bélicas, o sistema econômico esteve sob a tutela do governo, que organizou e disciplinou suas comissões para a colheita e distribuição de alimentos. Esta experiência fortaleceu a ideia de recorrer ao Estado para fugir das dificuldades materiais, dando credibilidade para o combate ao *laissez faire* e à intervenção estatal na economia.<sup>191</sup>

Sendo assim, perante a crise do liberalismo, o discurso fascista de atrelar a economia e os trabalhadores ao Estado através das corporações se reforçou e foi bem recebido por boa parte da intelectualidade italiana e, em específico, por Delio Cantimori.

O projeto fascista corporativo começou a representar, para muitos, a “terceira via fascista”, uma nova fórmula político-econômica que sintetizou as características e superou os inconvenientes dos modelos produtivos socialista e capitalista.<sup>192</sup>

Segundo Chabod, entre 1931 e 1935, o sistema corporativista chamou a atenção de grupos que enxergaram nele o caminho para retirá-los da opressão do regime autoritário instalado, já que o debate sobre este tema gozou de uma liberdade privilegiada nos meios universitários, abrindo-se até mesmo para uma tendência de leituras fascistas que se aproximaram da esquerda ao levantarem suas bandeiras contra o capitalismo.<sup>193</sup>

Fruto da sua *Bildung* cultural e política ligada às suas leituras escolares e à educação republicana mazziniana, agora organizada dentro dos preceitos teóricos atualistas gentilianos, em meados da década de 1920, o jovem Cantimori constituiu seu ideal de Fascismo como forma de religiosidade não confessional, que teria superado o catolicismo e traduzido, no universo político, a moral e a nova ética que deram base para a verdadeira revolução civil italiana.

Dentro desse âmbito de pensamento, o estudante romagnolo acreditava que o Partido Nacional Fascista seria a instituição capaz de promover a verdadeira revolução republicana e sindicalista de caráter europeu, integrando as massas ao Estado, através da ação intelectual e política dos representantes do governo no esforço de formação do cidadão italiano.<sup>194</sup>

---

<sup>191</sup> Idem, p. 120.

<sup>192</sup> CHIANTERA-STUTTE. Op. cit, 2011. p. 20.

<sup>193</sup> CHABOD. Op. cit. 1963. p. 122 e 123.

<sup>194</sup> PERTICI. Op. cit. 1997. p 40-50. MICCOLI. Op. cit. 1970. p. 22.

Entretanto, a concepção de religiosidade laica da política de Estado fascista, formada por Cantimori, foi abalada no findar dos anos 20, quando Benito Mussolini promoveu a Concordata entre Estado e Igreja Católica e promulgou o Tratado de Latrão, reafirmando os valores católicos e arruinando – aos olhos de Cantimori – a sacralidade do regime fascista idealista atualista não confessional.

Dessa maneira, para o jovem intelectual, esses episódios representavam a vitória dos nacionalistas reacionários católicos sobre o fascismo, que perdia o poder de se transformar na nova visão religiosa baseada nos valores humanistas modernos do *Risorgimento*, levando os projetos de construção de uma realidade social defendido por G. Gentile à uma relativa marginalidade e decepcionando profundamente muitos dos seus discípulos, entre eles Cantimori.<sup>195</sup>

Desiludido com a tomada de posição do regime fascista, o estudante romagnolo viu como saída a aproximação das correntes heterodoxas inclinadas à defesa do Estado Ético Corporativo – que ganhava espaço nos debates intelectuais naquele contexto – com sua natureza revolucionária antiburguesa ainda bem próxima às reflexões atualistas gentilianas.<sup>196</sup>

Naquele momento, um dos principais ideólogos do fascismo, o gentiliano Giuseppe Bottai<sup>197</sup>, se tornou ministro das Corporações. Representante fascista romano, Bottai foi um dos principais redatores da *Carta del Lavoro* e também se destacou pela fundação da revista *Critica Fascista*<sup>198</sup>, na qual saiu em defesa do Estado ético corporativo como valor moral e instrumento formador do cidadão subordinado à nação e consciente de sua participação na comunidade política.<sup>199</sup>

Nesse momento, o novo ministro renovou e fortaleceu o debate sobre o corporativismo na Itália, fundando, em 1930, o Arquivo de Estudos Corporativos e a

---

<sup>195</sup> Cf. PERTICI. Idem, p. 40-50.

<sup>196</sup> CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. p 21.

<sup>197</sup> Giuseppe Bottai defendia a concepção gentiliana de *Risorgimento* como revolução espiritual interrompida, vendo no fascismo a missão de cumprir esse movimento histórico. Foi um dos principais idealizadores do Corporativismo, não somente como instrumento para harmonizar as classes sociais, mas como organização totalitária capaz de atingir uma nova fase de vida social, se sobrepondo aos preceitos capitalistas até anulá-los. Assim, o corporativismo se posicionava como a “terceira via” que deveria superar tanto o liberalismo como o comunismo. DI NUCCI, Loreto. In: *Dizionario del Fascismo*. Torino: Giulio Einaudi editore, 2002. p. 194-197.

<sup>198</sup> *Critica Fascista* foi um periódico criado por Bottai com o objetivo de criar uma nova classe política inspirada no fascismo, principalmente daqueles que viriam se amadurecendo dentro do regime implantado. Nela seus escritores debateram 4 temas principais: a natureza do PNF, o sistema corporativo, a relação entre fascismo e arte e a formação dos jovens. Ver: DE GRAND, Alexander J. *Dizionario del Fascismo*. Op. cit. 2002. p. 373 e 374.

<sup>199</sup> PERTICI. Op. cit. 1997. p. 56.

Escola de Ciência Corporativa, os quais foram levados para Pisa. Ele também atuou na reforma do Conselho Nacional das Corporações.<sup>200</sup>

Mais especificamente, no campo da ciência econômica, em meio ao descrédito do modelo liberal, Delio Cantimori deparou-se com as ideias do filósofo Ugo Spirito<sup>201</sup>, que, naquele contexto, se empenhava na tentativa de promover uma contestação do paradigma científico oficial, identificando, no modelo corporativo fascista, a base de renovação da ciência econômica, a qual, diante da crise da Europa, estava aberta para debates.<sup>202</sup>

Segundo Ostenc, entre esses dois pensadores gentilianos, o jovem estudante teve um interesse particular pelos escritos de Ugo Spirito e por sua proposta de “corporação proprietária”, na qual defendeu a propriedade dos meios de produção às corporações para fundir capital e trabalho e realizar uma completa identificação entre indivíduo e Estado.

Mesmo sendo alvo de críticas dos fascistas, nacionalistas, industriais e conservadores, que o acusaram de bolchevismo, e da esquerda, que o classificou como utópico, Spirito foi considerado por Cantimori o último defensor do corporativismo, e sua tese, a mais coerente entre as visões voltadas para a temática.<sup>203</sup>

Portanto, agora próximo do ideal de Estado Ético Corporativo e sensível ao fortalecimento de novos atores políticos que vinham ganhando voz dentro do regime fascista, Delio Cantimori se levantou contra as correntes reacionárias próximas às interpretações neoguelfas e contrárias à revolução anticlerical do *Risorgimento*, que se declaravam aderentes ao fascismo.

Como ponto de partida, o jovem intelectual veio a reforçar o perfil inovador do fascismo como movimento de ação e de não reação, como queriam os reacionários. Por

---

<sup>200</sup> Idem.

<sup>201</sup> Ugo Spirito foi formado em ambiente positivista, até que se tornou discípulo de G. Gentile, em 1918, e se aproximou, em 1924, a Bottai colaborando na *Critica Fascista*. PARLATO, Giuseppe. *Dizionario del Fascismo*. Op. cit. 2002. p. 660.

<sup>202</sup> PERTICI, op. cit. 1997. p. 56

<sup>203</sup> PARLATO, Giuseppe. *Dizionario del Fascismo*. Op. cit. p. 660. Ostenc ressaltou a incerteza sobre a adesão do jovem italiano à proposta de corporação proprietária, porém assegurou que Cantimori concordava com sua crítica à ciência econômica alicerçada ao abstrato formalismo, individualismo, liberalismo e à clássica teoria do *homo economicus*. Dessa maneira, o anticapitalismo cantimoriano encontrou no pensamento de Spirito um paradigma que combatia o modelo científico baseado nos preceitos liberais. Entretanto, segundo Ostenc, apesar do interesse de Cantimori sobre o assunto, a problemática corporativa nunca construiu uma teoria pautada em reflexões analíticas significativamente concretas, não participando pessoalmente dos principais debates ocorridos na década de 30, a qual o próprio estudioso italiano afirmou ser o grande momento do corporativismo. OSTENC, Michel. *Cantimori e l'idealismo gentiliano*. In: *Delio Cantimori e la cultura politica del novecento*. Op. cit. 2009. p 26 e27.

isso, segundo Cantimori, o comportamento desses reacionários em se declararem revolucionários se apresentava como um subterfúgio para se inserirem no regime e conservarem-se no poder.<sup>204</sup>

é claro que eles assumem a veste revolucionária por pura demagogia, ou, se querem, por razão didática ou propagandista, bem conscientes do seu verdadeiro caráter e das suas verdadeiras intenções. Se nós nos aproximarmos um pouco, descobrimos que os seus propósitos vão da repressão pura e simples daquilo que os verdadeiros revolucionários conquistaram faticosamente à restauração, da monarquia absoluta dos lírios de ouro ou da tradição do Sacro Romano Império de Nação alemã ou da Europa católica daqueles belos tempos sonhados por Novalis, e assim por diante.<sup>205</sup>

Dessa maneira, Cantimori acreditava que o Estado Corporativo e a Revolução fascista seriam os atores históricos capazes de eliminar os ideais e as atitudes conservadoras tendenciosas e de implantar uma nova era na história política italiana e europeia. Seriam os arautos de uma verdadeira solução para o problema do Estado Moderno, o qual não fora superado antes, nem mesmo pelo desenrolar da Revolução Francesa.<sup>206</sup>

O intelectual italiano ainda fez alvo as interpretações dos “concordatários” sobre a revolução fascista, que teria como base a negação dos ideais políticos do *Risorgimento* italiano, o que, no entender de Cantimori, soaria como um evento desafortunado para o processo de desenvolvimento do verdadeiro fascismo baseado no cumprimento dos preceitos políticos mazzinianos.<sup>207</sup>

Revolução e revolução do povo – disse e repetiu a tempo o *Duce* – e não de pseudoaristocratas ou de cavaleiros de capa e espada. Revolução, isto é ação profundamente marcada no presente, viva de todas as exigências do momento atual, e não lembrança dos resíduos de um passado longínquo.

E revolução moderna, revolução do povo, revolução verdadeira significa revolução de caráter europeu e universal. Também aqui retorna de forma perigosíssima o equívoco que queria fazer do Fascismo uma reação e queria renegar o *Risorgimento* italiano, que foi verdadeira e profundamente europeu.<sup>208</sup>

---

<sup>204</sup> CANTIMORI. Delio. Fascismo, nazionalismi e reazioni. Vita Nova, VII, 1931. P 3-6. In: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 82 e 83.

<sup>205</sup> Idem, p. 83.

<sup>206</sup> Idem, p. 83 e 85.

<sup>207</sup> CANTIMORI. Delio. Fascismo, rivoluzione e non reazione europea. Vita Nova, VII, 1931. P 759-763. In: Idem, p. 112-114.

<sup>208</sup> Idem, p. 115.

Segundo Cantimori, diferentemente do projeto fascista universalista de cunho mazziniano, os reacionários pensavam em uma futura Europa unida, mas como uma espécie de renovação da Santa Aliança. Entretanto, para o estudioso italiano, o *Duce* não era um general reacionário, mas, sim, o líder responsável por realizar a Revolução nacional iniciada com o *Risorgimento*, o qual teve como adversários históricos exatamente a Santa Aliança e a Restauração.<sup>209</sup>

Os preceitos universalistas do *Risorgimento* italiano, em especial, as ideias mazzinianas de revolução republicana europeia, também impulsionaram Cantimori a uma concepção europeísta de fascismo.

Como V. Gioberti e Mazzini, o intelectual entendia a nação, a cultura nacional e a história universal em uma relação de interdependência. Na trama entre a história universal e a história nacional, o jovem buscou identificar o contributo específico italiano à história europeia, segundo o qual as nações e os estados não são átomos que poderiam viver isolados, desinteressando-se uns dos outros.<sup>210</sup>

Dessa maneira, Cantimori não tardou a entrar num debate sobre a relação entre Itália, Europa contemporânea e Sociedade das Nações, com a revista conservadora alemã – sua principal referência em relação aos acontecimentos políticos alemães – *Europäische Revue*, dirigida pelo príncipe Rohan.<sup>211</sup>

Em seus escritos, o jovem estudioso romagnolo apresentou sua insatisfação com o pensamento de centralização das lideranças europeias em três potências, Alemanha, França e Inglaterra, defendendo a necessidade fundamental da abertura de espaço para a Itália nos debates sobre a crítica situação do continente.<sup>212</sup>

O intelectual reforçava a importância da inserção da Itália nas questões continentais, pela sua histórica liderança política nas três unificações do continente – a primeira com Roma, a segunda com o Papado e a terceira com a cultura do Renascimento<sup>213</sup> – e pela a atual condição exemplar na qual o fascismo se encontrava em meio aos problemas socioeconômicos europeus, já que, em sua visão, “(...) aquilo

---

<sup>209</sup> Idem, p. 116.

<sup>210</sup> CANTIMORI, Delio. *Questioni del giorno: L'Italia e l'Europa*. Vita Nova, V, 1929. P 343-344. In: Idem, p. 59 e 60. Cf. CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. p. 23

<sup>211</sup> O intelectual alemão Prinz von Rohan enxergava o Fascismo como um movimento político que combinou aspectos revolucionários e conservadores: a aspiração de uma nova ordem mundial mesclada à retomada dos valores tradicionais da nação. Cf. D'ELIA. Op. cit. 2007. p. 40.

<sup>212</sup> CANTIMORI, Delio. *Questioni del giorno: Osservazioni sulla Società delle Nazioni*. Vita Nova, IV, 1928, p. 970-971. In: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 55.

<sup>213</sup> Idem, p. 65.

que a Itália realiza não é só experimento, mas também ensinamento para as outras Nações”.<sup>214</sup>

Seguindo esta linha de pensamento, Delio Cantimori ressaltou a importância de entender o fascismo e seu pensamento filosófico dando-lhe o status de cume de um processo histórico de porte ocidental, a “terceira via” que encontrou o caminho para a restauração da harmonia continental através do equilíbrio dos Estados e dos ideais criados por aquela civilização, superando o projeto liberal democrático e o comunista.<sup>215</sup>

Dentro dessas discussões europeístas, Delio Cantimori também despontou como um dos intelectuais italianos mais atentos às mudanças do universo político alemão, escrevendo um grupo de textos, no periódico *Vita Nova*, que se direcionava para o complexo movimento neoconservador alemão.

## 2.8 - O jovem Delio Cantimori e seus primeiros contatos com a cultura política do mundo alemão.

Composto por integrantes unidos em prol de uma maior consciência nacional e pela hostilidade às decisões de Versalhes e aos princípios liberais-democráticos da República de Weimar, os conservadores alemães ao mesmo tempo lançavam propagandas nacionalistas pangermanistas e antissemitas e se voltavam com simpatia para o fascismo italiano e os projetos organizativos de uma sociedade corporativista.<sup>216</sup>

Em busca de entender melhor as ideais que impulsionavam aquela nova entidade política na cena europeia, o estudante italiano buscou informações através das revistas conservadoras “ ‘*Europäische Hefte*’ de Amburgo; da revista geopolítica de Haushofer, do semanal conservador alemão “*Der Ring*” (...) “*Neue Schweizer Rundschau*” de M. Rychner”,<sup>217</sup> tendo como principal referência a “*Europäische Revue*” do Príncipe Rohan, com quem promoveu um diálogo importante sobre o europeísmo fascista.<sup>218</sup>

<sup>214</sup> Idem, p. 59.

<sup>215</sup> PERTICI. Op. cit. 1997. p. 37-61.

<sup>216</sup> Idem, p. p 27. Cf. PETERSEN, Jens. Studi storici. Op. cit. 1993. p. 821 e 822.

<sup>217</sup> Carta à revista Itinerari XV, n 58, junho de 1962. In: CANTIMORI. Op. cit. 1967. p. 137.

<sup>218</sup> D’ELIA. Op. cit. 2007. p 40. Segundo Petersen, Cantimori não conhecia ou não se interessava por revistas de esquerda como *Weltbühne* de Carl von Ossietzky e Kurt Tucholsky, *Tagebuch* de Leopold Schwarzschild, *Sozialistische Monatshefte* de Rudolf Hilferding, *Aktion* de Franz Pfempfert, e o *Institut für Sozialforschung* de Frankfurt de Horkheimer, Adorno, Pollock, Benjamim, e a *Berliner Hochschuler für Politik*. Nem mesmo os periódicos weimarianos o chamaram atenção como *Berliner Tageblatt*, *Frankfurter Zeitung*, *Vossische Zeitung*, *Kölner Zeitung*, que a seu ver representavam o velho mundo do liberalismo e do parlamentarismo e seus partidos. PETERSEN. Op. cit. p. 821.

De cunho conservador europeísta, esta revista foi fundada em 1925, sob uma concepção de nação como entidade substancialmente imersa na comunidade europeia, constituída através da consciência histórica e da civilização.

Segundo Cantimori, seu diretor, o Prinz Rohan, tratava realisticamente os pontos mais vivos na política internacional, permitindo enxergar como o espírito fascista correspondia ao novo espírito da juventude europeia, e compartilhava de perspectivas defendidas por líderes fascistas como Bottai e Grandi.<sup>219</sup>

Em consonância com o conservador alemão, o estudioso italiano citava suas palavras:

O sentido da vida das novas gerações é religioso e social. O seu nacionalismo é coletivista como o seu socialismo. Para uma solução desesperada na qual se encontra a Europa moderna, necessita ver em qual ponto os dois mitos Nação e Classe entram em colisão; ali podemos conquistar (...) o século XX. Desse ponto se deve partir para realizar na política a ideia corporativa, na política externa a ideia de uma ampla colaboração internacional. A nova consciência social pode criar uma forma de sociedade orgânica articulada, na qual o individuo permaneça fundamentalmente livre, mas ao mesmo tempo surgiam ligações que poderiam resolver criativamente, de uma parte, a luta de classes, da outra, os conflitos internacionais.<sup>220</sup>

Em diálogo com projetos europeístas como o do Prinz Rohan, Delio Cantimori reforçava suas analogias entre a situação política atual e a experiência renascentista e do *Risorgimento* italiano, defendendo a tolerância como modo de agir perante os homens de outra fé ou religiosidade.<sup>221</sup>

Na sua visão, seria a tolerância o instrumento fundamental para remover as divergências entre as nações e as classes na Europa e se opor às resoluções defendidas pela Sociedade das Nações, mantenedora do Tratado de Versalhes e dos interesses particulares de poucas nações. Em acordo com esta perspectiva, o modelo corporativo italiano se posicionava, para Cantimori, como o mais preparado para guiar a Europa contra o racismo e o nacionalismo agressivo pangermanista.

---

<sup>219</sup> CANTIMORI, Delio. *Recensione di Karl Anton Prinz Rohan, Umbruch der Zeit (1923-1930)*, Stilke, Berlin, 1930. Vita Nova, VII, 1931, p. 155-156. in: CANTIMORI. Op. cit. 1991 p. 89. O conservador defendia uma Europa unida, embora acreditasse que para constituir um objetivo semelhante entre as nações europeias seria necessária a afirmação dos regimes autoritários, naquele momento em que a função histórica do liberalismo teria chegado ao fim, após o advento da I Guerra. Assim, uma nova era foi aberta com os recentes movimentos fascista e bolchevista. Cf. D'ELIA. Op. cit. p. 40. HOEPKE, Klaus-Peter. *La destra tedesca e il fascismo*. Bologna: Società editrice Mulino, 1971. p. 41-62.

<sup>220</sup> CANTIMORI. Idem, 1991. p. 88.

<sup>221</sup> CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. 2007. p. 31 e 32.

Segundo Cantimori, apesar de a Grande Guerra ter gerado o desaparecimento do individualismo alemão, para vivenciar o sentido das próprias vidas como parte da nação,<sup>222</sup> ela também deixou como herança negativa o pangermanismo.

Esta propaganda racista, originalmente francesa – criação dos teóricos da eugenia como Gobineau e Lapouge<sup>223</sup> –, teria atingido grande parte dos países europeus, tendo forte aceitação na Alemanha, onde impulsionou um grande esforço na construção de um projeto que permitisse exaltar a estirpe, a raça e as eternas qualidades do seu povo, em dissonância com o continente.<sup>224</sup>

Sendo assim, aos olhos de Cantimori, o pangermanismo seria um fator de degeneração da vida espiritual alemã e a Itália deveria permanecer sempre atenta na defesa do ideal fascista europeísta.

Somos muito seguros de nós, da nossa cultura, da nossa civilização para ter que estar sempre em guarda e em espanto perante os pangermanismos ou francofilias e assim por diante, e para temer de vir em mais estreito contato com a vida dos outros povos. Sabemos que a atenção e a circunspeção e a prudência não são nunca demais, mas estes não devem se tornar preconceitos sobre os povos, sobre as nações, preconceitos que servem aos outros para escavar fossas ao longo das fronteiras, para elevar muros que isolam, que impedem de ver, que impedem de viver no mundo, enquanto no mundo, não mais em “casa”, nós queremos e devemos viver, para obedecer ao comando do *Duce*.<sup>225</sup>

Junto ao pangermanismo, Cantimori ressaltou também a forte presença negativa do sentimento antissemita nesse movimento conservador alemão. Almejando se tornarem os arautos do “genuíno espírito alemão”, parte desses nacionalistas lutavam contra a figura judaica, vista como inimiga da nação e da religião alemã original, sendo o “pai do espírito unitário, abstratamente universalista, maçônico-democrático”.<sup>226</sup>

(...) o grande inimigo dessa gente são os hebreus, pais naturais do *livre pensamento*, e assim hostis à genuinidade do sentimento religioso desse povo, que, depois da derrota [na I Guerra], sente, na

<sup>222</sup> CANTIMORI, Delio. *Germania Giovane: Concenzione dello Stato*. Vita Nova, IV, 1928, p. 563-564. In: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 42.

<sup>223</sup> CANTIMORI, Delio. *Germania Giovane: Problemi culturali*. Vita Nova, IV, 1928, p. 179-181. In: CANTIMORI, Idem, p. 34.

<sup>224</sup> Idem, p. 35.

<sup>225</sup> CANTIMORI, Delio. *Germania Giovane: Conservadorismo*. Vita Nova, IV, 1928, p. 292-293. In: CANTIMORI, Idem, p. 39.

<sup>226</sup> CANTIMORI, Delio. *Confessione e libero pensiero in Italia e in Germania*. Vita Nova, III, 1927, p. 598-599. CANTIMORI, Idem, p. 27 e 28. D'ELIA. Op. cit. 2007. p. 33.

sua parte mais elevada, que só com uma alma profundamente religiosa poderá se restituir a nova grandeza.<sup>227</sup>

Como o jovem intelectual apresentou, o antissemitismo alemão vinha das execuções de judeus durante a Idade Média em toda a Europa, passando pela resistência à defesa de Melancton em relação aos livros judeus, e à manutenção da opressão desse povo até a metade do século XIX, quando as leis antissemitas começaram a ser abolidas, gerando uma maior inserção dos judeus na sociedade alemã no início do século XX, quando teriam se tornado a “parte mais empreendedora, mais ativa, e então mais rica, potente e brilhante”.<sup>228</sup>

Na interpretação de Cantimori, entre o negativo propagar de ideais racistas, os conservadores alemães também faziam disseminar sua mentalidade positiva e arraigada na crença da sucessão de gerações a serviço de um único pensamento: a nação no construir das suas histórias. Eles viam que “enquanto homens nascidos em um dado tempo, nós devemos sempre e somente prosseguir aquilo que outros começaram” e que não deveriam interromper este processo.<sup>229</sup>

Remoendo a perda da grandeza de sua nação no pós-guerra, esses intelectuais alemães buscavam respostas no campo religioso para confortar o povo e impulsionar a Alemanha em direção ao renascer do progresso.

Acusavam Hegel, Fichte e Treitschke de liberalismo ou progressismo e defendiam nomes como Novalis, Arnin, Görres, U. Brentano, os místicos românticos, A. Müller e, principalmente, F. Schlegel, que viam na disciplina e na hierarquia jesuítas os meios de salvação da Alemanha contra as desagregadoras ideias cosmopolitas, progressistas e liberais importadas do movimento revolucionário napoleônico.<sup>230</sup>

No juízo cantimoriano, o filósofo romântico Schlegel seria o alicerce do pensamento conservador alemão, com sua defesa do Estado teocrático monarquista e da legitimação da Santa Aliança, vendo na fé religiosa a verdadeira força do Estado.

---

<sup>227</sup> Idem, p. 28.

<sup>228</sup> Perante essa situação, mesmo sendo um opositor ao racismo, na leitura idealista e antiliberal de Cantimori os alemães teriam suas razões históricas e econômicas para a construção desse ideal racista antissemita. A imigração dos setores inferiores da sociedade israelita, a infiltração dos seus costumes e mentalidade, vistos como corruptores, os danos gerados aos sistemas de classe, casta e raça e o perigo que constituía o empreendedorismo judeu forneceriam uma ideia de como os alemães se sentiam em relação à presença desse povo em seu país e da ausência dos judeus entre os jovens nacionalistas, que os associavam aos preceitos democráticos maçons de caráter utópico universalista. Cf. D’ELIA. Op. cit. 2007. p. 30 e 31.

<sup>229</sup> CANTIMORI, Delio. *Germania Giovane: Conservadorismo*. Op. cit. 1928. In: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 39 e 40.

<sup>230</sup> Idem, p. 38 e 39.

Ressaltava também a diferença entre os velhos e os jovens conservadores, que queriam a renovação da sua nação por dentro, sem nenhuma força exterior ou artificiosa sobreposição de antigos e novos mundos de ideais do passado sobre aqueles presentes.<sup>231</sup>

Os antigos conservadores, que dividiam espaço com os liberais no governo da República de Weimar, após a Grande Guerra, com o intuito de defender a manutenção das instituições e atitudes históricas, se tornaram alvos das críticas de Cantimori.<sup>232</sup>

Segundo o estudioso romagnolo, com a ruína das instituições estatais, pela guerra e pela revolução, o Estado teria seu valor diminuído à expressão de fatores econômicos e jurídicos, tornando-se instituição acessória, de caráter administrativo desnecessário para a formação da nação e racista ao exercer uma “tola exaltação das qualidades e acusação dos defeitos dos povos”.<sup>233</sup>

Na visão de Cantimori, dentro desse exercício de combate dos velhos parlamentares e seus partidos, os jovens se voltavam para o fascismo – especialmente no período de sua formação – como método de ação para implantação de um nacionalismo em ato, afirmação prática e real da vida nacional.

Dessa maneira, o primordial seria a promoção de uma rebelião da juventude em relação a todos os partidos enquadrados em programas parciais e unilaterais, entrando em contato com o povo para que este tenha fé na nação, em detrimento das democracias decadentes. Assim, Cantimori via no projeto dos jovens conservadores a construção do renascimento nacional alemão.<sup>234</sup>

Entretanto, o desenrolar da década de 1930 foi de vital importância para a inflexão do estudioso italiano tanto no campo político quanto no intelectual. Suas experiências de pesquisas europeias em busca dos hereges, seus contatos com novas leituras e ambientes intelectuais e políticos se misturavam com as modificações dos planos do governo fascista, com a decadência da fé no corporativismo e o desprestígio popular em relação ao regime, o projeto expansionista italiano, o desenrolar histórico alemão e a influência da Alemanha nazista sobre a Itália e a promulgação das leis raciais. Este conjunto de questões paulatinamente levou Cantimori a promover

---

<sup>231</sup> CANTIMORI, Delio. *La politica reazionaria di Federico Schlegel*. Vita Nova, V, 1929, p. 405-406. CANTIMORI, Idem, p. 64.

<sup>232</sup> CANTIMORI, Delio. *Germania giovane: Concezione dello Stato*. Vita Nova, IV, 1928, p. 563-564. CANTIMORI, Idem, p. 46.

<sup>233</sup> Idem, p. 43.

<sup>234</sup> CANTIMORI, Delio. *Germania giovane: Nazionalismo extraparlamentare*. Vita Nova, IV, 1928, p. 743-744. CANTIMORI, Idem, p. 48 e 49.

mudanças tanto na área metodológica dos seus estudos históricos quanto no campo interpretativo da política.<sup>235</sup>

---

<sup>235</sup>CHABOD. Op. cit. 1963. Pág. 127-141.

### **3 Os estudos dos hereges italianos do Cinquecento: do paradigma filosófico idealista ao “método histórico positivo”.**

#### **3.1. A tolerância helvética e o problema de consciência italiana nos hereges do Cinquecento: uma reflexão sobre a formação da reforma em Basileia e Zurique.**

Após terminar seu curso de História da Filosofia na *Università di Pisa*, Delio Cantimori paralelamente fez seu aperfeiçoamento na *Scuola Normale*, com a discussão do seu artigo *Sulla storia del concetto di Rinascimento* e seu trabalho de conclusão do curso de *Lettere* sobre literatura alemã *L’“Agnes Bernauer” di Friedrich Hebbel e la rappresentazione romantica dello stato*.

Finalizadas essas atividades, Cantimori obteve a habilitação em Filosofia e História do *Ministero della Pubblica Istruzione*, o que lhe possibilitou lecionar direito, geografia, economia e política nas instituições de ensino médio.

Logo depois, passou no concurso para a Cátedra de História, Filosofia e Direito Corporativo das escolas médias superiores, iniciando sua carreira de professor no *Liceo Classico Dettóri di Cagliari*,<sup>236</sup> onde permaneceu por dois anos letivos, transferindo-se para o *Liceo Classico Ugo Foscolo di Pavia*.

Manteve-se nessa última instituição apenas por cerca de um semestre, pois obteve uma bolsa de estudos no exterior, o que lhe rendera a oportunidade de pesquisar e frequentar cursos em Basileia, entre dezembro de 1931 e julho de 1932.

O jovem pesquisador seguiu em direção à cidade suíça, em busca de explorar os caminhos tortuosos e complexos dos radicais religiosos italianos, alvos de perseguições no século XVI, que, na sua visão, levavam consigo as ideias primordiais que embasaram a concepção moderna de sociedade europeia.

Durante suas pesquisas, o interesse pelo mundo herético helvético não se limitou a Basileia. Em julho de 1933, uma nova oportunidade de obtenção de uma bolsa de estudos se abriu, e o intelectual romagnolo aprofundou suas investigações por diversas cidades europeias nas quais o espiritualismo humanista italiano se fez presente, tendo Zurique como um dos postos mais importantes dessa nova jornada.

Naqueles anos, muitos dos pesquisadores italianos interessados pelo Renascimento, pela Reforma e os movimentos heréticos, se ocupavam com o estudo de Genebra, onde o Calvinismo se consolidou como líder reformador, promoveu o rompimento completo com a Igreja Católica e acolheu os exilados italianos que deram

---

<sup>236</sup> Documentos pessoais do Arquivo Cantimori – *Scuola Normale Superiore di Pisa*.

as costas para a Itália e aderiram à reforma confessional calvinista, como, por exemplo, o caso de Galeazzo Caracciolo, o marquês de Vico, que tanto chamara atenção de Benedetto Croce.<sup>237</sup>

Entretanto, para Cantimori, a história dos italianos em Genebra teve um viés diverso. Foi caracterizada por uma emigração familiar com o objetivo de constituir famílias, girando principalmente dentro do ciclo dos *lucchesi* e desenvolvendo-se sob a marca da adesão à confissão calvinista, com o intuito de obtenção da cidadania.

Assim, apesar da passagem de importantes personalidades religiosas ligadas ao universo espiritual herético italiano, como Giovanni Giorgio Biandrata<sup>238</sup>, Gribaldi<sup>239</sup>, Valentino Gentile<sup>240</sup>, B. Ochino e Lelio Sozzini<sup>241</sup>, todos foram rejeitados com infâmias pela visão da rígida ortodoxia calvinista, devido a suas ideias teológicas radicais.<sup>242</sup>

Não obstante, permeado pela problemática particular de interpretação histórico-política e convicto das reformas políticas e morais fascistas, Cantimori preferiu enveredar pelo caminho dos hereges que continuaram a refletir sobre os problemas religiosos e políticos da Itália, imunes à assimilação das Reformas confessionais estrangeiras e portadores, a seu ver, de uma nova mentalidade, defensora de valores morais elevados ligados aos preceitos fundamentais da modernidade.<sup>243</sup>

Mediante essa veia de reflexão, o jovem pesquisador italiano iniciava seus estudos na cidade de Basileia e sua Universidade, onde se formaram as mais fluídas fronteiras de convívio herético nos círculos religiosos heterodoxos, em boa parte, formados pelos perseguidos religiosos italianos, que deixaram ali fortes indícios das suas práticas espirituais e leituras teológicas.

Na Idade Moderna, Basileia era uma cidade-estado mantida com substancial autonomia política. Fazendo parte de uma das rotas comerciais mais importantes do continente europeu, aprendeu a viver com uma combinação paradoxal de

<sup>237</sup> PROSPERI. Op. cit. 1992. p. XIX.

<sup>238</sup> Biantra (1516-1588) foi um médico italiano antitrinitário que ao passar por Genebra entrou em um conflito teológico com Calvino, no qual foi impulsionado a retornar para a Polônia, onde organizou um centro antitrinitário.

<sup>239</sup> Matteo Gribaldi Mòfa foi jurista e professor em Padova, onde aderiu o calvinismo, mas logo depois se aproximou das ideias antitrinitárias do grupo de Biantra.

<sup>240</sup> Valentino Gentile foi um reformador eclesiástico que fugiu de Genebra para participar do ciclo de Biantra e Gribaldi, tomando posições antitrinitárias opostas ao calvinismo.

<sup>241</sup> Lelio Socini foi um teólogo idealizador das crenças antitrinitárias dos socinianos, que entraram em conflito não somente com os preceitos católicos, mas também com a teologia luterana, calvinista e zwingliana.

<sup>242</sup> CANTIMORI, Delio. *Italiani a Basileia e a Zurigo nel Cinquecento*. Cremonese, Roma: Ist. Ed. Ticinese, Bellinzona, 1947. p. 13.

<sup>243</sup> PROSPERI. Op. cit. 1992. p. XIX.

cosmopolitismo sofisticado e provincianismo. Aberta no comércio e na cultura, Basileia era arredia à participação cívica dos valores estrangeiros. A cidadania era limitada às famílias que ali viviam por gerações e controlada por uma oligarquia que dominava as guildas.<sup>244</sup>

Mesmo entrando na Confederação Suíça em 1501, fez um pacto que proibia o uso das forças armadas contra disputas internas, primando pela habilidade diplomática como mediadora e pacificadora de atos subversivos. Assim, seus cidadãos preservaram o direito da autonomia através do entendimento e aceitação da cultura estrangeira, usando a compreensão para evitar os conflitos.<sup>245</sup>

Basileia, um dos principais centros editoriais acadêmicos da Europa, abrigou Erasmo de Roterdã e seu trabalho de difusão de ideias reformadoras e defensoras do convívio entre as seitas e religiões distintas e, ao mesmo tempo, contrárias à ruptura drástica com a Igreja Católica. Escolhê-la como abrigo nas últimas décadas de sua vida e fazer da Universidade de Basileia seu local de reflexão influenciou esse universo e amenizou o fanatismo da reforma com suas consequências fratricidas.<sup>246</sup>

Retomando aquele contexto de intolerância religiosa e enrijecimento ortodoxo das doutrinas reformistas católicas e protestantes, Delio Cantimori a descreveu da seguinte maneira:

Basileia: a cidade de Erasmo, das tipografias, daquela família de editores, de juristas, amantes de humanidades e de artes que é a família dos Amerbach, cujo arquivo epistolar começou a ser publicado sob a responsabilidade da Biblioteca da Universidade de Basileia, em uma magnífica edição digna das tradições de cultura da pátria de Burckhardt. Chegou ao ano de 1525, no segundo volume (1943) e constituirá certamente, como pode dizer quem folheou os volumes, um dos fundamentos mais sólidos para as pesquisas e os estudos sobre as relações entre os humanistas dos vários países da Europa e para a sobrevivência e o desdobramento do sincero espírito humanístico durante as tempestades do *Cinquecento*; Basileia: a cidade da universidade fundada por Pio II, que nessa ocasião podemos chamar ainda de Enea Silvio, com a sua faculdade dos artistas, com a sua notada tolerância pelas várias escolas teológicas em que se haviam discutido o domínio da escola no século precedente; Basileia, que Pietro Ramo teria (...) exaltado como a cidade das artes e das humanidades, do *giure* independente e da livre teologia, recorda também vários italianos entre as suas glórias. Além de tudo isso, precisa também adicionar, que Basileia era um centro de

---

<sup>244</sup> SCHORSKE, Carl E. *Pensando com a História*. Indagações na passagem para o modernismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p 73 e 74.

<sup>245</sup> Idem, p 74.

<sup>246</sup> Idem, p. 75.

liberdade religiosa, no sentido desejado e defendido pelos inquietos italianos. Não só a atmosfera humanista concedia ampla possibilidade de discussões, sem que a expressão de uma dúvida de interpretação fizesse imediatamente surgir a suspeita de heresia e favorecia a atividade de pesquisa no sentido de uma religiosidade erasmiana, universal, católica, e ainda livremente crítica. Não só a possibilidade de trabalho oferecida pelas tipografias atraía os exilados heréticos, necessitados de trabalho para sustentar-se, e geralmente despreparados para outra atividade que não fosse aquela de corretores e revisores de tipografia, pelas suas próprias origens de professores e de eclesiásticos. Mas, sobretudo a praxi tolerante do senado de Basileia, que continuava a atrair pessoas estimadas no mundo da cultura, quaisquer que fossem suas opiniões, – obtendo assim grande sucesso com Erasmo (...). Enfim a situação própria da cidade, do ponto de vista geográfico, localizada na encruzilhada de tantas estradas, com a possibilidade de comunicar com os seus irmãos dispersos, de permanecer a certa distância e com certa segurança, longe do braço de rei, de imperadores, de príncipes, deviam contribuir para chamar, para a antiga cidade do Concílio, heréticos e espíritos independentes de toda a Europa.<sup>247</sup>

Este ambiente de concórdia e liberdade de opinião fez da cidade um centro de reflexão humanista cristão, que se tornou um local de confluência dos saberes espirituais heréticos. Essa sabedoria espiritualista permaneceu entre as obras italianas publicadas na cidade e nos escritos deixados por personagens que passaram ou viveram em Basileia – como Celio Curione, professor defensor da tolerância religiosa; Giulio Camilo, astrólogo e cabalista; o paracelsista médico Guglielmo Grataroli; o tipógrafo Pietro Perna, responsável pela publicação de Maquiavel, Petrarca e Guiciardini; Agostino Doni, filósofo naturalista da escola de Telésio<sup>248</sup>; e Cellario, que convenceu os anabatistas alemães de terem tomado um caminho errado – ou por meio de seguidores daqueles preceitos teológicos de veia ítalo-humanista, como Sebastiano Castellione, que, apesar de não ter nascido na península, foi portador da espiritualidade humanista italiana e, defendendo a tolerância religiosa, foi expulso de Genebra devido a interpretações independentes da Bíblia; e o abastado David Joris, líder de um grupo anabatista, estudado por R. Bainton, entre outros.<sup>249</sup>

Em Zurique, a atmosfera de tolerância e concórdia religiosa também se fez presente com o amigo de Erasmo e líder espiritual, Ulrich Zwinglio. Segundo Delio Cantimori, Zwinglio teria sido um religioso que portou a crítica racional a um nível que

<sup>247</sup>CANTIMORI. Op. cit. 1947. p. 10-12.

<sup>248</sup>Idem. p. 57.

<sup>249</sup>Idem. p. 12.

os demais reformadores não ousaram atingir e, dessa maneira, teria conseguido manter vivas as chamas da liberdade religiosa através do seu sucessor, o erasmiano Enrico Bullinger, o qual, além de possuir a liderança da comunidade reformada da cidade, era dotado de um grande saber teológico-humanístico e admirado pelo seu equilíbrio, brandura de caráter e espírito de tolerância.<sup>250</sup>

Aos olhos italianos, os zuriqueses teriam sido os primeiros a colocar em prática a liberdade como entendiam os místicos racionalistas, fazendo da cidade um centro de tolerância que atraiu os perseguidos religiosos, vindos da península, que almejavam manter suas reflexões teológicas e práticas espirituais, as quais eram inadequadas aos julgamentos católicos, calvinistas e luteranos.<sup>251</sup>

Apesar dessa cidade não ter se constituído – como ocorreu em Basileia – a partir das tipografias e de uma Universidade que fortalecesse a prevalência de elementos culturais filológicos, jurídicos, literários e filosóficos, bem como a presença de espíritos liberais e de audaciosos herdeiros de Erasmo, uma escola teológica começou a reflorescer a partir de Zwinglio e, com Bullinger, a cidade é tomada pela presença do pensamento religioso.

Desse imaginário místico zuriquês, nasceram os fundamentos para a constituição dos ideais que deram um caráter de tolerância, conciliação e pacificação a várias partes do mundo evangélico. O seu *Consensus Tigurinus*, de 1549, que eliminou as controvérsias doutrinárias entre calvinistas e zwinglianos, foi base da segunda *Confessio Helvetica*, da qual os italianos se tornaram seguidores e a qual portou a concórdia em outras regiões e países europeus.<sup>252</sup>

Segundo Cantimori, essa característica comum de tolerância religiosa estava presente tanto em Basileia quanto em Zurique, onde suas bases ideais tinham uma íntima ligação com a cultura humanista italiana, por terem sido as principais hospitaleiras daqueles pensamentos de liberdade de opinião e tolerância religiosa que os perseguidos religiosos portavam, o que contribuiu intimamente para o desenvolvimento da “bela história da ‘Helvetia Mediatrix’ ”.<sup>253</sup>

É um fecundo encontro de energias, de ideais, de pensamentos, de experiências religiosas e culturais que irradia desse país na Europa, não só mediante os italianos, mas em grandíssima parte certamente através deles, fazendo das cidades suíças reformadas uma das primeiras sedes

---

<sup>250</sup> Idem, p. 2 - 5.

<sup>251</sup> Idem, p. 4 e 6.

<sup>252</sup> Idem, p. 7 e 8.

<sup>253</sup> Idem, p. 2.

da vida propriamente europeia, no novo mundo cultural que trabalhosamente se apresentava à história.<sup>254</sup>

Entretanto, com o passar dos anos, o ideal de concórdia desses centros cosmopolitas foi sendo minado. A contestação anabatista ou espiritualista de questões como a Trindade, a encarnação e os sacramentos geraram fortes controvérsias no mundo protestante.<sup>255</sup>

Os suíços não conseguiam entender aquela busca incessante por novidades e novas pesquisas, suas inspirações místicas e esforços racionais de clareza eram tidos como radicais aos preceitos dos reformadores.<sup>256</sup>

A admiração, a hospitalidade e a solidariedade humanística pelos exilados gradualmente diminuía (“...”) perante as contestações de que eles não sabiam se acalmar em nenhuma religião depois daquela ‘papal’” gerando um desconforto em relação à radicalidade do italianos.<sup>257</sup>

Visões como as de Camillo Renato<sup>258</sup>, defensor de uma religiosidade “puramente sentimental e moral”, cujas formulações dogmáticas eram consideradas como não substanciais, desagradavam os calvinistas, os quais pressionavam Zurique a se alinhar com o caminho tomado pelas interpretações de cunho espiritualistas e a adotar severas imposições disciplinares.<sup>259</sup>

Como fruto desse processo de enrijecimento das igrejas suíças em relação às tendências radicais extremistas dos anabatistas e da aprovação das demais igrejas suíças, Calvino chegou a condenar à fogueira Michele Serveto<sup>260</sup> pela exposição de suas interpretações espiritualistas, gerando uma grande polêmica sobre a liberdade de opinião religiosa.<sup>261</sup>

A repressão sobre estas leituras “heréticas a todas as confissões” não parou nesse episódio. Frequentemente Genebra se preocupava com a presença de emigrados

---

<sup>254</sup> Idem, p. 20.

<sup>255</sup> Idem, p. 22.

<sup>256</sup> Idem, p. 29.

<sup>257</sup> Idem, p. 30.

<sup>258</sup> Camillo Renato foi um pensador italiano antitrinitário e defensor do anabatismo. Ele contestou o batismo católico, que, na sua opinião, deveria ser reservado aos adultos como uma simples profissão de fé.

<sup>259</sup> Idem, p. 28 e 29.

<sup>260</sup> Michele Serveto foi um filósofo, médico e reformador religioso ligado aos preceitos antitrinitários e anabatistas, condenado à fogueira por Calvino.

<sup>261</sup> Idem, p. 30 e 31.

italianos, vindos de Zurique, devido à falta de disciplina religiosa e às suas interpretações libertinas.<sup>262</sup>

Calvinistas exigiam de Bullinger uma ação mais enérgica em relação à liberdade religiosa em sua cidade. Dentre outros casos, por exemplo, Lelio Socini foi investigado e advertido pelo amigo e líder religioso zuriquês, sendo proibido de pregar e difundir suas dúvidas sobre os preceitos religiosos e tendo liberdade apenas para o exercício de exame teológico.<sup>263</sup>

O mesmo Bernardino Ochino, admirado e chamado para ser o pastor da igreja locarnesa de Zurique, foi ameaçado após suas críticas ao papa e aos luteranos, as quais reacenderam conflitos já resolvidos. Anos depois, após lançar novos escritos atacando a Trindade e defendendo a poligamia, foi associado ao radicalismo espiritualista de Valdes, gerando seu banimento da cidade.<sup>264</sup>

Após sua expulsão, o teólogo esperava ser acolhido por Basileia, que também sofria pressão de Calvino em relação ao espiritualismo de teólogos como Castellione, mas que mantinha sua história de tolerância, sem experiências de condenações ou banimentos. Entretanto, a condição dada a Ochino para obter o abrigo basileense era a irremediável reconciliação com as lideranças de Zurique, o que o levou a seguir seu caminho.<sup>265</sup>

Isto explica a impaciência sempre crescente dos líderes zuriqueses e basileenses, – para não falar genebrinos, desconfiados desde o princípio, – com o espírito inquieto daqueles exilados, daqueles italianos humanistas, cultos, muitas vezes pregadores ou eclesiásticos de certa fama e preparação, que agora não apareciam mais como uma testemunha da nova fé proveniente do país das letras humanas e da cultura moderna, como novas forças bem adestradas para a santa luta, mas como elementos de escândalo.<sup>266</sup>

Nessa altura, a insatisfação atingiu ambos os lados. Os italianos se encontravam desiludidos perante a repressão da liberdade de pensamento e a rigidez da nova disciplina que se vinha instaurando ao longo dos anos, simbolizando a perda daquele espaço no qual acreditavam gozar da mesma liberdade que possuíam antes das perseguições papais; já os suíços estavam constrangidos com a insatisfação dos italianos, críticos contumazes às organizações confessionais, papal ou protestante, que

---

<sup>262</sup> Idem, p. 28.

<sup>263</sup> Idem, p. 38 e 39.

<sup>264</sup> Idem, p. 43 e 44.

<sup>265</sup> Idem, p.79.

<sup>266</sup> Idem, p. 29.

sempre se apresentavam como uma ameaça à nova ordem que os suíços se esforçavam para implantar, estabilizar e reforçar.

Isto em Basileia se sente menos que em Zurique; é a atmosfera não exclusivamente teológica da Universidade, é a mentalidade de grandes senhores humanistas dos Amerbach, é o fato de que aqui pararam por mais tempo os mais temperados entre os italianos. Certamente, aqui a meditação entre cultura italiana e cultura basileense, e mediante esta, entre cultura italiana e cultura europeia, quanto aos movimentos religiosos, parece mais feliz e linear.<sup>267</sup>

Dentro desse âmbito de pesquisas, Cantimori se abria para a importância da tolerância como ponto essencial do pensamento moderno e da formação de uma nova sociedade pautada no pensamento racional laico e nas virtudes morais defendidos pelos hereges italianos, alvos das perseguições religiosas e da ação conservadora contrarreformadora, que teimavam em combater aquele que seria – na interpretação de Cantimori – o primeiro ato de ascensão espiritual, ético e moral do povo.

Dessa valorização da tolerância religiosa como um sinal do advento da modernidade presente em eventos como a recorrente perseguição aos anabatistas e aos antitrinitários, a condenação de Michele Serveto e a fuga de Bernardino Ochino, Delio Cantimori construía as bases que conectaram suas leituras da política contemporânea alemã e italiana e seus futuros interesses por novas temáticas, como os *Utopisti e riformatori italiani*.<sup>268</sup>

### **3.2. Estudos e pesquisas em Basileia e o contato com a teologia: o retorno das guerras religiosas.**

(...) durante as viagens de estudo e pesquisa, que tiveram como focos (...) Basileia e Zurique – centros da atividade daqueles homens que são aqui estudados – começaram os primeiros choques com aquela ingênua concepção de primado nacionalista. Em contraposição, se clareava o significado mais especificamente nacional, não no sentido de conteúdo patriótico, mas no sentido da tradição intelectual e da difusão de um momento histórico;<sup>269</sup>

<sup>267</sup> Idem, p. 80.

<sup>268</sup> MATURI, Walter. *Interpretazioni del Risorgimento: Lezioni di storia della storiografia*. Torino: Einaudi, 1962. p. 610. Cf. TEDESCHI, John. *Introduction*. In: *The correspondence of Roland Bainto and Delio Cantimori*. Op. cit. 2002. p.16.

<sup>269</sup> CANTIMORI. Op. cit. 1992. p. 12. Essa passagem faz parte do prefácio não publicado na edição basileense da obra cantimoriana *Eretici italiani del Cinquecento. Ricerche storiche*, no qual o estudioso italiano demonstrou a importância de seus diálogos com o renomado filósofo Benedetto Croce durante a idealização e redação desse trabalho. Como Adriano Prosperi apresentou na introdução dos *Eretici*, Delio Cantimori chegou a redigir outro prefácio para a edição basileense que não foi encaminhado para W. Kaegi, responsável pela publicação tradução do livro em língua alemã, achando melhor redigir um novo,

Essa passagem escrita por Cantimori em um prefácio redigido para a edição basileense dos *Eretici italiani del Cinquecento*, deixou patente a importância de sua passagem pelas cidades suíças, Basileia e Zurique, locais em que, segundo o estudioso romagnolo, a velha perspectiva nacionalista patriótica que embasava suas interpretações anteriores, ligadas diretamente ao idealismo atualista, entrou em choque com uma nova problematização do seu objeto, no sentido de captar o significado e a concretude da tradição intelectual estudada e sua difusão em um dado momento histórico.

Particularmente, em Basileia, o intelectual italiano teve a oportunidade de iniciar suas pesquisas na Biblioteca da Universidade, local onde se encontravam importantes epístolas e coleções de manuscritos, e no Arquivo do Estado de Basileia.<sup>270</sup>

Ali, Cantimori teria recebido o conselho do Dr. Carl Roth, da Biblioteca Universitária, ressaltando a importância de um possível contato com o historiador britânico e professor da *Yale University*, Roland Bainton, a quem enviou, em vinte e oito de abril de 1932, a primeira carta afirmando ter lido seu texto, *Sebastian Castellion and the Toleration Controversy of the Sixteenth Century*, na revista *Persecution and Liberty*, e ter se interessado pela temática dos reformadores do grupo de humanistas italianos, em especial, Bernardino Ochino, Fausto e Lelio Socini.<sup>271</sup>

Daí em diante, surgiu uma relação de amizade entre os pesquisadores, que durou por toda a vida de Delio Cantimori, desfrutando este da ajuda do estudioso britânico em todo o processo de pesquisa e redação da sua obra, *Eretici italiani del Cinquecento*.

Não por acaso, este auxílio rendeu seus agradecimentos em diversos momentos de sua carreira e no prefácio italiano de 1939, pelas “indicações utilíssimas (...) do Prof. Bainton da Yale University de New Haven, cujos estudos sobre estes movimentos são bem conhecidos”.<sup>272</sup> Em outra oportunidade, Delio Cantimori não se esqueceu de fazer referências aos estudos do amigo Roland Bainton, reconhecendo a importância da tradução do livro *De Haereticis*, de Castellione, no qual o historiador inglês produziu uma importante introdução sobre o autor e o processo de redação da obra, levantando a

---

mais formal e adaptado aos leitores de língua alemã, citado aqui e publicado na edição basileense de 1949. PROSPERI. Op. cit. 1992. p. XLVII, nota 77.

<sup>270</sup> CANTIMORI. Idem, p. 7. PROSPERI. Idem, p. XIX.

<sup>271</sup> *The correspondence of Roland Bainton and Delio Cantimori*. Op. cit. 2002 p. 59 e 60.

<sup>272</sup> CANTIMORI. Op. cit. 1992. p. 5.

maneira como os escritos patrísticos e medievais foram tratados até chegar à figura de Erasmo.<sup>273</sup>

Contemporaneamente a estas atividades, o pesquisador italiano também frequentou os cursos de História da Igreja, na Faculdade de Teologia da Universidade de Basileia, regidos pelos professores Johannes Wendland, especialista em Teologia Sistemática,<sup>274</sup> e Stähelin, estudioso de Erasmo<sup>275</sup> e da Reforma e Contrarreforma suíça e basileense, o qual trabalhou em seu curso a vida e obra do historiador da Igreja oitocentista, Alexandre Vinet. Cantimori também leu o *Institutio di Calvino*,<sup>276</sup> entrando em contato com universos culturais que abriram suas ideias para outros sentidos sobre a consciência moral, a política e a Reforma.

(...) contemporaneamente, através do contato concreto com o mundo religioso protestante, na silenciosa frequência de um seminário e de lições de história da Igreja ocorridos ainda na velha universidade de Basileia, em salas onde havia ensinado Castellione e talvez Curione também, apresentados pelo Prof. Stähelin, sobre o *Institutio* de Calvino, e sobre o pensamento de Alessandro Vinet, os primeiros choques com a ingênua concepção que distante se poderia fazer da religiosidade protestante como religiosidade filosófica. Finalmente, através das leituras, estudos e conversações em ambientes culturais abertos e livres, começava a clarear também em outro sentido a consciência moral e política e se começava a entender que a reforma, a renovação moral, política e social não era simplesmente revolução em um cérebro ou em muitos cérebros.<sup>277</sup>

Além do contato com estes importantes professores de História da Igreja, Delio Cantimori também conheceu Karl Barth, que – no juízo do pesquisador italiano – foi o idealizador do “movimento mais rico e mais fecundo, mais energético e mais decidido de reação teológica ao laicismo “liberal” (positivista-iluminista)”<sup>278</sup> do mundo alemão,

<sup>273</sup> CANTIMORI, Delio. *Recenti studi intorno alla Riforma in Itália e ai Riformatori italiani all'estero (1924-34)*. Rivista Storica Italiana, LIII, 1936, fasc. 3. p. 41-69. In: CANTIMORI. Op. cit. 1971. p. 485.

<sup>274</sup> MICCOLI. Op. cit. 1970. p. 55. Segundo Prospero, o mesmo Ernst Stähelin, que em 1960, concedeu a Cantimori o título de doutor “honoris causa” da Universidade de Basileia, devido a sua obra sobre os hereges italianos exilados. PROSPERI. Op. cit. 1992. p. XXIV.

<sup>275</sup> Em um texto de 1936, Cantimori ressaltou a importante visão de Staehelin e sua leitura de Erasmo do ponto de vista da vida religiosa, demonstrando as relações entre o religioso de Rotterdam e os reformadores basileenses. CANTIMORI, Delio. *Note e notizie: il quarto centenario della morte di Erasmo*. Giornale Critico della Filosofia Italiana. XVII, 1936, p. 307-308. In: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 317.

<sup>276</sup> CANTIMORI. Op. cit. 1992. p. 12. Segundo Prospero, o mesmo Ernst Stähelin, que em 1960, concedeu a Cantimori o título de doutor “honoris causa” da Universidade de Basileia, devido a sua obra sobre os hereges italianos exilados. PROSPERI. Op. cit. 1992. p. XXIV

<sup>277</sup> CANTIMORI. Idem, p.12.

<sup>278</sup> CANTIMORI, Delio. *Recensione di Karl Barth, Parole de Dieu et Parole humaine, Je sers*, Paris 1933 e W. A. Visser'T Hooft, *Introduction à Karl Barth*, ivi, Paris, 1933. Giornale Critico della Filosofia Italiana. XV, 1934, p. 227-233. In: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 203.

responsável por abrir sua percepção em relação à teologia como chave interpretativa da então intolerante e “contrarreformadora” política alemã nazista.<sup>279</sup>

Um ponto para não esquecer é a presença da teologia na vida cultural alemã: presença imediata, insistente e excitante. E essa presença não deve ser entendida como atividade de poucos, para poucos, ocupada de difíceis e abstratos problemas. Ao invés, é vasta e tão, diremos nós, oprimente, que muitos, para escapar dela, recorrem não à superação filosófica, mas à heresia, à seita e à formação teológica contraposta à formação teológica. Caso refletirmos bem sobre isto, pode-se ter também uma sensação mais precisa daquilo que queria dizer o iluminismo com a sua ideologia da barbárie medieval, do obscurantismo medieval. Para a mentalidade teológica, é naturalíssimo queimar livros, perseguir as ideias, esperar do Alto o advento do *Tertium Imperium*, do *Tertium Renum*, e observar com absoluto desprezo o resto do mundo, acreditar na “Missão”, na “Vocação” transcendente, confundir o ser entendido com o ser obedecido, e assim por diante.<sup>280</sup>

Segundo Delio Cantimori, em sua formação, o teólogo suíço teve participação direta no movimento social-cristão durante a I Guerra, e o desfecho desse evento fez com que Barth se desesperasse em relação aos seres humanos e suas obras. A partir desse trauma, surgiria a sua teologia da crise, na qual se ressaltou um constante estado de crise do ser humano, em que o juízo extramundano de Deus intervém. Nessa situação, seu livro deveria ser a concretude do espírito de resgate do “evangélico profético” contra os valores do mundo moderno.<sup>281</sup>

Em contraposição, para o intelectual italiano, essa teologia seria o regresso dos preceitos medievais, calvinistas e luteranos, pautados na incapacidade do homem e na posição absoluta do único Deus,<sup>282</sup> e suas ideias seriam um exercício de

(...) retorno ao sentido terrível do absoluto que sopra da doutrina e teocracia calvinista, da inventiva luterana, do *De servo arbitrio*, do rogo de Serveto, contra o espírito “liberal”, contra a crítica modernista, contra a frágil interiorização subjetivista de Schleiermacher.<sup>283</sup>

<sup>279</sup> Idem. p. 203. MICCOLI. Op. cit. 1970. p. 56. MANGONI. Op. cit. 1991 p. XXXII; PROSPERI. Op. cit. 1992. p. XIX e D’ELIA. Op. cit. 2007. p. 48.

<sup>280</sup> CANTIMORI. Idem, p. 202. Essa citação a cima foi publicada em 1934, na resenha cantimoriana do livro *Parole de Dieu et Parole humaine*, de Karl Bart, em meio ao mal estar criado, entre intelectuais e políticos italianos, pela Noite das facas longas, as intervenções políticas alemãs na Áustria e o assassinato de Dolfuss – ditador austríaco aliado do governo de Mussolini.

<sup>281</sup> Idem, p. 204.

<sup>282</sup> Idem, p. 205.

<sup>283</sup> Idem, p. 204.

Assim, o pesquisador italiano iniciava, de Basileia, seus inquéritos sobre o mundo alemão, com direções diferentes das quais se encontravam em um filão comum: de um lado, o mundo subterrâneo dos perseguidos religiosos do século XVI; do outro, o mundo subterrâneo nacional-socialista e sua complexa agitação política irracional, racista e tipicamente conservadora que vinha atingindo as massas.

Dessa maneira, Delio Cantimori não somente estendeu seus conhecimentos sobre as fontes e os métodos de abordagens sobre os hereges italianos, como também ampliou consideravelmente seus contatos com a cultura política alemã e suas bases teológicas, as quais se tornavam exemplos de reflexão para o jovem italiano sobre a intolerância e a função do prejudicial apelo propagandista e irracional para unir e atingir o povo.<sup>284</sup>

Uma das mais fiéis e importantes amizades de Cantimori também foi construída nos ambientes de estudos basileenses. Werner Kaegi, responsável pela tradução dos *Eretici* para o alemão, foi um grande estudioso do universo reformador, tendo interferência determinante nas leituras cantimorianas sobre a função do sentido do pequeno Estado, sobre os exilados religiosos italianos, sobre Erasmo de Roterdã e Jacob Burckhardt, figuras que posteriormente fizeram presença nos cursos de História da Igreja e Metodologia e História da Historiografia do então professor Cantimori.

Todavia, apesar de ter sido nesse ambiente basileense que Cantimori obteve sua abertura consciencial para a importância da superação das interpretações nacionalistas de caráter patriótico e para a percepção da importância da ligação entre teologia, apelo às massas e intolerância política e religiosa, sua guinada da filosofia para o estudo concreto da história não se deu por completo nesse contexto.

Este processo deu-se paulatinamente durante a continuação de suas pesquisas em arquivos e bibliotecas europeus e, principalmente, através dos seus diálogos com diversos estudiosos que vivenciavam aquele contexto político complexo dos anos 30 e tinham seus interesses voltados para o estudo da História, Historiografia e o projeto de formação da Europa Moderna.

---

<sup>284</sup> CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. 2011. p. 67.

### 3.3 – Reflexões sobre Política, Estado e Fascismo no caso Baglietto.

Após os anos de estudos e especialização na *Scuola Normale*, Delio Cantimori reencontrou o colega Claudio Baglietto em Basileia. O amigo também havia ganhado uma bolsa de estudos para seguir os cursos de Heidegger, em Friburgo.

Sob a responsabilidade de cumprir suas obrigações militares junto ao Estado fascista, após sua convocação para o alistamento no exército, o pacifista e antifascista Baglietto havia decidido não retornar para a Itália, como forma de resistência à participação no regime de Mussolini.<sup>285</sup>

Este posicionamento reativou e alimentou uma importante discussão epistolar entre Cantimori, Baglietto e Aldo Capitini, com participação de Varese e Ragghianti, cujo ponto central dos debates se encontrava novamente sobre as suas diferentes concepções de religiosidade, política, ética e Estado, sempre relacionadas com a situação fascista italiana.

Naquele momento particular do início dos anos 30, Delio Cantimori constatava o progresso da concepção reacionária do fascismo e encontrava, na ideia de Estado ou na sociedade ética, uma saída alternativa para permanecer fascista. Esta atitude o impulsionava a viver ativamente a política e estudar o corporativismo sempre mais profundamente, refutando posicionamentos como os de Baglietto e Aldo Capitini, que, em sua leitura, estavam pautados em motivações espirituais religiosas.<sup>286</sup>

Na tentativa de persuadir seu amigo a retornar para a Itália, Delio Cantimori se desapontava com a visão dos colegas em condenar a história e a política e “sua absorção na religião, que por sua vez não é religiosidade, mas religião precisa”.<sup>287</sup> Na visão de Cantimori,

A religiosidade pode muito bem não ser vaga, quando for sentimento que permeia toda atividade de pensamento e ação de uma pessoa, mesmo que se manifestem em formas específicas somente em momentos específicos raríssimos (...) depois, vi a qual extremo leva uma concepção extrema da religião e desconfio por instinto dos extremos, em geral, e em particular, sou convencido que para o dever ser não pode negar o ser, senão teoricamente.<sup>288</sup>

Em contraposição, Capitini reconhecia a coerência dos atos do colega exilado em uma correspondência de primeiro de setembro de 1932, que foi redirecionada a

---

<sup>285</sup> MANGONI. Op. cit. 1991. p. XXIX.

<sup>286</sup> Idem, p. XXIX e XXX.

<sup>287</sup> Idem, p. XXIX.

<sup>288</sup> Idem, p. XXIX e XXX. Nota: 67.

Delio Cantimori por Claudio Baglietto, junto a uma reafirmação de sua posição de não voltar para a Itália para participar dos serviços militares fascistas.<sup>289</sup>

Aldo Capitini não somente apoiou a escolha, como se demonstrou empenhado em favorecer a discussão com os alunos normalistas sobre a desarmonia entre valores éticos fundamentais, como a autonomia individual, e a política do governo de Mussolini, tomando como exemplo a escolha de seu amigo pelo exílio político.<sup>290</sup>

Relativamente confuso perante as questões colocadas por Capitini e Baglietto, Cantimori permanecia entre uma autoanálise de consciência e as críticas ao posicionamento religioso dos amigos perante as questões políticas. Dessa maneira, em sete de outubro de 1932, enviou uma carta com as seguintes afirmativas:

Sente-se nos seus escritos um tom apocalíptico que perturba. Acredito que atingirão rápido um maior equilíbrio e uma visão mais serena das coisas, também fora da religião. Reconheço a coerência religiosa de vocês; não posso compreender as suas ideias políticas. Na política é necessário agir, é questão de ação e força. Nesse campo é necessário calcular e levar em conta as responsabilidades não perante Deus, mas perante as dores humanas que se arranjam.<sup>291</sup>

Em outras correspondências, Cantimori confrontava a posição de Baglietto e o antifascismo militante de Capitini, ressaltando a necessidade de mais “ceticismo contra si próprio”.<sup>292</sup>

Não obstante, apesar das discordâncias, a escolha de Baglietto paulatinamente se apresentava a Cantimori como exemplo de coerência moral, fazendo com que o debate alimentasse cada vez mais sua descrença em relação ao reacionarismo dos grupos que vinham ganhando espaço no Estado fascista.

Suas acusações da falta de sentido realista moderno das concepções políticas de Capitini e Baglietto e a sua defesa da política como questão ligada à ação e à força começaram a dar espaço para uma concepção de Estado como fator necessário para ordenar a expressão da comunidade política.<sup>293</sup>

Em uma carta enviada ao colega normalista Varese, em dezoito de novembro de 1932, Cantimori explicitou sua concepção de Estado como fator necessário para racionalizar os entusiasmos dos homens.

---

<sup>289</sup> Idem, p. XXX, nota 72.

<sup>290</sup> CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. 2011. p. 59.

<sup>291</sup> MANGONI. Op. cit. 1991. p. XXXI

<sup>292</sup> Idem, p. XXXI

<sup>293</sup> CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. 2011. p. 59.

Ao contrário da compreensão religiosa e entusiástica de Capitini e Baglietto, na visão do intelectual romagnolo, o Estado deveria ser preservado como uma instituição de valor prioritário, enquanto se funda na adesão racional do indivíduo, sem envolver os sentimentos ou quaisquer outros fatores irracionais que pudessem constituir um perigo para a ordem social. A política seria necessária, não mais como *Streben*, mas, sim, como força racional responsável por transformar os instintos e as paixões espontâneas em energia de criação de um povo e de uma nação.<sup>294</sup>

Em contrapartida, dentro dessa perspectiva, Cantimori reforçava sua leitura da época como um período de conflitos religiosos, assim como aprendido nas suas leituras e contatos com a cultura alemã e o pensamento teológico de F. Barth. Tanto a posição de Baglietto como a de defesa de Capitini eram interpretadas como produto secundário de uma religião e não poderiam ser aceitas como base de uma ação política.<sup>295</sup>

O mesmo Cantimori que participava desse debate, também fazia leituras incitantes sobre o nacional-socialismo, o nacional-bolchevismo e sua força capaz de movimentar as massas e formar uma nação alemã, mas se preocupava cada vez mais com as transformações que o regime de Hitler vinha sofrendo. Observava a falência do projeto do Estado Corporativo ético fascista e o aparelhamento do regime em um sistema cada vez mais engessado internamente e isolado internacionalmente.<sup>296</sup>

O intelectual romagnolo também assistia aos fascistas mais preocupados com a renovação da classe dirigente, denunciando o fim do entusiasmo das bases fascistas e o oportunismo das elites que apoiavam a orientação da política para o imperialismo, o pacto com o nacional-socialismo e as leis raciais e antissemitas, junto à guerra contra as democracias, sem realizar nada de concreto para mudar esta postura do governo de Mussolini.<sup>297</sup>

Entrelaçado a essas questões de políticas internas e internacionais, o intelectual romagnolo vivenciou a conclusão da traumática saga de seu amigo normalista antifascista, Claudio Baglietto, no seu esforço moral de não participação do regime fascista.

Segundo as lembranças de Werner Kaegi, Claudio Baglietto viveu, em Basileia, alguns anos em grande pobreza e com a alma angustiada. Ganhava a vida dando aulas de italiano, miseravelmente pagas. Morreu ainda

---

<sup>294</sup> Idem, p. 60.

<sup>295</sup> MANGONI. Op. cit. 1991. p. XXXII.

<sup>296</sup> CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. 2011. p. 57 e 58.

<sup>297</sup> Idem, p. 58.

jovem, não por indignação, mas de nostalgia e de isolamento. Retornar à Itália era-lhe proibido e se preparava para emigrar para o Brasil. Um amigo de Basileia colocou sobre sua tumba um epitáfio feito a partir de um ilustre monumento de Salerno: “*Dilexi iustitiam, odi iniquitatem, propterea morior in exilio*”. Quando Cantimori veio a Basileia para estudar a história dos exilados do século XVI, a primeira coisa que fez foi visitar a tumba de Baglietto, no cemitério basileense “*am Hörnli*”.<sup>298</sup>

Segundo W. Kaegi, o tormento dessas reminiscências teria deixado uma forte mácula na vida de Delio Cantimori, a qual ecoou nos seus escritos sobre os nicodêmicos do *Cinquecento* e, de alguma maneira, também influenciou a nova leitura sobre o fascismo e os eventos políticos que se estenderam durante a década de 1930.

### **3.4 - Para além de Basileia: Delio Cantimori e suas pesquisas pelas bibliotecas e arquivos europeus.**

Durante a década de 1920, com a ascensão do fascismo, o governo de Mussolini promoveu diversas transformações no campo educacional e cultural, as quais também atingiram os estudos históricos italianos. Com o intuito de solucionar as deficiências e desenvolver esta área de conhecimento, o regime fascista criou a *Scuola Storica* de Roma, que permaneceu sob a influência e direção de G. Volpe, entre 1926 e 1943.<sup>299</sup>

Como afirmou G. Volpe, naquele período, existiam duas grandes preocupações relacionadas ao conhecimento histórico: a implantação de uma reforma da escola e dos estudos históricos ao nível universitário e a necessidade de internacionalizar os trabalhos para ampliar os contatos e experiências italianas, com o intuito de abordar temas e métodos em voga no campo científico mundial.<sup>300</sup>

Perante as dificuldades, o Secretário Geral reiterava a missão de reorganizar de forma interdisciplinar e de construir um diálogo mais próximo entre as matérias jurídicas, históricas e econômicas, a fim de avançar com os estudos históricos da mesma maneira que fizeram outros países europeus. Junto a isto, Volpe defendia o incentivo ao aprendizado de línguas estrangeiras e a participação em congressos científicos,

<sup>298</sup> WERNER. Op. cit. 1967. p. 887.

<sup>299</sup> MIOZZI, U. Massimo. *La Scuola Storica Romana 1926-1943*. Consiglio Nazionale delle Ricerche, Roma, 1982. p. 7 e 9.

<sup>300</sup> Idem, p. 8.

encontros de estudos, seminários e convênios internacionais por meio de um sistema de bolsas de estudos.<sup>301</sup>

Implantado este sistema de apoio ao processo de internacionalização das pesquisas, os professores e os próprios alunos da *Scuola Storica* começaram a participar da transformação dessa instituição em uma referência para a renovação cultural e para os estudos históricos italianos no exterior. Como consequência, durante a década de 1930, Roma passou a concentrar grande parte dos maiores historiadores italianos, como alunos, professores ou colaboradores.<sup>302</sup>

A *Scuola Storica* era “um convênio e um congresso permanente” que, por meio das ações e da influência de G. Volpe, sempre se manteve coligado com outros institutos e instrumentos de cultura, como a *Accademia d’Italia*, a *Enciclopedia Italiana Treccani*, a *Facoltà di Scienza Politiche di Roma*, o *Istituto per gli Studi della Politica Internazionale* e a *Rivista storica italiana*.<sup>303</sup>

Trabalhando dentro desses ideais de internacionalização do conhecimento histórico italiano, G. Volpe logo demonstrou apreço pelas pesquisas que o jovem Delio Cantimori vinha desenvolvendo na Suíça. Como consequência, em doze de maio de 1932, o influente historiador enviou uma carta à Cantimori – que ainda estava em Basileia – falando sobre o seu interesse em relação aos estudos do jovem pesquisador da emigração religiosa italiana no século XVI, sugerindo a publicação de documentos recolhidos em um volume para a *Accademia d’Italia* e prometendo ajudas adicionais a este projeto.<sup>304</sup>

Em uma carta escrita em vinte de maio, G. Volpe se colocou à disposição para “ler as eventuais relações de Cantimori com seus estudos”. Como contrapartida, em um documento citado por Prospero, “*Relazioni mie a Volpe*”, Cantimori apresentou a seguinte programação de capítulos para a análise de Volpe:

1. Teorias teológicas e teorias político-religiosas na Itália de Valla à Contarini. Situação eclesiástica geral, e situação eclesiástica italiana nos primeiros anos da Reforma. As disputas entre luteranos, zwinglianos, calvinistas, e o seu significado. Os anabatistas.
2. As teorias reformadas difusas na Itália, caracteres teóricos das ideias protestantes na Itália (Este lado da Reforma italiana não foi até

---

<sup>301</sup> Idem, p. 11 e 12.

<sup>302</sup> Idem, p. 14 - 16.

<sup>303</sup> Idem, p. 18

<sup>304</sup> PROSPERI. Op. cit. 1992. p. XXIV. nota 27. SESTAN, Ernesto. *Un vecchio amico*. In: Belfagor. Op.cit. 1967. p 311. TEDESCHI, John. *Ancora su Delio Cantimori: per la storia degli eretici italiani*. In: *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa. Unione Stampa Periodica Italiana*, Pisa, 2004. p 24 e 25.

o momento colocado em relevo como se deveria e poderia.). (também sobre documentos inéditos).

3. O ambiente cultural basileense em torno de 1530 e 1580. Os italianos inscritos na Universidade de Basileia. Os Amerbach, Bonifacio e Basilio. A vida intelectual e religiosa dos italianos de Basileia. Curione, Castellione, Giovanni Bernardino Bonifacio. *Zwinger* e a suas relações com os cientistas italianos, e com alguns reformados (quase completamente sob epistolares inéditos).

4. As ideias religiosas de Curione e de Gribaldi; as suas relações recíprocas. Vergerio e Curione; as suas respectivas posições teóricas e práticas. (na parte mais alta sobre inéditos, para Curione e Gribaldi, no geral sobre fontes com impressão pouco explorada).

5. Lelio Socini. Sua vida e suas relações teóricas com Camillo Renato, Bernardino Ochino, com Curione e Castellione...

6. O pensamento e a atividade de Bernardino Ochino, antes e depois do exílio, nas suas relações com o franciscanismo espiritual, com o pensamento religioso ficiniano, e com aquele de Pico. O pensamento de Ochino e aquele de “Ioannes Leo Nardus”, místico e visionário. Brocardo. O pensamento de Ochino e aquele de Castellione...

7. O pensamento dos hereges italianos e o anabatismo italiano, nas suas relações com o movimento anabatista geral. A vida dos anabatistas italianos na Suíça e especialmente nos Grisons. As suas relações com o grupo basileense.

8. A “segunda geração”: Aconcio, Mino Celso, Francesco Puccio; suas posições diante dos problemas da Reforma e das atitudes éticas do Renascimento. O início de Fausto Socini.

9. Protestantes italianos dispersos na Europa, e em contato com o grupo herético basileense: Squarcialupo, Simonio, Bazari, Castelvetro, Maggi, Betti, Bruto...

10. Relações entre o grupo basileense e o grupo polonês, Biandrata, Stancaró; difusão europeia das ideias dos grupos heréticos italianos.

Para este trabalho faltam só: o exame sobre Betti, que vai realizada sob documentos dublinese em primeiro lugar, e aqueles na Holanda, sobre os escritos de Curione e sobre a difusão das ideias heréticas italianas. Também pesquisas nos arquivos de Viena, Breslávia, Vratislavia, Cracóvia, poderiam dar boa coleta de fragmentos e de notícias importantes para a história da cultura italiana na Europa.<sup>305</sup>

Passaram-se meses até que, em trinta de agosto, cerca de um mês após a sua volta à Itália, Volpe confirmou o recebimento da relação e sua leitura, renovando a sua promessa de uma bolsa de estudos para continuar suas pesquisas pela Europa. Este recurso foi confirmado em vinte e oito de novembro, através de uma carta do secretário e futuro amigo Ernesto Sestan.<sup>306</sup>

<sup>305</sup> PROSPERI. Idem, 1992. p. XXV e XXVI.

<sup>306</sup> Idem, p. XXIV e XXV. nota 27.

Nessa correspondência, Sestan informou a Cantimori que Volpe teria conseguido, junto à *Fondazione Volta*, vinculada à *Reale Accademia d'Italia*, uma bolsa de cinco mil liras para prosseguir com suas pesquisas sobre os emigrados reformados do *Cinquecento*, preservando direitos trabalhistas e a possibilidade de lecionar durante o período de pesquisa.<sup>307</sup>

Entre agosto de 1933 e o outono de 1934, Cantimori colocou em prática sua peregrinação pela Europa, em busca dos rastros deixados pelos hereges italianos. Antes de deixar Pavia em direção à Áustria, o jovem pesquisador entrou em contato com o historiador e professor alemão Walther Köhler, estudioso de Zwinglio e autor do livro *Acontiana: abhandlungen und Briefe des Jacobus Acontius*, do qual Cantimori havia feito uma resenha, publicada nos anais da *Scuola Normale* de 1932.<sup>308</sup>

Por sua vez, o historiador alemão, com quem faria uma amizade de longa data, respondeu-lhe de Zurique, em cinco de agosto, apresentando-lhe ao historiador vienense K. Völker, que estava estudando os reformadores e os espiritualistas italianos e já era uma referência sobre o socinianismo.<sup>309</sup>

Nessa cidade, desenvolveu suas pesquisas junto à Biblioteca Nacional, onde se deparou com um importante documento por ele atribuído ao luterano Pier Paolo Vergerio, *Dialogo religioso di um Zoccalante, Dominicano et Heremita Frati con uno scholare*, e junto ao Arquivo do Consistorial do Príncipe Vescovo de Salisburgo, onde encontrou escritos de F. Pucci.<sup>310</sup>

Como afirmou em uma carta à Francesco C. Rossi, na sua estadia em Viena, Cantimori também teve a particular experiência de encontrar com o medievalista da *Università di Torino*, Giorgio Falco. Naquele momento, o professor estava de passagem, junto a um grupo de docentes italianos, após participarem de um congresso de história em Varsóvia.<sup>311</sup>

No encontro com um amigo em Viena, Falco teria demonstrado o desejo de conhecer os estudantes que pesquisavam na Áustria. O medievalista teria permanecido por alguns dias na cidade, em contato com o jovem pesquisador, sempre com um

<sup>307</sup> TEDESCHI. Op. cit. 2004. p 25. nota 36.

<sup>308</sup> Idem, p. 26. Segundo Cantimori, na Alemanha, após a “descoberta” de Aconcio pelo teólogo e historiador Karl Müller, Köhler apresentou a primeira série de pormenores sobre a temática e logo depois, com colaboração com Hassinger, divulgou textos inéditos e outros escritos de difícil acesso em uma erudita dissertação. Cf. CANTIMORI. *Recenti studi intorno alla Riforma*. Op. cit. 1936. In: CANTIMORI. Op. cit. 1971. p. 493 e 494.

<sup>309</sup> TEDESCHI. Idem, p. 26 e 27.

<sup>310</sup> Idem, p. 28.

<sup>311</sup> Carta à revista *Itinerari* n° 54, novembro de 1961. In: CANTIMORI. Op. cit. 1967. p. 99 e 100.

comportamento que combinava o burlesco e o contestatório sobre questões corriqueiras e profissionais, lembrou Cantimori. Dessas reflexões incitantes, bem mais tarde, Cantimori recordou-se da seguinte maneira:

Só mais tarde, quando Falco partiu e permaneci só, percebi que foi um exame contínuo sobre as minhas capacidades e sobre minha real preparação, e também uma contínua advertência ao autocontrole e à cautela crítica. A indagação moral é uma coisa; o juízo crítico e histórico é uma outra coisa. Porque disse isto? Que razões tem para dizer? Que coisa sabe sobre este outro argumento? É realmente verdade aquilo que disse ontem a propósito daquele personagem? Como soube? Assim por diante.<sup>312</sup>

De um experiente historiador medievalista que, como afirmou Cantimori, fazia fluir harmonicamente questões aparentemente distantes e divergentes, como os exercícios historiográficos erudito-filológicos de origem muratoriana<sup>313</sup>, restituídos através do método histórico apresentado pelo positivismo, a historiografia econômico-jurídica e a crítica do idealismo crociano,<sup>314</sup> o jovem conseguiu perceber suas diferenças e o seu aprendizado perante aquelas indagações:

(...) e a diferença de um historiador formado na escola do *Istituto storico* para o medievo e um jovem chegado aos estudos históricos através da filosofia idealista, sem preparação sistemática, com pouca filologia (não havia ainda conhecido Giorgio Pasquali) sem paleografia, era evidente: foi incitante. O ensinamento continuou a frutificar, sem parecer e quase sem que aquele aluno percebesse.<sup>315</sup>

Na sua jornada, após sua estadia em Viena, Cantimori seguiu para a Polônia, onde encontrou Stanislaw Kot<sup>316</sup>, professor da Universidade de Jagiellonia, que, naqueles anos, fora proibido de lecionar pelo governo autoritário de Pilsudski e desfrutava do tempo livre para trabalhar no silêncio dos arquivos.<sup>317</sup>

Referência sobre a Reforma Polonesa, Kot tinha experiências de pesquisa pela Europa à procura dos estudantes poloneses inseridos nas universidades suíças,

<sup>312</sup> Idem, p. P.100.

<sup>313</sup> Ludovico Antonio Muratori (1672-1750) foi um filósofo e historiador católico italiano, estudioso dos clássicos greco-latinos e compilador de uma das maiores coleções de documentos sobre a história medieval dentro da historiografia moderna. Nas suas pesquisas históricas, essencialmente políticas e rigorosamente documentadas, teve a preocupação em construir uma metodologia não apologética, sempre voltada para a precisão e o empenho da busca pela verdade.

<sup>314</sup> CANTIMORI. Op. cit. 1967. p. 101.

<sup>315</sup> Idem, p. 100 e 101.

<sup>316</sup> Como recordou Kaegi, esse notório conhecimento dos arquivos forjou uma liga intelectual e de amizade entre Delio Cantimori e Stanislaw Kot, que juntos se tornaram doutores *honoris causa* em Basileia. KAEGI. Op. cit. 1967. p. 889.

<sup>317</sup> Idem, p. 889.

documentando seus encontros com exilados italianos como Castellione, Curione, Ochino, Lelio Sozzini. Esses conhecimentos sobre as bibliotecas, arquivos e textos mais importantes a respeito dos hereges foram compartilhados com Cantimori.

Segundo Lech Szczucki, Kot teria sido o responsável por direcionar o jovem a pesquisar em Varsóvia,<sup>318</sup> onde transcreveu grandes documentos encontrados no arquivo Krasinski. Esses documentos, ligados ao pensamento do centro sociniano de *Raków*, retratavam as últimas lições e reflexões de Fausto Sozzini sobre os pontos cardiais da sua fé antitrinitária. Na Biblioteca Universitária, copiou um escrito raríssimo de Biandrata, fundador da igreja unitária na Transilvânia.<sup>319</sup>

Anos depois, em seu artigo *Recenti studi intorno alla Riforma in Italia e ai riformatori italiani all'estero (1924 -34)*, publicado em 1936, Delio Cantimori deixou clara sua afinidade com os trabalhos do amigo e Prof. Stanislaw Kot, que, segundo o intelectual italiano, teve uma admirável participação na revisão do particular problema da história da cultura europeia.<sup>320</sup>

(...) Kot, que é um dos melhores e mais precisos e notórios conhecedores de todos os arquivos e bibliotecas da Europa, da Inglaterra à Boemia, da Polônia à Itália, para este período do Renascimento e da Reforma, adiciona à profundidade da cultura e raridade das cognições eruditas, um forte sentido espiritual. Nele, estes problemas não se configuram somente como pesquisas exteriores das relações entre Itália e Polônia, mas como capítulos da história da vida espiritual europeia, fazendo, assim, a história religiosa nacional chegar à altura que lhe compete.<sup>321</sup>

Na coleção de documentos raros que publicou junto à *Reale Accademia d'Italia*, *Per la storia degli eretici italiani del secolo XVI in Europa*, em 1937, Cantimori voltou a reforçar sua gratidão pelas ajudas e indicações de S. Kot:

Aproveito a ocasião para exprimir ao prof. Kot a minha gratidão por essa cortês indicação, mas também pelos inúmeros conselhos e advertências dos quais me foi pródigo durante estas pesquisas, tanto no que diz respeito à Polônia, quanto no que se refere a outros arquivos e outras coletas de manuscritos na Europa, de que ele é grande conhecedor.<sup>322</sup>

<sup>318</sup> SZCZUCHI, Lech. *Delio Cantimori e le ricerche eretiche in Polonia*. In: *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa*. V. Lischi & Figli, Pisa, 1968. p 251.

<sup>319</sup> TEDESCHI. Op. cit. 2002. p. 30 e 31. CANTIMORI. *Recenti studi intorno alla Riforma*. Op. cit. 1936. In: CANTIMORI. Op. cit. 1971. p 488-490.

<sup>320</sup> CANTIMORI. Idem. p. 488.

<sup>321</sup> Idem, p.488.

<sup>322</sup> CANTIMORI, Delio; Feist, E. *Per la storia degli eretici italiani del secolo XVI in Europa*. Reale Accademia D'Italia, 1937. p. 13.

Depois da Polônia, seguiu caminho para a Alemanha, fazendo uma parada em Breslávia, onde se deparou com documentos relativos à Andreas Dudth Sbardellati e sua pesquisa sobre Gian Giacomo Paleólogo (1395-1445), Marquês de Monferrato, Giovanni Michele Bruto<sup>323</sup> e Simone Simoni<sup>324</sup>. Ali, entrou em contato com Konrad Burdach<sup>325</sup>, a quem informou estar traduzindo o seu livro<sup>326</sup>, e com Carl Schmitt, para organizar uma antologia de escritos do jurista alemão, traduzidos e publicados, em 1935, por Cantimori.<sup>327</sup>

Em Berlim, encontrou-se com Burdach, Carl Schmitt e Erich Hassinger<sup>328</sup>, estudioso de Aconcio e aluno de Köhler. Em pesquisas na Biblioteca Nacional, fez amizades com Elisabeth Feist, que trabalhava no texto de Sebastiano Castellione, *De arte dubitandi*, e Paul Oskar Kristeller, filólogo alemão que ajudou na análise da documentação que compôs a primeira grande publicação fruto de suas pesquisas na Europa, *Per la storia degli eretici italiani del secolo XVI in Europa*.

### **3.5 - Um debate particular e profícuo com Benedetto Croce: diálogos sobre Reforma e a inflexão da Filosofia para a História.**

A primeira elaboração do trabalho manteve a abordagem filosófica. A pesquisa de um momento importante do desenvolvimento do pensamento italiano que parecia merecedor de precisões e de definições, acentuando, no entanto, também o momento racionalista, crítico, de “oposição” à ação da Contrarreforma na Itália. Nesse ponto, uma discussão, em parte pública, em parte epistolar, com

<sup>323</sup> Giovanni Michele Bruto foi um religioso veneziano, diácono na Ordem Agostiniana regular, que trabalhou também como historiador da corte da Hungria, onde viveu por boa parte de sua vida.

<sup>324</sup> Simone Simoni (1532-1602) foi um médico, filósofo e teólogo perseguido e exilado nos Grisões suíços.

<sup>325</sup> Carl Ernst Konrad Burdach (1859-1936) foi um importante historiador e filólogo alemão estudioso de Goethe e da formação da Europa Moderna. Em sua obra de 1893, *Dal medioevo alla Riforma*, contestou a visão de J. Burckhardt, sustentando a continuação de características medievais dentro do Renascimento e do humanismo. BURDACH. C. E. K. *Dal medioevo alla Riforma*. In: Grande antologia filosofica. Milano: Marzorati, 1964.

<sup>326</sup> O livro traduzido por Cantimori, *Riforma, Rinascimento, Umanesimo* [Firenze: Sansoni, 1935.] de Burdach foi publicado em 1935, um ano antes da morte do historiador alemão, que recebeu um necrológio do intelectual romagnolo, descrevendo sua trajetória profissional e a importância da sua interpretação histórica sobre o período da formação da Europa Moderna, na qual sustentou as continuidades do medievo no Renascimento e no humanismo. CANTIMORI. Op. cit. 1971. p 5-11.

<sup>327</sup> TEDESCHI. Op. cit. 2002. p. 34 e 35.

<sup>328</sup> Segundo Cantimori, para Hassinger, Aconcio e Ochino teriam uma posição intermediária entre a corrente radical sociniana e a ortodoxa dos exilados italianos. Por isso, o alemão teria construído uma imagem propagandista de Aconcio como um dos primeiros escritores deístas ligados à tolerância inglesa do século XVII. O intelectual italiano ainda afirmou que seu trabalho se destacou pela precisão das informações e pela sua intenção, mas pecou na falta de uma visão mais vasta da problemática e na limitada preparação filosófica do autor para abordar a sua temática, ligada à vida cultural e religiosa. Cf. CANTIMORI. *Recenti studi intorno alla Riforma*. Op. cit. 1936. In: CANTIMORI. Op. cit. 1971. p. 493 e 494.

Croce, clareou e trouxe a conscientização sobre o caráter verdadeiro das pesquisas, que até então não parecia claro ao próprio autor. Este autor chegava a pensar a respeito da história da cultura, porque, sob as proposições teológico-filosóficas, vinha encontrando um movimento de um grupo de homens com uma vida ampla, vasta e rica, e um espírito de crítica e de atividade... mas não avançava mais. Esta discussão deixou claro que não se tratava de história do pensamento filosófico, mas de história das doutrinas e dos movimentos políticos; qualquer pesquisa adicional foi realizada nesse sentido, mas, sobretudo o trabalho foi reescrito e recomposto a partir desse ponto de vista (...). Foi uma passagem da “filosofia” para a “história” que coincidiu com uma crítica da filosofia, com um distanciamento de sua profissão e também com um aprofundamento da concepção da história, da sua função e dos seus elementos. Aprofundamento no qual existe nesse trabalho apenas num traço genérico em qualquer acentuação do motivo desantisciano da “oposição” e na apreciação e ênfase de caracteres “anabatistas”, como aqueles do trabalho manual, da espera pelo “Gerusalemme celeste”, da igualdade, da comunidade dos bens...<sup>329</sup>

Em meio às suas pesquisas em bibliotecas e arquivos pela Europa, em busca de desvendar os mistérios dos hereges perseguidos pela Igreja, e seus contatos e estudos sobre a cultura política alemã, Cantimori paulatinamente maturou uma inflexão interpretativa que o levou da filosofia idealista atualista ao estudo concreto da história.

Isto se deu, principalmente, devido a seus diálogos com diversos estudiosos da história da formação da Idade Moderna que tinham seus interesses voltados para o estudo da História e da Historiografia. O diálogo, muitas vezes acalorado, com o renomado filósofo e político Benedetto Croce foi de vital importância.

Nascido em Pescasserli, Benedetto Croce, após perder os pais, mudou-se para Roma, onde viveu com seu tio Silvo Spaventa, irmão do filósofo hegeliano Bertrando Spaventa. Estudou em Napoli, onde iniciou suas reflexões críticas sobre a arte, entre outras questões, tornando-se um dos filósofos mais importantes entre os representantes do neoidealismo italiano.

Junto à G. Gentile, fundou a revista *La Critica*, construindo uma relação filosófica harmônica até os anos iniciais do governo fascista, quando Benedetto Croce se tornou um dos principais opositores ao regime de Mussolini, seja no campo político ou cultural.

---

<sup>329</sup> CANTIMORI. *Prefazione all'edizione di Basilea. Redazione inedita*. In: CANTIMORI. Op. cit. 1992. p. 12 e 13.

Seus contatos iniciais com os escritos do jovem Cantimori remetem-se aos primeiros escritos publicados pelo normalista. Em uma análise do texto aqui trabalhado, *Osservazioni sui concetti di cultura e storia della cultura*, o filósofo apresentou áspera crítica ao artigo do estudante romagnolo, ressaltando o déficit de consistência teórica, a falta de critérios para limitar sua ideia sobre a história da cultura e a sua ingenuidade típica de um estudante que enxerga no professor – no caso, Giovanni Gentile – o modelo a ser seguido.<sup>330</sup>

Este diálogo não pararia por aqui. Nos anos de 1930, como vimos, as leituras de Delio Cantimori tendiam a interpretar a soma entre Renascimento e Reforma como referência direta ao nascimento de uma nova consciência nacional italiana, que se desenvolveu e desembocou na Revolução Fascista. A partir dessa referência idealista, o jovem pesquisador traçou sua investigação dos hereges italianos emigrados pela Europa, mas que mantinham suas esperanças voltadas para a Itália e se desviavam da assimilação da Reforma confessional.<sup>331</sup>

Tal afirmativa trouxe consigo certa antipatia em relação aos exilados de Genebra, tão valorizados por B. Croce, mas que, segundo Delio Cantimori, não apresentaram nenhum tipo de sentimento de solidariedade nacional ou originalidade doutrinária, pois haviam optado pela aderência à ortodoxia calvinista.

Tratava-se, por exemplo, de emigrados com confissões religiosas diferentes do antitrinitário socinianismo, os quais, por sua vez, apresentaram ao jovem estudioso resultados novos e importantes sobre a difusão das reflexões italianas pela Europa.<sup>332</sup>

Por isso, no período de sua estadia em Basileia, Delio Cantimori já imaginava dividir seu trabalho, focando duas temáticas principais: a atividade e o pensamento dos protestantes italianos no geral e a difusão do socinianismo gerada pela precedente ação ideológica dos hereges italianos.<sup>333</sup>

Naquele mesmo contexto, Cantimori apresentou um esboço sobre a primeira redação do seu estudo sobre os *Eretici*, traçando pontos fundamentais da emigração religiosa italiana. De um lado, descreveu uma maioria pouco interessada nos conflitos religiosos, mas preocupada em encontrar um novo local onde poderia ter a liberdade de

---

<sup>330</sup> LA CRITICA. Rivista di letteratura, storia e filosofia. Diretta da B. Croce. Anno XXVI, fasc. I. 20, Laterza & Figli, editori – Bari. gennaio 1928. p. 454 e 455.

<sup>331</sup> PROSPERI. Op. cit. 1992. p. XIX.

<sup>332</sup> Idem, p. XXV.

<sup>333</sup> Idem, p. XXV.

opinião e reativar suas atividades espirituais; do outro, líderes intelectuais animados pela energia de reconstrução da política cristã europeia.<sup>334</sup>

Entretanto, em catorze de março de 1934, referindo-se a Zurique, Delio Cantimori afirmou ter encontrado um importante manuscrito de Viena, de autoria do bispo católico convertido ao protestantismo, Pietro Paolo Vergerio. Esta descoberta refere-se a um período em que suas pesquisas estavam essencialmente voltadas para os hereges mais radicais, opostos tanto às confissões evangélicas quanto às católicas.<sup>335</sup>

Naquele momento, seu interesse por este personagem, em detrimento dos demais protestantes, esteve intimamente ligado à sua aproximação da política de reformador e agitador esperançoso por ver a Reforma Protestante concretizada em solo italiano. Somado a esta característica, o aceno aos traços populares do manuscrito de Vergerio também trouxe consigo premissas que interessavam a Delio Cantimori: o contato entre o humanismo e o povo.

A seus olhos, estes manuscritos davam a possibilidade de contestar as interpretações provindas da sua própria tradição cultural idealista, ligada ao mazzinismo e ao fascismo, entendidas como única reforma e renovação moral do povo e as quais atribuíam ao humanismo um isolamento em relação à população.<sup>336</sup>

Para o estudioso romagnolo, a importância de Pietro Paolo Vergerio esteve sempre relacionada ao seu perfil de político eclesiástico dotado de atitudes de confronto com a Itália, e não a uma possível característica de reformador da alma. Esta, por sua vez, na visão de Cantimori, era típica dos grupos heréticos italianos, que tiveram suas formações como pensadores independentes e, conseqüentemente, contribuía com a libertação e autonomia das mentes europeias da época.

A emigração ortodoxa, pelas quais as leituras apologéticas protestantes se interessavam, teria sido fruto dos patrícios, enquanto os hereges eram intelectuais que sobreviviam dos seus escritos, produzidos em colisão com os preceitos religiosos em voga ou exercendo profissões marginais e promovendo contatos com as classes pobres. Somente dessa maneira, com uma ação radical de reconstrução de um novo universo em relação à estrutura daquela sociedade cristã, poderiam sobreviver e obter uma ascensão e inserção social.<sup>337</sup>

---

<sup>334</sup> Idem, p. XXXV.

<sup>335</sup> Idem, p. XXX.

<sup>336</sup> Idem, p. XXX.

<sup>337</sup> Idem, p. XXXV.

Portanto, com Pietro Paolo Vergerio, o pesquisador começou a se abrir para o estudo dos evangélicos, e suas escolhas e interpretações sobre as atividades protestantes e heréticas foram costuradas, cada vez mais, por uma discussão histórico-ideológica com Benedetto Croce, estudioso da reforma e interessado pelo calvinismo de Genebra e pelas reflexões do Marquês de Vico, italiano reformado e aderente aos preceitos de Calvino.

Por sua vez, Benedetto Croce entendia o calvinismo e a predestinação como os preceitos criadores do liberalismo, sustentáculo do princípio da liberdade como forma de eleição e permanência do melhor, em contraposição à decadente democracia e suas tendências igualitárias e niveladoras, as quais, em sua visão, eram a herdeira do anticalvinismo.<sup>338</sup>

Em 1933, Croce lançou na revista *La Critica* seu artigo, *Un Calvinista italiano: il Marchese di Vico Galeazzo Caracciolo*, no qual teria saído em defesa da condenação de Michele Serveto, humanista queimado na fogueira pelos seguidores de Calvino por negar a Trindade. Este evento foi interpretado por Croce como a saída para a concretização da revolução calvinista, ao lado da imagem positiva de G. Caracciolo, entendido, este último, como símbolo dos traços aristocráticos do liberalismo.<sup>339</sup>

Em contraposição a esta leitura, no prefácio do livro *I riformatori italiani*, de Fraderic C. Church, Delio Cantimori reagiu ao juízo do filósofo, assegurando que Calvino e seu séquito não defenderam a crença da Trindade pelo seu valor filosófico, mas, sim, porque sua negação minaria a nova hierarquia já constituída por sua Reforma.<sup>340</sup>

Dessa maneira, para Cantimori, os reformadores italianos críticos desse dogma, como Serveto, tiveram a obrigação de usar a política em oposição a estas perseguições e, por isso, foram compelidos a refugiar-se no mundo subterrâneo dos hereges.<sup>341</sup>

---

<sup>338</sup> Idem, p. XXXVII.

<sup>339</sup> Idem, p. XXXVI e XXXVII.

<sup>340</sup> Idem, p. XXXVI. CANTIMORI. Op. cit. 1992. p. 17 e 18.

<sup>341</sup> Palavras de Cantimori: “A defesa do dogma da Trindade (como qualquer outro dogma) não pode ser justificada em Calvino e nos ortodoxos protestantes em geral (...) levando em consideração o valor especulativo do próprio dogma (...), porque nem Calvino, nem Beza demonstraram qualquer valor especulativo, como deveriam, ainda que usando a hermenêutica bíblica, base comum de então. Entretanto, se referiam à tradição, invocando, então, irracional e arbitrariamente para si (seja também como apelo a uma tradição ainda mais antiga que aquela da Igreja de Roma) aquele princípio, negando a validade para o Catolicismo. Não defenderam aquele dogma pelo seu valor filosófico, mas sim porque a negação dele minava a autoridade daquela nova hierarquia calvinista. De fato, não o defenderam filosoficamente, mas politicamente, isto é, em caso de necessidade das penas que então vinham comumente reconhecidas de prisão e de rogo (previa enforcamento ou decapitação, ou também do corpo vivo). E os críticos italianos daqueles dogmas compreenderam bem que deveriam usar atitude política contra a perseguição política: os

Esta querela ideológica prosseguiu no seu texto *Recenti studi intorno alla Riforma in Italia e ai riformatori italiani all'estero (1924-34)*, no qual Cantimori enfatizou a importância da biografia de Galeazzo Caracciolo, de autoria de Benedetto Croce, como a mais importante obra sobre a temática da Reforma, que, porém, necessitava de ressalvas sobre a visão negativa crociana em relação aos extremismos antitrinitários.<sup>342</sup>

Para Cantimori, este ajuizamento negativo derivou-se do limitado conhecimento de B. Croce sobre os diversos grupos heréticos, decorrente ainda do aprofundamento de seus estudos sobre apenas um deles e de sua afeição pelo devoto de Calvino, Galeazzo Caracciolo.<sup>343</sup>

Assim, em nota, Delio Cantimori procurou fazer sua apresentação sobre a discussão levantada com Benedetto Croce, referindo-se à uma referência da revista *La Critica* (volume XXXIII), publicada em 1935. Nesse texto, Benedetto Croce citou um fragmento do prefácio cantimoriano ao livro de F. Church, *Riformatori italiani*, no qual havia afirmado que, na interpretação de B. Croce, a crítica dos antitrinitários à Calvino era abstrata e negativa. Não obstante, o filósofo italiano teria declarado não ter dito isto.

Mais grave correção me impõe o egrégio tradutor Dr Cantimori, no seu prefácio, no qual afirma que eu teria escrito que a crítica dos antitrinitários era “abstrata e negativa”, e que “construtiva teria sido só a obra de Calvino e dos ortodoxos, voltada a consolidar e a defender o edifício da nova Igreja, a tutela da liberdade recentemente conquistada, a demonstração da superioridade ética da nova fé, capaz de fazer também ela ‘justiça’ de *nebulones* abomináveis, como Serveto, como Valentino Gentile, de perseguir um velho cansado plenamente íntegro como Bernardino Ochino, e de tutelar o seu ‘bom nome’ no congresso dos povos e dos estados”. Então, eu não cometi nenhum daqueles erros; não que aquela crítica fosse “abstrata e negativa”; muito menos que os antitrinitários e socinianos fossem “*nebulones* abomináveis”; menos ainda que “só a obra de Calvino fosse construtiva”; muito ao contrário, “uma e outra tendência (trinitária e antitrinitária, teológica e racionalista) continham motivos e elementos de verdade, e aquela que parecia mais velha, amadurecia vigorosamente também de novidades perante outra que parecia mais

---

subterfúgios, retratações e fórmulas vagas propostos pelas confissões de fé. Eram as mesmas armas usadas para escapar da Inquisição Romana, à qual (com a sua refutação da discussão e com o seu proceder político), adequando a Calvino, obtinham vitória, sucesso e justificação puramente política – e a aprovação dos líderes religiosos dos Cantões se deveu por razões políticas, não especulativas ou doutrinárias – mas não certamente éticas ou político-éticas”. CANTIMORI, Delio. *Prefazione*. In: CHURCH, F.C. *I riformatori italiani*. Firenze: La nuova Italia, 1933. p. 17 e 18. Cf. PROSPERI. *Idem*, p. XXXVI.

<sup>342</sup> CANTIMORI. *Recenti studi intorno alla Riforma*. Op. cit. 1936. In: CANTIMORI. Op. cit. 1971. p. 480 e 481.

<sup>343</sup> *Idem*, p. 481.

nova”. (*Critica*, XXXI, 265); e que então os racionalistas foram “precursores”, mas precisamente por isso, “anacrônicos” (*ivi*, p.101); e não tem no meu escrito palavra pouco respeitosa para eles, entre os quais se enumeraram homens de elevado gênio e heróis e mártires. Observa que o rogo de Serveto “recolheu a aprovação dos maiores homens da Reforma, de quantos havia o sentimento da responsabilidade”, mas advertindo que “necessitava reconhecer isto como um fato”, sobre o qual fiz as minhas considerações críticas (p. 101).<sup>344</sup>

Para se defender e reforçar sua ponderação, Delio Cantimori remeteu-se às palavras do próprio Croce em seu trabalho sobre Caracciolo: “De Serveto e de Socini não nasce por esta parte nada de especulativamente profundo, salvo talvez por via negativa, enquanto estímulo a defender e a elaborar o conceito e a lógica da Trindade.”<sup>345</sup>

Seguindo este caminho, no mesmo texto, Delio Cantimori continuou a fazer suas referências às passagens de B. Croce sobre os antitrinitários e anabatistas:

Mais perigoso porque feriam a própria doutrina, e, através da doutrina, a conexão social se demonstrava o movimento dos antitrinitários e dos anabatistas. Duas seitas que foram compreendidas pela mesma aversão e quase por elas identificadas. Na verdade, cultivando (...) o radicalismo intelectual e o igualitarismo, tendiam a destruir todos os dogmas religiosos, e, nas suas conseqüências práticas, conduziam ao democratismo extremo e ao comunismo.<sup>346</sup>

Cantimori resgatou outras passagens sobre este assunto, como, por exemplo, a seguinte declaração de Croce: “a liberdade e a tolerância surgiram daquela planta da qual Calvino preservou o tronco e as raízes precisamente com medidas rigorosas similares àquelas aplicadas contra Serveto”.<sup>347</sup>

Após a argumentação sobre essas citações, Delio Cantimori assegurou que, se para Croce, os antitrinitários foram somente “precursores” do conceito de tolerância e pecavam junto aos anabatistas pelo “radicalismo intelectual” e pelo “igualitarismo”, suas críticas antitrinitárias teriam valor “talvez por via negativa”. Sendo assim, seria justo concluir que, para Croce, somente a obra de Calvino fosse construtiva.<sup>348</sup>

<sup>344</sup> LA CRITICA. Rivista di letteratura, storia e filosofia. Diretta da B. Croce. Volume XXXIII. Napoli, 1935. p. 223 e 224.

<sup>345</sup> CANTIMORI. *Recenti studi intorno alla Riforma*. Op. cit. 1936. In: CANTIMORI. Op. cit. 1971. p. 480.

<sup>346</sup> Idem, p. 480.

<sup>347</sup> Idem, p. 480. Nota I.

<sup>348</sup> Idem, p. 480 e 481.

Sobre a importância especulativa do dogma da Trindade de Calvino, Cantimori afirmou que não atribuiu a Croce esta afirmativa, mas entendeu que a evidência sobre o valor especulativo disso não justificaria a violência e a acusação de quem o contestava. Assim, conclui: “Como disse então Castellione, matar um homem não é defender uma doutrina, é simplesmente matar um homem”.<sup>349</sup>

Dessa forma, as visões políticas de B. Croce e D. Cantimori tornaram-se claramente distintas nesse debate, demonstrando também uma incompatibilidade entre suas posições políticas.

Não sei qual seja a fé política do Dr Cantimori; mas, baseado nas suas palavras, deveria se dizer que ele se deixou cegar e transportar fora dos confins do verdadeiro e ardente amor pela liberdade, do seu afeto por todos os rebeldes e por todos os perseguidos e pelas vítimas das tiranias sacras e profanas. E estaria quase por lhe fazer as congratulações por este nobre excesso, se não temesse falar uma asneira sobre seu verdadeiro sentimento: tanta é a confusão e a contradição das atitudes mentais e morais nos dias que correm.<sup>350</sup>

Benedetto Croce entendia bem que Cantimori se opunha ao liberalismo, mas não compreendia aquela mistura de ideias gentilianas e sua simpatia por movimentos sociais radicais. Assim, arguia Cantimori e, ao mesmo tempo, se perguntava sobre a “fé política do doutor Cantimori”.<sup>351</sup>

Com seu juízo negativo em relação aos movimentos extremistas radicais e sua aproximação dos ideais calvinistas e do liberalismo, Croce reafirmou sua disparidade com as leituras de Cantimori sobre a formação da Europa Moderna, com suas pesquisas voltadas para o universo herético subterrâneo e sua linguagem oculta. Todos esses elementos participaram do processo que levou Cantimori ao distanciamento do fascismo e à aproximação das leituras de intelectuais socialistas, tais como Marx, Proudhon e Lênin. Soma-se a isso a sua relação íntima com Emma Mezzomonti, que o ajudou a abrir um novo horizonte de interpretação das lutas políticas.<sup>352</sup>

Realmente Cantimori vinha tendo contato com novas leituras e interpretações político-ideológicas. Entretanto, também vinha reforçando seus laços com os estudos historiográficos.

Isto ficou claro, em uma carta de dezoito de abril de 1935, em que afirma a Croce que seus estudos transitavam entre os hereges no exterior e os trabalhos de

---

<sup>349</sup> Idem, p. 481.

<sup>350</sup> LA CRITICA. Op. cit. 1935. p. 224.

<sup>351</sup> PROSPERI. Op. cit. 1992. p. XXXVIII.

<sup>352</sup> Idem, p. XXXIX.

Proudhon e Marx, e na qual demonstra seu forte interesse pela história da historiografia ligada ao Renascimento, prometendo enviar seu texto sobre os mais recentes trabalhos voltados para esta temática:

Tomo a permissão de mandar-lhe como homenagem aquilo que fiz nesses últimos anos, retornando-me por um desvio duradouro e longo. A tentativa historiográfica sobre o Conceito de Renascimento foi o primeiro passo; o último realizado é por agora uma “resenha” sobre os mais recentes estudos sobre a reforma na Itália e sobre os Reformadores italianos no exterior, que me permitirei enviar-lhe assim que sair.

Os meus estudos agora são divididos entre a história dos hereges italianos no exterior (socinianos, antitrinitários), que, acredito, dará sustentação para demonstrar as afirmações que até agora fiz sobre os seus propósitos – e algumas pesquisas sobre as ideias de Proudhon e de Marx pré-48.<sup>353</sup>

Em dois de junho de 1936, tal promessa viria a ser concluída. Com um tom apaziguador, fazendo sentir um desejo de reaproximação de Croce, Cantimori enviou seu trabalho, *Recenti studi intorno alla Riforma in Italia e ai riformatori italiani all'estero (1924-34)*, junto a uma moderada referência à querela ideológico-historiográfica que vinham vivenciando:

Permita-me enviar-lhe uma resenha de minha autoria, sobre vários estudos recentes a respeito da Reforma na Itália. Sou consciente dos muitos defeitos de estilo, de informação: p. ex: não relatei o pequeno volume de Linnhof que recorda no seu “Caracciolo”, mas espero que não lhe desagrade totalmente. O esforço para aproximar-me da história, a partir da filosofia genericamente entendida, é para mim maior que o que eu pensava, e se reflete em desigualdade e incertezas.

Queria, porém, que isto não fosse interpretado como proveniente de um esforço de orientação cultural e intelectual, e que não me atribuíssem outras intenções senão a de procurar explicações e esclarecimentos através das minhas objeções e observações.

Permiti-me fazer também algumas observações à resenha crítica de Church, na qual você falou tão severamente di mim: espero que dessa vez as minhas palavras não o desagradem.<sup>354</sup>

Tudo indica que, apesar dos debates acalorados e das distinções político-ideológicas, reabriu-se uma fase de silêncio entre os dois estudiosos, que seria interrompido em março de 1939, com uma carta de Croce à Cantimori, pedindo o envio da coletânea *Per la storia degli eretici italiani del secolo XVI in Europa*. Esta carta foi

<sup>353</sup> Cf. PROSPERI. Idem, nota 54. PERTICI. Op. cit. 1997. p. 118.

<sup>354</sup> Cf. PROSPERI. Idem. p. XXXVIII. nota 57.

respondida de maneira embaraçosa, em cinco de março, quando o responsável pela coleção declarou ter poucas cópias em seu poder e os exemplares que havia enviado como cortesia estavam ainda em curso.<sup>355</sup>

Não obstante, no transcorrer de suas leituras e reflexões, Benedetto Croce se tornou o responsável por apresentar ao jovem estudioso italiano a diferenciação entre história e historiografia, acontecimentos e história dos fatos, *res gestae* e *historia rerum gestarum*, caminho que o levou a um processo de distanciamento das abordagens idealistas, descobrindo a necessidade de refletir sobre os documentos do passado sem submergi-los nas problemáticas do presente.<sup>356</sup>

### **3.6 – Delio Cantimori e Federico Chabod: metodologia e história religiosa no Renascimento.**

Os dois anos letivos nos quais Delio Cantimori permaneceu em Cagliari, lecionando no Ensino Médio Clássico, foram marcados por importantes contatos para o intelectual romagnolo. Ali, o jovem professor teve a oportunidade de conhecer e frequentar as aulas, na *Università di Cagliari*, do professor Raffaele Ciasca,<sup>357</sup> que lhe-ia apresentado os historiadores da *Scuola Storica* de Roma, Carlo Morandi e Federico Chabod.

Como “cartão de boas vindas”, Ciasca aconselhou a leitura da tese de conclusão de curso de Federico Chabod, *Del “Principe” di Niccolò Machiavelli*,<sup>358</sup> num momento em que Cantimori ainda tinha a mente voltada para questões como a história dos hereges – numa perspectiva de História da Filosofia –, os escritos católicos, o conservadorismo europeísta, as visões do conservadorismo alemão, e em que lia Rainer M. Rilke<sup>359</sup> e Werner Sombart<sup>360</sup>, sendo ainda incapaz de captar a importância do método positivo da história proposto pelos jovens historiadores da escola romana.<sup>361</sup>

<sup>355</sup> PERTICI. Op. cit. 1997. p. 118, nota 6.

<sup>356</sup> PROSPERI. Op. cit. p. XLIII.

<sup>357</sup> Carta à revista *Itinerari*, XV. Op. cit. 1962. CANTIMORI. Op. cit. 1967. p.137.

<sup>358</sup> CHABOD. Federico. *Del “Principe” di Niccolò Machiavelli*. In: *Scritti su Machiavelli*. Torino: Giulio Einaudi editore, 1964.

<sup>359</sup> Werner Sombart foi um economista e historiador alemão que, inicialmente, seguiu os preceitos teóricos marxistas aplicando-os nos seus estudos sobre história social e econômica. Logo depois se tornou antimarxista, apresentando sua nova visão na obra *Der proletarische Sozialismus*. Nos últimos anos de sua vida, veio aderir ao nazismo.

<sup>360</sup> Rainer (1875-1926) foi um escritor, poeta e dramaturgo austríaco que escreveu em língua alemã e francesa e marcou o século XX.

<sup>361</sup> CANTIMORI. Federico Chabod. Op. cit. 1960. In: CANTIMORI. Op. cit. 1971. p. 289.

Um ano depois, quando lecionava em Pavia, após voltar de sua estadia em Basileia e do contato com G. Volpe, Cantimori começou a direcionar mais atenção para ambientes de estudos históricos romanos, tendo a possibilidade de se aproximar pessoalmente do historiador Carlo Morandi<sup>362</sup>, que o encorajou a enviar um artigo a Federico Chabod, com a intenção de obter, desse último, um parecer.

Por sua vez, Federico Chabod já havia incitado a admiração de Cantimori desde sua participação no *Congresso Internazionale di Studi Storici*, de 1933 em Varsóvia, onde Chabod teve seu primeiro teste internacional, trabalhando o conceito de Renascimento. Na visão do intelectual romagnolo, “parecia grande coisa um “historiador” se dedicar a assuntos aparentemente de caráter tão filosófico”.<sup>363</sup>

Logo depois, o jovem intelectual teve o privilégio de conhecer Chabod pessoalmente em Roma, no Instituto Histórico de Idade moderna e contemporânea e, através da publicação do *Comitato Storico Internazionale*, Cantimori pode ler o seu estudo e reler Maquiavel.<sup>364</sup>

Em 1934, ao retornar de sua segunda viagem de pesquisa pelos países europeus, Cantimori se interessava ainda mais pelas oportunidades que o centro romano de pesquisas poderia abrir profissionalmente. Dotado de uma grande erudição sobre o universo histórico e político alemão, adquirida pelos estudos e viagens, Cantimori conseguiu, junto à G. Gentile, um cargo no *Istituto italiano di studi germanici*, localizado em Roma, onde seu ex-professor era presidente e fundador.<sup>365</sup>

Aberta esta porta, Cantimori se encontrou em situação de se aproximar daquele ambiente de estudos históricos e frequentar ciclos intelectuais compostos pelas mais variadas orientações políticas, reforçando a amizade com Morandi e tornando-se mais íntimo de estudiosos como Walter Maturi<sup>366</sup>, E. Sestan e Federico Chabod.<sup>367</sup>

Segundo suas memórias, a partir do contato com estes historiadores e seus institutos de pesquisas e da colaboração na *Enciclopedia Italiana*, Cantimori teria

---

<sup>362</sup> Carlo Morandi foi um historiador do *Risorgimento* italiano, defensor do fascismo e colaborador de revistas como *Civiltà Fascista*, *Leonardo* e *Popoli*. Estudou *Lettere* em Pavia e se tornou professor na *Università di Pisa*, passando também por Florença.

<sup>363</sup> Idem, p. 289.

<sup>364</sup> Idem, p. 289 e 290.

<sup>365</sup> OSTENC, Michel. Op. cit. 2009. p. 22.

<sup>366</sup> Walter Maturi estudou história em Nápoli sob a orientação de M. Schipa, um dos assinantes do manifesto intelectual antifascista, e também se formou em filosofia, sob a tutela de G. Gentile. Frequentou a *Scuola Storica Romana* no núcleo voltado para a idade moderna e contemporânea, foi secretário do mesmo instituto, em Roma, e também participou da *Enciclopedia Italiana*. Tornou-se um dos grandes estudiosos daquela geração sobre o *Risorgimento* italiano.

<sup>367</sup> CANTIMORI. Federico Chabod. Op. cit. 1960. In: CANTIMORI. Op. cit. 1971. p. 290.

conseguido entender melhor a metodologia dos estudos históricos, chegando a compreender que este campo de conhecimento não se limitava à história diplomática e política, mas tinha interesses bem variados, como aqueles da história religiosa e das doutrinas políticas.

Em específico, teriam sido as ideias de Chabod a clarear as reflexões de Cantimori, as quais se embasavam em escassos conhecimentos sobre paleografia, diplomática, história do direito e história econômica, e que se alicerçavam numa concepção de história do pensamento religioso como pensamento filosófico, vagando sempre entre a filosofia e a teologia.<sup>368</sup>

Com gratidão ao amigo, Cantimori agradecia o ensinamento deixado por Chabod sobre o trabalho de “delimitar, definir e atuar em concreto a pesquisa, sem levar em conta as distinções e as teorizações (“história da cultura”, “história da filosofia”, etc.)” e pela contribuição ao tê-lo inserido “naquela sociedade de estudiosos ou corporação de historiadores”, na qual se encontrou à vontade, como estudioso e professor.<sup>369</sup>

Suas lembranças, presentes nesse necrológio de 1960, ainda chamam a atenção para a importância de Chabod na formação de uma consciência metodológica de pesquisa que marcou a leitura de Cantimori no desenvolvimento da sua consciência e dos seus estudos históricos.

Segundo Cantimori, Chabod abriu sua perspectiva para a particularidade de cada pesquisa como procedimento metodológico singular e para a impossibilidade de um sistema de pensamento teórico generalizante a fim de abarcar toda a concepção de estudos voltados para a história, ressaltando a importância da descrição, da sensibilidade, da prática e do “faro”.

Cada pesquisa precisa de particulares advertências críticas, de um procedimento metodológico propriamente “seu”, que nenhuma teoria generalizante poderia dar e que só a “descrição” do estudioso, o seu senso histórico, o seu poder-se-ia dizer “faro”, afinado pela experiência, lhe podem sugerir... Na prática ocorre antes de tudo, segundo observa o príncipe dos historiadores italianos, Francesco Guicciardini, a “descrição”.<sup>370</sup>

Sua relação intelectual com Chabod não ficaria limitada ao campo metodológico, expandindo-se para o âmbito historiográfico relativo aos estudos da formação da Europa Moderna.

---

<sup>368</sup> Idem, p. 291 e 292.

<sup>369</sup> Idem, p. 292.

<sup>370</sup> Idem, p. 292 e 293.

Em 1937, já dotado de uma maturidade histórica mais consolidada, em seu texto, *Retorica e politica nell'Umanesimo italiano*<sup>371</sup>, Cantimori veio a dialogar diretamente com o trabalho de conclusão de curso de Chabod, *Del "Principe" di Niccolò Machiavelli*, com a intenção de demonstrar como novos trabalhos ainda se inseriam na tradicional visão negativa do Renascimento, herdeira de De Sanctis, que passou por Gentile e sua reafirmação da peculiaridade estética do espírito humanista, e por Croce, que insistia na presença de uma retórica humanista artificiosa e falsa.<sup>372</sup>

Em contraposição, nesse texto, Cantimori apresentava uma análise das doutrinas humanistas, movendo-se sobre a ideia de que os problemas religiosos não eram somente filosóficos, mas também de caráter teológico, ético e político, e de que a hermenêutica filológica humanista era uma forma de renovação do pensamento pela língua e pela investigação da realidade, a qual aqueles homens renascentistas utilizavam como forma de elevação espiritual e como arma contra ações opressoras religiosas.

A partir disso, Cantimori defendeu a relação entre a retórica e a política nas interações entre humanistas e a sociedade, de maneira que a política continuaria sendo entendida dentro do realismo de Maquiavel, fundada nas experiências das coisas, mas a retórica humanista, por sua vez, não era vista como um discurso vazio, mas, sim, como um tipo de ação sincera, que, junto à literatura humanista, teria se posicionado como atitude política em defesa de uma mentalidade inovadora.<sup>373</sup>

Em 1938, Delio Cantimori ainda publicou uma resenha sobre o trabalho de F. Chabod, *Storia religiosa dello Stato di Milano durante il dominio di Carlo V*, livro com o qual o estudioso romagnolo afirmou ter dialogado diretamente no processo de redação da sua obra *Eretici italiani del Cinquecento*.<sup>374</sup>

Para Cantimori, este estudo teria trabalhado a história regional da vida religiosa especificamente italiana, ultrapassando os limites da história da cidade – como Benrath teria feito em seus trabalhos sobre o protestantismo e anabatismo em Veneto – e superando a recorrente dicotomia entre a biografia e os trabalhos completamente generalizantes.<sup>375</sup>

---

<sup>371</sup> Esse texto foi publicado em inglês no *Journal of the Warburg Institute*, em 1937, e reeditado em uma versão de língua italiana. In: CANTIMORI. Op. cit. 1992. p. 483-512.

<sup>372</sup> Idem, p. 487, nota: 6.

<sup>373</sup> Idem, p. 490 e 491.

<sup>374</sup> Idem, p. 5 e 7.

<sup>375</sup> CANTIMORI, Delio. *Recensione a Chabod, Le Note per la storia religiosa dello Stato di Milano di Chabod. 1938*. In: CANTIMORI, Op. cit. 1971. p. 305.

Porém, a importância dele supera de longe estes limites temporais e locais, em particular, em que considerações sobre a situação geral e sobre grandes questões da Reforma e da Contrarreforma acompanham o conto conciso e rico de conteúdo. Em relação à questão particular da história dos movimentos religiosos italianos “heterodoxos” (não católicos), podemos dizer certamente que o trabalho de Chabod leva uma conclusão certa: ele completa, para a Lombardia, as pesquisas já existentes para Veneto, Toscana, Piemonte e Nápoles. Agora, depois desse trabalho, apesar de muitas particularidades ainda por esclarecer, não seria de modo algum inoportuno tentar uma exposição orgânica da história do movimento reformador da Igreja Italiana.<sup>376</sup>

Nessa resenha, Cantimori ressaltou a mudança de tom da leitura de Chabod, que agora se interessava pela relação político-religiosa entre o pensamento reformador católico, o Estado e o povo que, com sua heterodoxia, almejava uma mudança ética no comportamento religioso eclesiástico.

Utilizando uma história institucional embasada nessa tríade, Igreja, povo e Estado, na primeira parte da obra dedicada à Igreja Católica, F. Chabod teria trabalhado a desordem moral do clero secular, o que gerou o interesse de colocar em prática uma atitude reformadora católica no interior da instituição.<sup>377</sup>

Como afirmou o romagnolo, para o historiador italiano, essas tentativas de reformas internas teriam reverberado no modo de pensar das massas populares, as quais iniciaram seus protestos, não contra a ortodoxia, mas pela insatisfação moral dos milaneses. Dessa maneira, esta primeira parte do trabalho terminaria com um capítulo sobre as relações entre “poder laico e poder eclesiástico”, no qual se evidencia a atividade do Senado Milanês e do governador, reforçados pelo apoio de Carlos V e por seu sentimento anticurial, apresentando uma notável atividade do poder político em direção à ação do clero.<sup>378</sup>

Na segunda parte do livro, F. Chabod teria retratado a difusão do pensamento reformador, refletindo sobre a penetração das obras de Lutero e Zwinglio e as incertezas doutrinárias que entusiasmavam personalidades como B. Ochino e católicos mais fiéis, como Del Vasto.<sup>379</sup>

Interessado nesse tópico, Delio Cantimori ressaltou o empenho de Chabod no estudo da particularidade dos debates em torno da Reforma em Milão e afirmou que,

---

<sup>376</sup> Idem, p. 306.

<sup>377</sup> Idem, p. 306 e 307.

<sup>378</sup> Idem, p. 307 e 308.

<sup>379</sup> Idem, p. 308.

nesse trabalho, Chabod assegurou a existência do principal centro do protestantismo lombardo em Cremona. Segundo o intelectual romagnolo, esta cidade era dotada de grande número de líderes e permeada pelo desenvolvimento do movimento laico e eclesiástico da história da Igreja reformada.<sup>380</sup>

Outra singularidade importante desse trabalho de Chabod foi seu distanciamento das velhas concepções teológicas propagandistas, estrangeiras e italianas, que acostumaram a reunir “em um único conceito de “protestantes”, luteranos, calvinistas, zwinglianos, espiritualistas, anabatistas, etc”, para construir uma leitura particularizada dos complexos círculos religiosos lombardos.<sup>381</sup>

Dessa maneira, a história da vida religiosa na Lombardia teria sido averiguada por F. Chabod no quadro geral da época, assumindo uma posição autônoma e interessada por questões importantes para a historiografia contemporânea e enfatizando as peculiaridades da Reforma Católica na Itália e da Contrarreforma.<sup>382</sup>

Segundo Chabod, todavia, a Reforma, a qual foi propugnada em altas esferas por homens como Contarini<sup>383</sup> e Pole<sup>384</sup>, foi sufocada exatamente pela corrente intransigente de um Carafa<sup>385</sup> e de um Ghislieri<sup>386</sup>, sem que essa tivesse encontrado um eco significativo na obra da Contrarreforma. O imediato percurso da Contrarreforma é, segundo Chabod, outro movimento que não deriva tanto do alto, mas de baixo, e que persegue um duplo escopo: fornecer, de um lado, através da fundação de escolas de doutrina e atividade de pregação, a geral ignorância em matéria de fé, e, do outro (um esforço indubitavelmente frutífero), “reviver aquelas práticas de culto, que, embora de uma religiosidade exterior, não constituíram nem mesmo uma das mais potentes alavancas de ação da Igreja Católica e seu mais eficaz meio para tomar a alma das multidões” (...). Não se poderia, então, continuar falando de “Reforma católica” como de uma unidade, porque os seus elementos seriam divididos desde o

<sup>380</sup> Idem, p. 308.

<sup>381</sup> Idem, p. 308 e 309.

<sup>382</sup> Idem, p. 310.

<sup>383</sup> Gasparo Contarini (1483-1542) foi um bispo católico italiano que teve contato com o ambiente religioso alemão no contexto em que as críticas luteranas inflamavam os fiéis. Sensível à situação, Contarini defendeu uma reforma séria na Cúria de Roma como solução para a crise gerada pelo luteranismo, ressaltando a ineficácia das bulas papais como instrumento de repressão àquele movimento reformador alemão.

<sup>384</sup> Reginald Pole foi um arcebispo inglês que exerceu importante papel durante a Reforma. Fez parte da comissão escolhida pelo Papa e presidida por Contarini responsável por traçar as linhas da reforma da Igreja Católica.

<sup>385</sup> Giovanni Pietro Carafa (1476-1559) se tornou Papa Paulo IV após a morte do Papa Marcelo II, em trinta de abril de 1555. Sua subida ao poder significou a vitória da ala ortodoxa antiluterana e seu pontificado foi marcado pela reformulação administrativa da Igreja e pelo fortalecimento da Inquisição, severidade na perseguição e combate às heresias, com o intuito de frear o crescimento do protestantismo. Seu posicionamento gerou forte insatisfação dentro dos ciclos moderados e heterodoxos da Igreja.

<sup>386</sup> Antonio Ghislieri se tornou Papa Pio V em 1566. Em seu pontificado, buscou combater o protestantismo reforçando as decisões do Concílio de Trento.

início em duas contrastantes direções: no movimento, permanecido infrutífero, de Contarini, e naquele movimento popular espontâneo, que foi depois absorvido pela corrente rígida da verdadeira e própria “Contrarreforma”.<sup>387</sup>

Segundo Cantimori, Chabod enfatizou que, dentro dos movimentos reformadores católicos de Contarini e de Zaccaria<sup>388</sup>, havia uma importante característica comum que destoava do perfil do movimento contrarreformador de Carafa e Ghislieri: a presença leiga ou do movimento vindo de “baixo”.<sup>389</sup> Seguindo este debate sobre o valor do movimento laico no universo reformador, Delio Cantimori destacou a importância dada por F. Chabod ao peso adquirido pelo anticlericalismo nas massas italianas da primeira metade do século XVI e suas reprovações do comportamento clerical.<sup>390</sup>

Todavia, segundo o autor, F. Chabod concluiu que o exílio desses líderes católicos reformadores, gerado pelas perseguições promovidas pelos representantes do ideal da Contrarreforma, enfraqueceu o movimento reformador interno italiano, trazendo consigo apenas a prevalência de representantes laicos, entre intelectuais e o povo, perdendo em espiritualidade e ganhando na falta de vigor moral.

(...) a conclusão de Chabod de que o exílio deles, ainda que glorioso, “foi também, sem dúvida, um enfraquecimento do movimento interno italiano, ao qual faltaram, na hora decisiva e em uma situação já em si muito grave, os homens cuja fama teria dado prestígio e autoridade de líderes”. O exílio dos primeiros propugnadores eclesiásticos da Reforma trouxe então consigo aquela prevalência dos laicos, dos quais se falou antes; estes laicos não eram só intelectuais, mas também homens do povo. Assim, o movimento, “dilatando-se e adquirindo maior determinação e falta de escrúpulo sobre o terreno prático, perdia bastante da sua interioridade e espiritualidade”.<sup>391</sup>

### **3.7 - O método histórico positivo, a filologia e a redação dos *Eretici italiani del Cinquecento. Ricerche storiche.***

Durante as experiências de pesquisas da década de 1930, os contatos com estudiosos como B. Croce e F. Chabod, a crise do Estado Ético Corporativo e as

---

<sup>387</sup> Idem, p. 310 e 311.

<sup>388</sup> Antonio Maria Zaccaria (1502-1539) foi médico e padre católico fundador da Congregação dos clérigos regulares de São Paulo e da Congregação de Freiras Angélicas de São Paulo, que foram responsáveis pela reforma dos conventos.

<sup>389</sup> Idem, p. 311 e 312.

<sup>390</sup> Idem, p. 312.

<sup>391</sup> Idem, p. 313 e 314.

mudanças de direção tomadas pelo regime fascista, os estudos sobre os hereges italianos também começaram a tomar um caminho distinto. Paulatinamente, os personagens analisados por Cantimori distanciavam-se do status de pioneiros na formação da consciência nacional, para se aproximarem da imagem de atores difusores das suas práticas espirituais desarmônicas em relação a todos os tipos de confissão, seja católica ou protestante. Esses atores levavam consigo crenças e interpretações místicas pela Europa, ao fugir das perseguições.

Os hereges passaram a ser interpretados na concretude das suas relações, no emaranhado mundo de movimentos religiosos. O exame tornou-se um trabalho de erudição e filologia, de um concreto estudo de história, na tentativa de abarcar as instabilidades e a complexidade da vida desses homens, apagando o sentido dos hereges como um movimento unitário homogêneo.

Em 1933, já com as experiências de estudos pelas universidades, bibliotecas e arquivos pela Europa, Cantimori defendeu, no prefácio ao livro de F. C. Church, uma “História da Reforma Italiana” com as seguintes características:

a) história da Reforma na Itália, que, por sua vez, apresenta, de um lado, o problema da relação entre o pensamento dos humanistas “reformados” ou “hereges” e o pensamento religioso-teológico do humanismo neoplatônico italiano, e, de outro, o problema da relação entre estes mesmos humanistas e a tradição savonaroliana, no campo ideal. No campo político, as relações entre o “partido reformador” aristocrático e as massas (se estas relações têm sido imediatas, ou mediadas pelos frades das ordens mendicantes e pelos professores de escolas, e onde, dado que tenham sido); e a posição do “partido reformador” entre as grandes orientações políticas da época (França-Império); b) história dos líderes da reforma italiana fora da Itália e história da emigração italiana por causa religiosa.<sup>392</sup>

Estes reformadores italianos perseguidos e renegados, tanto pelos católicos quanto pelos protestantes, seriam definidos por Cantimori como aqueles homens “irregulares”. Personagens de atitude que portavam uma mentalidade religiosa laica capaz de transformar a sociedade e aproximar as massas da intelectualidade de seu tempo, como Bernardino Ochino, Lelio e Fausto Socini, Aconcio<sup>393</sup>, Mino Celso, Francesco Pucci, Matteo Gribaldi, seus amigos, correspondentes e seguidores.<sup>394</sup>

<sup>392</sup> CANTIMORI. *Prefazione*. In: CHURCH. Op. cit. 1933. p. 12.

<sup>393</sup> Iacopo Aconcio (1492-1567) foi filósofo, teólogo e jurista italiano defensor da tolerância religiosa e crítico do luteranismo e do catolicismo, com ideias reformadoras que defendiam uma renovação religiosa vinda dos setores mais baixos.

<sup>394</sup> Idem, p 16.

“Irregulares”, mas não isolados! Apresentam-se em um ambiente fecundo da “heresia popular”, da “heresia social” renascentista, entre os anabatistas, nas suas mais diversificadas formas de manifestações, difusas entre os exilados e nas mais diferentes regiões italianas: tanto nas avançadas economicamente, como Veneto, quanto naquelas menos desenvolvidas, como Emilia e Piemonte.

Aqui afluía seu velho e particular interesse pela relação entre a intelectualidade humanista herética e o universo popular anabatista; relação na qual, em contraposição à visão de De Sanctis e Gentile, Cantimori reforçou a presença de uma interação entre letrados e populares e a diluição desse saber entre as massas.

Nos elencos de hereges, conhecidos e inéditos, encontramos frequentemente os anabatistas e sempre pessoas de humilde condição: tecelões, sapateiros, assim por diante. Todo o material que existe até agora não permite mais que indicações, mas permanece o fato do anabatismo popular e das relações dos maiores “heréticos” italianos com eles.<sup>395</sup>

Em 1936, em seu artigo *Atteggiamenti della vita culturale italiana nel secolo XVI di fronte alla Riforma*, Delio Cantimori se ocupou dessa temática sobre a interação entre o projeto reformador da elite intelectual humanista e a apropriação do seu discurso pelos setores populares, quase como um exercício intuitivo de suas leituras das fontes referentes aos expoentes do movimento herético italiano.<sup>396</sup>

Nesse texto, Cantimori começou apresentando como, no *Cinquecento*, problemas teológicos, anteriormente reservados apenas a seletos grupos religiosos, foram laicizados e passaram a ser foco das reflexões dos humanistas que deram a possibilidade de uma nova consciência religiosa. Essa ideia seria reforçada em sua obra *Eretici italiani del Cinquecento*:

---

<sup>395</sup> Idem, p 16.

<sup>396</sup> Em seu texto, *Per una discussione su Delio Cantimori e la nuova edizione degli “eretici italiani”* (In: Studi storici. Op. cit. 1993), Massimo Firpo ressaltou que o próprio A. Prosperi reconheceu que a relação entre os hereges e o povo ficou pouco aprofundada no livro de Cantimori se comparada à presença dos intelectuais que encontrava nas suas pesquisas em bibliotecas. Concordou também que, nos *Eretici*, Cantimori buscou recompor os pensamentos dos indivíduos e grupos humanos colocados em círculos distantes por serem rebelde, dando a palavra a quem se apresentava condenado ao silêncio por pertencer às classes populares. Entretanto, para Firpo, não parece que a descoberta das culturas marginalizadas, com seu interesse pelas classes subalternas, seja o elemento mais sólidos das lições de Cantimori. Nem que a multidão que compõe as linhas desse livro seja feita de homens de cultura e de tecelões de teólogos e de mulheres do povo. Isto porque Cantimori não teria frequentado a fundo os arquivos e os acervos inquisitoriais mais significativos daquelas classes subalternas como acreditou Prosperi. Dessa maneira, tudo indica que Cantimori intuiu aqueles nexos apresentados, principalmente, no artigo *Atteggiamenti della vita culturale italiana nel secolo XVI*, que o fascinou e não parou de indicá-los como um problema de interpretação histórica, endereçando frequentemente seus alunos para as pesquisas daqueles arquivos inquisitoriais, onde se encontravam vestígios das classes populares. FIRPO. Op. cit. 1993.p. 742 e 743.

No início do Cinquecento, na Itália, com o retorno do humanismo à literatura cristã patrística e àquela que então se chamava teologia “positiva”, aos motivos mais imediatamente religiosos e práticos, também os problemas da teologia “escolástica”, elaborados através de conceitos filosóficos ou do pensamento religioso, deixavam de ser reservados quase exclusivamente ao clero. As doutrinas da religião e da teologia tornaram-se problemas de vida prevalentemente intelectual, tanto através da transformação da companhia do clero no sentido laico e através da difusão da nova cultura também nas mentes mais grosseiramente religiosas e ligadas à tradição, quanto por meio da maior participação dos laicos na vida cultural, também religiosa, teológica. Depois de Savonarola, a tendência dos laicos a ocupar-se de problemas religiosos assumia uma maior energia e um caráter popular. O interesse do humanismo pelos problemas religiosos não era só de caráter filosófico geral, mas também teológico e ético-político, transformando-se em problema que até aquele momento eram reservados ao clero, regular ou secular, por causa das suas implicações práticas.<sup>397</sup>

Para Cantimori, nesse texto de 1936, já era patente a ancestralidade de tendências italianas de fazer das questões teológicas um problema também laico e, naquele contexto, no qual a renovação religiosa entrou no centro dos debates, Lorenzo Valla seria o grande responsável por apresentar uma nova maneira de afrontar assuntos antes reservados ao clero.

Na visão de Cantimori, o humanista teria utilizado uma razão não embasada nas ferramentas da lógica em voga, sempre ligada a pressupostos teológicos tradicionais. Em Valla, há o reconhecimento da insolubilidade dos problemas ao ponto de vista racionalista, que se embasavam em pressupostos teológicos irracionais.<sup>398</sup>

Dessa maneira, Valla teria afrontado estas questões teológicas com a pura razão, sem necessariamente distanciar-se da cultura religiosa bíblica, permanecendo no mesmo campo dos seus adversários religiosos e se posicionando como homem de cultura contra os homens da Igreja nas questões teológicas.<sup>399</sup>

Todavia, na concepção de Cantimori, as obras mais importantes de Valla seriam destinadas a um problema de interesse filológico e político, como o panfleto sobre a infundada *Donazione* de Constantino e *De professione religiosorum* e sua contestação

<sup>397</sup> CANTIMORI. Op. cit. 1992. p. 15.

<sup>398</sup> CANTIMORI, Delio. *Atteggiamenti della vita culturale italiana nel secolo XVI di fronte alla Riforma*. Rivista Storica Italiana, LIII, 1936, fasc. III, p. 41-69. In: CANTIMORI, Delio. *Umanesimo e Religione nel Rinascimento*. Torino: Giulio Einaudi editore, 1975. p. 4.

<sup>399</sup> Idem, p. 6.

das estruturas hierárquicas das ordens religiosas e da supremacia de certos membros, os quais obtinham privilégios injustamente, através de uma confusão de significados.<sup>400</sup>

Esse exercício analítico de Valla, além de fonte de estudos da Reforma italiana, também se tornou um ponto basilar para o desenvolvimento metodológico de Delio Cantimori.

O estudioso italiano, que já vinha defendendo uma análise hermenêutica filológica concreta e particular para conhecer o significado das palavras, a fim de não se enganar pelas eloquências dos discursos, e que havia atentado para a necessidade de construir conceitos precisos, encontrou no pensamento humanístico de Lorenzo Valla uma das vigas alicerçais que o direcionaram para uma problematização historiográfica diferente dos aspectos da Reforma italiana.<sup>401</sup>

Dessa maneira, Cantimori lançaria as seguintes palavras no primeiro capítulo dos *Eretici*:

(...) alusões à polêmica teológica, inspirada nos motivos filológicos, se encontram também nas *Elegantiae*, onde Valla polemiza frequentemente também contra filósofos como Boezio, introduzindo na cultura italiana o gosto pela hermenêutica filológica, o desejo de conhecer precisamente o significado das palavras, para não se deixar enganar pelos esplendores de eloquente oratória ou pelos preconceitos, reverências e tradições. Este interesse pelo significado preciso das palavras, dos nomes considerados em sua história e em sua pureza de “latinidade”, provém, em Valla, da consideração da jurisprudência e da teologia, à luz das cartas latinas e do interesse filológico, o qual se alarga, por sua vez, ultrapassando o momento gramatical, como mostra o polemizar de Valla com juristas e teólogos. O método hermenêutico jurídico e teológico, transportado no tempo pela cultura nova, literária e filosófica, totalmente compenetrada de preocupações de renovação moral, adquiria valor profundamente revolucionário. Porque a precisão e a clareza das palavras e o entendimento do seu significado tinham importância puramente técnica, de pureza terminológica, quando permanecem limitadas a problemas específicos e particulares, mas assumem importância decisiva e fundamental quando se preocupam com problemas universais, de ideias. A exigência colocada por Valla era aquela de levar à expressão plena e precisa as exigências morais da nova sociedade italiana, que se sentia obscurecida por formulações e tradições culturais agora vazias de substância e reduzidas em grande parte a esquemas e convenções. A exigência de falar claro, das definições precisas e não confusas, do levar em conta o pleno e completo significado das palavras, não era um aspecto da vontade de

---

<sup>400</sup> Idem, p. 6.

<sup>401</sup> MICCOLI, Giovanni. *La ricerca storica come “storia positiva”*. In: Studi Storici. Bari: Edizioni Dedalo, 1993. p. 763. CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. 2011. p 47.

evitar qualquer compromisso com a tradição da qual se faziam escudo os adversários, do radicalismo necessário a cada transformação que queira ter valor universal, mas era também exigência da renovação do pensamento através da língua. E é característico que Valla procedesse não só sobre base da eloquência, como se diz erroneamente, seguindo um esquema tradicional, mas sobre a base do direito e da teologia, que empenhavam os valores fundamentais da vida, as relações entre homem e homem, e entre homem e Deus.<sup>402</sup>

Assim, como ressaltou Chiantera-Stutte, Delio Cantimori captou a importância política da filologia, que, em seu entendimento, se tornou pressuposto para uma revolução do pensamento e uma condição necessária para a reconstituição ético-política daqueles homens da reforma religiosa. As críticas de Valla se transformam em uma instância social, ao problematizar questões como o conceito da divindade e da essência religiosa cristã, e minam o edifício dos mitos sobre qual a autoridade da igreja se embasava, atingindo as turvas aspirações dos grupos populares e tornando-se em fermentos espirituais para os anabatistas.<sup>403</sup>

Para além do debate sobre a história da Reforma Italiana, em Cantimori, estas ideias se tornaram uma das precisas bases do método de análise das fontes, o que o estudioso italiano denominou como “história positiva”, “método histórico positivo”, “crítica histórica positiva”, entre outras maneiras, remetendo-se ao estudo erudito de uma realidade histórica particular e concreta, positivamente definida e objetiva.

Esta visão emergia em contraposição à perspectiva idealista da história das ideias, a qual não levaria em consideração as relações reais e a diversidade dos conceitos, composta pelo duplo anacronismo de estudar o passado sob a luz do presente e de se tornar gerenciador indicativo para a leitura do presente.<sup>404</sup>

Como afirmou Miccoli, este método também esteve intimamente ligado aos contatos com as reflexões historiográficas de B. Croce e seu método de análise documental, que, como vimos, abriu os olhos de Cantimori para a divisão entre *res gestae* e *historia rerum gestarum*.

Não obstante, este método analítico também se fez presente nas reflexões políticas de Cantimori. Em 1932, partindo do idealismo atualista gentiliano, o jovem italiano teria publicado seu texto *Chiarificazione di idee. De minimis*, no qual demonstrou interesse pelas construções conceituais precisas e defendeu a construção de

<sup>402</sup> CANTIMORI. Op. cit. 1992. p. 15 e 16.

<sup>403</sup> CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. 2011. P 49.

<sup>404</sup> MICCOLI. Op. cit. 1993. p. 758 e 760.

reflexões político-culturais que almejassem os usos reais de termos e conceitos que poderiam regular a vida moral e política dos homens.<sup>405</sup>

A nós importa ser sinceros e sérios, importa não mistificar com belas palavras quem nos está em volta, importa observar a realidade assim como ela é, sem fingimentos, sem hipocrisias, sem covardia camuflada de céus azuizinhos, de nuvens rosas, de tronos, dominações e querubins belíssimos, mas falsos. A realidade é o homem, a vida do homem, a sociedade dos homens; com eles, e para eles, vivemos. O resto não vale.<sup>406</sup>

Como frisou Prospero, esta “história positiva” cantimoriana, além de contestar todas as reflexões de caráter abstrato e irrealista, também combateu a história jurídica proposta por F. Ruffini, que se interessou pelas doutrinas heréticas, objetivando traçar as primeiras formas da tolerância e liberdade religiosa.<sup>407</sup>

Em contraposição, para Cantimori, a ideia de tolerância não seria fruto somente de uma discussão jurídica ou do direito canônico. Tal conceito ligava-se a uma doutrina particularmente teológico-política, com raízes no pensamento religioso daqueles hereges.

Para ilustrar melhor este debate, Prospero retomou as anotações do verão de 1934, quando Cantimori lançou as seguintes afirmativas:

Não interessa a história positiva dessas ideias, não pode interessar quando se aceita o ponto de vista jurídico, que encontra uma importância e um significado no movimento herético italiano entre os reformadores só na sua polêmica em nome da tolerância. Quando se sai do ponto de vista estritamente jurídico e se consideram também as implicações políticas daquela posição jurídica e de direito canônico, têm-se logo uma interessante observação para fazer: os hereges colocavam em dúvida a legalidade do cristianismo de assumir cargas estatais e especificamente de entrar na “magistratura”: consequência da primeira negação, que o magistrado deva ocupar-se de punir os dissidentes religiosos. Mas a este ponto, ocorre considerar do interior o desenvolvimento das ideias heréticas: não se trata só de uma consequência da discussão jurídica, trata-se de uma particular doutrina teológico-política, radicada no pensamento religioso daqueles hereges, como no agitar-se de vagas aspirações sociais naquela época.<sup>408</sup>

<sup>405</sup> Idem, p. 761 - 763. Como Miccoli afirmou, essa busca por conceitos e métodos precisos para análise da realidade, também esteve presente já no seu artigo: *Sulla storia del concetto di Rinascimento*. In: CANTIMORI. Op. cit. 1971. 413-462.

<sup>406</sup> CANTIMORI, Delio. *Chiarificazione di idee. De minimis*. Vita Nova, VIII, 1932, p. 623-626. In: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 130.

<sup>407</sup> PROSPERI. Op. cit. 1992. p. XXXIV.

<sup>408</sup> Idem, p. XXXIV.

Para Cantimori, a temática da tolerância também foi um ponto central nessas discussões de jurisdição, teologia e erudição. Como o intelectual italiano ressaltou no prefácio de 1933, existiria uma contradição da Reforma “ortodoxa” de Calvino ao negar a Igreja para defender politicamente outra e não valorizar as críticas dos antitrinitários e dos socinianos italianos, que se embasavam no “misticismo neoplatônico e nas análises de Valla, na hermenêutica jurídica, e no racionalismo aristotélico, adverso às formulações mitológicas dos problemas especulativos e religiosos”. Dessa maneira, refutavam o dogma trinitário através de uma concepção teológico-doutrinal, não do ponto de vista místico-especulativo.<sup>409</sup>

Segundo Cantimori, Socini e Ochino já desconfiavam da tardia escolástica e seu formalismo racionalista especulativo. Com o advento dos preceitos analíticos de Lorenzo Valla, o significado da evidência e da nitidez foi reduzido, em última análise, ao significado das palavras sob um controle analítico gramatical e hermenêutico da expressão verbal.

Assim, o conceito de tolerância religiosa por eles elaborado não é idêntico àqueles dos seus intensificadores positivistas (ou seguidores do movimento do assim chamado protestantismo liberal), mas tem significado bem preciso de superação da posição dogmático-mitológica do problema teológico, superação não abstrata como aquela da intolerância indiferente (então não superficialmente explícito como se poderia pretender, e formulado teologicamente e juridicamente e não filosoficamente em termos filosóficos modernos, mas ao mesmo tempo consciente do seu nítido destaque da posição tradicional e do seu contraste com ela), mas concreto, radicado nos problemas da época, novamente postos e sentidos com amplo respiro: é o conceito da necessária distinção entre organização jurídica, política e instituições teocráticas (teológico-jurídicas) de uma parte e pensamento religioso de cada implicação “contingente”, política, prática, que gostaria de lhe perguntar sorratamente por escopo polêmico, sobre a autonomia da religiosidade das confissões e das igrejas, sobre a independência do pensamento da acessibilidade das organizações, e sobre sua autônoma e íntima eticidade, manifestando-se diretamente na retidão das ações e na radical e plena atuação dos próprios postulados, único fundamento para poder exigir (não impor) que os outros lhes obedçam.<sup>410</sup>

Com a contrariedade à especulação teológica abstrata e à ênfase na vida moral e ética para elevação dos homens às regras da razão, na visão de Cantimori, esses reformadores se tornaram os primeiros grandes representantes da tolerância religiosa,

<sup>409</sup> CANTIMORI. Prefazione. In: CHURCH. Op. cit. 1933. p 18.

<sup>410</sup> Idem, p. 18 e 19.

sendo esta a maior conquista dos hereges italianos.<sup>411</sup> Anos mais tarde, em seu curso de 1959, Cantimori afirmaria:

Fausto Sozzini não condenava, não se arrogava o direito teológico e filosófico de condenar; contentava-se em demonstrar que não podia se dizer cristão, no sentido preciso da palavra, quem fizesse recurso à violência. Não são sutilezas: tanto é verdade que os potentados do tempo consideravam exatamente estas posições, entre tantas outras mais polêmicas, rumorosas e radicais, entre as mais perigosas que havia.<sup>412</sup>

Entretanto, Cantimori veio a concluir, já no artigo *Atteggiamenti della vita culturale italiana nel secolo XVI di fronte alla Riforma*, que, no final da primeira metade do *Cinquecento*, as propagandas doutrinárias dessa nova forma de afrontar a realidade espiritual já estavam falidas perante a ação aterrorizante das perseguições religiosas, mas o afloramento humanístico havia adentrado no universo das classes “inferiores”.<sup>413</sup>

Sob o modelo protestante, a falência da Reforma Italiana teria sido a barricada de homens como Bernardino Ochino, diante da vitória do clero da Cúria Romana. Contudo, como o estudioso assegurou, se investigarmos os processos inquisitoriais, encontraremos – como muitos dos seus alunos encontraram – ainda esse ideal em nomes de “pobres padres e pobres gramáticos, professores, artesãos, mulheres, gente longe das escolas e das academias, embora presentes na vida religiosa.”<sup>414</sup>

Eram homens que, devido à repressão e à intolerância, tinham apenas a possibilidade de preservar suas autonomias espirituais se fechando em âmbito individual. Assim, o movimento continuou, mas se dissolveu na prática particular.

Dessa maneira, conclui-se que, naquele contexto de experiências em Basileia – a descoberta da teologia como chave interpretativa da cultura alemã e seu poder de mover as massas, bem como a crise do Estado Corporativo fascista acompanhada pela crise do idealismo atualista –, Cantimori se aproximava da perspectiva crociana de História e de História da Historiografia, pautada na filologia, desenhando uma nova interpretação dos hereges e da realidade política que vivenciava, defendendo um Estado como instituição provedora da racionalidade, em contraposição aos instintos inflamados de então.

<sup>411</sup> TEDESCHI. Op. cit. 2002. p. 15

<sup>412</sup> CANTIMORI, Delio. *Prospettive di storia ereticale italiana del Cinquecento*. In: CANTIMORI. Op. cit. 1992. p. 464.

<sup>413</sup> CANTIMORI. *Atteggiamenti della vita culturale italiana nel secolo XVI di fronte alla Riforma*. Op. cit. 1936. In: CANTIMORI. Op. cit. 1975. p. 27.

<sup>414</sup> Idem, p. 27.

Assim, seus textos apologéticos publicados no periódico *Vita Nova* deram lugar a escritos analíticos atentos às forças propagandistas ideológicas fascistas e nazistas, ligadas a políticas irracionais e ao apelo a questões espirituais para movimentar as massas. Em específico, na Alemanha – a terra das controvérsias religiosas –, vivenciava-se novamente a era das guerras religiosas, na qual se desdobrava novamente a vitória da atitude reformadora conservadora em oposição aos verdadeiros revolucionários.

### **3.8 - A ascensão e consolidação do nacional-socialismo ao poder e as reflexões políticas de Delio Cantimori.**

Como ressaltou Nicola D’Elia, com os resultados das eleições presidenciais alemãs de 1932, a vitória do partido nacional-socialista chamou a atenção da imprensa e da intelectualidade italiana. Este evento alimentou um forte debate sobre a razão pela qual o povo alemão teria preferido o NSDAP em meio a tantos outros partidos de orientações nacionalistas que também defendiam a revisão do Tratado de Versalhes.<sup>415</sup>

Sumariamente, de um lado, havia aqueles que acreditassem estar assistindo à formação de um país inspirado nos fundamentos ideológicos do fascismo; do outro, se levantava uma série de dúvidas sobre a relação entre Itália e a Alemanha antisemita, dando início a uma rivalidade ideológica entre os dois regimes.<sup>416</sup>

A revista dirigida por G. Bottai, *Critica Fascista* – uma referência para Cantimori –, foi um dos órgãos de informação que lançaram a atenção para os eventos políticos que vinham ocorrendo na Alemanha, com a intenção de decodificá-los para decifrar as características particulares que constituíam a identidade do partido nacional-socialista, a fim de compará-las ao Fascismo.

Com o artigo *La lotta fra razzismo e universalismo nella Germania di oggi*, publicado em 1931, de Gustav Glaesser, o partido nacional-socialista começava a ser visto não apenas como um movimento, mas também como uma “visão do mundo (Weltanschauung)”.<sup>417</sup>

Reforçando esta leitura, o colaborador do periódico, Mario Da Silva, afirmou que o partido nacional-socialista extrapolava o limite de um movimento político e que portava consigo uma “orgânica concepção da vida política no geral e dos destinos

---

<sup>415</sup> D’ELIA. Op. cit. 2007. p. 61.

<sup>416</sup> Idem, p 61.

<sup>417</sup> Idem, p. 62.

políticos da nação alemã em espécie, ou seja, para dizer à alemã, de uma *Weltanschauung*, uma visão do mundo” e enfatizou o núcleo fundamental racista do NSDAP, que embasava o conceito de nação do nacional-socialismo, diferente do ideal fascista e sua nação “como máxima espiritualidade, comunhão de sentimento, pensamentos, ideais e costumes, etc”.<sup>418</sup>

Em contraposição, intelectuais como Valentino Piccoli, reforçaram as semelhanças entre os governos alemão e italiano, defendendo a interpretação do nacional-socialismo como os primeiros passos para a concretização do “fascismo universal”, segundo o qual as diferenças seriam entendidas como a adaptação dos preceitos políticos do regime de Mussolini às particularidades da nação alemã.<sup>419</sup>

Por parte de Cantimori, este exercício de análise do universo político alemão já vinha sendo feito desde 1927. Entretanto, como afirmou Roberto Pertici, desde a morte de Gustav Stresemann<sup>420</sup>, em 1929, até a vitória NSDAP, em 1932 – momento em que a política alemã vivenciava a formação de uma nova conjuntura e em que o nacional-socialismo se tornava um dos assuntos mais importantes dentro das discussões em relação à política internacional na Itália –, encontramos uma lacuna de documentos publicados pelo intelectual sobre esta temática em específico.<sup>421</sup>

Em busca de tapar esta fenda, D’Elia utilizou o texto datilografado intitulado “Nazis”, em que o jovem italiano examinou as vitórias eleitorais do NSDAP e as reações da imprensa italiana que, segundo o intelectual romagnolo, deveria defender a construção concreta de políticas de aliança e cooperação entre os dois países, não apenas discursos voltados a uma possível simpatia ideológica entre o nacional-socialismo e o governo fascista.<sup>422</sup>

Nesse texto, Delio Cantimori também defendeu uma maior investigação sobre o movimento nazista, ressaltando a necessidade de trazer algumas “notícias sobre as ideias, ideologias, a história do NSDAP (Partido nacional-socialista Alemão dos Trabalhadores)”,<sup>423</sup> começando pelo resgate histórico da formação do nacional-socialismo, as bases teóricas racistas de D. Eckart e Alfredo Rosenberg, a defesa de uma

<sup>418</sup> Idem, p. 62 e 63.

<sup>419</sup> Idem, p. 63.

<sup>420</sup> Gustav Stresemann foi um político da República de Weimar, ganhador do prêmio Nobel da paz por ser um dos principais responsáveis pelo Pacto de Locarno, em 1925, com o objetivo de manter a paz e organizar as fronteiras alemãs com as nações vencedoras da I Guerra Mundial, e pela entrada da Alemanha na Sociedade das Nações.

<sup>421</sup> PERTICI. Op. cit. 1997. p. 69 e 70.

<sup>422</sup> CANTIMORI. “Nazis”p. 123. In: D’ELIA. Op. cit. 2007.

<sup>423</sup> CANTIMORI, Idem. p.123. D’ELIA. Idem, p. 70.

nova religião por Guido von List e a presença do mito do Terceiro Reich.<sup>424</sup> Essencialmente, também reforçou as diferenças entre os regimes e ainda defendia a superioridade do Estado Corporativo Ético italiano como a via de superação do capitalismo.<sup>425</sup>

Em 1933, ainda em viagem pela Europa, em busca dos rastros dos hereges italianos na cultura europeia, Cantimori já levava a bagagem intelectual e política de sua estadia em Basileia, a qual abriu seus olhos para o uso da teologia como chave interpretativa do político mundo alemão e para o recorrente apelo nazista ao intolerante irracionalismo espiritualista e racista a fim de mover os instintos das massas e unificar a nação.<sup>426</sup>

Ainda confiante no Estado Ético fascista e começando a se aproximar dos estudos sobre alguns marxistas e Karl Marx – agora colaborando para a revista Leonardo –, Cantimori começou a modelar sua crítica ao regime hitlerista, passando a resenhar livros como *Geschichte des Bolschewismus*<sup>427</sup>, do historiador marxista judeu, Arthur Rosenberg, *Nietzsche, assai de mythologie*<sup>428</sup>, de Ernst Bertram e a obra *Nietzsche Apostata*<sup>429</sup>, de Hugo Fischer, os quais exploravam o universo socialista alemão e o pensamento antiburguês de Marx e Nietzsche junto a outros nacional-bolchevistas alemães.<sup>430</sup>

Particularmente sobre o nacional-socialismo, escreveu uma importante resenha a respeito da obra do judeu Conrad Heiden, *Geschichte des Nationalsozialismus*.<sup>431</sup>

---

<sup>424</sup> Idem, p. 124.

<sup>425</sup> Idem, p. 129.

<sup>426</sup> CANTIMORI. *Recensione di Karl Barth*. Op. cit. 1934. In: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 203. Cf. MICCOLI. Op. cit. 1970. p. 56. MANGONI. Op. cit, 1991. p. XXXII. PROSPERI. Op. cit. 1992. p. XIX. D'ELIA. Idem, p. 48.

<sup>427</sup> CANTIMORI, Delio. *Recensione di Arthur Rosenberg, Geschichte des Bolschewismus, von Marx bis zur Gegenwart, Rowohlt, Berlin 1932*. R. Leonardo, IV, 1933. p 78-81. In: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 137-141.

<sup>428</sup> CANTIMORI, Delio. *Recensione di Ernst Bertram, Nietzsche, assai de mythologie, Rieder, Paris 1933*. R. Leonardo, IV, 1933. p 152-155. In: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p.146-151.

<sup>429</sup> CANTIMORI, Delio. *Recensione di Hugo Fischer, Nietzsche Apostata, oder die Philosophie des Ärgernisses, Verlag Kurt Stenger, Erfurt 1933*. R. Leonardo, IV, 1933. p. 357-360. In: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 154-159.

<sup>430</sup> PERTICI. Op. cit. 1997. p. 71.

<sup>431</sup> CANTIMORI, Delio. *Recensione di Conrad Heiden, Geschichte des Nationalsozialismus die Karriere einer Idee, Rowohlt, Berlin 1932*. R. Leonardo, IV, 1933. p 125-127. In: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 142-145. Como enfatizou Luiza Mangoni, em quatro de abril de 1932, Cantimori já havia projetado, junto à Federico Gentile, uma possível tradução do livro de Heiden pela editora Sansoni, convicto que a obra seria útil para esclarecer as ideias em relação ao movimento nacional-socialista alemão. MANGONI. Op. cit. 1991. p. XXXIII, nota 83. Segundo D'Elia, a proposta estava em voga ainda na carta enviada por Cantimori à F. Gentile, em oito de fevereiro de 1934, na qual o intelectual se dispunha a deixar seu trabalho de tradução dos textos de Carl Schmitt e empenhar nesse novo projeto. Entretanto, o sequestro na

Preocupado com o tom teológico e ideológico dos escritos que vinham abordando o regime nacional-socialista impulsionado pelo próprio projeto nazista, nesse texto, o intelectual italiano iniciou elogiando a importância desse trabalho embasado em fontes de primeira mão, classificando-o como a “(...) melhor obra histórica e crítica e não apologética ou propagandista que se tem sobre o assunto”.<sup>432</sup>

Entretanto, também ressaltou suas deficiências, levantando a unilateralidade da obra, suas críticas demasiadamente corrosivas à personalidade de Hitler e, principalmente, a concepção abstrata das forças partidárias que o teriam levado a negligenciar elementos ideológicos essenciais do movimento nacional-socialista.<sup>433</sup>

Segundo Cantimori, a história do NSDAP seria vista como um elemento interno à formação de um “Estado no Estado, desligando-o do desenrolar dos últimos dez anos da história alemã, descuidando-se dos elementos espirituais que conduziram os jovens desse partido e os escritores do nacional-socialismo”.<sup>434</sup>

No juízo de Cantimori, seria fundamental reconhecer o valor das ideias e obras dos irmãos Strasser, os quais, animados por uma forte simpatia pela Revolução Russa e seu caráter nacional,<sup>435</sup> foram empenhados ao encontro entre socialismo e nacionalismo, porém, sua ideias e obras foram diluídas por Heiden no campo das suas ações político-partidárias gerais.<sup>436</sup>

Naquele momento, o intelectual romagnolo classificava o nacional-socialismo ainda como “Confuso e turvo movimento, herdeiro espiritual do pangermanismo racista pré-guerra, e do estadismo romântico”,<sup>437</sup> incapaz de realizar na Alemanha a síntese do Estado ético italiano.

Adolf Hitler era visto como o

(...) guia do maior partido da Alemanha, mas não do partido que ele queria... Assim, se poderá duvidar se o Nacional-socialismo será capaz de conseguir aquilo que imediatamente conseguiu o Fascismo: a formação de um Regime, isto é de uma potência estatal sustentada pelas forças determinadas pela Nação.<sup>438</sup>

---

Alemanha do livro de Conrad Heiden fez com que Cantimori abandonasse essa ideia. D’ELIA. Op. cit. 2007. p 66, nota 14.

<sup>432</sup> CANTIMORI. Idem, p. 143

<sup>433</sup> Idem, p. 142 e 143.

<sup>434</sup> Idem, p. 142 e 143. Cf. D’ELIA. Op. cit. 2007. 66 e 67.

<sup>435</sup> CANTIMORI, Delio. Note sul nazionalsocialismo. Archivio di studi corporativi, V, 1934. p. 291-328. in: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 170-172. Cf. PERTICI. Op. cit. 1997. p. 70.

<sup>436</sup> CANTIMORI. Recensione di Conrad Heiden. Op. cit. 1934. In: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 143. Cf. PERTICI. Idem, p. 70.

<sup>437</sup> CANTIMORI. Idem, p. 144. Cf. PERTICI. Idem. p. 70.

<sup>438</sup> Idem, p. 145.

Dando um passo à frente do livro resenhado de Heiden, em abril de 1934, ainda em Zurique, Delio Cantimori escreveu um texto com a intenção de publicá-lo nos anais do *Archivio di studi corporativi*, intitulado *Note sul Nazionalsocialismo*, no qual propunha uma análise das diversas facetas da *Konservative Revolution*, ressaltando a pluralidade ideológica dentro do movimento hitlerista.<sup>439</sup>

Dessa maneira, Cantimori apresentou uma narrativa analítica do percurso histórico e ideológico do NSDAP como fio condutor de suas reflexões, reascendendo a possibilidade de uma ligação entre o nacional-socialismo, as reformas sociais, as ideologias prussianas e pangermanistas e as teorias racistas e antissemitas, que, na Alemanha, tiveram terreno fértil e reivindicaram valor universal de *Weltanschauung*.<sup>440</sup>

Agora, não se pode ainda distinguir claramente se o sentimento nacional desencorajado e ofendido dos alemães tenha tido ou tenha na Revolução nacional-socialista uma função preponderantemente maiêutica a respeito desse desejo de reforma social, dessa necessidade de reconstrução política e de afirmação de uma nova “*Weltanschauung*”, ou se todas estas afirmações, expectativas, esperanças e projetos estejam em função, principalmente, da retomada nacionalista e expansionista da Alemanha da sua “*revanche*”. Nem se pode ainda discernir com precisão se o fervor de renovação social e nacional esteja simplesmente em função ideológico-propagandista de uma reação do capitalismo industrial-agrário alemão ao impulso de conquistas operárias e populares dos últimos dez anos, reação que se fundamentariam no motivo de reivindicação nacionalista perante as outras potências europeias, ou se, por sua vez, os motivos nacionais e tradicionais escondem um destaque completo e total da concreta tradição histórica da Alemanha moderna, bismarckana-guilhermina, prussiana.<sup>441</sup>

Como afirmado, o estudioso romagnolo ressaltou que o NSDAP acolheu as mais variadas tendências políticas alemãs que convergiam para a crítica à ordem social existente e à afirmação do ideal *völkisch*, popular racista. Entretanto, no transcórre do seu desenvolvimento, algumas dessas tendências se desvencilharam, em especial, a mais radical representada pelos irmãos Strasser.<sup>442</sup>

Segundo o intelectual romagnolo, Georg Strasser teria reconhecido a importância histórica do partido socialista alemão, da velha socialdemocracia, mas se

---

<sup>439</sup> CANTIMORI. *Note sul nazionalsocialismo*. Op. cit. 1934. In: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 163. Nota: 1. Cf. SIMONCELLI, Paolo. *Cantimori, Schmitt e il nazional socialismo*. In: Nuova Storia Contemporanea. Luni Editrice, 1997.

<sup>440</sup> CANTIMORI, Idem, p. 163.

<sup>441</sup> Idem, p. 164.

<sup>442</sup> Idem, p. 167.

voltou contra a inépcia revolucionária dos seus líderes. O político alemão também teria desenvolvido uma forte simpatia pela Rússia soviética e pelo caráter nacional da revolução russa, defendendo uma autarquia econômica e uma nacionalização corporativa da produção, e posicionando-se contra o capitalismo explorador, que buscava desfrutar das forças populares nacionais.

Por sua vez, Otto Strasser teria fundado, a partir de um sistema teológico ligado à filosofia da história, o advento de uma nova época socialista-nacional-idealista, na qual a primeira exigência era a eliminação da propriedade privada dos fundos e terrenos, das riquezas do subsolo e dos meios de produção.<sup>443</sup>

Para Cantimori, mesmo com o desligamento dos Strasser, gerado pela aproximação entre o partido nazista e os conservadores, suas ideologias conservaram forte influência sobre a multidão de militantes nacional-socialistas, ganhando grande espaço entre as reflexões de jovens militantes nazistas, em especial da *Sturmabteilungen* (S.A.).<sup>444</sup>

Delio Cantimori ainda explorou o ambiente cultural alemão, reafirmando a forte presença da teologia na construção do pensamento das vertentes políticas presentes naqueles anos.

Era natural que na Alemanha, país teológico, a na Alemanha do pós-guerra, rica de seitas, de novos misticismos, de movimentos sentimentalistas e irracionais, talvez somente como nos anos que acompanharam e precederam a violenta manifestação religiosa luterana de necessidade, de renovação e de reforma da vida social, no geral, e especialmente eclesiástica em particular, este contraste assumiu forma e aspecto teológico e religioso.<sup>445</sup>

A partir dessa constatação, Cantimori pontua o nascimento do socialismo espontâneo e utópico romântico, no interior da S.A., como religiosidade racista com ímpeto missionário de defesa da raça pura, na qual a divindade era a nação, não mais o Deus cristão, seu caráter revolucionário e sua ligação com as ideias defendidas pelos irmãos Strasser.<sup>446</sup>

Dessa maneira, as características do povo deveriam ser desenvolvidas por vontade divina e, logicamente, no interior dessas sociedades, seria necessário realizar uma nova comunidade de vida social, um socialismo de coração, uma igualdade

---

<sup>443</sup> Idem, p. 172

<sup>444</sup> Idem, p. 169 e 174. Cf. D'ELIA. Op. cit. 2007. p. 69.

<sup>445</sup> Idem, p. 182.

<sup>446</sup> Idem, p. 184 e 185.

interior, que supere as diferenças sociais, tornando-se necessário combater os “corruptores judeus” ligados ao racionalismo liberal negador da mística realidade “völkisch”.<sup>447</sup>

Cantimori ainda reafirmava a presença dos ressentimentos sociais como justificativa da existência de teorias racistas e o necessário combate ao ideal burguês, vistos como obstáculos à concretização dos preceitos político-religiosos nacional-socialistas de implantação da unidade e elevação do povo alemão.

Dadas as teorias racistas e as suas conseqüências “socialistas”, as manifestações de sentimentos e ressentimentos sociais deviam necessariamente dirigir-se contra o “estrangeiro” “burguês” (como vem sempre enfatizado na propaganda oficial nacional-socialista) ou “dissolvente da unidade völkisch” e então em substância obstáculo à realização do *deutsches Sozialismus*. O antissemitismo de hoje é, resumidamente, na sua substância uma das formas, que aqui não julgaremos, com as quais se manifestam, seja também desviadas em trilhos mortos, as aspirações e os ressentimentos sociais na Alemanha atual, nacional-socialista.<sup>448</sup>

Não obstante, após cerca de três meses da redação desse artigo, Delio Cantimori, junto à intelectualidade e à classe política europeia, assistiu a dois eventos que trouxeram uma sensação de instabilidade para o continente e o sentimento da eminência de novas competições armamentistas: o assassinato do ditador austríaco Englebert Dolfuss, aliado de Mussolini, e a “Noite dos longos punhais”.<sup>449</sup>

Estes eventos estremeceram ainda mais a confiança do romagnolo sobre a mentalidade irracional religiosa e a intolerância do regime hitlerista e seu viés belicoso pangermânico. Dessa maneira, meses depois de ter redigido seu texto, prestes a ser impresso pelo *Archivio di Studi Corporativi*, o intelectual romagnolo sentiu-se na obrigação de improvisar uma nota esclarecedora sobre os limites de sua interpretação, perante aqueles estarecedores episódios.<sup>450</sup>

Nessa referência, Cantimori veio a classificar o massacre da S.A. como a representação da vitória do elemento “militar reacionário” sobre o ideal revolucionário:

Relevo ainda o caráter informativo e destacado dessas rápidas notas; permiti-me recordar fatos conhecidos geralmente com o escopo de clarear-los melhor. Estas notas foram escritas em abril de 1934; mas penso que podem servir também depois dos acontecimentos de trinta

---

<sup>447</sup> Idem, p. 186 e 187.

<sup>448</sup> Idem, p. 187.

<sup>449</sup> PERTICI. Op. cit. 1997. p. 73 e 74.

<sup>450</sup> SIMONCELLI. Op. cit. 1997. p. 144.

de junho de 1934 na Alemanha. A sua interpretação mais provável nos parece esta: que em substância trata-se de uma vitória do elemento militar (Reichswehr) e “reacionário” sobre aquele revolucionário, acompanhado de hábeis golpes contra o porta-voz da “Reação” e do saldo de velhas contas, e inalterados restando muitos velhos motivos ideológicos e propagandísticos, como a fé no “Führer” Hitler.<sup>451</sup>

Foi nesse contexto que Cantimori resenhou o escrito de Ernesto Codignola, *Il rinnovamento spirituale dei giovani*, documento típico de um fascismo “liberal”, defensor da autonomia da cultura e liberdade de imprensa e contra o controle político da cultura.<sup>452</sup>

Segundo o intelectual italiano, a primeira leitura desse livro poderia gerar certa comoção naquele que vivenciava o desgosto em relação aos “atuais “renascimentos” reacionários camuflados sob os grandes nomes revolução, povo e renovação”.<sup>453</sup>

Segue afirmando que “junto aos mais diversos escritos de propaganda nacional-socialista e racistas”, a primeira impressão seria o reconhecimento de um maior equilíbrio e bom senso de Codignola frente “ao transbordamento de monstruosidades as quais se pode assistir hoje na Europa”.

Naquela situação, no juízo de Cantimori, muitas seriam as objeções vindas dos “reacionários que escrevem e pregam na nova Alemanha”, das quais os italianos precisariam desenvolver a atenção e a crítica, “não menos que sobre os tolos antissemitas e racistas fanáticos”, que aparecem frequentemente muito mais decididos e consequentes nos seus argumentos.<sup>454</sup>

Reacionários como o exemplo de Carl Schmitt, “renomado jurista e escritor político, argumenta muito bem e repete que é loucura liberal querer colocar a esfera cultural independente da política”, que, em seu escrito, *Politische Teologie*, teria lançado a seguinte afirmativa:

“Entretanto, nós reconhecemos que a política tem valor total (das Politische als das Totale) e como consequência sabemos também que

<sup>451</sup> CANTIMORI. *Note sul nazionalsocialismo*. Op. cit. 1934. In: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 191. nota 42. Para um melhor esclarecimento daquele evento, Cantimori indicou uma interpretação contraposta à sua, presente no texto de Mario Silva, *Lettera dalla Germania*, publicado em novembro de 1934, na revista *Critica Fascista*, que segundo D’Elia, enxergou os acontecimentos de trinta de junho como a consagração do Estado sobre o primado revolucionário, deixando-o sob os interesses dele próprio. Sendo assim, o nacional-socialismo teria saído de uma grave crise reforçado, solucionando as incompatibilidades nazistas de movimento e de Estado. D’ELIA. Op. cit. 2007. p. 76.

<sup>452</sup> PERTICI. Op. cit. 1997. p. 74.

<sup>453</sup> CANTIMORI, Delio. *Recensione di Ernesto Codignola, Il movimento spirituale dei giovani, Mondadori, Milano 1933*. Leonardo, V, 1934. In: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 192.

<sup>454</sup> Idem, p.194.

a decisão se qualquer coisa seja ou não de pertinência política, é sempre uma decisão política, seja o que for o objeto que ela ataque, sobre qualquer evidência em que se apóie.”<sup>455</sup>

Nessa situação, Cantimori chamava a atenção para a necessidade do combate de uma *Weltanschauung* através de outra *Weltanschauung* e, contra uma contaminação ideológica, retoma os preceitos ideológicos gentilianos de ligação íntima entre a ética e a política.<sup>456</sup>

Nesse quesito, no juízo do intelectual romagnolo, E. Codignola não seria “bem decidido na afirmação da superioridade da ética à política ou da redução da política à ética, pela qual cada pessoa é chamada a participar da vida política”, negligenciando o combate, com armas racionais e intelectuais, a tudo que seja estranho e sem valor para a consolidação da cultura. Dessa maneira, o ideólogo fascista abriria uma brecha para os sofismas adversários e a formação de uma literatura apologética propagandista pueril e conservadora capaz de atingir o grande público.<sup>457</sup>

Às vezes, ao ler certa literatura política ou pseudopolítica, mas não por isto menos difusa, menos lida e menos absorvida pelos ignaros, (...), deixamos de nos ocupar dessa gente que não vale nada, que confunde o interesse dos homens de cultura com a vida nacional com aquela *nationales Kitsch* – que o habilíssimo ministro Goebbels já proibiu a muito tempo – desses seres anacrônicos, dessas “meias culturas”. Mas depois, vagando pelas ruas, vemos estes escritos nas livrarias, nos quiosques das estações, os vemos lidos por jovens, os vemos, às vezes, discutidos com seriedade e então pensamos que qualquer coisa deva existir debaixo daquelas avalanches de palavras e de insolências, sob aquelas evocações de costumes passados, sob aquelas exaltações dos misticismos frios. Qualquer coisa de não bem definido, nem definível, que sobre as aparências rústicas e ingênuas faz o seu caminho mais e mais e unge. O filósofo talvez o reduzisse à irracionalidade, o político o chamaria reação, mas na verdade não se sabe bem que coisa é. Mas o perigoso é certamente a sutileza com a qual sabe sempre colocar os seus adversários na situação de acusados, como mornos, incertos, “bestas intelectuais”, perante a sua teocrática segurança de fé, o seu entusiasmo aquecido ao máximo, proclamado descaradamente. Rudemente sim, mas não ingenuamente, e com uma conseqüência de decisão, com uma vontade permanente, embora não clara, que não se deve negligenciar e nem desvalorizar. (...) Não basta ter mostrado a inutilidade do argumento do adversário, porque o adversário não existe mais. Especialmente quando este adversário oferece argumentos fáceis e

---

<sup>455</sup> Idem, p. 194.

<sup>456</sup> PERTICI. Op. cit. 1997. p. 74 e 75.

<sup>457</sup> CANTIMORI. *Recensione di Ernesto Codignola*. Op. cit. 1934. In: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 194 e 195.

lisonjeiros à preguiça das massas e aos temores e aos rancores dos indivíduos.<sup>458</sup>

Por essas questões, Cantimori defendia um maior controle das informações, defendendo uma “liberdade de publicação” mais racional, a fim de combater uma realidade ideologicamente criada nos jornais, revistas<sup>459</sup> e livros, como no caso da tradução italiana de *Mein Kampf*.

No mesmo ano de 1935, já tomado pelo clima de aproximação entre Mussolini e Hitler, o intelectual redigiu uma áspera resenha sobre a versão italiana da “Bíblia política Nacional-socialista”, ressaltando seus cortes em traduções também em outras línguas, o que, no caso italiano, reduziu a versão à metade.<sup>460</sup>

Não obstante, Cantimori enfatiza a presença do debate da propaganda na qual Hitler expõe suas ideias sobre a difusão dos preceitos nazistas e o apelo aos sentimentos e aos instintos, com o objetivo de movimentar as massas.

Segundo o intelectual italiano, nessa obra, defendia-se que cada publicidade deveria ser popular e o seu nível de complexidade medido com base na capacidade de compreensão das mentes mais limitadas entre aqueles que se pensa atingir. Deveriam também ser unilaterais, sem se preocupar com a verdade objetiva, servindo somente à própria verdade defendida. O exame dos vários direitos não deveria ser o foco, mas, sim, a implantação exclusiva daquele direito pelo qual a propaganda é feita.<sup>461</sup>

Tendo sido a própria tradução um exercício ideológico-propagandístico, sua tendenciosa busca pela eficácia teria retirado questões fundamentais dos preceitos nazistas, como sua essência racista e a maneira nacional-socialista de se comportar diante os outros partidos alemães.<sup>462</sup>

Sendo assim, Delio Cantimori levava para o campo da tradução, o exercício positivo da análise filológica como ferramenta de entendimento político e histórico, a fim de desvendar as práticas propagandistas ideológicas tão presentes na cultura alemã, permeada, esta última, pelo irracionalismo teológico, tão acionado pelas estratégias de manipulação nazistas.

Dessa maneira, o intelectual romagnolo concluía que

---

<sup>458</sup> Idem, p. 195.

<sup>459</sup> Idem, p. 196.

<sup>460</sup> CANTIMORI, Delio. *Recensione di Adolf Hitler, La mia Battaglia, Bompiani, Milano 1934*. Leonardo, VI, 1935. p. 224-227. In: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 306 e 307.

<sup>461</sup> Idem, p. 308.

<sup>462</sup> Idem, p. 309 e 310.

A tradução do livro de um autor famoso é sempre coisa difícil. Mas quando este autor é um homem político, vivo, em uma posição política excepcional, a coisa torna-se ainda mais difícil e delicada. Delicadíssima torna-se depois quando existem precedentes como aqueles que eu recordei ao início, quando a tradução se torna por si mesma um ato político e este ato político deve ser realizado levando em conta os precedentes de notável importância.<sup>463</sup>

Nos seus escritos posteriores, Cantimori vai reafirmar o sucesso do nazismo entre as massas como fruto do seu caráter indeterminado e ambíguo, pautado nos apelos à emoção do público, desfrutando da mentalidade teológica difundida na política na Alemanha.<sup>464</sup> Na consolidação da sua ortodoxia, o nazismo se fortalece como um regime no qual a *Weltanschauung* é acrítica e intolerante, fundada na irracionalidade de consciência sintética, definida como uma intuição do mundo de caráter estético-contemplativo e anti-intelectual e acrítico, unificado em uma nova concepção ético-racial que deu base ao mito racial do povo alemão.<sup>465</sup>

Dessa maneira, a progressiva reaproximação entre a Alemanha nazista e a Itália fascista, desde o apoio diplomático na guerra da Etiópia, a tomada de posição antibolchevique, a parceria na guerra civil espanhola, defendendo a bandeira anticomunista, como queria a direita reacionária católica, e a adesão da Itália ao modelo racista alemão geraram em Cantimori uma profunda decepção em relação ao regime fascista.

O antigo defensor do corporativismo e seu Estado Ético e da política como ética e atitude racional para controlar os instintos das massas via o projeto fascista tomando um caminho diferente do esperado e de tudo aquilo que o intelectual italiano vinha sustentando desde seu engajamento político na década de 1920.

Agora, o regime de Mussolini se tornava o baluarte anticomunista da Europa e uma das potências expansionistas que alimentava, junto ao nazismo, o ambiente belicista europeu. Contemporaneamente, Delio Cantimori paulatinamente se aproximava do grupo de intelectuais dissidentes, que deixavam de enxergar o regime com bons olhos e começavam a apresentar veladamente suas críticas ao fascismo.

---

<sup>463</sup> Idem, p. 311.

<sup>464</sup> Ibidem. *Recensione di Conrad Heiden*. 1933. CANTIMORI, Delio. *Deutscher Sozialismus*. Studi Germanici, I, 1935. p. 597-630. In: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 142 e 258. CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. 2011. p. 68.

<sup>465</sup> CANTIMORI. Idem, 1935. p. 468-470. Cf. CHIANTERA-STUTTE. Idem, p. 69.

Foi nesse momento que, na interpretação de Cantimori, o projeto fascista de formação civil do povo italiano se exauriu, dissolvendo sua essência original de religiosidade laica europeísta e seu projeto de organização sócio-econômica corporativa.

Dessa maneira, o romagnolo vivenciava uma nova inflexão ideológica ao se aproximar de representantes do Partido Comunista Italiano, instituição na qual Cantimori depositou sua esperança em promover uma reforma social através da implantação de um novo “sistema de verdade” capaz de portar os valores ético-religiosos da revolução espiritual laica.

## **O comunismo e o marxismo em Delio Cantimori: política e reflexões historiográficas entre as décadas de 1930 e 1950.**

### **4.1- O fascismo expansionista e os anos da conversão política: Cantimori e sua guinada ao comunismo.**

Entre 1934 e 1935, a política externa italiana sofreu uma forte mudança devido à tensão gerada pela “noite dos longos punhais” e, principalmente, pelo *Putsch* de Viena, onde o chanceler Dolfuss foi assassinado. Devido a este último evento, Mussolini movimentou duas divisões do exército alpino para as fronteiras, deixando claro a Hitler uma possível interferência na questão austríaca, caso um simples soldado alemão ousasse penetrar em território italiano.<sup>466</sup>

Dessa maneira, entre julho de 1934 e abril de 1935, começava a se desenhar a aliança feita entre Itália, Inglaterra e França, concentrada precisamente sobre o problema fundamental da independência austríaca e sua relação com a situação da política europeia.<sup>467</sup>

Não obstante, a Guerra da Etiópia assinalou uma nova reviravolta na posição do governo fascista em relação à Europa. Na busca de justificar a empreitada bélica italiana, os jornais passaram a ressaltar a necessidade da promoção de uma expansão territorial, a fim de sanar a disparidade entre o excesso de população e a baixa capacidade produtiva do país.<sup>468</sup> Essa preocupação poderia estar em jogo, contudo o principal motivo que induzia o *Duce* a lançar-se nas batalhas era a demonstração do poderio da nação fascista, que, paulatinamente, confundia-se, cada vez mais, com o seu prestígio pessoal.<sup>469</sup>

Em setembro de 1935, a decisão estava tomada e, em três de outubro, iniciou-se a guerra no país africano, a qual, aos olhos dos líderes das nações vizinhas, parecia se reduzir a um puro fato de expansão colonial, e a opinião pública italiana transitou entre a indiferença e a hostilidade.

Entretanto, a ameaça exercida pela presença da frota inglesa chegada ao mediterrâneo favoreceu a implantação de uma manobra política do *Duce* no interior do país, operando uma mudança da opinião pública, que perdia de vista os conflitos na

---

<sup>466</sup> CHABOD. Op. cit. 1963. p.133.

<sup>467</sup> Idem, p. 133 e 134.

<sup>468</sup> Idem, p. 127.

<sup>469</sup> Idem, p. 128 e 129.

Etiópia e se preocupava mais com o perigo bélico estrangeiro, em áreas vizinhas aos confins marítimos italianos.<sup>470</sup>

Não obstante, com a invasão na África, a Itália veio a sofrer sanções econômicas dos países europeus que, inegavelmente, tiveram uma influência negativa sobre a imagem do *Duce* junto à grande parte das lideranças europeias, induzindo Mussolini a se aproximar do governo nazista e manter seus discursos de exaltação da vitória italiana contra os Estados europeus, que estariam em supostas condições de suportar provas da soberania italiana ainda mais arriscadas.<sup>471</sup>

Reforçando essa aproximação entre Itália e Alemanha, após a guerra expansionista etíope e a proclamação do Império, em 1936, Mussolini, junto a Adolf Hitler, colocou em prática uma intervenção militar na Espanha, desiludindo completamente aqueles que ainda prosseguiram com suas esperanças voltadas para o Estado Corporativo, a paz e a justiça social.<sup>472</sup>

A autarquia do Estado fascista assumia cada vez mais o caráter militar, em paralelo a uma influência alemã cada vez mais forte sobre Mussolini, o que gerava uma dissidência dentro do Partido Fascista entre aqueles que achavam melhor os dois países atuarem juntos no cenário político europeu e os que desconfiavam das reais intenções de Hitler, nessa aliança.<sup>473</sup>

Para aumentar a apreensão dos insatisfeitos com a nova parceria política fascista, em março de 1938, o governo nazista ocupou a Áustria e Mussolini não demonstrou sequer uma reação contrária a tal atitude, limitando-se a um discurso embaraçado para o senado italiano, comportamento que teve repercussão europeia imediata e o prestígio de que a Itália gozava no exterior foi ainda mais abalado.<sup>474</sup>

Para intensificar o desequilíbrio de poder entre os líderes dos dois países, entre setembro e outubro de 1938, a reboque do nazismo, o fascismo promulgou as leis raciais em um país que, na sua história recente, nunca havia feito perseguições étnicas e que, no passado, tivera judeus tradicionais em cargos como presidente do Conselho e colaboradores do Conde Cavour.<sup>475</sup>

A opinião pública rebelou-se perante tal posicionamento, manifestando-se através de socorros prestados aos perseguidos e pela voz da Igreja Católica, que não

---

<sup>470</sup> Idem, p. 129.

<sup>471</sup> Idem, p. 131.

<sup>472</sup> Idem, p. 130.

<sup>473</sup> Idem, p. 131 e 135.

<sup>474</sup> Idem, p. 135.

<sup>475</sup> Idem, p. 136.

admitiu as perseguições aos judeus, reforçando o combate às políticas raciais já implantado na Alemanha, desde 1933.<sup>476</sup>

Próximo do décimo aniversário dos *Pactos Lateranenses* (fevereiro de 1939), Roma esperava ansiosamente pela declaração do Papa contra os sistemas totalitários, mas, desafortunadamente, Pio XI veio a falecer antes das comemorações e suas palavras não puderam ser ouvidas. Todavia, os bispos e a Santa Sé tornavam-se oposição patente ao fascismo.<sup>477</sup>

Alimentando a dissidência entre a opinião pública italiana, o governo de Mussolini ainda assinou o *Pacto de Aço*, depois de ver os acordos de Munique (1938) serem desrespeitados e a Alemanha ocupar toda a Boemia.<sup>478</sup>

Após a quebra do acordo assinado em Munique, Galeazzo Ciano<sup>479</sup> – ministro das relações estrangeiras italianas – opôs-se à manutenção da aliança entre Itália e Alemanha. Inicialmente, Ciano recebeu o apoio de Mussolini, que mudou de ideia, após receber correspondências de J. von Ribbentrop<sup>480</sup>, ordenando ao ministro italiano assinar o *Pacto de Aço*, em vinte e dois de maio de 1939, na capital alemã.<sup>481</sup>

Desde o início, esse acordo embasou-se em um falso discurso, no qual o ministro das relações exteriores alemão teria assegurado à Ciano que as querelas com a Polônia não seriam tão graves, tratando-se de questões fáceis de serem resolvidas, o que garantiu paz por, ao menos, três anos. Entretanto, tudo indicava que Hitler desejava avançar na conclusão do acordo e, logo depois, obter um corredor extra-territorial que ligasse a Prússia oriental à Alemanha.<sup>482</sup>

Dessa maneira, assim que o tratado foi concretizado, em vinte e três de maio de 1939, uma reunião secreta das altas autoridades militares alemãs defendeu a extensão do espaço vital para o oriente, gerando o pretexto para iniciar a *Segunda Grande Guerra*, o

---

<sup>476</sup> Idem, p. 136.

<sup>477</sup> Idem, p. 137.

<sup>478</sup> Idem, p. 137.

<sup>479</sup> Gian Galeazzo Ciano (1903-1944), conde de Cortellazzo e Buccari, foi Ministro de assuntos exteriores da Itália, entre 1936 e 1943. Agiu diretamente na Guerra da Etiópia, apoiou a intervenção na Guerra Civil Espanhola e foi vital na formação do Pacto entre Roma, Tóquio e Berlim. Entretanto, após o descumprimento nazista do acordo de Munique, Ciano posicionou-se contra a entrada na Segunda Grande Guerra, defendendo uma atitude neutra, perante o Reino Unido e a França, gerando a desconfiança do Ministro de Relações Exteriores, o alemão Joachim von Ribbentrop.

<sup>480</sup> Joachim von Ribbentrop (1893-1946) foi político alemão e Ministro das Relações Exteriores, entre 1938 e 1945.

<sup>481</sup> Idem, p. 138.

<sup>482</sup> Idem, p. 139.

que fez com que a Itália entrasse no conflito e sofresse com um abismo nas relações entre o povo e o regime de Mussolini.<sup>483</sup>

Por sua vez, Delio Cantimori já vinha alimentando um descontentamento com o fascismo, desde a crise primordial do Estado Corporativo e suas teorias, que culminaram na modificação das leis instrutivas das corporações, em 1934.<sup>484</sup> Dentro desse contexto, o intelectual começou a deixar de lado seu modelo de escrita apologético fascista, tão presente nos artigos joviais publicados no periódico fascista *Vita Nova*, para apresentar leituras mais concretas e críticas sobre a realidade italiana. Nesse tom mais científico, Cantimori apresentou duas resenhas sobre os livros *Gli Scritti e Discorsi di Benito Mussolini* e *Scritti sul Fascismo*, publicadas na revista *Leonardo*, em 1935.

Na primeira, através de argumentação e exposição de citações, Cantimori desenhou uma imagem, não tão amistosa, de Mussolini como um personagem dominado por sua vontade de potência, que se afirmava como representante do desejo dominador presente na essência do próprio povo italiano, de modo que não haveria mais distinção entre a aspiração individual do *Duce* e aquela da nação. Dessa maneira, Mussolini veria a História como um espetáculo de grandeza e potência, somente atingidas quando são transportadas do indivíduo ao Partido e à Nação.<sup>485</sup>

Na segunda, o intelectual romagnolo voltou-se para os tipos de escritos propagandistas sobre as obras fascistas, ressaltando a importância daqueles direcionados para o debate sobre o corporativismo, a história do fascismo e os escritos doutrinários.<sup>486</sup>

O ano em que publicou esse texto fez parte de um momento de importantes acontecimentos e transformações ideológicas na vida de Cantimori. Como foi dito, o intelectual romagnolo informava à B. Croce o paralelo interesse pelo estudo dos hereges

---

<sup>483</sup> Idem, p. 139 e 140.

<sup>484</sup> Muitos dos estudiosos advertiram que 1934 seria o ano da mudança política italiana. Realmente, nesse contexto, ocorreram questões importantes para essa transformação, como a Lei instrutiva das corporações, que gerou forte insatisfação entre os idealizadores do corporativismo fascista. Como consequência, ocorreu uma verdadeira diáspora de intelectuais que defendiam o ideal corporativo, próximo ao daquele do ex-ministro Bottai – que, em 1952, veio a afirmar que, naquele momento, “o corporativismo entendido como sistemática tendência a uma ordem qualificada pela corporação acabou” – e do filósofo Ugo Spirito, que teve seus estudos interrompidos, perdeu sua cátedra pisana de política e economia corporativa e foi transferido para o Magistério de Messina, por ser considerado defensor do “bolchevismo”. Fruto dessa crise política e filosófica, o mesmo Spirito lançava, em 1937, seu livro *La vita come ricerca*, no qual deixou claro seu abandono do fascismo e do pensamento atualista. PERTICI. Op. cit. 1997. p. 116.

<sup>485</sup> CANTIMORI, Delio. *Gli discorsi di Benito Mussolini*. Leonardo, VI, 1935. p. 97-103. In: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 578-582. Cf. MICCOLI. Op. cit. 1970. p. 156 e 157.

<sup>486</sup> CANTIMORI, Delio. *Scritti sul Fascismo*. Leonardo, VI, 1935. p. 380-382. In: CANTIMORI. Idem, 1991. p. 588

italianos “e algumas pesquisas sobre as ideias de Proudhon e de Marx pré 1848”<sup>487</sup>, e começava uma relação com Emma Mezzomonti<sup>488</sup> (1903-1969), com quem se casou em 1935, quando vivia em Roma e trabalhava no *Istituto di studi germanici*.<sup>489</sup>

Definida pelo marido como uma pessoa que costumava “misturar coisas humanas com a vida pública e política”, Emma Mezzomonti foi militante do partido comunista e colaboradora do *Soccorso rosso*, sendo considerada uma importante referência para a maturação do pensamento político do marido e sua passagem do fascismo ao comunismo.<sup>490</sup>

Entretanto, essa inflexão não foi imediata. Abordando suas reminiscências, Cantimori recordou, em uma carta à sua aluna Silvana Seidel Menchi, que conhecia

uma A comunista que há tantos anos atrás se casou com um não comunista, B, antigo fascista (não esquadrista). Esquerdista humanitária, plena de reservas anti-stalinistas, etc; quando (estava no período “corporativo”) A pediu conselhos à Emilio Sereni, este respondeu: desde que não impeça a sua atividade, sabendo os riscos que comporta.<sup>491</sup>

Naquele contexto da *Guerra da Etiópia*, o casal ainda não compactuava das mesmas visões políticas, entretanto, foi um período em que Cantimori entrou em contato direto com comunistas e com as notícias de seus impressos clandestinos.<sup>492</sup>

Ainda naquele momento de progressiva aproximação entre o fascismo e a Alemanha nazista, crescia o ideal antibolchevique da direita reacionária católica, que culminou, em 1937, na criação do *Centro di studi anticomunisti*, do qual Cantimori teria recebido de Gabetti, então diretor do *Istituto di studi germanici*, uma proposta de colaborar com essa nova instituição, para explorar as propagandas nazistas que combatiam a ideologia bolchevique.

Seu superior não tinha dúvida sobre o posicionamento fascista cantimoriano, mas o próprio intelectual romagnolo, que já colocava em xeque suas antigas convicções políticas, não se fez presente nas atividades da instituição, alegando falta de tempo e despreparo para conferências, exposições e outras atividades organizativas.<sup>493</sup>

<sup>487</sup> Cf. PROSPERI. Op. cit. 1992. nota 54. PERTICI. Op. cit. 1997. p. 118.

<sup>488</sup> Emma Mittempergher era alemã e, após seu casamento com Delio Cantimori, teve seu sobrenome italianizado como Mezzomonti. VITTORIA. Op. cit. 2013. p. 16.

<sup>489</sup> CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. 2011. p. 61

<sup>490</sup> VITTORIA. Op. cit. 2013. p. 16.

<sup>491</sup> MENCHI, Silvana Seidel. “*Ein neues leben*”: contributo allo studio di Delio Cantimori. In: *Studi storici*. Op. cit. 1993. p. 781.

<sup>492</sup> PERTICI. Op. cit. 1997. p. 121.

<sup>493</sup> Idem, p. 123. PROSPERI. Op. cit. 1992. p. XLI.

Naquele mesmo ano, Cantimori veio apresentar uma significativa e esclarecedora resenha sobre um livro de Ugo Spirito, intitulado *La vita come ricerca*, publicada no *Giornale critico della filosofia italiana*. Nesse texto, o intelectual italiano colocava-se perante o antigo teórico do corporativismo, o qual, desiludido com o caminho tomado pelo idealismo italiano, agora negava os preceitos do atualismo gentiliano e a política, através da defesa de um ideal de pesquisa pautada pelas incertezas da antinomia.

A visão pessimista de Spirito, representativa da geração que acreditou no corporativismo e no paradigma idealista como saída das mazelas da crise política e social europeia, não suscitou em Cantimori uma defesa do corporativismo ou do atualismo em si, mas a necessidade de proteger a existência de um impulso ético-moral que se responsabilizasse pela superação do hiato entre a pesquisa, o empenho político e a aproximação entre os intelectuais e as massas.<sup>494</sup>

Dessa maneira, no juízo do intelectual romagnolo, os erros de Spirito estavam intimamente ligados ao seu despreço pelo historicismo e pela função pedagógica da cultura e das instituições políticas, por meio das quais a filosofia vinha traduzida em uma atitude para possível saída da crise de consciência política e moral de sua geração.

Uma ideia de pesquisa individualizada, como a então pregada por Spirito, limitaria-se ao âmbito do intelectual, alienando-o da concretude dos acontecimentos e da própria realidade histórica presentes nos “Estados, nas nações, nos movimentos sociais e políticos que se encarnam nos partidos”.<sup>495</sup>

Por essa questão, Cantimori propunha enxergar a utilidade de seguir e regenerar o mito, em detrimento da negação geral dos mitos, defendida por Spirito.<sup>496</sup> Para Cantimori, através dele, o intelectual, o acadêmico e o cidadão poderiam lutar por uma verdade pautada em fins morais a serem compartilhados, que não seria dotada de um caráter absoluto, mas que estaria dentro do processo dialético da história.<sup>497</sup>

Nessa via, paulatinamente, Cantimori vinha se aproximando dos preceitos políticos comunistas que emergiam como um novo “sistema de verdade”, um novo mito, um novo humanismo, em uma sociedade renovada,<sup>498</sup> na qual poderia depositar

<sup>494</sup> CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. p. 84 e 85.

<sup>495</sup> CANTIMORI, Delio. *La vita come ricerca*. Giornale Critico della filosofia italiana. Firenze: Sansoni, 1935. p. 369.

<sup>496</sup> Idem, p. 365.

<sup>497</sup> PERTICI. Op. cit. 1997. p. 125. CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. p. 85

<sup>498</sup> BELARDELLI, Giovanni. *Dal Fascismo al comunismo. Gli scritti politici di Delio Cantimori*. In: Storia Contemporânea. 1993. p. 391.

sua confiança para a realização do antigo projeto de elevação ético-moral do povo italiano, em oposição ao falido projeto político idealista fascista, agora racista, próximo do nazismo, aderentes do *Pacto Anticomintern*, baluarte do anticomunismo europeu, como queriam os reacionários católicos.<sup>499</sup>

Nas lembranças do amigo Gastone Manacorda, Cantimori mudara de posição, aproximadamente, em 1938<sup>500</sup>, ano em que realizou uma longa viagem a Paris, onde se encontrou com o revolucionário profissional Ambrogio Donini.<sup>501</sup>

Nos dias da anexação da Áustria, Cantimori já estava empenhado na introdução de materiais de propaganda do PCI e, no ano seguinte, hospedava Velio Spano<sup>502</sup>, enviado clandestino pelo departamento estrangeiro do partido comunista.<sup>503</sup>

Apesar da data imprecisa de sua guinada para o comunismo, é necessário ressaltar que as diversas pistas suscitam a ideia de que Cantimori aderira ao comunismo próximo ao ano de 1938, período em que o estudioso também se interessava cada vez mais pelas temáticas e pelos preceitos igualitários marxistas.

Isso se fez presente, esporadicamente, já no seu livro de maior fôlego, *Eretici italiani del Cinquecento. Ricerche storiche*, publicado em 1939, e visivelmente nos seus iniciais estudos dos reformadores e jacobinos, que fomentaram as reflexões cantimorianas, sobre o significado da utopia e a influência da Revolução Francesa na formação da Itália moderna, que germinaria o *Risorgimento*.

#### **4.2- Delio Cantimori, Paul Oskar Kristeller e Elisabeth Feist: resistência às leis racistas fascistas, em meio às pesquisas sobre os hereges italianos do Cinquecento.**

Após a promulgação das leis antisemitas na Alemanha, entre 1933 e 1934, Paul Oskar Kristeller e Elisabeth Feist buscaram uma forma de deixar a Alemanha. Kristeller conseguiu ir para a Itália, nos primeiros meses de 1934, vindo a trabalhar em Florença, em uma escola de crianças judias alemãs.<sup>504</sup>

<sup>499</sup> PERTICI. Op. cit. p. 115 e 123.

<sup>500</sup> MANACORDA, Gastone. *Lo storico e la politica. Delio Cantimori e il partito comunista*. In: Storia e storiografia. Studi su Delio Cantimori. Op. cit. 1977. P. 103. Cf. PERTICI. Op. cit. 1997. p. 122.

<sup>501</sup> PERTICI. Idem, p. 126. A. Donini (1903-1991) foi um historiador do cristianismo, marxista, que aderiu ao Partido Comunista no final de 1926. Após uma temporada de pesquisas nos Estados Unidos, retornou para a Europa, em 1932, e, dois anos depois, foi encarregado pelo partido de fazer contato com os intelectuais italianos, para distribuir materiais comunistas ilegais.

<sup>502</sup> Velio Spano (1905-1964) foi um político antifascista italiano, que, durante o regime fascista, participou do PCI, sendo preso em 1928, com uma pena de seis anos de cadeia. Após ser solto, foi alvo de novas perseguições, que motivaram seu exílio, primeiramente, na França, passando pela Espanha e Tunísia, sempre com atividades ligadas ao partido comunista.

<sup>503</sup> BELARDELLI. Op. cit. 1993. p. 398.

<sup>504</sup> TEDESCHI. Op. cit. 2004. p. 53.

Através dos contatos com o meio intelectual e da amizade de Cantimori, no início do ano acadêmico de 1935-36, o estudioso alemão conseguiu que G. Gentile inserisse-o na *Scuola Normale Superiore*, como leitor de alemão, onde desenvolveu diversas outras atividades, como a publicação de textos que faziam parte da sua monografia sobre Ficino, na revista *Civiltà Moderna* e no *Giornale Critico della Filosofia Italiana* – textos que também buscava publicar junto à *Sansoni*. Começou a organizar uma coleção de fontes, que veio a ser intitulada *Nuova Collezione di Testi Umanistici Inediti o Rari*,<sup>505</sup> e participou, até mesmo, da análise filológica do esboço de *Per la storia degli eretici italiani del secolo XVI in Europa*, propondo correções e emendas, que lhe renderam o agradecimento de Cantimori.<sup>506</sup>

Entretanto, com a publicação das leis antissemitas italianas, o progresso dos seus planos foi impedido. Kristeller recebeu a ordem de extradição no prazo de seis meses e sua monografia sobre Ficino foi proibida de ser publicada pela *Sansoni*, juntando-se a outros livros judeus proibidos. O alemão também foi obrigado a renunciar à codireção da coletânea de fontes, que teve seu primeiro volume impresso em 1939.<sup>507</sup>

Nessa situação, Kristeller apelou, novamente, à ajuda do amigo Cantimori, para conseguir escapar das perseguições, obtendo um visto de viagem para os Estados Unidos. Por sua vez, o colega romagnolo escreveu para Roland Bainton, em vinte e cinco de setembro de 1938, explicando a situação de Kristeller, exaltando as virtudes do intelectual e a qualidade de seu trabalho.<sup>508</sup>

[...] hoje escrevo por outra coisa. Devido às leis racistas que foram introduzidas pelo nosso governo, deve partir da Itália e de Pisa um jovem judeu alemão, Paul Oskar Kristeller, que era assistente do Senador Gentile e leitor de alemão da *Scuola Normale Superiore*, a quem, com esta carta, recomendo o mais calorosamente possível. É um graduado berlinense em filologia clássica, e na Itália havia começado a trabalhar a história do humanismo e do Renascimento de modo verdadeiramente científico, com o *Supplementum Ficinianum*, junto a um prospecto, e dirigido uma coleção de textos humanistas da editora *Olschki* de Florença, em colaboração com o Prof. Sen. Giovanni Gentile, a nossa máxima autoridade nesse campo. (...) Na Itália, podem garantir seu valor e sua seriedade também o Prof. Giovanni Gentile, de Roma, o Prof. Ernesto Codignola, de Florença, o Prof. Giorgio Pasquali, também de Florença, o Prof. Giulio Bertoni, de Roma e da *Accademia d'Italia* e eu, que o conheço bem e posso

<sup>505</sup> Idem, p. 53, 54 e 55.

<sup>506</sup> CANTIMORI, Delio. *Per la storia degli eretici italiani del secolo XVI in Europa*. Op. cit. 1937. p. 14. TEDESCHI, John. Idem (id.). p. 54.

<sup>507</sup> TEDESCHI. Idem, p. 54 e 55.

<sup>508</sup> Idem, p. 56.

afirmar que é uma ótima pessoa, verdadeiramente *good-nature*, por transmissão de seu pai e que é ainda bem vindo à biblioteca Vaticana.

Podem garantir as suas qualidades também os professores alemães Eduard Norden (Berlim), Ernst Cassirer (Göteborg), Werner Jaeger (Chicago): é amigo da Sra. Feist, a qual talvez já terá falado ou escrito sobre ele.<sup>509</sup>

Afortunadamente, em vinte e quatro de outubro, Bainton comunicou a Cantimori que seus amigos imigrados da Universidade de Yale, Weigand, Goetze (professor de alemão), o medievalista Mommsen, Annemarie Holborn e Elisabeth Feist, que havia recebido uma bolsa de estudos junto a Bainton, em 1937, conheciam-no e estimavam-no.<sup>510</sup>

Dessa maneira, já na metade do ano acadêmico, Bainton criou um cargo para nomeação de Kristeller em Yale e escreveu pessoalmente para o cônsul de Nápoles, pedindo um visto, que permitiu ao alemão chegar a Nova Iorque no final de fevereiro de 1939.<sup>511</sup>

Por sua vez, naqueles anos que antecederam seu exílio nos Estados Unidos, Elisabeth Feist esforçava-se na edição de um texto de Sebastiano Castellione, *De arte dubitandi*, obra essencial para os estudos sobre história da liberdade religiosa do *Cinquecento*.<sup>512</sup> Interessado no trabalho da alemã, Cantimori buscou publicar o importante texto de Castellione junto às instituições italianas, com uma introdução de Feist, contemporânea e independente da antologia documental que havia constituído durante suas experiências de pesquisa pela Europa.

Ainda em Londres, em julho de 1934, tal ideia foi apresentada à Sestan. O então secretário da *Accademia Reale* acenou positivamente sobre a possibilidade da impressão desse documento tão valioso aos estudos italianos:

Sobre a publicação eventual do *De arte dubitandi*, de Castellione, S. E. [Volpe] não seria contrario a aceitação dele na coleção acadêmica dos 'Estudos e documentos'. É obra de um italiano, interessa à nossa história e pouco importa que a transcrição material é de uma alemã, a Sra. Feist. Exatamente por esses dias saiu, pela Academia, um volume de um alemão, o conhecido prof. Fritz Saxl, sobre as pinturas astrológicas da Farnesina (...).<sup>513</sup>

<sup>509</sup> TEDESCHI. *Correspondence*. Op. cit. 2002. p. 89-96

<sup>510</sup> TEDESCHI, op. cit. 1993. p. 56 e 57.

<sup>511</sup> Idem, p. 58 e 59.

<sup>512</sup> Idem, p. 37 e 38.

<sup>513</sup> Idem, p. 47. Nota 112.

Entretanto, a publicação independente do trabalho de Feist foi rejeitada, e assim começaram as tentativas de inseri-lo nos documentos sobre história herética italiana do *Cinquecento*, que Cantimori vinha organizando. Esse processo de publicação durou cerca de três anos, permeado por diversas trocas de correspondências entre Cantimori, Feist e a *Accademia*, além de dificuldades em realizar o projeto.<sup>514</sup>

O trabalho, esperado para 1935, saiu dois anos depois, devido ao grande acúmulo de compromissos de ambos os intelectuais. Cantimori seguia ainda fazendo pequenas viagens para revisão precisa dos documentos, junto a uma gama de atividades intelectuais que se propunha a realizar, enquanto Feist dividia-se na produção de um volume de Genebra sobre Castellione e as viagens de pesquisa. Adicionado a isso, havia as dificuldades no envio e na revisão filológica dos estudiosos alemães, somadas às restrições econômicas acarretadas pela guerra na Etiópia, além da lenta burocracia romana.<sup>515</sup>

Solucionados os problemas, o texto de Sebastiano Catellione, *De arte dubitandi*, veio a compor a importante coleção de textos raros e de difícil acesso, *Per la storia degli eretici italiani del secolo XVI in Europa*, junto aos escritos de “Camillo Renato, Lelio Sozzini, Matteo Gribaldi Mofa, Giorgio Blandrata, Francesco Pucci, Fausto Sozzini e dois outros hereges italianos desconhecidos”, coletados durante as pesquisas de Cantimori em bibliotecas e arquivos, entre 1933 e 34.<sup>516</sup>

Esses escritos, datados entre os anos de 1534, início dos exílios religiosos, e 1604, com a morte de Fausto Sozzini na Polônia, eram formados por: “a) atos de processos de hereges italianos, realizados na Itália ou no exterior; b) cartas de hereges ou a hereges; c) tratados e atos de encontros, envolvidos com particulares problemas doutrinários; d) tratados impressos”.<sup>517</sup>

O primeiro texto, encontrado em Viena, seria o já citado *Dialogo religioso di un Zoccalante, Dominicano et Heremita Frati con uno scholare*, atribuído ao luterano Pier Paolo Vergerio; o segundo escrito, descoberto em Berna, seria a primeira parte do *Trattato del battesimo et della Cena di Misser* do até então desconhecido Camillo Renato, iniciador do movimento herético e anabatista italiano no exterior; o terceiro, seria um tratado encontrado em Basileia, que induz ser atribuído a Lelio Sozzini, intitulado *Theses de Filio Dei et Trinitate a Socino aut Sociniano confectae*; o quarto,

---

<sup>514</sup> Idem, p. 47 e 48

<sup>515</sup> Idem, p. 48 e 49.

<sup>516</sup> CANTIMORI. *Per la storia degli eretici*. Op. cit. 1937. p. 6 e 7.

<sup>517</sup> Idem, p. 7.

também encontrado na Universidade de Basileia, é composto por um texto e documentos que o ilustram e referem-se a Matteo Gribaldi Mofa; segue um grupo de escritos de G. Blandrata, fundador da igreja unitária da Transilvânia; escritos isolados de Pucci; textos de autoria desconhecida, encontrados no British Museum, *La Forma d'una republica catholica e Disciplina domestica*; concluindo com uma série de *anotações*, atos e escritos referentes às palavras de F. Sozzini recolhidos pelo discípulo Valentino Smalcio dos “colloquia” mantidos em Raków, na Polônia, e então preservados em Varsóvia, no Arquivo dos Príncipes Krasinski.<sup>518</sup>

Após apresentar os textos por ele recolhidos, Cantimori finalizou a introdução desse volume com as seguintes palavras, relativas ao texto *De arte dubitandi*, de Sebastiano Catellione, e ao trabalho de Elisabeth Feist, esclarecendo o processo de publicação da obra trabalhada pela alemã, em meio aos demais documentos:

A coleta que assim apresentei sumariamente é seguida pelo tratado *De arte dubitandi...* de Sebastiano Castellione, publicado em manuscrito conservado na biblioteca dos Remonstrantes em *Rotterdam*, sob responsabilidade da Sra. Dra. Feist. Havia intenção de preparar esta edição como parte não menos importante da presente coleção. O nome de Castellione repete às vezes nos outros escritos da coleção, o seu espírito, aquele da religiosidade humanística do Renascimento, é o espírito comum a todos os textos que apresentamos, não obstante os seus extremismos e os seus desvios. Entretanto, quando consegui entrar em contato com aquela biblioteca (que é privada), soube que o trabalho havia sido começado pela Dra. Feist há mais de um ano. Não restava outra opção que publicar juntos esses escritos, que se completam mutuamente, e a generosidade da *Reale Accademia d'Italia* possibilitou que tal combinação fosse feita, concedendo a publicação do escrito da sra. dra. E. Feist, cuja introdução e cujo o aparato crítico estiveram por mim conduzidos em italiano.<sup>519</sup>

Segundo o historiador suíço Werner Kaegi, *Per la storia degli eretici italiani del secolo XVI in Europa* foi o primeiro fruto inovador das pesquisas cantimorianas desenvolvidas em Basileia. Aqueles textos seriam de difícil entendimento, caso não houvesse uma melhor exposição filológica e paleográfica por parte dos especialistas que os organizaram naquela rica coleção.

Interessado pelo trabalho, Kaegi empenhou-se em promover um seminário com Delio Cantimori sobre os documentos, objetivando esclarecer o real significado que tais fontes traziam por trás de si mesmas. Entretanto, a exposição sobre o assunto não

---

<sup>518</sup> Idem, p. 7-13.

<sup>519</sup> Idem, p. 14.

ocorreu antes da publicação dos *Eretici italiani del Cinquecento. Ricerche storiche*, e só foi feita “nos dias mais frios do inverno de 1941 e 1942, na *Historische und Antiquarische Gesellschaft* de Basileia”.<sup>520</sup>

Não obstante, como apresentado, a publicação definitiva dos *Eretici* foi permeada por um fatigoso caminho de leituras, releituras e reescrita do livro, que o levaram para um distanciamento das primordiais orientações intelectuais e interpretações do seu objeto de pesquisa. Sua redação ainda foi acompanhada por traduções, resenhas, artigos, os quais apresentaram uma dilatação dos interesses de Cantimori, que colocava à prova seu aprimoramento crítico e metodológico.

A escrita do volume, que, inicialmente, gozava de uma maturação erudita, minuciosa e vagarosa, foi de repente apressada convulsivamente, devido à aprovação em um concurso para professor universitário, quando, para sua nomeação, foi exigido de Cantimori um trabalho árduo de correção de seus textos, durante a primavera e o verão de 1939.<sup>521</sup>

Naqueles anos de dissidência, nos quais o intelectual dizia reviver uma nova era de “guerras religiosas”, Cantimori aproveitava-se da publicação do seu livro, pontuando – mesmo que esparsamente – críticas veladas e dissimuladas ao esgotado projeto de sociedade fascista que Mussolini tentava implantar.

Ao explorar o universo subterrâneo dos hereges italianos, Cantimori voltava sua atenção especial para o anabatismo, movimento radical, teológico, de cunho utópico, defensor de uma nova sociedade cristã pacífica e igualitária, fundada na tolerância e na liberdade crítica em prol da busca pela verdade, que se tornou o ponto de confluência das mais diversas tendências heréticas do *Cinquecento*.<sup>522</sup>

Esse empenho cantimoriano apareceu em diversos escritos e tornou-se uma das pontes que ligaram os *Eretici* aos seus artigos e ao livro sobre os *Utopisti e Riformatori*, quando o intelectual explorou ainda mais a questão da função histórica da utopia e a presença do igualitarismo do final do *Settecento* italiano, como sugestões ligadas às

---

<sup>520</sup> Na visão do historiador basileense, esse livro veio a revelar um novo aspecto da história da Reforma na Europa e relatar a história da “consciência individual do homem individual”, patrimônio daquela cultura e objeto da História da Cultura, que era colocada em perigo pela guerra e seus comprometimentos comunitários.<sup>520</sup> Assim, com tamanha admiração por esse trabalho, W. Kaegi não perdeu a oportunidade de traduzi-lo para o alemão e publicá-lo em Basileia, no findar da guerra. KAEGI. Op. cit. 1967. p. 890 e 891.

<sup>521</sup> PROSPERI. Op. cit. 1992. p. XVI, XVII e LVIII.

<sup>522</sup> CANTIMORI. Op. cit. 1992. p. 43, 44 e 60.

reflexões marxianas e sua nova crença política comunista, que vinha tendo cada vez mais contatos.<sup>523</sup>

#### **4.3 - O retorna à *Scuola Normale*, em meio à crise da Segunda Guerra Mundial.**

No concurso para professor universitário, destinado à cátedra de História da *Facoltà di Magistero* da *Università di Urbino*, ocorrido em 1939, Delio Cantimori obteve o segundo lugar, ficando classificado depois de Romolo Quazza. Devido a sua colocação e ao distanciamento do professor Piero Pieri de sua cátedra, o intelectual conseguiu ser nomeado, em primeiro de dezembro de 1939, como professor titular, na *Facoltà di Magistero di Messina*.<sup>524</sup>

Ali permaneceu por apenas um ano letivo – lecionando o curso sobre “Política externa italiana durante a Tríplice Aliança (1878-1902)”<sup>525</sup> – período em que teve a oportunidade de se aproximar de seu ex-professor, o filósofo marxista Galvano Della Volpe, com quem conviveu por esse tempo.

Impulsionado pela insatisfação, em relação à falta de bibliotecas para o desenvolvimento de seus estudos, o intelectual romagnolo entrou em contato com G. Gentile, escrevendo-lhe sucessivas correspondências repletas de sinais de insatisfação e angústia, em relação ao ambiente de Messina, e de grande afeto e admiração ao ex-professor. Gentile retribuiu a amizade e a confiança engendrando uma maneira de inserir seu pupilo no ambiente pisano, através da obtenção de uma cátedra, junto à *Scuola Normale*.

Naquele ano, o Estatuto da *Scuola Normale* previa dois postos para professores internos: um para Letras, já ocupado por Arangio-Ruiz, e outro para a área de Ciências, ainda vago, na época. Todavia, a convocação de Cantimori tinha obstáculos, tendo que, primeiro, passar pela reformulação do regulamento interno.<sup>526</sup>

Não obstante, gozando de influência, G. Gentile apresentou tal situação, na reunião do Conselho, o qual, em nota, concluiu que não seria necessária a nomeação de

<sup>523</sup> AGUZZI, Luciano. *Utopisti e Riformatori sociali nell'opera di Delio Cantimori (1937-1943)*. Op. cit. p. 7 e 26.

<sup>524</sup> SIMONCELLI. Op. cit. 1994. p. 109, 110.

<sup>525</sup> Palavras de Cantimori, sobre o curso de Messina: “Comecei imediatamente naquela ocasião ao início da segunda dezena do mês. Realizei o curso principal sobre a ‘Política externa italiana durante a Tríplice Aliança. 1878-1902’; durante a primeira parte do ano dediquei duas horas semanais para este curso, reservando a terceira à tradução das principais questões históricas, como partida também bibliográfica, à preparação geral dos estudantes; durante a segunda parte do ano acadêmico dediquei ao curso principal três horas semanais, colocando em relação a este um curso de exercício de uma hora semanal, com a leitura e análises de uma coleção de documentos.”

<sup>526</sup> Idem, p. 111-113.

um professor de Matemática, devido à competência de Leonida Tonelli, sendo oportuna e mais importante a nomeação de um ex-normalista do calibre de Delio Cantimori.<sup>527</sup>

Entretanto, naqueles tempos, o ambiente universitário pisano não se apresentou tão amigável ao intelectual romagnolo. Seu ideal de formação estudantil humanista veio a incomodar o rigoroso vice-diretor da *Scuola Normale*, Vladimiro Arangio-Ruiz, que não tolerava nenhuma exceção ao regulamento e à disciplina normalista, alimentando um dissenso com o colega Delio Cantimori, que, no juízo do vice-diretor, dava excessiva liberdade para os alunos, em seus cursos.

O homem se comporta, de fato, com excessiva moleza em relação aos alunos, que podem fazer algazarra como querem, agir como querem em relação às regras, horário e à educação, bolchevizar como querem. Ele ama, se vê, esta desordem (...) e considera isso o verdadeiro espírito normalista.<sup>528</sup>

Arangio-Ruiz apresentou Cantimori dessa maneira e, utilizando o termo “bolchevizar”, trazia para a cena das relações interiores da instituição o tenso clima político de oposição ao fascismo, que se tornou evidente no ambiente estudantil de Pisa, com a forte presença da oposição liberal-socialista, guiada por Guido Calogero, preso, em 1942, junto a Raghianti e Capitini, e Luigi Russo, aluno de literatura italiana, junto à Normale, que deu origem a um movimento chamado *La Tabaccheria*.<sup>529</sup>

Naquele momento, não somente em Pisa, mas na Itália como um todo, o quadro político de luta antifascista estava posto. Na clandestinidade, os comunistas agiam com um viés quase militar, no combate ao fascismo e na promoção de uma renovação das estruturas sociais e políticas italianas, nos moldes apresentados pela Revolução Russa de Lênin a Stalin. As forças católicas, que haviam fundado o Partido Popular, continuaram suas atividades, principalmente, através da Ação Católica, a partir da qual o Papa Pio XI reforçou e ampliou sua oposição a Mussolini, no decorrer da década de 1930. Os socialistas vinham com a força da tradição, que remonta ao século XIX, porém, sua organização era menos eficiente que a comunista e seus recursos, bem menores que os da ação Católica. Por sua vez, os liberais foram um grupo mais restrito, mas que dispunha de personalidades de grande relevo, como Benedetto Croce, que

<sup>527</sup> Idem, p 113. Na *Scuola Normale*, Cantimori permaneceu lecionando durante quase toda sua carreira acadêmica em diante. Entretanto, em 1948, transferiu-se para a cátedra de História Moderna da *Facoltà di Lettere* de Pisa, devido a problemas burocráticos, falta de professores e ao desejo de G. Gentile em aproximar as relações entre a *Normale* e a Universidade. Ver Simocelli, pág 120-122. No ano de 1951, Cantimori transferiu-se para a *Università di Firenze*. Cf. MICCOLI, Op. cit. 1970. p. 339-374.

<sup>528</sup> CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. 2011. p. 74.

<sup>529</sup> Idem, p. 74 e 75. SIMONCELLI. Op. cit. p. 144 e 145.

continuava sua batalha através de sua revista, *La Critica*, apresentando uma espécie de ponto de união para o grupo.<sup>530</sup>

Com características análogas ao movimento liberal-socialista, surgiu em 1942, o Partido da Ação, tendo como teórico e chefe, Carlo Rosselli, defensor da formação de um socialismo com bases renovadas também voltadas para a defesa de reformas políticas e sociais, respeitando as liberdades humanas, mas que rejeitasse o caráter fatalista do marxismo, que via na luta de classes a revolução final. Outros adeptos do Partido da Ação ligavam-se ao pensamento de Piero Gobetti, que teria defendido, entre 1922 e 1925, a necessidade de uma revolução liberal, através das elites intelectuais defensoras do liberalismo e capazes de portar as massas proletárias.<sup>531</sup>

Nesse complexo contexto político, posicionando-se de forma tolerante ou omissa em relação ao assunto das diversas iniciativas clandestinas pisanas preparadas junto a organizações operárias comunistas, Delio Cantimori veio a substituir seu algoz, Arango-Ruiz, que sofria de problemas de saúde, mantendo o silêncio ou minimizando as denúncias da polícia.<sup>532</sup>

Insatisfeito com aquele ambiente de trabalho e com os conflitos políticos, Cantimori almejava um retorno a Roma, já no final de 1942, revelando sua decisão de deixar Pisa:

Todo o mundo da juventude acabou. Acabaram as esperanças, acabaram as ambições, acabaram os sentimentos, acabou a nostalgia daqueles anos. O ciclo foi concluído (...) – permanecem recordações e esquemas na mente, dos quais devo libertar-me escrevendo recordações. As palavras de Baglietto me mostraram como todo aquele mundo acabou; também as palavras de Capitini (...) acabaram de me machucar e de me fazer enxergar amargamente o meu passado e todo aquele complexo de sentimentos que tenho pela *Normale*. É uma falência. É a falência de um ideal de elite sobre a qual havia projetado qualquer coisa de *Orden* e de *Korps*. Acabou o tempo dos *Lehrjahre* e dos *Wanderjahre*. É amargo pensar isto. Quantas experiências destruídas! É o final das ilusões e da juventude;<sup>533</sup>

Como de costume, o influente professor Gentile ajudou na sua transferência, mas o transcorrer dos acontecimentos da guerra arruinou o projeto cantimoriano de retornar a Roma. Abalado pela queda de Mussolini, Gentile empenhou-se na tentativa de

---

<sup>530</sup> CHABOD. Op. cit. 1963. p. 147 – 153.

<sup>531</sup> Idem, p. 152 e 153.

<sup>532</sup> CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. 2011. p. 75

<sup>533</sup> Idem, p. 75 e 76.

salvaguardar a *Normale*, pedindo que Cantimori voltasse para Pisa, no intuito de tomar o cargo de vice-diretor e, logo depois, presidir a instituição.<sup>534</sup>

Cantimori negou empenhar-se na batalha pela defesa da instituição, ocupando o antigo cargo de vice-diretor. Todavia, mesmo alegando, por diversas vezes, estar sofrendo de problemas de saúde e necessitar de repouso, sua transferência foi anulada e o romagnolo teve que retornar aos trabalhos em Pisa.

Nesse contexto, o filósofo enviou uma carta ao novo Ministro da Instrução, Leonardo Severi, pedindo a nomeação do intelectual romagnolo como vice-diretor da *Normale*, devido à má condição de saúde de Arango-Ruiz. Entretanto, sua resposta foi pública e áspera, negando qualquer indicação de um fascista como Gentile.<sup>535</sup>

Dessa maneira, o diretor viu sua autoridade abalada e sem uma saída para seus projetos de resistência fascista, então pediu demissão da *Scuola Normale*, logo após as declarações.<sup>536</sup>

Não obstante, sem se desligar das lições gentilianas da missão educativa do Estado e das instruções, conjugando isso a uma sempre maior atenção pelo método crítico e atenuando o peso da função de guia e controle do professor sobre o aluno,<sup>537</sup> Cantimori teria começado seus trabalhos, no ano letivo de 1940-41, apresentando um curso que se dividiu entre duas horas de aulas sobre o primeiro *Cinquecento* italiano e uma hora de metodologia, onde foi trabalhada a tradução, a análise e os comentários sobre a *Historik* de Droysen.<sup>538</sup>

No ano letivo seguinte, o intelectual romagnolo enviou uma carta à Giulio Einaudi, demonstrando interesse em traduzir os escritos weberianos *Wissenschaft als Beruf* (*A ciência como vocação*) e *Politik als Beruf* (*A política como vocação*),<sup>539</sup> e, como de costume, guardou uma parte do curso para o debate teórico-metodológico desse primeiro escrito de Max Weber e deu continuidade ao trabalho de análise e tradução da *Historik*. A segunda parte foi voltada para suas pesquisas em andamento, quando trabalhou a temática do “Socialismo utópico de Babeuf a 1848”.<sup>540</sup>

<sup>534</sup> SIMONCELLI. Op. cit. 1994. p. 152

<sup>535</sup> Giovanni Gentile amargou o desfecho de sua vida ao ser morto, em abril de 1944.

<sup>536</sup> Idem, p. 152.

<sup>537</sup> CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. 2011. p. 74.

<sup>538</sup> SIMONCELLI. Op. cit. 1994. p. 116. MICCOLI, Op. cit. 1970. p. 341.

<sup>539</sup> Cf. CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 786 e 787.

<sup>540</sup> MICCOLI. Op. cit. 1970. p. 341

No ano letivo de 1942-43, perante o desânimo da editora *Einaudi* em traduzir e publicar os escritos weberianos,<sup>541</sup> Cantimori direcionou suas habituais lições teóricas para W. von Humboldt e a outra parte do curso para “o abade Tocci e sua família dos cristãos iguais”,<sup>542</sup> que compôs o primeiro capítulo do seu livro *Utopisti e Riformatori Italiani 1794-1847. Ricerche storiche*, publicado em 1943.

Como consequência desses cursos, em que se misturavam suas pesquisas históricas e seu trabalho editorial de tradução, agora pela Editora Einaudi, em 1943, Delio Cantimori publicou, em italiano, o *Sommario di Istorica* de Droysen e a sua segunda obra de história, *Utopisti e riformatori italiani, 1794-1847. Ricerche storiche*, que teve uma complexa maturação, perpassando parte dos anos 30 e aquele conturbado período da Segunda Guerra Mundial.

#### **4.4 – Giacobini, Utopisti e Riformatori italiani.**

Os estudos de Delio Cantimori sobre os reformadores, utopistas e jacobinos italianos do final do *Settecento* e da primeira metade do *Ottocento* foram permeados por uma longa trajetória politicamente conturbada, que retoma o ano letivo de 1932 e 33, quando ainda lecionava no Ensino Médio, em Pavia, e passa por todo o processo de inflexão do fascismo ao comunismo, realizado pelo intelectual romagnolo.

Em Pavia, o jovem professor teve a oportunidade de fazer amizade com dois estudiosos e expoentes da escola histórica positiva: Baldo Peroni, que dava aulas na mesma escola que Cantimori, e Renato Sòriga, que era diretor do *Museo Civico di Pavia*.<sup>543</sup>

Ambos os estudiosos foram responsáveis por uma verdadeira lição de método de estudo e indicações sobre o período inicial do Ressurgimento, em meio às polêmicas suscitadas pela tese do professor universitário Ettore Rota<sup>544</sup>, época em que o *Settecento* italiano foi interpretado, ideologicamente, a partir do nacionalismo que permeava o ambiente fascista italiano daqueles tempos.<sup>545</sup>

No necrológio dedicado a Peroni, Cantimori afirmou que o colega tinha dado uma resposta aos estudos nacionalistas que negavam a importância da relação entre a

<sup>541</sup> Somente em 1948 a Editora Einaudi conseguiu publicar *Il lavoro intellettuale come professione* de Max Weber, com tradução de Antonio Giolitti e nota introdutória de Delio Cantimori. Cf. CANTIMORI. Op. cit. 1991. p 786. nota: 5.

<sup>542</sup> MICCOLI. Op. cit. 1970. p. 341.

<sup>543</sup> Idem, p. 99.

<sup>544</sup> Ettore Rota foi professor de história moderna na *Università di Pavia*. Dedicou-se aos estudos do Settecento, em busca de apresentar as origens e os motivos autóctones do *Risorgimento*.

<sup>545</sup> AGUZZI. Op. cit. p. 26 e 28.

Revolução Francesa, as conquistas de Napoleão e a história italiana do Ressurgimento, a partir de suas pesquisas sobre a ação dos patriotas italianos que portaram e aplicaram os ideais revolucionários franceses na formação da *República Cisalpina*.<sup>546</sup>

Renato Sòriga, estudioso da carbonária, da maçonaria e de outras sociedades secretas e movimentos conspiratórios do Setecento e início do Ottocento – interessado pela evolução do pensamento e da ação dos primeiros patriotas italianos e pela formação da consciência nacional entre 1789 e 1831 – permitiu que Cantimori tivesse contato com materiais editados e inéditos, que se encontravam nos arquivos e na biblioteca do museu em que trabalhava, sobre a história da Cisalpina, da maçonaria e, sobretudo, de Filippo Buonarroti<sup>547</sup> (1761-1837).<sup>548</sup>

A partir desses contatos e impulsionado pelo prazer pelos estudos subterrâneos secretos, Cantimori começava a reexaminar uma tradição reformadora radical revolucionária, impulsionada pelos ideais da Revolução Francesa, que os setores conservadores e moderados combateram e, paulatinamente, foram sendo esquecidos pela historiografia italiana.<sup>549</sup>

Dessa maneira, o intelectual romagnolo montava as primeiras peças para a construção de um novo filão historiográfico que ligava os hereges italianos do *Cinquecento* aos reformadores, jacobinos e utopistas que antecederam ao Ressurgimento italiano.

Aos olhos de Cantimori, esses políticos rebeldes portaram a consciência religiosa laica moderna herética, permeada pela tolerância e pelo radicalismo anabatista igualitário, o que os faziam donos de um novo projeto de sociedade italiana com mentalidade e valores morais renovados.

Naquele contexto de completa desilusão com o caminho tomado pelo fascismo, Cantimori desenhava, através de seus estudos sobre o igualitarismo de Gracco Babeuf<sup>550</sup> até 1848, o seu comportamento crítico em relação ao Regime de Mussolini e

<sup>546</sup>Idem, p. 28. CANTIMORI, Delio. Baldo Peroni, necrológio. *Rivista storica italiana*. 1959. p. 520-523. A República Cisalpina (1797-1802) foi fundada após a invasão dos exércitos franceses com capital em Milão. Ela abrangeu a Lombardia, Emilia-romagna e partes da Toscana e Veneto.

<sup>547</sup> Filippo Buonarroti (1761-1837) foi um revolucionário italiano que carregava o ideal igualitário comunista. Depois da Revolução Francesa, exilou-se voluntariamente na ilha de Córsega. Logo se mudou para a França, onde teve contatos com Gracco Babeuf e os jacobinos, sendo deportado após a participação na Conjuração dos iguais.

<sup>548</sup> AGUZZI. Op. cit. p. 29.

<sup>549</sup> MICCOLI. Op. cit. 1970. p. 183.

<sup>550</sup> François Noel Babeuf (conhecido como Gracco Babeuf, ao ser comparado aos irmãos Gracco Tribunos da Plebe, no período da República Romana) foi um jornalista e revolucionário francês jacobino, fundador da Conjuração dos iguais, movimento igualitário que propunha a comunidade dos bens de trabalho. Esse movimento, reprimido pelo Diretório, condenou todos seus integrantes à pena de morte.

transparecia, aos mais atentos, sua afeição, cada vez maior, pelos preceitos políticos comunistas e seu empenho no fortalecimento da historiografia marxista como via de superação aos ideais de sociedade fascista que se queria implantar.<sup>551</sup>

Dentro desse projeto, em 1936, Cantimori viajou a Lipsia e Dresden, para pesquisas ulteriores sobre os hereges, aproveitando a oportunidade para recolher documentos sobre a história e atividade de Andrea Luigi Mazzini.<sup>552</sup>

Em 1937, o estudioso publicou os primeiros artigos propriamente sobre o assunto, tendo como abertura uma pequena nota informativa sobre Gioacchino Trioli (1735-1799), na *Enciclopedia italiana*, na qual apresentou a trajetória do franciscano e escritor político, que, perante a chegada austríaca, suicidou-se, pelo temor de renegar as ideias da Revolução Francesa, que havia recebido com tanta admiração.<sup>553</sup>

Seu segundo texto sobre a nova temática foi um artigo intitulado *Utopia*, mais longo e bem mais significativo para o percurso de Cantimori, no qual o intelectual fez uma análise sobre o livro *Die politische Insel. Eine Geschichte der Utopien von Platon bis zu Gegenwart*, de H. Freyer, que representou as utopias como um comportamento particular do pensamento filosófico político, dotado de características constantes. Sua história não seria composta somente daquilo que os homens sonharam, mas, também, da fé na liberdade de dar forma a sua vida social, segundo valores e ideias.

Prosseguindo esse pensamento, Cantimori seguiu afirmando que, mais que como uma forma filosófica e teórica dotada de “leis”, a utopia deveria ser tratada de maneira prática, “mesmo se enredada no racionalismo e no intelectualismo”, e seu caráter “não é um jogo do arbítrio, mas uma projeção da vontade, que tem, então, a questão prática, teórica e imaginativa ao mesmo tempo”.

Na opinião de Cantimori, não se pode nem mesmo falar de uma forma particular de pensamento filosófico e político, como queria H. Freyer, porque as utopias seriam as responsáveis por apontar os ideais ético-políticos, colocando como fins uma ação política, sem, nem mesmo, exigir realizações institucionais.<sup>554</sup>

Como enfatizou Luciano Aguzzi, Cantimori sempre definia as utopias como o caráter prático de uma projeção da vontade, um elemento programático que tende a agir sobre a realidade, para modificá-la. Sejam as utopias religiosas, ou as políticas, ou

<sup>551</sup> AGUZZI. Op. cit. p. 7 e 8. Andrea Luigi Mazzini (1814-1849) foi um político que viveu na França e colaborou com a *Gazzetta Italiana*, em Paris. Foi um defensor da esquerda hegeliana, tentando aplicar suas ideias à situação italiana.

<sup>552</sup> MICCOLI. Op. cit. p. 103. nota 2. AGUZZI. Op. cit. p. 30.

<sup>553</sup> Idem, p. 33.

<sup>554</sup> CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 361 e 362.

sociais, todas nasceriam de uma situação conflituosa, exprimindo um desejo reformador que atinge o radicalismo extremo.

Para compreendê-las, não se pode resolvê-las em esquemas filosóficos, abstraindo-as de seus elementos teóricos. Temos que retomar os seus contextos históricos, o exame das forças sociais, dos homens e das ideias que entram em ação. Não obstante, a utopia seria, também, a expressão de uma imaturidade de situação histórica que consiste na contradição entre a sua modernidade e o anacronismo dos meios à disposição para realizá-las.<sup>555</sup>

Seguindo a trajetória da nova veia de estudos, dois anos depois, Cantimori publicou uma resenha sobre a antologia de escritos político-doutrinários de Vincenzo Cuoco (1770-1823), organizado por G. Tarroni, que teria como questão central o conceito de povo apresentado pelo reformador e escritor italiano.

Segundo o intelectual romagnolo, Tarroni afirmou que, para V. Cuoco, a única maneira de superar as experiências jacobinas seria através do reconhecimento da espontaneidade da vida popular, onde o povo não é apenas, teoricamente, o detentor da soberania, mas, sim, o “criador de todas as formas da vida histórica e único sujeito da ação política”.<sup>556</sup>

Delio Cantimori ainda ressaltou sua dúvida em relação à possibilidade do organizador da coleção ter enxergado em V. Cuoco a resposta do problema conceitual de povo, em um contexto em que tal categoria ainda não era clara e normalmente associado às massas, ao terceiro estado, etc. A partir disso, o intelectual enfatizou a necessidade de um exame linguístico e histórico sobre o uso dessas palavras e a história do conceito.<sup>557</sup>

Ainda em 1939, Cantimori resenhou outra coleção de escritos políticos de Mario Pagano<sup>558</sup>, na qual apresentou uma crítica ao organizador F. Collotti, por não tratar o caráter iluminista do pensamento de Pagano, ressaltando o temor ao iluminismo “como

---

<sup>555</sup> AGUZZI. Op. cit. p. 35.

<sup>556</sup> CANTIMORI. Delio. *Recensione di Vincenzo Cuoco. Il pensiero politico. A cura di G. Tarroni. Istituto Nazionale Fascista di Cultura. Cappelli, Bologna s.d. 1936.* Leonardo, X, 1939. p. 17-19. In: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 652.

<sup>557</sup> Idem, p. 652. Cf. AGUZZI, idem, p. 37.

<sup>558</sup> Francesco Mario Pagano (1748-1799) foi jurista, filósofo e político italiano, considerado um dos expoentes do iluminismo e precursor do positivismo, sendo um dos principais participantes da Fundação de República Napolitana. Essa república teve ajuda das tropas jacobinas francesas, mas foi, logo depois, eliminada pelo governo Bourbon, que dominava a região, antes das invasões.

uma espécie de pecado” que proibia grandes homens, como V. Cuoco e M. Pagano, serem considerados iluministas.<sup>559</sup>

Perante tal posição, o estudioso italiano afirmou que o interesse histórico não consistiria em enxergar esses grandes homens como guias das nossas vidas, mas, sim, como *magistri vitae* da vida histórica da mente humana. Caso contrário, correr-se-ia o risco de retirar todos os pensadores dessa corrente de pensamento, sobrando, apenas, um conjunto de motivos abstratos que levariam à recorrente confusão de significados dos termos iluminismo e voltairismo.<sup>560</sup>

O ano letivo 1941-42 foi significativo para a apresentação da temática e a conclusão de seu livro. Naquele contexto, Cantimori direcionou um pouco mais da metade de seu curso na *Scuola Normale* para o debate sobre o “Socialismo utópico de Babeuf a 1848”, apresentando aulas que abarcaram as ideias de Babeuf e o seu “babouvismo”, o pensamento de Saint Simon e a escola sansimoniana, o princípio de associação em Mazzini e no sansimonismo, Fourier e a situação geral da sociedade entre 1796 e 1830, os alemães em Paris (1830-1840), Weitling, Lorenz von Stein (1815-1890), concluindo com o problema social e de unidade da Alemanha até 1848.<sup>561</sup>

Provavelmente, utilizando parte dos materiais apresentados no curso, nesses anos, Cantimori também publicou, na revista *Popoli*, dois artigos intitulados *Utopisti e riformatori sociali*, sobre as trajetórias de Gracco Babeuf e Saint Simon.

Segundo Aguzzi, no primeiro artigo, o intelectual teria traçado o perfil de Babeuf, considerando-o o último defensor da ressurreição do jacobinismo de Robespierre. Dessa maneira, enfatizou seu projeto de reforma pedagógica da sociedade com base comunista e a tendência prática do seu pensamento, na tentativa de agir pela implantação de uma organização social igualitária, pela exaltação do trabalho manual e da força física, que teriam influenciado novas tentativas socialistas e comunistas nas décadas sucessivas, chegando ao reformador italiano Buonarroti.

Cantimori ainda definiu a sua concepção política como classicista, embasada na ideia de revolução, como uma guerra “santa e venerável” entre patrícios e plebeus, pobres e ricos, cujo sistema de comunismo agrário levava em consideração a indústria e

---

<sup>559</sup> CANTIMORI, Delio. *Recensione di Mario Pagano, Saggi politici, a cura di F. Collotti, Istituto Nazionale Fascista di Cultura, Roma 1938*. Leonardo, X, 1939. In: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 656 e 657.

<sup>560</sup> CANTIMORI. Idem. p. 657. Cf. AGUZZI. Op. cit. p. 37 e 38.

<sup>561</sup> Cf. MICCOLI. Op. cit. 1970. p. 341. AGUZZI. Op. cit. p. 38.

o comércio, mas revelava-se utópico, ao considerar o exército como modelo para uma nova sociedade.<sup>562</sup>

Sobre Saint Simon, Cantimori não apresentara a mesma simpatia que possuía em relação aos preceitos políticos de Babeuf. Através da apresentação de uma bibliografia do socialista utópico, o intelectual examinou seu pensamento, ressaltando as novas ideias sansimonianas, suas indeterminações e utopismos, que o levariam a se aproximar de intelectuais, técnicos e industriais, para sanar problemas das classes mais pobres. Para o estudioso italiano, Saint Simon posicionou-se como um precursor vago, que teria dado base para o socialismo e o industrialismo americano, para o Império liberal de Napoleão III, para a tecnocracia, o fordismo e outras espécies de solidariedade e produção, como fim das atividades humanas.<sup>563</sup>

Ainda em 1942, com o artigo sobre *Vincenzo Russo, il Circolo costituzionale di Roma nel 1798 e la questione della tolleranza religiosa*, Cantimori passou da divulgação do trabalho ao tratamento mais científico do assunto, trabalhando o triênio revolucionário de 1796 e 1799.

Entre leituras de documentos, publicações raras, memórias do período e, sobretudo, da biografia já existente, Cantimori recebeu uma forte inspiração do livro *Pensamenti politici* do patriota italiano V. Russo, que impulsionou Cantimori na realização de pesquisas mais aprofundadas em relação à ideia de tolerância religiosa, que o pesquisador italiano colocava como um dos pontos de ligação mais importantes entre o pensamento moderno herético do *Cinquecento* e a religiosidade política do *Settecento* italiano.<sup>564</sup>

A partir desse escrito, Cantimori conseguiu identificar a presença do ideal de igualdade anabatista – entendida pelo romagnolo como a verdadeira tolerância – no radicalismo de Russo, acompanhado pela defesa da liberdade política. Na interpretação de Cantimori, o pensamento de V. Russo levava os elementos basilares para a reforma religiosa, moral e política, o que despertou a atenção do estudioso romagnolo para a particularidade do jacobinismo desse patriota italiano.<sup>565</sup>

Ainda em 1942, Cantimori colaborou com a editora *Einaudi*, organizando uma antologia dos *Discorsi parlamentari del Cavour*, na qual foi autor do ensaio introdutório aos escritos políticos do estadista piemontês. Neste, direcionou sua atenção para a vida

---

<sup>562</sup> AGUZZI. Idem, p. 40.

<sup>563</sup> Idem, p. 41.

<sup>564</sup> Idem, p. 42.

<sup>565</sup> Idem, p. 42.

política e a importância do realismo político de Cavour para o *Risorgimento* laico italiano, contraposto ao neoguelfismo.<sup>566</sup>

Seus textos foram selecionados com base no interesse pela política interna e pelos conflitos do estadista com a extrema direita, os democráticos e com Giuseppe Mazzini. Dessa maneira, foi o Conde Cavour, “administrador, homem de governo e de partido”, político criativo e dotado de ideias e princípios pragmáticos, quem o levou a concretizar o programa revolucionário de unificação nacional da Itália, como representante liberal, em meio aos conflitos contra conservadores, democráticos e mazzinianos.<sup>567</sup>

No curso de 1942-43, Cantimori direcionou parte do conteúdo para “o abade Tocci e a sua família dos cristãos iguais”,<sup>568</sup> do qual surgiu o capítulo inicial do seu livro *Utopisti e Riformatori Italiani 1794-1847. Ricerche storiche*, publicado em 1943.

Em sua introdução, significativamente intitulada *Utopismo politico, sociale, religioso*, Cantimori, referindo-se ao *Saggio sulla Rivoluzione*, de Carlo Pisacane<sup>569</sup>, ressaltou duas questões de vital importância para sua obra: o caráter precursor de suas ações dos reformadores italianos e a negligência da historiografia em relação às suas reformas sociais.

Segundo Cantimori, Pisacane teria colocado os reformadores italianos no mesmo patamar de Proudhon e os socialistas europeus, alinhando os italianos, que, como precursores, “compraram com sangue o direito à razão”<sup>570</sup>, à tradição do pensamento renascentista italiano.

Crítico dos filósofos do século XVIII, por ter conservado o ideal naturalista e ascético rouseauniano na formação das suas utopias comunistas, Pisacane atribuiu uma função especial aos italianos, ao vê-los como “a manifestação da razão coletiva, da dor constricta ao exame dos males sociais” e por terem apresentado o problema político sobre o plano social, ou seja, no verdadeiro local onde se pode estabelecer a ação revolucionária italiana e europeia, através dos estudos das leis que regulam a sociedade.

---

<sup>566</sup> Idem, p. 43.

<sup>567</sup> Idem, p. 43 e 44.

<sup>568</sup> MICCOLI. Op. cit. 1970. p. 341.

<sup>569</sup> Carlo Pisacane (1818-1857) foi um patriota e revolucionário italiano, de ideologia socialista. Participou da Guerra de Independência de 1848, da formação da República Romana (1849), junto com G. Mazzini e G. Garibaldi. Com o objetivo de sublevar o Sul contra o monarca, Pisacane organizou, com Mazzini, uma expedição para Sarpi, quando seu grupo foi atacado por soldados bourbonicos e Pisacane foi morto.

<sup>570</sup> CANTIMORI. *Utopisti e riformatori italiani*. Op. cit. 1943. p. 9.

Com sua insistência em retornar aos patriotas italianos do *Settecento*, entendidos como apoiadores da reforma social voltada para a crítica do instituto da propriedade privada, segundo Cantimori, Pisacane teria apontado os pontos que foram negligenciados pela historiografia, de modo geral, preocupada com o estudo do momento político, em si.

A partir disso, Cantimori propôs uma investigação particular dos programas, utopias e projetos político-sociais de tendência socialista e comunista da metade do *Settecento*, até das manifestações ocorridas na Itália, antes de 1848, levando em consideração a difusão das doutrinas elaboradas na França e difundidas na Itália.<sup>571</sup>

Permeando tudo isso, Cantimori chama a atenção para a profunda crença religiosa que perpassava a fé política desses reformadores, na luta pela renovação do ser humano e pela possibilidade de uma educação integral do homem para o bem, onde não se pudesse negligenciar sua relação histórica com os hereges e a defesa da tolerância na Reforma e Contrarreforma.<sup>572</sup>

Dessa maneira, Cantimori apresentaria seu principal trabalho sobre o novo filão historiográfico, que atravessou, também, os anos 50, sempre movido pelos interesses relacionados ao marxismo e à renovação interpretativa da historiografia italiana. Nesses escritos, também se entrelaçavam as utopias e os ideais igualitários, nos quais os reformadores e patriotas italianos baseavam-se para a criação de uma sociedade ética e moralmente elevada, que deixara como herança suas ideias não concretizadas que, possivelmente, poderiam agora ser reerguidas pelo projeto político marxista italiano, em que Cantimori, então, depositava suas esperanças de renovação.

#### **4.5 - A crítica cantimoriana à sociologia alemã.**

Com seu pensamento já amadurecido, dentro de um novo entendimento de história – um exercício filológico de erudição, modelada pela concepção de materialismo histórico como ferramenta de exame e ação transformadora da realidade social –, no pós-guerra, Delio Cantimori dirigiu novamente o interesse para o aprofundamento dos estudos sobre o universo intelectual e político alemão.

Agora sua problemática não teria como foco central a ascensão do Nazismo, mas, sim, o entendimento dos motivos espirituais pelos quais a cultura alemã combateu

---

<sup>571</sup> Idem, p. 11.

<sup>572</sup> Idem, p. 17-19.

a razão e, logo após, assistiu à formação e ao fortalecimento do irracionalismo nacional-socialista.

Nessa nova empreitada, o estudioso focou três importantes personagens ligados, direta ou indiretamente, à vida cultural dos períodos guilhermino e weimariano: Friedrich Meinecke (1862-1954), Max Weber (1864-1920) e Ernst Troeltsch (1865-1823).

Na leitura de Cantimori, por trás da decadência espiritual alemã, estava presente a crise do paradigma científico historicista e o seu ajoelhar, perante o modelo de conhecimento sociológico, herdeiro direto dos preceitos generalizantes tipológicos comuns à teológica.

Essa questão foi debatida, primeiramente, em sua resenha do livro do colega Carlo Antoni, *Dallo storicismo alla sociologia*, publicada em 1940. Assim Cantimori abriu sua análise, debatendo o significado do título, que

(...) contém em síntese o juízo sobre a decadência do pensamento alemão na época Guilhermina e o seu deslize em direção a uma pseudociência codificadora de observações empíricas e classificadora de fenômenos, mas não sistematizadora de conceitos, depois que abandonou a grande tradição da idade clássica e idealista da primeira metade do século [XIX].<sup>573</sup>

Essa problemática atravessou os anos da *Segunda Grande Guerra* e permeou um grupo de escritos cantimorianos da década de 1940 e 50. Em uma das suas principais abordagens sobre o assunto, no texto *Appunti sullo storicismo*, publicado em 1945, Cantimori começou por criticar a maneira como F. Meinecke utilizou o termo revolução, para se referir ao historicismo como a maior transformação espiritual, após a reforma protestante, que, no juízo do intelectual romagnolo, associava-se ao ambiente conservador da Restauração.<sup>574</sup>

Segundo Cantimori, o próprio Meinecke – considerado um dos melhores representantes da cultura universitária alemã ligada ao ideal do período Bismarckiano e Guilhermino – afirmou que a sua geração seria destinada a tornar-se seguidora daquela de H. von Sybel, L. von Ranke e Treitschke, tendo como responsabilidade principal a preservação daquela capacidade política, pois, na geração de Meinecke, faltava o

<sup>573</sup> CANTIMORI, Delio. *Dallo storicismo alla sociologia*. Civiltà Fascista, VIII, 1940. p 764-781. In: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 527.

<sup>574</sup> CANTIMORI, Delio. *Appunti sullo "storicismo"*. Società, anno I, n 1-2, 1945. In: CANTIMORI. Op. cit. 1959. p. 5 e p. 12-13.

impulso espiritual vivenciado, particularmente, nos anos que precederam a Unificação da Alemanha.<sup>575</sup>

A “idade de ouro” da historiografia alemã seria seguida, então, de forma quase vocacional por uma “idade de prata”, voltada para a imitação, destituída de autonomia, sempre aplicando ao mundo histórico, de maneira conservadora e reacionária, os preceitos românticos e grandes pensamentos do idealismo alemão, perdendo de vista os problemas econômicos e sociais e o valor da ação concreta da política.<sup>576</sup>

Não obstante, segundo Cantimori, essa “geração de prata” era composta por homens que queriam servir ao seu país como funcionários, “bons cidadãos” que deviam ao Estado uma parcela do seu patrimônio intelectual, como pesquisadores, professores e participantes nas atividades cotidianas da constituição da República de Weimar.<sup>577</sup>

Entretanto, como ressaltou Chiantera-Stutte, as concepções constituídas na idade do “Estado Potência”, de Bismarck, resgatada pela geração de Meinecke, não foram suficientes para solucionar as diversas contradições que Weimar sofria naquele momento.<sup>578</sup>

Como já havia denunciado o nazista Schröder, em sua crítica a Meinecke, a falta de empenho dos intelectuais weimarianos em promover transformações políticas e sociais necessárias à Alemanha deu espaço à sobreposição do projeto místico nacional-socialista, o qual teria mobilizado o povo em direção ao racismo intolerante, como forma de resolução das mazelas alemãs, e matado a sede de ação dos jovens.<sup>579</sup>

Como sinal da falência cultural daquela geração weimariana, Delio Cantimori ressaltou a apropriação da sociologia, como ferramenta de leitura da realidade histórica. Segundo o intelectual, na cultura alemã, a sociologia teve a função de substituir a teologia, para assegurar e manter uma ordem, que destoaria da realidade, utilizando, igualmente, sistemas abstratos e pegando emprestado o modelo teológico de análise genérica, embasado em tipificações de viés estáticos e incapazes de servir a um pensamento realmente crítico e histórico.<sup>580</sup>

A ordem e o sistema da teologia são tais enquanto permanece viva a fé em Deus. Retirada ou manchada esta, seja através da “teologia liberal”, permanece uma anárquica imaturidade, uma nostalgia

---

<sup>575</sup> Idem, p. 7 e 8.

<sup>576</sup> Idem, p. 8 e 9.

<sup>577</sup> Idem, p. 10.

<sup>578</sup> CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. 2011. p. 90.

<sup>579</sup> CANTIMORI. *Dallo storicismo alla sociologia*. Op. cit. 1940. In: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 532 e 533.

<sup>580</sup> CANTIMORI. *Appunti sullo “storicismo”*. Op. cit. 1945. In: CANTIMORI. Op. cit. 1959. p. 16.

daquela ordem e daquele sistema, a qual conduz à invenção de novos sistemas igualmente abstratos como a teologia. Assim, as tipificações sociológicas são afins a certas classificações teológicas das heresias e achatam a realidade histórica concreta do mesmo modo (...). A sociologia se constitui também com as suas pretensões de “hermenêutica histórica”, não tanto à filosofia, no sentido metodológico, quanto à teologia.<sup>581</sup>

Dessa maneira, a tipificação sociológica, assim como certas classificações teológicas, achataram a concreta realidade histórica sobre um infinito religioso, que se embasa na “Revelação” da ideia de uma verdade eterna, sobre a qual se deve mensurar toda a história do homem, servindo como aporte à posição conservadora e reacionária alemã.<sup>582</sup>

A partir dessa constatação, Cantimori criticou, também, a concepção de Troeltsch, que via a teologia como uma das ciências mais revolucionárias, acusando o teólogo alemão de utilizar o termo “revolucionário” a partir de uma ideia teológico-sociológica, paradoxalmente contrária à instauração real de uma nova ordem.<sup>583</sup>

Em 1948, em sua introdução ao escrito de Weber, traduzido para o italiano como *Il lavoro intellettuale come professione*, Cantimori afirmou não faltarem escolas teorizando a sociologia como ciência absoluta, o que faz voltar às origens do pensamento grego e indiano, típicos representantes das ideologias políticas e sociais do romantismo alemão.<sup>584</sup>

Segundo o intelectual italiano, foi a partir das doutrinas conservadoras de L. von Stein, em sua obra sobre *O socialismo e o comunismo na França atual* – editada diversas vezes, entre 1842 e 1852 – que, sumariamente, tiveram início as escolas sociológicas alemãs.

Contra essa tendência, Treitscke teria reagido conservadoramente, reduzindo todo o debate sobre a sociedade à esfera do Estado, pois a sociedade se faria ver apenas na desordem, a crise da sociedade presente, e ordenar era a principal função do Estado. Sendo assim, tal problema resolver-se-ia no campo da política e a sociologia seria supérflua.<sup>585</sup>

Dentro desse debate, segundo Cantimori, a sociologia alemã teria solidificado-se como ciência e disciplina de estudo, para descrever-se e entender-se, ao mesmo tempo

<sup>581</sup> CANTIMORI. *Dallo storicismo alla sociologia*. Op. cit. 1940. in: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 537.

<sup>582</sup> CANTIMORI. *Appunti sullo “storicismo”*. Op. cit. 1945. In: CANTIMORI. Op. cit. 1959. p. 17.

<sup>583</sup> CANTIMORI. *Dallo storicismo alla sociologia*. Op. cit. 1940. in: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 537.

<sup>584</sup> CANTIMORI. *Appunti sullo “storicismo”*. Op. cit. 1945. In: CANTIMORI. Op. cit. 1959. p. 89.

<sup>585</sup> Idem, p. 92.

em que tinha a função de “servir ao Estado e ao povo”, contestando e rebatendo as críticas da teoria sociológica revolucionária de Marx e Engels, a qual teria proposto afrontar, perguntar e reconstruir a ordem e as forças sociais visíveis através da nova classe operária.<sup>586</sup>

Dentro desse âmbito de combate às ideias marxianas, encontraram-se, principalmente, as leituras de Troeltsch e Max Weber, que dedicaram muitos dos seus trabalhos à ética e ao espiritualismo protestante, relacionando a vida espiritual e o campo econômico, em contraposição ao pensamento materialista-histórico de K. Marx.<sup>587</sup>

O teólogo alemão Ernst Troeltsch – o qual, segundo Cantimori, buscava a construção das bases religiosas da República de Weimar, a partir da tradicional concepção filosófica como um sistema regido por leis próprias, independentes da história –, retomou ideias tradicionais sobre o materialismo histórico, apresentando a dialética de Marx e Engels como abstrata, relativista, sem um caráter integral, desespiritualizada, economicista e destituída de um finalismo necessário para a constituição de seu valor espiritual, filosófico e ideológico e para a formação de uma nova fé europeia.

As ideias de Marx seriam representantes do empobrecimento da concepção dialética hegeliana que, na opinião do teólogo alemão, era verdadeiramente finalista e universal.<sup>588</sup>

Por sua vez, as críticas de Max Weber amadureceram, no transcorrer da Revolução Russa, alimentadas pela sensação de excessiva radicalidade das respostas propostas por Karl Marx, F. Engels e, agora, Lênin, e a sua preocupação em relação à formação de representantes políticos modernos na Alemanha falida pela guerra.<sup>589</sup>

Apesar das críticas cantimorianas em relação à falta de propósito prático das teorias weberianas e suas tipificações eminentemente teológicas, diferentemente dos demais estudiosos weimarianos, Delio Cantimori cativou uma forte simpatia pela proposta de análise crítica e objetiva de Max Weber e sua “ciência desinteressada”, a qual, com seu viés radicalmente racional, agnóstica, ligada ao pensamento

---

<sup>586</sup> Idem, p. 91 - 93.

<sup>587</sup> Idem, p. 24 e 25.

<sup>588</sup> CANTIMORI, Delio. *Interpretazioni tedesche di Marx nel periodo 1929-1945*. Curso de Filosofia da História do ano letivo de 1946-47. Organizado por F. Ferri. In: CANTIMORI. Op. cit. 1959 p. 152, 198 - 199 e 205.

<sup>589</sup> CANTIMORI, Delio. *Nota introdutiva a Max Weber. Il Lavoro intellettuale come professione*. Einaudi, Torino, 1948. In: CANTIMORI. Op. cit. 1959. p. 96 e 101.

humboldtiano,<sup>590</sup> apresentava-se como opositora à irracionalidade das massas e ao apelo pseudocientífico do pensamento alemão que vinha se consolidando naquele período.<sup>591</sup>

Cantimori enxergava com bons olhos o combate de Weber aos “profetas ou pseudoprofetas” que se inseriam nas diversas crenças e o seu esforço na defesa da imparcialidade e elaboração de princípios metodológicos conscientes da necessidade de defesa da objetividade, distinguindo a atividade de pesquisa da propaganda política, apologética e ideológica, que se apresentam como princípios educativos, em esquemas de História Universal.<sup>592</sup>

Perante uma tradição de estudos universitários e de uma ciência voltada para o objetivo de guiar o povo, Weber propôs sua fidelidade à tradição do grande pensamento racional e revolucionário moderno, que traz, junto, a dúvida dos pressupostos que embasavam a ciência e apresenta sua mensagem ligada ao significado intrínseco do saber do trabalho “desinteressado”, preciso e consciente da sua seriedade e do seu operar cotidiano.<sup>593</sup>

Nessa linha, o intelectual romagnolo ressaltava a necessidade de entender a obra de Weber na sua defesa da liberdade dos valores da sociologia, como uma ciência que ensina, na qual a teorização desse campo de conhecimento deve partir da liberdade de pressupostos, para formar as suas leis de pesquisa e ensino universitário.<sup>594</sup>

Entretanto, segundo Cantimori, os jovens estudantes alemães daquele período pararam de frequentar os cursos de Weber, os quais, para muitos, representaram uma crise da ciência, devido à redução do pensamento moderno ao esquema da racionalização e intelectualização do trabalho.

Isso teria levado aquela geração a pensar em um esgotamento sociológico, fruto da abstração e do rigor formalista, que teriam reduzido a ciência a uma pura técnica aplicável, sem oferecer respostas, um caminho a ser seguido, ou uma mensagem concreta para o seu país.<sup>595</sup>

Era o perigo do completo abandono da instrumentalização da ciência pela liberdade que, de alguma maneira, levava o intelectual romagnolo a associar a deficiência prática do pensamento de Weber à falta de entendimento do pensamento de Marx.

---

<sup>590</sup> CHIANTERA-STUTTE. op. cit. 2011. p. 119 e 120.

<sup>591</sup> CANTIMORI. *Nota introdutiva a Max Weber*. Op. cit. 1948. In: CANTIMORI. Op. cit. 1959. p. 92.

<sup>592</sup> Idem, p.101 e 102.

<sup>593</sup> Idem, p. 99 e 100.

<sup>594</sup> Idem, p. 89.

<sup>595</sup> Idem. p. 98.

Como apresentado em uma anotação informal de 1949, utilizada por Chiantera-Stutte, Cantimori apresentava o seguinte juízo sobre o pensamento weberiano:

Pesquisa desinteressada = pesquisa não prejudicada = libertar-se pesquisando e indagando (= ao escopo da pesquisa = mediante a pesquisa), a partir dos preconceitos (burgueses, teológicos, etc.), o limite do desinteresse não prejudicial em Weber, que seria: não ter entendido Marx. A pesquisa desinteressada como ensinamento escolar agnóstico, ligado à universidade humboldtiana.<sup>596</sup>

O próprio Cantimori empenha-se na tentativa de harmonizar sua prática intelectual e política, a qual, de um lado, defendia a ligação entre teoria e prática, pregada pela historiografia marxista, então vista como a portadora do melhor projeto político para a formação ético-moral da civilização europeia; do outro lado, valorizava o ideal científico weberiano como uma ferramenta potente ao combate das leituras ideológicas, pseudoproféticas e político-propagandistas.

Dessa maneira, naquele contexto do pós-guerra, Delio Cantimori, que já havia vivenciado a forte desilusão fascista e assistido à ascensão nazista, perante uma intelectualidade weimariana politicamente apática e impermeável aos preceitos marxistas, seguiu sua carreira com a consciência voltada para a importância da sustentação de uma ação política racional em defesa de uma atividade científica voltada para o conhecimento concreto da realidade histórica, que deveria ser o principal responsável pela educação civil, em detrimento das visões limitadamente panfletárias e pretensiosas, tão recorrentes no mundo ideológico político.

#### **4.6 - A adesão ao Partido Comunista Italiano, o pensamento crítico como renovação da cultura e o marxismo cantimoriano.**

Em abril de 1945, no findar da *Libertação*, sob a égide militar dos *Aliados*, a administração italiana passou para as mãos das *Juntas de libertação nacional*, em que todos os partidos antifascistas organizaram-se, em plano de igualdade, repartindo, entre eles, os cargos políticos.

No ano posterior, são promovidas as primeiras eleições, a fim de escolher os cargos administrativos italianos. Os partidos de esquerda optaram pela formação dos “blocos populares”, liderados pelo *Partido Comunista Italiano* (PCI) e o *Partido Socialista Italiano* (PSI), tendo o apoio do *Partido Republicano* e do *Partido da Ação e*

---

<sup>596</sup> CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. 2011. p. 119 e 120.

adeptos independentes, opondo-se à incipiente “lista de centro”, formada por liberais e demais defensores da direita, e à forte *Democracia Cristã*, que concorreu sozinha às eleições.<sup>597</sup>

Sumariamente, no resultado do processo eleitoral, o nordeste ficou sob influência da democracia cristã; na região central, o bloco de esquerda obteve uma acentuada superioridade; e o sul permaneceu dividido entre essas duas grandes forças políticas.<sup>598</sup> Entretanto, com o passar do tempo, os pequenos partidos entraram em crise, dividindo-se ou desaparecendo, e os grandes partidos também começaram a se debilitar. O principal a sofrer com as divergências internas foi o Partido socialista, o qual, antes das eleições, já apresentava duas tendências ideológicas: uma, representada por Pietro Nenni (1891-1980)<sup>599</sup>, defensor do ideal da construção de um partido dos trabalhadores, apoiando o acordo com os comunistas, para manter sua base na classe operária; a outra tinha como expoente Giuseppe Saragat (1898-1988)<sup>600</sup>, que portava ideias convergentes, do ponto de vista doutrinal, ao pensamento liberal e queria conservar o partido com total independência política.<sup>601</sup>

De fato, no ano seguinte às eleições, Saragat e seus colegas deixaram o partido socialista e fundaram o *Partido socialista dos trabalhadores italianos* (PSTL). Em 1948, Ivan Matteo Lombardo (1902-1980)<sup>602</sup> também se desligou, junto a Ignazio Silone (1900-1978)<sup>603</sup>, entre outros políticos, e deu origem à *União dos socialistas*. Logo depois, o ex-ministro do interior, Giuseppe Romita (1887-1958)<sup>604</sup> também abandonou o PSI, formando um novo agrupamento de socialistas “autonomistas”.

---

<sup>597</sup> CHABOD. Op. cit. 1963. p. 210-213.

<sup>598</sup> Idem, p. 216.

<sup>599</sup> Pietro Nenni foi um jornalista e político italiano, líder socialista na luta italiana e estrangeira antifascista, durante o regime de Mussolini. Após a libertação, destacou-se pela defesa da implantação da República e, com a invasão soviética na Hungria, aproximou-se novamente de Saragat.

<sup>600</sup> Giuseppe Saragat foi um político e diplomata italiano, que chegou a ser Presidente da República. Com suas experiências de exílio durante o regime fascista, foi expoente do “austro-maxismo”, o qual misturava as ideias de Marx com a social-democracia. Em 1951, o seu PSTL funde-se com o Partido Socialista Unitário de Romita, formando o Partido Socialista Democrático Italiano.

<sup>601</sup> Idem, p. 223.

<sup>602</sup> Ivan Matteo Lombardo foi um político italiano que ocupou cargos como o de Ministro da Indústria e Comércio. Exerceu atividades clandestinas, durante o governo fascista, junto aos socialistas, e fez parte da reestruturação do partido, após a Libertação.

<sup>603</sup> Ignazio Silone foi o pseudônimo usado pelo escritor e político italiano Secondo Tranquilli. Ele havia participado da fundação do PCI, mas se distanciou dele em 1931, para, onze anos depois, participar, na clandestinidade, do PSI. Após a Libertação, dirigiu as revistas *Europa Socialista* e *Tempo Presente*.

<sup>604</sup> G. Romita foi um político e militante socialista, durante o regime fascista, sendo preso por duas vezes. Foi um dos líderes da retomada clandestina do PSI, em oposição à Mussolini.

Desde a formação do “bloco de esquerda”, o partido socialista veio perdendo, constantemente, adeptos, sempre pelo mesmo motivo: uma política demasiadamente vinculada aos preceitos partidários comunistas.<sup>605</sup>

Por uma questão de consciência do seu passado fascista, Delio Cantimori não teria se inscrito no PCI imediatamente após o fim da guerra. Sua inscrição foi realizada apenas em 1948, quando ficou evidente a necessidade de reforçar o partido, perante tantas rupturas na sua base de resistência antifascista.<sup>606</sup>

Durante esse período do recente pós-guerra, além de depositar sua crença no projeto comunista, Cantimori reforçou seu empenho na instrução e formação crítica dos leitores e dos jovens alunos, com o intuito de travar uma luta filológica que impulsionasse a renovação cultural italiana, por meio da formação de um pensamento crítico, capaz de identificar os discursos apoloéticos.

Através de uma via “filológico-metodológica”, Cantimori retomava o seu velho objetivo de aproximação entre elites intelectuais e o povo, combatendo visões apresentadas em escritos que ganhavam espaço no meio intelectual e que, no seu juízo, eram apoloéticos. Raramente escrevia sobre os eventos políticos contemporâneos específicos, como era normal em sua juventude fascista.<sup>607</sup>

Essa atividade já vinha sendo costurada pelas suas críticas veladas ao fascismo e agora ficava clara no seu combate ao anticomunismo. Em 1945, o intelectual publicou seu texto *Un'utopia conservatrice: la “terza via” di W. Röpke*,<sup>608</sup> no qual disparou suas críticas ao pensamento liberal do economista alemão que vinha se apresentando como a solução para a crise da civilização europeia.

Opositor à socialdemocracia e exilado durante o regime nacional-socialista, W. Röpke teria despontado como o “paladino” da retomada da doutrina liberal do início do século XIX, defensora da “economia controlada” como a “terceira via” entre capitalismo monopolista e socialismo coletivista.<sup>609</sup>

Entretanto, segundo Cantimori, o antissocialismo do economista fundamentava-se em pressupostos propagandísticos ingenuamente defendidos como ciência pelo autor alemão. No juízo do romagnolo, sua visão teria utilidade intrinsecamente política de

---

<sup>605</sup> Idem, p. 224.

<sup>606</sup> CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. 2011. p. 96.

<sup>607</sup> MANGONI, Luisa. *Delio Cantimori e l'organizzazione della cultura*. In: *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa*. 2004. p 61-78. CHIANTERA-STUTTE. op. cit. 2011. p. 95.

<sup>608</sup> CANTIMORI, Delio. *Un'utopia conservatrice: la “terza via” di W. Röpke*. Risorgimento, anno I, n 5, agosto, 1945. In: CANTIMORI. op. cit. 1959.

<sup>609</sup> Idem, p. 703.

combater o socialismo utilizando um “método de sucessivas abstrações ou generalizações”, com intenção de construir uma imagem negativa do adversário, através do apelo ao sentimento e ao irracionalismo.<sup>610</sup>

Na palavra totalitarismo existe o ódio da guerra total e do autoritarismo, e junto, para quem a usa, o conveniente de poder confundir coisas diferentes: coletivismo e planificação, duas doutrinas que certamente não se identificam, socialismo e comunismo, que são movimentos sociais e políticos, e nacional-socialismo e fascismo, que são deformações de movimentos sociais e políticos como tais, têm levado ao engano de tanta gente. Enfim, é uma espécie de justificativa do velho sofisma: Hitler implantou uma economia coletivista ou planificada, Stalin implantou uma economia coletivista ou planificada; logo, Hitler é igual a Stalin.<sup>611</sup>

O italiano reforçava sua repulsa aos métodos “simplistas” de análise de um cientista como Röpke, o qual, com seu caráter sociológico, seu espiritualismo genérico, sua fé acrítica destoantes dos preceitos científicos, aos olhos de Cantimori, contribuía mais para a confusão do que para o esclarecimento da realidade.<sup>612</sup>

Dessa maneira, Cantimori aconselhou os leitores a enxergar, na utopia conservadora universalista, a chave de entendimento daquele pensamento tão influenciado pelos ideais suíços do século XVIII, ao apresentar sua forma anti-histórica que espera o retorno de uma “idade de ouro” nunca ocorrida, senão no campo ideal dos iniciadores da ciência econômica.<sup>613</sup>

Tal preocupação com o método analítico utilizado pelos intelectuais também teve espaço especial nas aulas de Cantimori. Acreditando na educação como meio de formação política e intelectual dos jovens, o professor italiano apresentou cursos universitários sempre abertos e permeados pelos debates sobre a filologia, como maneira de preservação de uma leitura precisa da formação do materialismo histórico e da ideologia comunista, e do debate historiográfico construído em torno da doutrina marxista. No ano letivo de 1944-45, analisou e traduziu o *Manifesto do Partido Comunista*; em 1945-46, apresentou um curso intitulado *L'affiorare del socialismo nella vita politica europea*; em 1946-47, *Interpretazioni e studi intorno al pensiero di Marx e Engels*; e, no ano seguinte, *Critici e interpreti del materialismo storico dal punto di vista della storiografia*.<sup>614</sup>

---

<sup>610</sup> Idem, p. 705 e 706.

<sup>611</sup> Idem, p. 706 e 707.

<sup>612</sup> Idem, p.707 e 724.

<sup>613</sup> Idem, p.721 e 724.

<sup>614</sup> MICCOLI. Op. cit. 1970. p. 342-346.

O curso apresentado entre 1946 e 1947 veio a ser publicado em 1959, sob o título *Interpretazioni tedesche di Marx nel periodo 1929-1945*, deixando documentado o ideal heterodoxo marxista cantimoriano, que, ao explorar os escritos joviais de K. Marx e F. Engels – *Crítica da filosofia do direito* de Hegel, de 1842-43, *Manuscrito econômico-filosófico*, de 1844, e *Ideologia alemã*, de 1845-46 –, viu-se na oportunidade de combater interpretações deterministas, sociológicas e positivistas de estudiosos como Karl Kautsky e Eduard Bernstein<sup>615</sup> e defender sua concepção de materialismo histórico, diretamente relacionado ao pensamento dialético hegeliano e à sua superação.

Para apresentar essa característica, ainda pouco explorada pelos marxistas, Cantimori levou em consideração os ensinamentos de B. Croce e Adolfo Omodeo sobre o necessário exame historiográfico (para evitar qualquer leitura generalizante apologética que se distancie da história concreta dos homens), a cautela crítica de J. Burckhardt (com sua insistência pelo destaque do historiador, em relação ao seu objeto de análise) e o método de J. G. Droysen, com seu “entender indagando”, “compreender mediante a pesquisa, confronto e análises”.<sup>616</sup> Procedimentos, na visão do estudioso, indispensáveis para o historiador que quer conectar a investigação historiográfica e a práxis política, sem interferências propagandistas moralizantes.

Não obstante, essa ligação entre Marx e Hegel, na leitura cantimoriana sobre o marxismo, já se fazia presente em seu verbete, *Georg Friedrich Wilhelm Hegel*, publicado em 1940, no *Dizionario di politica*:

A cisão que permaneceu no fundo do pensamento hegeliano, entre a concepção do homem e da vida histórica, da dialética e do imanentismo filosófico, de uma parte, e a experiência e a posição política concreta de Hegel (...), de outra parte, explicam como ele e seus imediatos alunos (direita hegeliana) foram politicamente conservadores, enquanto ao mesmo tempo da sua dialética, outro grupo de discípulos, antes liderado por Feuerbach, induzia conseqüências negativas da tradição espiritualística e depois, com Marx, fundava a dialética materialista e a teoria do “comunismo científico”.<sup>617</sup>

Para Cantimori, no pensamento de Marx, o problema idealista da relação entre sujeito e objeto, deixado aberto por Hegel, deveria ser solucionado na concepção

---

<sup>615</sup> CANTIMORI. *Interpretazioni tedesche di Marx*. Op. cit. 1946-47. In: CANTIMORI. Op. cit. 1959. p. 139. Cf. BEDESCHI, Giuseppe. *Cantimori e il marxismo*. In: *Delio Cantimori e la cultura política del novecento*. Op. cit., 2009.

<sup>616</sup> CANTIMORI, Idem, p. 139 – 142. BEDESCHI. Idem, p. 32.

<sup>617</sup> CANTIMORI, Delio. *Georg Friedrich Wilhelm Hegel*. *Dizionario di politica*, II, Istituto della Enciclopedia Italiana, Roma, 1940. In: CANTIMORI. *Ibidem*. 1991. p. 441.

dialética e dinâmica das suas relações. Entendendo “matéria” como a “objetividade” na multiplicidade de suas formas e das suas transformações quantitativas e qualitativas, segundo Cantimori, o filósofo alemão acreditava que

somente na transformação real da realidade efetiva se atua plenamente a transformação do objeto da consciência, o qual se poderá dizer superado, também na consciência e pela consciência, apenas quando a transformação do próprio objeto não for mais só a sua pura elaboração intelectual (idealista), mas obra do “homem” inteiro, ativo no mundo objetivo.<sup>618</sup>

Na visão do estudioso italiano, antes de tudo, Marx teria feito parte do grupo de hegelianos de esquerda responsáveis por refletirem sobre a filosofia de Hegel e a sua incongruência em relação à situação prussiana.

Dentro de tal propósito, o filósofo de Tréveris veio a considerar, na sua *Introdução à crítica da filosofia do direito*, que os alemães já haviam experimentado em abstrato a revolução política que ambicionavam – através da filosofia do direito e do Estado prussiano, agora restava cumpri-la no concreto. Para que isso fosse realizado, a abstrata doutrina do Estado de Hegel deveria ser suplantada pelas realizações de autossuperação proletária.<sup>619</sup>

Segundo Cantimori, nesse intuito de superação do pensamento hegeliano, Marx teria chegado a três resultados: a descoberta do procedimento invertido da dialética hegeliana idealística; a conclusão de que “a fonte do desenvolvimento histórico não é o Estado, mas a sociedade civil”; e a constatação da existência de uma crítica da república burguesa como antinomia não resolvida.<sup>620</sup>

Como se vê, na opinião de Cantimori, o materialismo histórico do filósofo alemão era intrinsecamente dialético – como já havia defendido seu ex-professor G. Gentile<sup>621</sup> –, ao se voltar para o objetivo de união entre teoria e prática. Além disso, aos olhos do intelectual italiano, esse pensamento seria “historicizante, isto é, crítico, um processo de definições, qualificações e especificações históricas”, destituído de intenções finalistas de “esquemas generalizantes de história universal”, preocupado com o “entendimento completo e analítico das situações específicas e concretas”.<sup>622</sup>

<sup>618</sup> Ibidem. 1946-47. In: Ibidem 1959. p. 188.

<sup>619</sup> Idem, p. 169.

<sup>620</sup> Idem, p.170.

<sup>621</sup> BEDESCHI. Op. cit. 2009. p. 34 e 35.

<sup>622</sup> CANTIMORI. Op. cit 1946-47. In: CANTIMORI. Op. cit. 1959. p. 190.

Por essas questões, na leitura de Cantimori, o materialismo histórico era um instrumento indispensável para a construção de uma análise crítica, dos eventos e da sociedade, o impulso para as transformações civis que o estudioso tanto ambicionava.

No âmbito da historiografia relacionada à hereditariedade da metodologia dialética de Hegel e K. Marx, Cantimori veio a concordar com E. Troeltsch. Não obstante, o italiano discordava do ponto de vista do teólogo sobre a negatividade da desmistificação do espiritualismo hegeliano, que, segundo o alemão, teria sido feita por Marx, através da influência de Feuerbach.<sup>623</sup>

Por sua vez, Cantimori opôs-se ao julgamento de Del Noce<sup>624</sup>, que afirmava haver uma inclinação exagerada, entre os marxistas, de valorização dos estudos voltados para alguns dos escritos joviais de Marx, que serviriam apenas para confirmar as leituras filosóficas dos escritos, como *Questão judaica*, *A sagrada família* e as *Teses sobre Feuerbach*, sendo essa valorização uma máscara filológica de interrogações já feitas e camufladas como novas questões.<sup>625</sup>

Em contraposição, Cantimori ressaltou a própria distância entre a leitura de Del Noce e a filologia, já que o filósofo teria colocado várias interpretações do pensamento marxista e as próprias ideias de Marx em um nexo geral arbitrário, de caráter “teológico”, que levaria a um enredo contraditório distante de indagações precisamente históricas ou filológicas.<sup>626</sup>

Em seu curso, o professor italiano também discordou da visão de Galvano Della Volpe. Segundo Cantimori, o filósofo teria entendido o conceito de emancipação humana de Marx sem sequer fazer uma relação com o tradicional conceito de liberdade rousseauiano, dos jacobinos da Revolução Francesa e nem mesmo com a de Hegel. A leitura do filósofo tendia a fazer do pensamento marxiano uma filosofia completamente nova, oposta à história e à ação política europeia.<sup>627</sup>

Entre os marxistas italianos, além de A. Gramsci, Cantimori tinha simpatia pelas ideias do intelectual e professor Antonio Labriola (1843-1904), que teve uma trajetória intelectual relativamente parecida com a cantimoriana, até se aproximar do

---

<sup>623</sup> Idem, p. 158 e 159.

<sup>624</sup> Augusto Del Noce (1910-1989) foi cientista político, filósofo e político, professor da cátedra de Ciências Políticas na Universidade *La Sapienza*, de Roma, e estudioso do racionalismo cartesiano, do pensamento moderno de Hegel e Marx.

<sup>625</sup> Idem, p. 180 e 181.

<sup>626</sup> Idem, p. 184-185. BEDESCHI. Op. cit. 2009. p. 38.

<sup>627</sup> Idem, p. 178.

materialismo histórico e tornar-se um dos principais intérpretes de Marx e Engels, na Itália.

Passando pelas reflexões de B. Spaventa e seguindo seus estudos sobre a filosofia hegeliana, Labriola teria se convertido ao marxismo, por meio da elaboração de suas críticas ao Estado ético de Hegel, considerado, por Spaventa, fundamento ideal necessário para reforçar o jovem Estado italiano.<sup>628</sup>

Assim, para Cantimori,

Labriola foi o maior e mais profundo intérprete e reintérprete, diríamos “tradutor” (no sentido gramsciano de traduzir) do pensamento de Marx e Engels nos termos não só da língua, no sentido estreito da palavra, mas da cultura e história italianas e também um dos mais genuínos intérpretes do marxismo na Europa do seu tempo, como é testemunhado pelo interesse de Plenchanov e de Sorel e, sobretudo, de Lênin (...). Enquanto se encaminhava o revisionismo, Labriola viu e declarou primeiro que a filosofia da práxis ou método genérico, como ele preferiu o chamar por certo tempo, ou o “marxismo” é autossuficiente (Gramsci), isto é, independente das outras correntes filosóficas. O que não quer dizer, nos parece óbvio, que seja fora da história do pensamento e sem nexos com a filosofia, por exemplo, hegeliana ou neohegeliana, mas, em vez disso, opera uma das revoluções daquela história e, sobretudo, “tem em si os elementos de um adicional desenvolvimento para tornar a interpretação da história, filosofia geral”.<sup>629</sup>

Além da influência exercida em Gramsci – que, naquele contexto, tornou-se o baluarte da luta comunista italiana –, Labriola também teria sido fundamental na formação de B. Croce, que, ao contrário, tolheu qualquer pretensão dialética do pensamento de Marx, ligando-o ao determinismo econômico simplista, destituído de inovação, que não teria exercido tanta influência sobre Cantimori.<sup>630</sup>

Por sua vez, com muitos outros pontos afins, A. Gramsci, com seu escrito *Storicità della filosofia della prassi*, teria uma vital importância para o estudioso romagnolo, como uma das bases primordiais para o debate e entendimento do caráter histórico da filosofia da práxis, que, na sua abordagem dialética da realidade, desestabilizaria qualquer tipo de concepção de “verdade” eterna e absoluta, ressaltando a “historicidade de cada concepção de mundo e da vida” e seu caráter provisório.<sup>631</sup>

---

<sup>628</sup> Idem, p. 695 e 696.

<sup>629</sup> Idem, p. 695.

<sup>630</sup> BEDESCHI. Op. cit. 2007. p. 35.

<sup>631</sup> CANTIMORI. Op. cit. 1946-47. In: CANTIMORI. Op. cit. 1959. p. 200 e 214-215. Cf. CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. 2011. p. 112.

Segundo Cantimori, dentro dessa chave interpretativa, também se encontrava o pensamento do filósofo Georg Lukács, o qual, ciente da sua essência histórica, defendeu uma constante autoanálise do método de Marx, a partir dos próprios preceitos teóricos do materialismo histórico, para que este fosse sempre compreendido dentro das transformações históricas e sociais.<sup>632</sup>

Através do desenvolvimento desse método, Lukács acreditou constituir uma relação entre a consciência e a realidade, tornando possível a união da teoria à prática, ou seja, uma tomada de decisão em relação aos problemas contemporâneos, atingida por meio da atividade dos partidos políticos.<sup>633</sup> Na opinião de Cantimori, o importante era que Lukács aceitava a dialética marxista, buscando fazê-la operar sobre problemas de organização ligados à disciplina de partido.<sup>634</sup>

No mais, a atividade intelectual do romagnolo ultrapassava a sala de aula, sendo desenvolvida através da sua ativa colaboração com as revistas ligadas aos órgãos de cultura comunista, em especial, *Rinascita* e *Società*, e das suas atividades editoriais junto à *Einaudi*, onde Cantimori desempenhou um importante papel no projeto editorial, durante o resto de sua vida.

#### **4.7- Delio Cantimori e sua atividade editorial nos anos de participação no PCI.**

Apesar de Delio Cantimori não ter sido responsável, diretamente, por nenhuma revista, não ter exercido nenhuma função de diretor de colunas, ou trabalhado em um órgão de cultura que não fosse no *Istituto di studi germanici*,<sup>635</sup> o intelectual teve uma importante experiência como consultor e tradutor de livros, junto à editora *Sansoni*, durante a década de 1930 e início dos anos 40.

Naquele contexto, Cantimori refletiu sobre a qualidade das publicações que entravam no mercado editorial italiano, com uma atenção especial para as obras relativas à cultura política alemã, redigindo uma gama de resenhas sobre os mais diferentes livros.

Junto a essas experiências, em meio às transformações geradas pela Segunda Grande Guerra, o intelectual italiano levava consigo sua antiga afeição pelo projeto da *Scuola Storica Romana*, que, sob a égide de G. Volpi, buscou financiar os projetos de

---

<sup>632</sup> CANTIMORI. Idem, p. 214.

<sup>633</sup> Idem, p. 217.

<sup>634</sup> Idem, p. 226 e 227.

<sup>635</sup> MANGONI. *Delio Cantimori e l'organizzazione della cultura*. Op. cit. 2004. p. 61.

pesquisas de jovens historiadores italianos e formar novos pesquisadores, organizando seus estudos, com o suporte da instituição.<sup>636</sup>

Agora como professor e intelectual, Delio Cantimori não achava salutar definir limites de sua atividade pedagógica cívica através dos limítrofes da universidade. Em seus escritos políticos e históricos, em seus cursos e, também, em seus pareceres editoriais estava presente sua antiga preocupação em relação à educação e difusão do conhecimento como forma de aproximação entre elite e povo.

Após seu distanciamento do idealismo e do fascismo e sua aproximação ao marxismo e ao PCI, o intelectual italiano interessava-se, cada vez mais, por questões e elementos polêmicos, que pudessem estimular a reflexão sobre a organização cultural, a fim de ampliar o círculo de influência dos estudos históricos e levar tal conhecimento para além do âmbito dos especialistas, até sua interferência na formação do povo.<sup>637</sup>

Como afirmou Mangoni, em parte, a editora *Einaudi* viera como meio de preencher essas aspirações cantimorianas. Em 1948, o intelectual romagnolo chegou a relatar seu contato com um programa de funções da editora, escrito por Felice Balbo<sup>638</sup> no ano anterior, no qual o filósofo afirmou que, naquele contexto, não era somente a Universidade e a escola que deveriam exercer o papel de “instrumento e base para a pesquisa qualificada”, sendo esse encargo, também, da *Einaudi*, “função profunda, eu diria excepcional para a nossa Casa”.<sup>639</sup> Segundo Cantimori, aquelas “observações [foram] justíssimas sobre a função de um editor que se deve também substituir a universidade etc”.<sup>640</sup>

Na fase inicial de sua atividade comunista clandestina, o estudioso romagnolo, paulatinamente, distanciou-se da *Sansoni* e aproximou-se da editora de Torino, onde se concentrava uma forte atividade cultural humanística, com participação de diversos estudiosos, escritores e intelectuais de orientação antifascista, como Cesare Pavese<sup>641</sup>,

---

<sup>636</sup> Idem, p. 63.

<sup>637</sup> Idem, p. 62.

<sup>638</sup> Felice Balbo (1914-1964), após graduar-se em Direito, participou da II Guerra, primeiro como suboficial dos Alpes. Ferido, Balbo voltou para Torino, onde começou a participar da editora *Einaudi*, em 1941, quando se reaproximou do catolicismo e do comunismo, aderindo a um “movimento de esquerda cristão”.

<sup>639</sup> Segundo Mangoni, esse foi um escrito de Balbo para G. Einaudi, não datado, mas de outubro de 1947. In: MANGONI. Idem, p. 63.

<sup>640</sup> Carte de Cantimori à Cesare Pavese e Felice Balbo, dez de junho de 1948. In: MANGONI. Idem, p. 63.

<sup>641</sup> Cesare Pavese (1908-1950) foi um escritor italiano que desempenhou um importante papel no âmbito cultural, durante as transformações dos anos de 1930 e no período do pós-guerra. Seu pensamento foi perpassado pela dualidade entre existência individual e a história coletiva, literatura e empenho político, dentro de um exercício de autoanálise com o objetivo de formar-se como ser humano.

Leone Ginzburg<sup>642</sup>, F. Chabod, Luciano Foà<sup>643</sup>, Paolo Serini<sup>644</sup>, Giulio Bollati<sup>645</sup>, Guido Davico Bonino<sup>646</sup> e o proprietário, Giulio Einaudi, a quem Cantimori referiu-se como o criador do “editor moderno”, voltado para a educação da população.<sup>647</sup>

Embasado em seu intuito pedagógico de organização cultural, ao tornar-se parecerista einaudiano, Cantimori permaneceu atento aos possíveis efeitos negativos que algumas obras poderiam gerar no âmbito político e historiográfico italiano, combateu o irracionalismo niilista, interpretações ideológico-apologéticas que alimentavam, de alguma maneira, ideais ligados ao nacional-socialismo, à direita e ideologias totalitárias, e suscitou – ou opôs-se a – traduções de obras que incentivassem discussões positivas ou negativas sobre temáticas como marxismo, historiografia e métodos de análise crítica.

Ainda dentro da discussão sobre a sociologia alemã, com Carlo Antoni e sua obra *Dallo storicismo alla sociologia*, em uma carta de nove de agosto de 1941 enviada a Giulio Einaudi, Cantimori prontificou-se a traduzir os escritos de Weber, *Politik als Beruf* e *Wissenschaft als Beruf*, organizando uma edição dotada de um prefácio redigido por ele próprio, para contextualizar e apresentar, com mais precisão, aos leitores as ideias do intelectual weimariano.<sup>648</sup>

---

<sup>642</sup> De origem russa, mas crescido na Itália, Leone Ginzburg (1909-1944) estudou em Torino, onde também tornou-se professor de literatura russa. No campo político, participou do movimento antifascista *Giustizia e Libertà*, sendo preso e condenado a dois anos, em 1934. Após obter a liberdade, começou a fazer parte da direção da *Einaudi*, na qual contribuiu para o projeto de construção de uma editora voltada para a alta cultura e a formação política italiana.

<sup>643</sup> Luciano Foà (1915-2005) foi um crítico literário italiano que iniciou sua carreira no mundo editorial como tradutor de francês. Durante a guerra, exilou-se na Suíça, voltou para a Itália, em 1945, e, dois anos depois, inscreveu-se no PCI, no qual permaneceu ligado até 1956. Em 1951, tornou-se secretário geral da *Editore Einaudi*.

<sup>644</sup> Paolo Serini (1899-1965) foi professor e tradutor italiano, graduado em literatura francesa. Na sua formação, aproximou-se do pensamento crociano. Durante o regime fascista, defendeu seus ideais liberais, sendo preso por sua dissidência. Trabalhou na *Editore Einaudi*, traduzindo diversas obras do francês para o italiano, e também recolheu as cartas de Adolfo Omodeo.

<sup>645</sup> Giulio Bollati (1924-1996), editor italiano que entrou na Editora Einaudi, em 1949, onde foi co-diretor geral, entre 1953-54, contribuindo para delinear a política editorial, idealizando colunas como *Piccola biblioteca Einaudi*, *Nuova Universale Einaudi* e *Nuovo Politecnico*.

<sup>646</sup> Guido Davico Bonino (1938) é um historiador, crítico teatral e literário. Colaborou com a editora *Einaudi*, entre 1961 e 1978.

<sup>647</sup> Carta à revista *Itinerari*, X, n. 52-53 setembro e outubro de 1961. In: CANTIMORI. Op. cit. 1967. p. 95.

<sup>648</sup> A publicação não foi feita devido à contestação de Carlo Antoni, que obteve de Maianne Weber, esposa de Max Weber, uma preferência de trabalho mais geral sobre a obra do marido. (MANGONI. Nota: 5. p. 786.). Por sua vez, Cantimori reafirmou seu interesse em publicar os dois artigos de Weber, mas ressaltou que, perante o desejo de publicar um volume mais extenso, os outros artigos importantes do alemão não se encaixariam harmonicamente na mesma coleção. Sendo assim, caso isso fosse feito, Cantimori não traduziria com tanta boa vontade. (Carta de nove de agosto de 1941: Cantimori à G. Einaudi. In: *Ibidem*, 1991. p. 786 e 787.).

Em uma correspondência de três de abril de 1946, com o intuito pedagógico-preventivo, Cantimori saiu em defesa da tradução do livro, já resenhado por ele, *Der Arbeiter, Herrschaft und Gestalt*, de Ernst Jünger. Na opinião do intelectual, essa obra portava, consigo, um caráter documental sobre as angústias da juventude alemã e o ambiente psicológico em que surgiu o nazismo, sendo importante, naquele contexto do pós-guerra, para “vacinar” a cultura italiana dos perigos do “irracionalismo, esteticismo, niilismo, nietzschianismo e imoralismo”.<sup>649</sup>

Sob a ótica da problemática marxista, em dois pareceres de 1945 e de dez de outubro de 1946, Cantimori defendeu a proposta de publicar a obra *Il materialismo dialettico sovietico*, do padre jesuíta Gustavo Andreas Wetter, apresentada por Felice Balbo, com o intuito de alimentar o debate polêmico sobre o antimarxismo. Para o romagnolo, era “claro que é o livro de um jesuíta e não de um comunista; é um livro útil (...) pelas discussões e ajustes que provocará”.<sup>650</sup>

Mantendo-se dentro das polêmicas políticas suscitadas pelos clássicos, em uma correspondência datada de dois de abril de 1947, enviada a Cesare Pavese, o intelectual italiano também apoiou a publicação do livro *La civiltà nella storia*, do católico medievalista Arnold J. Toynbee, que via “a solução dos males atuais no retorno do predomínio – e ao reconhecimento do predomínio – ético-religioso-político do Papa”.<sup>651</sup>

Após essa sequência de defesas de edições controversas, no ano seguinte, em uma correspondência de vinte de maio, enviada a G. Einaudi, C. Pavese e F. Balbo, Cantimori defendeu a publicação da obra *History and reality*, do marxista Herbert Aptheker, como antídoto às traduções de Toynbee e do jesuíta Wetter.<sup>652</sup>

Esse parecer foi seguido por outros, favoráveis a obras ligadas ao marxismo – *Il materialismo storico e la filosofia di Benedetto Croce*, de Gramsci, o volume gramsciano sobre história dos intelectuais italianos como “forma escrupulosa de crítica” às ideias de Croce e à obra de Marx, *Le lotte di classe in Francia*, a qual, em sua leitura, era “um grande exemplo de análise crítica político-social, econômico-política, mas não um livro de história como se pode considerar o *18 Brumário*”.<sup>653</sup>

---

<sup>649</sup> Carta de Cantimori à L. Nagel, de três de abril de 1946. In: Idem, 1991. p. 788 e 789. A obra não foi publicada, porque era propriedade da editora Mondadori.

<sup>650</sup> O livro realmente gerou polêmica e desilusão entre os representantes do PCI. Em meio aos conflitos internos, em 1947, Giuseppe Berti voltou-se contra o “editor Einaudi” e os “seus amigos conselheiros”, em uma resenha um ano antes da publicação da obra, sendo rebatido por Cantimori. Idem. 1991. p. 787 e 788. Nota 7.

<sup>651</sup> Idem, p. 789.

<sup>652</sup> Idem, p. 790.

<sup>653</sup> Idem, p. 790 e 791.

Em uma carta de cinco de março de 1949, Cantimori duvidava da importância da obra *Da Hegel a Nietzsche. La frattura rivoluzionaria nel pensiero del secolo XIX*, de Karl Löwith, autor que conheceu e com quem trabalhou na tradução de partes de seus escritos publicados no *Gionarle Critico della Filosofia italiana*.<sup>654</sup>

Em oito de outubro do mesmo ano, o intelectual também se opôs à edição de *Meaning in History*<sup>655</sup>, considerando o livro uma repetição de *Da Hegel a Nietzsche*, então publicado pela *Einaudi*. Além disso, ressaltou o perigoso sentido que abarcava aquela obra, com seu “nihilismo anti-historicístico e também anti-histórico”.<sup>656</sup>

Para o romagnolo, a edição da primeira obra citada de Löwith teria sido importante antes de 1943, sendo então inútil naquele momento do pós-guerra. Em contraposição, chamou a atenção de Felice Balbo para a importância de leituras sobre autores como G. Lukács e seu livro *Geschichte und Klassenbewusstsein*<sup>657</sup>, o qual, em 1924, na Terceira Internacional, foi repudiado pelo presidente da Comintern, G. Zinoviev, que o acusou de idealismo e revisionismo. Como consequência, Lukács o retirou de circulação, tornando a obra uma raridade particular para os estudos do marxismo.<sup>658</sup>

Todavia, Cantimori tinha um exemplar da obra em sua coleção, comprado em 1933, repleto “de notas e observações de caráter pessoal e escritas em vários momentos (...) que não se pode realmente mostrar a ninguém”.<sup>659</sup>

Sob a égide do conselho editorial,<sup>660</sup> em novembro de 1956, G. Einaudi retomaria a ideia de preparação da tradução em Italiano do livro do marxista húngaro, já que Cantimori possuía “um exemplar desse livro inacessível”.<sup>661</sup> Como resposta, o intelectual romagnolo ressaltou os entraves para a realização da edição do polêmico

<sup>654</sup> Idem, p. 793.

<sup>655</sup> Essa obra foi publicada pela editora *Comunità*, com o título *Significato e fine della storia*.

<sup>656</sup> Idem, p. 796 e 797.

<sup>657</sup> Idem, p. 793.

<sup>658</sup> BEDESCHI. Op. cit. 2007. p. 36.

<sup>659</sup> Carta à Felice Balbo, de quinze de março de 1949. In: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 793 e 794.

<sup>660</sup> Ata da reunião do conselho da *Editora Einaudi*, de vinte e oito de junho de 1955. “Livros de problemática marxista: Solmi volta à atenção para um grupo de obras de caráter filosófico ou ensaístico nascido no âmbito da problemática marxista e que tem desenvolvido alguns dos temas menos conhecidos do pensamento marxista, mas não por isso secundários. Além de *Geschichte und Klassenbewusstsein* de Lukács (anterior à passagem ao marxismo, mas já escrita em chave hegeliana) se poderia levar em consideração a *Dialektik der Aufklärung* de Horkheimer e Adorno, *Reason and Revolution* de Marcuse (que Solmi se propõe a examinar) *Humanisme et terreur* e *Les aventures de la dialectique* de Merleau-Ponty. Todos estes livros deveriam ser, de qualquer modo, apresentados, isto é, precedidos por amplas introduções críticas. O Conselho é em linha máxima favorável [...]”. In: CANTIMORI. idem, p. 810.

Nota: 32.

<sup>661</sup> Idem, p. 794. Nota: 17.

livro de Lukács, autor estimado por Cantimori, afirmando que o filósofo marxista não tinha consentido a realização dessa tarefa editorial, a não ser após sua morte.<sup>662</sup>

Ainda em 1949, Cantimori opôs-se a outro importante trabalho, que obteve grande notoriedade dentro da historiografia europeia naquele contexto, *O Mediterrâneo*, de Fernand Braudel. Como justificativa de seu posicionamento, o intelectual italiano apelou para o âmbito historiográfico, afirmando acreditar ser danosa à historiografia italiana a difusão, por meio da tradução, de uma obra “tão bem escrita” e de caráter tão evasivo, dotada de tão grande “superficialidade de reflexão e de conceitos”.

Para Cantimori, tal livro tratava de

(...) uma geo-sócio-história, de uma apresentação tão brilhante e sugestiva, quanto evasiva, tão picante, quanto indigesta, onde se associam os preceitos da geopolítica das sociologias pseudohistoricistas alemãs (Troeltsch, Weber, Simmel, Spengler, Keyserling, etc.), e dos esquemas pseudocientíficos de Ellero e de Toynbee. Tudo é “significativo” nesse cintilante Mediterrâneo, nesse fulgente de significações e evocações, uma espécie de *E o vento levou* da historiografia, onde se fica deslumbrado e não se entende mais nada. Não é realismo histórico, mas um negativo naturalismo.<sup>663</sup>

No juízo cantimoriano, o método aplicado na constituição dessa obra e sua organização pseudocientífica seria muito perigoso para a historiografia italiana, que há pouco havia superado os preceitos teóricos do idealismo e não deveria se aventurar na divulgação de um paradigma, possivelmente, substituto de “face neopositivista e neosociológica”. Com esse semblante, os *Annales* apareciam, para Cantimori, como uma “terceira força historiográfica que faz cócegas em todos e não satisfaz ninguém”.<sup>664</sup>

Provavelmente, as duas outras forças a que o intelectual se referia e polemizava, junto à sua crítica ao “grupo de L. Febvre, Morazé, Braudel, etc. etc.”<sup>665</sup>, eram, de “uma parte, os historiadores tradicionais com a historiografia sem objetivos, e da outra, as tendências marxistas”<sup>666</sup>, a que Cantimori referiu-se, em 1955, quando crescia sua insatisfação em relação à direção ideológica dos órgãos de cultura do PCI, que o levou a

---

<sup>662</sup> Na mesma correspondência, de vinte e nove de novembro de 1956, Cantimori afirmava: “Não tenho mais o volume de Lukács, porque o perdi com outros, em um fardo, durante o transporte. Mas se o tivesse também ou o reencontrasse, não poderia dá-lo a ninguém porque está cheio de grifos, notas marginais, observações, retomadas (de 1932, 1935, 1940 e de 1949-50, etc.) minhas que: a) seria inútil para uma reprodução; b) seria uma vergonha para mim, mostrar as minhas bobagens intelectuais e culturais que não poderia superá-la, nem mesmo se fosse para você (...)”. Idem, p. 794.

<sup>663</sup> Idem, p. 795.

<sup>664</sup> Idem, p. 795 e 796.

<sup>665</sup> Idem, p. 795.

<sup>666</sup> CANTIMORI, Delio. *Per un programma*. Il Nuovo Corriere, 14 julho de 1955. In: CANTIMORI. *Ibidem*. 1959. p. 749.

misturar seus juízos sobre a historiografia e sua opinião crítica aos projetos editoriais dos companheiros.<sup>667</sup>

Naquele contexto de 1955, Cantimori afirmava que esses dois projetos caíram em um “descritivismo historiográfico”, em que os conservadores tradicionais não acolhiam os “impulsos mais vivos das mais recentes experiências historiográficas, reduzindo-as a teses políticas e não as reconhecendo como experiências culturais”, e os marxistas “negligenciam entender a interdisciplinaridade entre a história das classes subalternas e a história das classes hegemônicas”, não constituindo uma pesquisa filológica capaz de examinar uma realidade político-social.

Como saída a essa dicotomia e em contraposição à “terceira via francesa”, Cantimori apresentou o projeto de Armando Saitta, desenvolvido junto ao programa da *Collezione storica*, da editora *Laterza*, como o seu preferido, ao portar o “desejo de uma historiografia integral”, que levasse em consideração o problema na sua relação com as forças que agem dentro da “realidade histórica”, a qual, segundo o romagnolo, coincidiria com a sua ideia de “história global”.<sup>668</sup>

Seguindo a via das polêmicas historiográficas, em quatro de junho de 1951, defendeu a publicação de uma coleção de textos de Adolfo Omodeo, devido a seu caráter apologético-documental antifascista e, um ano depois, opôs-se ao projeto de traduzir a obra *Minima Moralia*, de Adorno, a qual, na sua leitura, parecia uma ressonância da literatura weimariana.

Em resposta à lista de livros voltados à problemática marxista, apresentada por R. Solmi ao Conselho einaudiano, em julho de 1955,<sup>669</sup> Cantimori foi contrário à publicação de *Reason and Revolution* de Marcuse, pelo seu caráter “teológico-sociológico-intelectual” e, em especial, combateu a tradução de *Dialettica dell’iluminismo*, de M. Horkheimer e T. W. Adorno, visto como uma obra “pouco marxista”, que serviria para incentivar negativamente o sentido niilista dentro dos debates italianos.<sup>670</sup>

---

<sup>667</sup> CHIANTERA-STUTTE. op. cit. 2011. p. 106.

<sup>668</sup> CANTIMORI. *Per un programma*. Op. cit. 1955. In: CANTIMORI. Op. cit. 1959. p. 749 e 750.

<sup>669</sup> Ata da reunião do conselho da Editora Einaudi, de vinte e oito de junho de 1955. In: CANTIMORI. *Ibidem*. 1991.

<sup>670</sup> *Idem*, p. 810 e 811.

## 5 O “buon metodo storico” e a organização da cultura, como saída para a formação do cidadão (1956-1966).

### 5.1 - Cantimori e sua nova desilusão política.

Durante os anos de 1950, Delio Cantimori vivenciou uma nova reviravolta nas suas crenças políticas. Intelectual dotado de um marxismo heterodoxo, preocupado com a precisão analítica e com o manejo do conhecimento científico como ferramenta de elevação dos preceitos ético-morais do povo, o estudioso romagnolo entrou em conflito com lideranças políticas e homens de cultura do PCI, devido à intervenção de posicionamentos ideológicos nos órgãos de cultura do partido.

Esse processo, internamente conflituoso, entre o intelectual italiano e os representantes do PCI, foi relatado pela historiadora Albertina Vittoria, em seu estudo sobre o epistolário dos amigos Delio Cantimori e Gastone Manacorda, que tinham como ponto de união a ideia de que a pesquisa histórica não poderia submeter-se aos objetivos políticos.<sup>671</sup>

Segundo Vittoria, os primeiros conflitos entre Cantimori e a direção dos órgãos culturais, ligados aos partidos de esquerda, desenrolaram-se dentro do processo de mudança de direção da revista *Movimento Operaio*, durante os anos de 1952 e 53.

Em 1952, o comunista Giangiacomo Feltrinelli<sup>672</sup>, mentor da *Associação Feltrinelli* – importante centro de estudos sobre história do movimento operário italiano – saiu em defesa da transformação da revista *Movimento Operaio* em um órgão interno da *Biblioteca Feltrinelli*. Naquele contexto, o periódico era dirigido pelo socialista Gianni Bosio<sup>673</sup>, que se posicionou contrário a essa decisão, defendendo a autonomia do periódico.<sup>674</sup>

Visto o processo de hegemonia comunista nesses órgãos de cultura, sob a égide dos representantes Carlo Salinari<sup>675</sup>, do PCI, e Raniero Panzieri<sup>676</sup>, do PSI, foi

<sup>671</sup> VITTORIA, Albertina. Op. cit. 2013. p. 24.

<sup>672</sup> Giangiacomo Feltrinelli (1926-1972) foi editor, proprietário da Editora Feltrinelli e ativista político. Participou da Resistência e se inscreveu no PCI, em 1945, no qual contribuiu financeiramente para os projetos políticos comunistas. Em 1948, iniciou uma coleção de documentos sobre o movimento operário italiano e sobre a história das ideias do iluminismo, até aquele contexto do pós-guerra, lançando as bases da Biblioteca Feltrinelli, que, anos depois, tornou-se uma fundação. Também foi responsável por uma das primeiras organizações armadas de esquerda, nos anos de chumbo, vivenciados nos anos de 1970.

<sup>673</sup> Gianni Bosio (1923-1971) foi historiador e membro do Partido Socialista Italiano, desde 1943.

<sup>674</sup> Idem, p. 27.

<sup>675</sup> Carlo Salinari (1919-1977) foi um crítico literário italiano. Lutou na Resistência, em Roma, nos Grupos de Ação Patriótica (GAP). Teve forte importância na política cultural do PCI, durante a década de 1950, fundando e dirigindo a revista *Il Contemporaneo* e contribuindo para o debate sobre a literatura marxista, com seus escritos *La questione del realismo* (1960), *Miti e coscienza del decadentismo italiano* (1960), *Preludio e fine del realismo in Italia* (1967).

apresentada a proposta de uma direção bipartidária, a fim de tentar solucionar o desacordo e manter sólidas as alianças entre os grupos de esquerda.<sup>677</sup>

Por sua vez, Delio Cantimori teria se posicionado contra o bipartidarismo, acreditando que isso distanciaria os intelectuais e estudiosos independentes. Como solução, defendeu a candidatura de Armando Saitta<sup>678</sup> – o qual, na sua visão, representaria melhor esse grupo autônomo – ou uma direção coletiva de jovens acompanhados de um secretário eficiente, para sedimentar os acordos políticos.<sup>679</sup>

Naquele contexto, após a demissão de Bosio, em julho de 1953, o próprio nome de Cantimori foi cogitado por Feltrinelli, para ocupar a direção da revista. O convite foi negado pelo romagnolo, o qual detectou um desacordo entre o “diretor de saída [Bosio], (...) a presidência da Biblioteca Feltrinelli, os membros do comitê de redação da revista *Movimento Operaio* (...) e os próprios redatores.”<sup>680</sup>

Além da desordem interna, o intelectual também se aborreceu com o processo de concentração de poder nas mãos de G. Feltrinelli, que começava a exercer uma supremacia sobre a Biblioteca e a revista *Movimento Operaio*, que, na leitura de Cantimori, era consequência da inconsciência e falta de seriedade dos jovens que deixavam suas intrigas ideológicas influenciarem em questões político-culturais.<sup>681</sup>

Naquele mesmo período, os grupos de esquerda também definiam a situação da revista *Società*<sup>682</sup>, que havia vivenciado mudanças na sua direção, passando de Cesare

<sup>676</sup> Raniero Panzieri (1921-1964) foi tradutor, escritor, político e teórico marxista. Um dos responsáveis pela tradução do *Capital*, de K. Marx, junto a Delio Cantimori e M. L. Boggeri. Também colaborou com a editora Einaudi.

<sup>677</sup> Idem, p. 28.

<sup>678</sup> Armando Saitta (1919-1991) foi aluno de Cantimori e tornou-se um importante professor e historiador italiano, dando aulas nas universidades de Pisa e de Roma. Foi presidente do *Istituto storico italiano* e diretor da revista *Critica storica*. Como pesquisador, dedicou-se a estudos sobre a história constitucional da França moderna, a história sobre a ideia de Europa e o século XIX italiano.

<sup>679</sup> Idem, p. 29.

<sup>680</sup> Carta de Cantimori para G. Feltrinelli e aos membros do comitê de redação da revista *Movimento Operaio*. Florença, vinte e seis de julho de 1953. In: Idem. p. 29.

<sup>681</sup> Idem, p. 30 e 31.

<sup>682</sup> *Società* foi uma revista de política e cultura fundada em Florença pelo arqueólogo R. Bianchi Bandinelli e os comunistas Cesare Luporini, Romano Bilenchi e Marta Chiesi.

Luporini<sup>683</sup> para G. Manacorda<sup>684</sup>, e na sua sede, transferida de Florença para Roma, onde se ligou à *Fundação Gramsci* e à editora *Einaudi*.<sup>685</sup>

Dentro dessas modificações, iniciaram-se debates sobre a função desse periódico como instrumento de organização cultural para o PCI e a criação de um novo semanário de viés mais propagandístico – com uma liderança ligada ao partido comunista –, já que a revista *Società* estava voltada para debates teóricos e científicos acadêmicos bem específicos, o que vinha desagradando setores do PCI.

Nessa ocasião, Carlo Selinari acusava a revista de sectária, intelectualmente elitista, direcionada a questões distantes da situação política atual, inadequada para servir como instrumento de promoção de um movimento político unitário que libertasse a cultura italiana.

Giulio Einaudi reclamava da sua incapacidade de atingir grandes públicos, devido a seu academicismo e a sua “ostentação filológica”, que incapacitava a revista de se tornar uma ferramenta para incitar a circulação de ideias e interesses.<sup>686</sup>

Em contraposição, G. Manacorda enxergava na revista, feita e redigida por comunistas, a responsabilidade de realizar uma profunda revisão da cultura italiana, que não fosse necessariamente ligada aos interesses políticos e intenções propagandistas partidárias.<sup>687</sup>

Por sua vez, Delio Cantimori posicionava-se sobre o caráter militante que alguns intelectuais comunistas queriam dar à revista e reclamava da presença de uma burocracia acadêmica<sup>688</sup> que o incomodara em outras situações internas ao relacionar constantemente a ação política do partido com os órgãos de cultura comunistas.<sup>689</sup>

Apesar desses pequenos desencontros, naquele contexto, Cantimori ainda alimentava uma admiração pela geração de jovens comunistas e suas produções historiográficas. Isso ficou patente em seu artigo *Note sugli studi storici in Italia dal*

<sup>683</sup> Cesare Luporini (1909-1993) foi filósofo, crítico literário e político italiano que, inicialmente, teve seus interesses voltados para o existencialismo e, logo depois, aderiu ao marxismo, desenvolvendo uma crítica ao historicismo e sua concepção finalista do desenvolvimento histórico.

<sup>684</sup> Gastone Manacorda (1916-2001) foi o historiador italiano com quem Delio Cantimori fez uma grande amizade. Desenvolveu um importante papel, na organização da cultura italiana, ligado ao PCI, sendo um dos fundadores da revista *Studi storici* e da Fundação Gramsci, colaborando em diversas outras entidades ligadas à cultura italiana.

<sup>685</sup> Idem, p. 34.

<sup>686</sup> Idem, p. 35 e 36.

<sup>687</sup> Idem, p. 35 e 36.

<sup>688</sup> O termo recorrentemente utilizado por Cantimori para se posicionar crítica e ironicamente às políticas culturais internas do partido foi “burocracia acadêmica”.

<sup>689</sup> Idem, p. 37.

1926 al 1951, datado de janeiro de 1952, que não foi publicado naquele momento, mas seria direcionado para a revista estrangeira *Past & Present*.<sup>690</sup>

Nesse escrito, Cantimori definiu aquela geração, composta por Renato Zangheri<sup>691</sup>, G. Manacorda, E. Ragioneri<sup>692</sup> e A. Caracciolo<sup>693</sup>, como jovens bem orientados metodologicamente, apesar de ainda manterem seus estudos em um estado fragmentário, se comparados com a “geração dos melhores catedráticos italianos agora ainda mais ativos (E. Sestan, F. Chabod, C. Morandi [morto em 1949], W. Maturi)”, que teriam vivido um tempo diferente, desfrutando da unidade dada pela *Scuola storica* italiana dirigida por G. Volpe.<sup>694</sup>

O estudioso ainda preservava uma visão otimista em relação àquele grupo de historiadores marxistas, ressaltando a seriedade de seus estudos, o trabalho filológico e sua abertura para novos problemas que coincidiam com o interesse pelas reflexões metodológicas marxista-leninista e gramsciana, apesar da ausência de uma preocupação mais profunda relacionada à organização dos trabalhos, tão necessários para o avanço dos estudos históricos italianos, na visão cantimoriana.<sup>695</sup>

Entretanto, esse quadro modificou-se, paulatinamente, durante os anos, até culminar em uma situação de “conflitos de gerações”, que levariam Cantimori a redigir duras críticas àquele grupo de jovens marxistas no seu texto *Epiloghi Congressuali*, publicado na revista *Società*, em cinco de outubro de 1955, que tratava dos desdobramentos do X Congresso de ciências históricas.

Em setembro de 1955, Ernesto Ragionieri publicou o artigo *La disputa storica* na revista marxista *Il Contemporaneo*, apresentando um comentário sobre o X Congresso, no qual enfatizou a importância da presença de estudiosos da URSS e dos países comunistas do extremo oriente, como a República Popular Chinesa, para a retomada das colaborações científicas internacionais e para a centralidade que o

---

<sup>690</sup> CANTIMORI, Delio. Note sugli studi storici in Itália dal 1926 al 1951. In: CANTIMORI. op. cit. 1971. p. 268.

<sup>691</sup> Renato Zangheri (1925), historiador e político italiano, inscrito ao PCI, em 1944. Como estudioso, dedicou-se à história agrária.

<sup>692</sup> Ernesto Ragionieri (1926-1975) foi um historiador marxista italiano ligado ao PCI. Como docente, ensinou história do *Risorgimento* e História Contemporânea. Também participou de atividades de organização da cultura italiana, junto ao partido.

<sup>693</sup> Alberto Caracciolo (1926-2002) foi um historiador italiano que se ocupou, principalmente, da história econômica dos séculos XIX e XX.

<sup>694</sup> Idem, p. 271. Cf. VITTORIA. Op. cit. 2013. p. 52.

<sup>695</sup> VITTORIA. Idem, p.53.

marxismo teria ganhado naquele contexto, em relação à “historiografia oficial” italiana ético-política.<sup>696</sup>

Em duas cartas enviadas a A. Giolitti<sup>697</sup>, no mês de dezembro de 1954, o estudioso romagnolo já vinha relatando sua decepção em relação à falta de seriedade dos jovens,<sup>698</sup> exprimindo suas críticas aos estudos históricos da revista *Il Contemporaneo*, a qual, no julgamento cantimoriano, tendia a se tornar um órgão centralizador de colegas que se uniam contra adversários internos.<sup>699</sup>

Perante as palavras de Ragonieri, proferidas sobre o *X Congresso*, o intelectual romagnolo ficou ainda mais irritado com a forma como alguns representantes do partido comportavam-se em relação às políticas culturais.

Sendo assim, em seu artigo *Epilighi Congressuali*, Cantimori deixava claro seu desacordo com as palavras do historiador marxista toscano, o qual, segundo ele, utilizava erroneamente, em seu texto, o termo “historiografia oficial”, referindo-se à historiografia ético-política italiana.

Não acredito que se possa dizer que na historiografia italiana existam correntes “oficiais” ou “mais oficiais” ou “menos oficiais”, embora o perigo de tendências fechadas exista e do próprio Ragonieri e de outros corajosos jovens estudiosos, que, me parece, tendem a se organizarem conscientemente em grupos ou escola.<sup>700</sup>

O intelectual seguia acusando Ragonieri de portar uma concepção limitada sobre a historiografia italiana, afirmando que, naquela ocasião, talvez, o colega marxista tenha utilizado o termo “oficial” de forma generalizante, para designar os estudiosos mais velhos e constituir uma ideia de contraposição de uma nova historiografia de vanguarda “marxista representada por jovens (o próprio Ragonieri, o Procacci<sup>701</sup>, o Mirri<sup>702</sup>, o Cafagna<sup>703</sup>, o Della Peruta<sup>704</sup>, o Zangheri, o Caracciolo, o Villari<sup>705</sup>, o Villani<sup>706</sup>, o Santarelli<sup>707</sup>, por exemplo)”.<sup>708</sup>

<sup>696</sup> RAGONIERI, Ernesto. La disputa storica. In: MASELLA, Luigi. Passato e presente nel dibattito storiografico. Storici marxisti e mutamenti della società italiana 1955-1970. Antologia critica. De Donato. p. 9-14. Cf. VITTORIA, idem, p. 56.

<sup>697</sup> Antonio Giolitti (1915-2010) foi um político italiano antifascista, que participou da Resistência.

<sup>698</sup> Carta de Cantimori a A. Giolitti, de vinte e sete de dezembro de 1953. In: VITTORIA, idem, p. 54.

<sup>699</sup> Carta de Cantimori a A. Giolitti, de primeiro de dezembro de 1954. In: idem, p. 54.

<sup>700</sup> CANTIMORI, Delio. *Epilighi Congressuali*. Società, anno XI, n 5, outubro 1955. In: CANTIMORI. Op. cit. 1959. p. 838.

<sup>701</sup> Giuliano Procacci (1926-2008), historiador italiano que participou da Resistência, junto a *Giustizia e Libertà*. Foi aluno de C. Morandi e F. Chabod, tendo importantes estudos sobre Maquiavel e numerosos manuais de ensino voltados para os segmentos médio e superior.

<sup>702</sup> Mario Mirri é, ainda hoje, Professor Emérito da *Università di Pisa*. Durante sua trajetória intelectual, Mirri interessou-se pela história do Setecento e do Ottocento, voltando-se, principalmente, para a história agrária.

Segundo Cantimori, nessa concepção estava o ponto de apoio dos confrontos realizados por Ragonieri e outros jovens marxistas, que se apartaram das demais atividades do *X Congresso*, participando apenas dos seus debates político-ideológicos preferidos, tendendo a constituir uma “igrejinha”.<sup>709</sup>

Dentro desse embate, Cantimori não economizou críticas à líder da delegação de historiadores soviéticos, Anna M. Pankratova, que, em seu entendimento, catalisou os anseios dos jovens marxistas, dando liga aos debates para a formação de um grupo fechado, a “igrejinha”, que reforçou as controvérsias entre o romagnolo e setores do PCI.

Como ressaltou Albertina Vittoria, essa crítica cantimoriana alimentou a polêmica que se propagou, inserindo outros integrantes do partido na querela ideológica. Mario Alicata<sup>710</sup> teria pedido para Cantimori modificar a parte final dos *Epiloghi*, ao frisar a autoridade da historiadora russa, e ser mais gentil nas suas afirmativas em relação à Pankratova.<sup>711</sup>

Apesar de não ter sido possível contato com o texto original, pode-se constatar que Cantimori aceitou algumas intervenções, mas manteve parte de sua crítica à representante soviética nos *Epiloghi*:

Tive frequentemente a impressão de que alguns estudiosos soviéticos tivessem considerado e considerassem mais importante a afirmação ou a repetição de certos princípios metodológicos gerais (Scaskin, no seu *Dolcino*, como em várias intervenções; Pankratova na sua comunicação sobre historicismo e nas réplicas, Nikonov sobre o

<sup>703</sup> Luciano Cafagna (1926-2012) foi um político e historiador italiano, que se aprofundou nos estudos sobre a história industrial da Itália. Quando dava aulas em Pisa, também publicou estudos sobre A. Labriola e Carlo Cattaneo.

<sup>704</sup> Franco della Peruta (1924-2012) foi um historiador marxista italiano, que se ocupou dos estudos sobre o século XIX, em especial, dos movimentos políticos do Ressurgimento italiano.

<sup>705</sup> Rosario Villari (1925) é um historiador e político italiano, que teve sua atenção voltada para os estudos sobre a questão meridional italiana, ocupando-se das transformações das propriedades fundiárias, dos movimentos antifeudais no campo e das condições econômicas e sociais dos camponeses do sul da Itália.

<sup>706</sup> Pasquale Villani (1925) é historiador e professor de história contemporânea; dedicou-se, principalmente, aos estudos políticos da Itália meridional.

<sup>707</sup> Enzo Santarelli (1922-2004) foi um político e historiador italiano que, na adolescência, compôs a linha fascista de esquerda. Com o fim da guerra, aderiu ao Partido Liberal, quando fez um estudo sobre o pensamento de B. Croce, laureando-se em Ciências Políticas, para, no ano de 1948, inscrever-se no PCI.

<sup>708</sup> Idem, 1991. p. 838.

<sup>709</sup> Delio Cantimori utilizou o termo “chiesuola”, que pode ser traduzido como “igrejinha”, ou um grupo de pessoas que confessam as mesmas ideias. Levando em concepção o teor das críticas de Cantimori, optei pelo termo pejorativo “igrejinha”. Idem, p. 838.

<sup>710</sup> Nascido na Calábria, Mario Alicata (1918-1966) foi um político e crítico literário italiano; estudou na Universidade de Roma, onde começou a ter contato com jovens antifascistas, como Carlo Salinari e Carlo Muscetta. Em 1940, inscreveu-se no PCI, lutando na Resistência. Colaborou com jornais e revistas, chegando a ser redator da editora Einaudi.

<sup>711</sup> VITTORIA. Op. cit. 2013. p. 61.

Humanismo), do que a discussão crítica específica das várias questões propostas. Tive esta impressão, sobretudo, na comunicação de Pankratova. Nessa comunicação ocorreram afirmações generalizantes e inexatas sobre o historicismo, a ponto de igualar Croce e Spengler; críticas de vários congressistas sobre argumentos específicos (subjetivismo do pensamento de Croce, por exemplo) ou de caráter igualmente genérico (...). A réplica de Pankratova, ainda mais genérica, composta de reconhecimentos de impressões sobre as questões específicas e ainda de afirmações e anunciações de princípios (pessimismo – filosofia histórica das classes em decadência, otimismo – filosofia histórica das classes em ascensão e outros truísmos). É óbvio que perante uma platéia numerosa soaram estranhamente as declarações de não ter realizado uma preparação sobre o argumento tratado e a promessa de estudar melhor na próxima vez. Eu sou propenso a levar a sério aquelas declarações e esta promessa; mas vendo friamente as coisas, não posso não levar em conta de como alguém, e eu mesmo, tinha vontade de ironizar aquela excessiva simplicidade. Certamente, seria um erro querer tomar um posicionamento desse tipo, mediante um movimento de espírito, um caso singular e isolado como aquele de Pankratova.<sup>712</sup>

Por questões ideológicas, Mario Alicata tentava preservar Anna M. Pankratova<sup>713</sup>, que havia sido nomeada diretora da revista soviética *Voprosy Historii*, em maio de 1953, e tentava renovar a historiografia e as instituições de cultura e estudos soviéticos. Assim, a estudiosa russa ambicionava fazer do periódico um instrumento de abertura para a publicação de estudos originais, mesmo perante a resistência de funcionários do PCUS, e para o conhecimento histórico e debates sobre esse campo, dentro e fora da URSS.

Também existia o interesse de historiadores ligados ao *Instituto Gramsci*, que já haviam iniciado as colaborações com a revista, em 1954, quando Ruggero Grieco<sup>714</sup> viajou para a União Soviética e retornou como porta-voz dos anseios da *Voprosy Historii*, conseguindo publicar uma resenha de R. Zangheri e um fragmento de um texto de Manacorda.<sup>715</sup>

<sup>712</sup> Ibidem, 1955. In: CANTIMORI. op. cit. 1959. p. 843 e 844.

<sup>713</sup> Anna M. Pankratova foi, também, defensora de levar para as ciências históricas as decisões do XX Congresso do PCUS e combater o culto da personalidade, o dogmatismo e as consequentes carências da historiografia russa. A partir da segunda metade de 1956, Pankratova foi alvo de críticas e ataques, cada vez mais fortes, por parte dos estudiosos e dos dirigentes mais conservadores, que a acusaram de revisar o leninismo e a história do partido, até sua demissão da revista, em março de 57. VITTORIA. Op. cit. 2013. p. 64.

<sup>714</sup> Ruggero Grieco (1893-1955) foi fundador e um dos mais importantes expoentes do Partido Comunista Italiano, exercendo sempre um importante papel na luta antifascista e na relação entre o PCI e representantes da União Soviética, desde os anos de 1930. Chegou a ser preso e condenado, pelo regime de Mussolini.

<sup>715</sup> Idem, p. 63 e 64.

Não obstante, o pedido de abrandamento de suas críticas não fez com que Cantimori se acalmasse em relação ao posicionamento dos jovens marxistas, acusando-os de ingerência, nas questões ligadas à cultura, e de “pankratovismo”, aludindo à submissão dos posicionamentos político-ideológicos dos representantes do PCI, em detrimento à organização da cultura italiana.

O romagnolo ainda vivenciou mais polêmicas, dentro da desarmônica relação entre colaboradores das revistas ligados ao PCI, como no caso da publicação do texto de Carlo Muscetta<sup>716</sup>, “*Metello*” e *la crisi del neorealismo*, na edição de 1955 da *Società*, que incitou juízos muito distintos dentro dos intelectuais marxistas.<sup>717</sup>

O artigo teria sido atacado anonimamente – provavelmente por Salinari – na revista *Contemporaneo*, ao classificar a visão de Muscetta como uma típica leitura de intelectuais pequeno-burgueses. Perante o caso, Togliatti pedia uma maior disciplina no partido, sugerindo a publicação do escrito de Muscetta, junto a uma réplica. Posição contraposta por Manacorda e pelo próprio autor do artigo, que temiam incentivar uma discussão feroz entre as revistas comunistas.<sup>718</sup>

Não obstante, Cantimori tinha simpatizado com o artigo e irritado-se ainda mais com o caminho tomado pelas discussões político-partidárias e pela falta de uma gerência firme dos órgãos de cultura.<sup>719</sup>

Dessa maneira, os desacordos internos e pessoais entre o romagnolo e os gestores culturais dos órgãos do PCI tornaram-se, paulatinamente, insuportáveis. As irritações cantimorianas entrelaçavam-se com os debates suscitados pelas notícias relacionadas às atrocidades cometidas por Stalin, desveladas, publicamente, no XX

---

<sup>716</sup> Natural da cidade de Avellino, Carlo Muscetta (1912-2004) estudou na Universidade de Florença, onde trabalhou a relação entre De Sanctis e a França. Em 1937, foi obrigado a inscrever-se no PNF e tornou-se professor em Pescara. Com formação crociana, aproximou-se do marxismo e foi preso em 1943, acusado de conspiração antifascista. Após a guerra, inscreveu-se no Partido da Ação para, depois, passar para o PCI, no qual permaneceu até 1957, saindo devido a suas divergências com Palmiro Tagliatti.

<sup>717</sup> Idem, p. 65.

<sup>718</sup> Idem, p. 65 e 66.

<sup>719</sup> Idem, p. 66.

Congresso do PCUS<sup>720</sup>, a Revolta da Hungria<sup>721</sup> e a crise que atingiu muitos intelectuais comunistas, sob duras polêmicas contra o PCI e sua burocratização.<sup>722</sup>

A crise na crença cantimoriana no comunismo, como via de formação civil do povo italiano, estava instalada, não porque teria descoberto as barbaridades stalinistas – já que acreditava que Stalin não teria sido o único responsável por tudo – mas devido a sua insatisfação com o posicionamento dos homens de cultura do partido e da desorientação intelectual que o atingiu naquele momento, abalando sua confiança em ser capaz de compreender a política da época, perante tantos embates intelectuais, intempéries internas e externas e as decepções vivenciadas durante sua carreira.<sup>723</sup>

Em uma passagem já citada por Luisa Mangoni e retomada por outros estudiosos, como A. Vittoria, em vinte e oito de março de 1956, após pouco mais de um mês do *XX Congresso do PCUS*, Cantimori anotava uma pequena lista de erros que acreditava ter cometido em sua vida:

Os meus grandes erros: 1. Ter acreditado que entendia alguma coisa de política e me empenhado em um dever “mazziniano”; 2. Ter acreditado naquilo que disseram meu pai e o advogado Marassi ou Magrassi em Abbazia, que os fascistas haviam feito a revolução. 3. Não ter saído do estéril moralismo rousso-mazziniano (...) 4. Pular entre os comunistas. 5. Inscrever-me no PCI. 6. Deixar os meus estudos para traduzir Marx, etc. Do primeiro (n. 3) erro geral: necessidade de gastar, inquietude, maus tratos à pobre Emma, desordem nas compras, falta de economia, etc., velhice precoce. Por resto, se limitar aos próprios estudos. O único remédio. Acabar polidamente uma vida desordenada e poeirenta.<sup>724</sup>

Apesar da forte angústia que tomava o intelectual romagnolo, a gota d’água veio da união entre esse sentimento caótico de falta de compreensão da realidade política vivenciada e das atitudes tomadas por alguns representantes do PCI, em relação à Revolta da Hungria.

Naquele momento, muitos intelectuais italianos e estudantes universitários mobilizaram-se a favor da democratização dos regimes comunistas e a Confederação

---

<sup>720</sup> O XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética ocorreu entre catorze e vinte e seis de fevereiro de 1956. Durante sua realização, o secretário do PCUS, Nikita Khrushchov, denunciou as violências, deportações e as limitações nas liberdades realizadas pelo governo de Stalin, que teria deixado o método leninista de convencer e educar, para instaurar a repressão, a violência em massa e o terror.

<sup>721</sup> A Revolta da Hungria ocorreu entre vinte e três de outubro e dez de novembro de 1956, quando o país foi tomado por manifestações populares contra as imposições da República Popular da Hungria e da União Soviética.

<sup>722</sup> Idem, p. 72.

<sup>723</sup> Idem, p. 73.

<sup>724</sup> In: MANGONI. Op. cit. 1991. p. XLI. In: VITTORIA. Op. cit. 2013. p. 73.

Geral do Trabalho<sup>725</sup> apresentou um comunicado, condenando os métodos antidemocráticos soviéticos.<sup>726</sup> Por sua vez, o PCI promoveu debates no jornal *L'Unità*<sup>727</sup> e organizou uma carta, com cento e uma assinaturas de intelectuais, que deveria ter sido publicada por um órgão de informação comunista, mas vazou, em trinta de outubro, para uma “agência burguesa de informação”.<sup>728</sup>

Devido a tal polêmica interna, em três de novembro, foi promulgada, no diário *Unità*, uma nova carta, com apenas sessenta assinaturas, das cento e uma. Em meio a essa confusão, Giuseppe Berti<sup>729</sup> pediu a assinatura de Cantimori, que a negou, tendo, então, de apresentar uma justificativa, pela posição contrária:

Não compartilho plenamente, de fato, da posição tomada por Togliatti e pela direção do PCI. Isto não quer dizer que eu tenha uma opinião contrária ou que eu compartilhe daquela opinião da carta mencionada (que não conheço por inteira, mas somente pelo *Giorno*). Isto quer dizer somente que não consegui formar uma opinião definida sobre os acontecimentos. Quero dizer que estou tão profundamente desorientado que não consigo entender o que está acontecendo, por isso não me sinto bem em assiná-la. Não acredito que isto seja falta de solidariedade ou de confiança (...).<sup>730</sup>

Em quatorze de novembro, Berti entrou em contato com Cantimori, dizendo que não havia apresentado a carta do romagnolo aos representantes do PCI, pois a situação teria se aquietado. Ainda seguiu, dizendo ter avisado apenas que Cantimori estava “perplexo e queria mais informações” e, em nenhum momento, havia afirmado algo que “soasse como dissenso com a linha do Partido no momento presente”.<sup>731</sup>

Essas informações irritaram profundamente Cantimori, fazendo com que o intelectual respondesse Berti com uma carta áspera, enviada no mesmo dia do recebimento do aviso:

---

<sup>725</sup> A *Confederazione Generale del Lavoro* foi uma organização sindical surgida em Milão, em 1906, na qual a grande maioria de seus dirigentes e inscritos faziam parte do PSI.

<sup>726</sup> CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. 2011. p. 124.

<sup>727</sup> *L'Unità* foi um jornal criado por Antonio Gramsci, em 1924, tornando-se um órgão de informação do PCI.

<sup>728</sup> VITTORIA. Op. cit. 2013. p. 96.

<sup>729</sup> O napolitano Giuseppe Berti (1901-1979) foi um político italiano, fundador do grupo *Federazione giovanile socialista*, do PSI, fundador do PCI, no qual promoveu ações antifascistas, sendo preso pelo regime de Mussolini. Logo depois, emigrou para a França e, nos anos de 1930 e 31, foi enviado, como representante do PCI, à Comintern. Entre 1948 e 1963, tornou-se parlamentar e cada vez mais interessado pelos estudos de história e filosofia, que o distanciaram, paulatinamente, da militância.

<sup>730</sup> VITTORIA. Op. cit. 2013. p. 97. Nessa passagem, Cantimori refere-se ao artigo de P. Tagliatti, *Sui fatti d'Ungheria*, in: *Unità*, de trinta de outubro de 1956. O artigo do jornal milanês *Il Giorno* é de P. glorioso, *Un richiamo a Di Vittorio?*, de trinta de outubro.

<sup>731</sup> Idem, p. 98.

Veio, pediu declaração escrita, a recebeu e não a comunicou. Ao invés comunicou somente uma parte daquilo que te disse, dando às minhas palavras um significado diferente daquilo que tinham (...). Sinto muito, mas é você que me leva a te escrever que *não disse, não queria dizer e não quero dizer* essas palavras que você atribuiu a mim: “em nenhum caso farei qualquer coisa que possa soar como dissenso com a linha do partido no momento presente”. Ao invés, tinha falado o bastante e com energia da necessidade de discutir e manifestar dissensos, como coisa indispensável para a clareza. Reivindico o direito de discordar se (...) achei certo discordar. Se agora, nesses dias e semanas, sou perturbado e comovido e não enxergo claramente, não me parece justo que me faça dizer pela sua iniciativa aquilo que não disse e simplifique o sentido daquilo que disse. Este modo de proceder, com pobres professores e intelectuais como eu, serve só para provocar indignação, para aumentar a diferença e para esmagar o sentido de solidariedade. Comunique isto a quem quiser, e te peço para não conversar mais comigo; será melhor para todos.<sup>732</sup>

Daí em diante, Cantimori mergulhou, novamente, em um sentimento de forte desilusão política e uma profunda crise existencial, deixando para trás sua crença no marxismo e nas políticas culturais do PCI como via para a formação civil do povo. Em onze de dezembro de 56, escreveu a C. Luporini, informando-lhe a impossibilidade de renovar a sua carteira do partido.

Essa dor veio a ser comparada àquela vivenciada nos anos 30, quando o governo fascista o decepcionara, ao esvaziar o projeto de elevação cultural do povo italiano e europeu. Em carta enviada para Mirri, em quinze de novembro, um dia após seu litígio com Berti, Cantimori documentava os seguintes sentimentos pessoais:

Caro Mario,

Eu me sinto como em 1933, em Viena, e em 1934, em Berlim, depois em Zurique e em Londres, quando descobri “*Giustizia e libertà*”, os escritos de Lênin, a socialdemocracia vienense, conheci alguns operários vienenses e as famosas casas populares-fotalezas, a Ação Católica de Dollfuss e o caráter negativo do fascismo, que acreditava ser a revolução italiana, forma italiana de síntese entre socialismo e patriotismo. O nacional-socialismo também foi responsável por me abrir os olhos. Em seguida, as armas e os disparos de uma Viena insubordinada (e depois se discutiu se um dos mortos havia saudado a fuzilação com o grito de viva a liberdade e viva o comunismo) me faziam entender que coisa era o fascismo e cair as últimas ilusões sobre o seu caráter revolucionário e renovador. Então ainda tinha a esperança em coisas novas: na G. L., nos comunistas, nos socialistas. Agora, tudo é árido, tudo é cinza, tudo é escuro, não vejo mais nada de vivo no partido, nem sobre e nem entorno de mim; mas de que

---

<sup>732</sup> Idem, p. 98.

realmente devo entender depois de ter sido enganado uma segunda vez na vida? Certamente, entendi que não entendo nada de política, verdadeiramente nada. Cesarino [Luporini] me dizia que a perturbação gerada pelos acontecimentos na Hungria era só entre os intelectuais, não entre os operários, ou os camponeses. Mas eu sou um intelectual completamente errado e me recordo como fui zombado pelo operarismo<sup>733</sup> ou pela fé cega nas razões espontâneas dos operários e camponeses. Estas coisas não me chamam mais a atenção. Mas estou realmente cansado e não me sinto mais capaz de compartilhar, mesmo sozinho, em silêncio, as responsabilidades dessa gente. Se não, silêncio absoluto e retiro completo no passado.”<sup>734</sup>

Era o colapso de um mundo, seguido por um caos espiritual que impulsionou Cantimori, dali em diante, a resgatar corriqueiramente seu passado político tortuoso, junto a um sentimento de orgulho e nostalgia de parte da sua geração de historiadores ligados a uma corrente de pensamento sempre empenhada na ciência histórica e no estudo filológico, como ferramenta para a formação do homem ético, com valores morais elevados, e deixar as ideologias em voga de lado, para aprofundar-se nos estudos sobre J. Burckhardt, seu pessimismo, sua concepção de pequeno Estado e de História da Cultura.

## 5.2 – Debates historiográficos e a defesa do “*buon metodo*”.

Que perda irreparável para os amigos, para os estudos, para a cultura italiana no geral e também, e o sinto mais, para a *Scuola Normale*. A *Scuola Normale* – digo os homens, os jovens – daqui a alguns anos, quando desaparecerem de Pisa aqueles que foram liberados mentalmente para a crítica e para a pesquisa por Pasquali, será sempre bela pelo céu de Pisa, pela *Piazza dei Cavalieri*, pelo muro, mas será sem vida ou de vida intelectual cinza e mecânica<sup>735</sup> [...]. Salvemini está velho; Volpe sobrevive por si só; Croce é um monumento nacional; Omodeo morreu; Luigi Russo ainda se mantém firme, mas vive gastando o capital; Pasquali morreu. Estas eram personalidades vivas, não obstante as diferenças políticas, abertura crítica, independência de espírito, disposição para a luta por suas ideias, que os epígonos, ai de mim, não têm, ou têm bem pouco.<sup>736</sup>

<sup>733</sup> O *operaismo* (em italiano), ou operarismo, foi uma corrente de pensamento e de pesquisa marxista antiautoritária, nascida no início dos anos 60. Suas ideias partiam da consideração de que a classe operária fosse o motor do desenvolvimento econômico de uma nação, tendo o papel principal no movimento revolucionário e no combate ao capitalismo.

<sup>734</sup> Idem (id.). p. 94 e 95.

<sup>735</sup> Nesse posto da frase, Cantimori utilizou a palavra “*banausica*”, que tem como significado “arte ou técnica puramente mecânica, ou de trabalho manual”. Com o objetivo de manter a fluência do texto, tomei, como tradução para o Português, a palavra “mecânica”.

<sup>736</sup> Carta de Cantimori a Kaegi, Florença, quinze de agosto de 1952. Apud CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. 2011. p. 128 e 129.

Como foi ressaltado por Chinatera-Stutte, em uma carta enviada ao amigo W. Kaegi, em quinze de agosto de 1952, Cantimori já apresentava seu abatimento em relação à morte do filólogo Giorgio Pasquali e o esvanecer do mundo cultural em que foi formado.<sup>737</sup> Os anos passaram-se e a essa dor foi somado o processo de desilusão política em relação ao PCI e à falência de seu projeto político marxista, levando o intelectual a uma nova revisão geral de suas posições teórico-metodológicas.

Por meio da crítica historiográfica, o estudioso romagnolo voltou a garimpar uma nova reflexão, que ainda estivesse voltada para seu velho interesse pelo estudo do homem no tempo e da importância da relação entre o pensamento histórico e a ação na formação civil do povo, para embasar, paralelamente, o seu engajamento, cada vez maior, na organização da cultura italiana.

Ainda sob a óptica marxista, em 1945, o estudioso italiano redigiu um artigo sobre a obra de Lucien Febvre, *Autour de l'Heptaméron. Amour sacré, amour profane*, enfatizando a importância da perspectiva histórica do francês, que, no julgamento do romagnolo, deu preferência à individualidade sensitiva, tornando-se um dos principais historiadores-psicólogos contemporâneos.<sup>738</sup>

Para Cantimori, sua historiografia queria, antes de tudo, “apreciar *des saveurs d'âme*”, acentuando a importância da psicologia como ferramenta para a compreensão histórica, ao ponto de levar o historiador francês a “querer compreender o indivíduo individualizado na maneira mais individualizada possível”, acabando por cair na “tautologia ou no inefável”.<sup>739</sup>

O estudioso italiano também apresentou seu ceticismo, em relação ao desejo de Febvre de penetrar no íntimo da personalidade dos homens e dos grupos, para o desenvolvimento da compreensão histórica. No juízo de Cantimori, esse exercício impulsionaria os estudiosos à busca daquilo que não se pode conhecer em hipótese alguma, como já havia dito Droysen:

A personalidade enquanto tal não encontra a medida do seu valor na história, naquilo que opera, faz e sofre na história. (...) Para o indivíduo, a coisa mais certa que ele possui é a verdade do seu ser, a sua consciência. Nesse santuário não penetra o olhar da investigação.<sup>740</sup>

---

<sup>737</sup> Idem, p. 128 e 129.

<sup>738</sup> CANTIMORI, Delio. Lucien Febvre. Società, I, 1945, p. 261-273. In: CANTIMORI. Op. cit. 1971. p. 213.

<sup>739</sup> Idem, p. 222, 223 e 224.

<sup>740</sup> Idem, p. 227.

A partir desse psicologismo exacerbado, defendido pelo historiador francês, o intelectual italiano enxergou uma fragmentação da história no projeto dos *Annales*,<sup>741</sup> acompanhada por uma leitura estática e anti-anacrônica, que retirava a capacidade do historiador em refletir sobre a realidade presente vivenciada pelos homens, esvaziando o sentido da interpretação e da ação do historiador e do “homem de cultura” no tempo presente. Sendo assim, o intelectual italiano ressaltou:

Febvre se preocupa em nos ensinar que os homens do século XVI – do *Quattrocento* e do início do *Cinquecento* – eram diferentes de nós e como eram diferentes. Isto é feito de maneira magistral, mas não diz, nem parece acreditar ser importante nos dizer, como daquela situação se foi passado à nossa, por quais estradas, através de quais retornos, assim por diante. Em suma, permanecem parados em uma forma, mais sutil, mais fina, cultíssima, de reevocação histórica que não pode acabar por nos satisfazer, a não ser do ponto de vista literário.<sup>742</sup>

Após seu desligamento do PCI e seu distanciamento do materialismo histórico, Cantimori ainda prosseguiu com essas críticas, que vão reaparecer no prefácio do livro de Febvre, *Studi su la riforma e Rinascimento e altri scritti su problemi di método e di geografia*, publicado em 1960, acompanhadas de defesa maior da necessidade de uma leitura ligada à ação e ao retorno do debate político, como forma de superar o caráter fragmentado e estático da história social francesa.

Contrapondo-se à história das mentalidades, Cantimori propôs o ideal de história universal burckhardtiana como saída para a estaticidade e fratura do conhecimento histórico. Na interpretação do romagnolo, a perspectiva burckhardtiana conseguia ligar o conhecimento específico à história geral, harmonizando as relações entre cultura, sociedade e política, e também demonstrava-se eficaz no exercício de pensar a relação entre passado e presente, com o intuito de dar base para a formação cívica de um cidadão capaz de participar e julgar a sua realidade de maneira crítica.<sup>743</sup>

Dentro de tal contexto meditativo, no qual Cantimori procurava uma harmonia entre método e formação civil, deve-se interpretar que as últimas reflexões cantimorianas sobre a historiografia italiana quase se fizeram presentes, por exemplo, no necrológio em homenagem ao amigo F. Chabod, que falecera em 1960. Dotado de um forte sentimento de perda e de nostalgia da sua relação afetiva e profissional com o

---

<sup>741</sup> Idem, p. 232.

<sup>742</sup> Idem, p. 229.

<sup>743</sup> CANTIMORI. Op. cit. 1959. p. 814. Cf. CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. p. 130 e 131.

historiador do *Valle d'Aosta*, Cantimori novamente combinava aquela sensação de vivenciar o final da sua geração e a necessidade de defender a consolidação de uma historiografia italiana preocupada em conjugar a grandeza ético-moral e a aplicação de seus métodos filológicos de análise histórica para a formação cultural.<sup>744</sup>

Era a defesa da importância de um grupo de historiadores com quem dialogou e a quem admirou durante e depois dos seus contatos com o projeto da *Scuola Storica Romana*, de G. Volpe. Além de Chabod, nomes como os de Carlo Morandi, Walter Maturi e E. Sestan retornavam à cena como historiadores exemplares, engajados em projetos de organização e difusão dos estudos, como via para a formação civil italiana.<sup>745</sup>

Pouco antes de morrer, em 1966, Delio Cantimori ainda publicou o seu artigo *Storia e storiografia in Benedetto Croce*, no qual retratou a participação de historiadores italianos de sua geração na redação de um importante volume para a historiografia italiana – publicado em 1950<sup>746</sup> –, em comemoração aos oitenta anos de B. Croce.

Nessa coleção de textos, estavam presentes os nomes de historiadores que acendiam sua admiração pela sua geração ético-politicamente ativa, tais como Carlo Antoni, Arnaldo Momigliano, Gabriele Pepe<sup>747</sup>, F. Chabod, W. Maturi, Felice Battaglia<sup>748</sup>, Luigi Salvatorelli<sup>749</sup>, V. Arangio-Ruiz e E. Sestan.<sup>750</sup>

Tratando da importância historiográfica de Benedetto Croce, Cantimori afirmou que alguns desses intelectuais eram declaradamente crocianos e que, mais do que isto, na interpretação do intelectual italiano, as reflexões metodológicas de Croce sobre

<sup>744</sup> CANTIMORI, *Federico Chabod*. Op. cit. 1960. In: CANTIMORI, Op. cit. 1971. p. 281 e 282.

<sup>745</sup> Idem, p. 290.

<sup>746</sup> O 80º aniversário de B. Croce seria em 1946, mas o volume foi publicado apenas em 1950, devido algumas circunstâncias não definidas por Cantimori em seu texto.

<sup>747</sup> Gabriele Pepe (1899-1971) foi historiador e professor de História medieval, na *Università di Bari*, tendo como principais obras: *Lo stato ghibellino di Federico II*, *Il Medio Evo barbarico d'Italia*, *La politica dei Borgia*, *Il Medio evo barbarico in Europa*, *Un problema storico: Carlo Magno*, *Francesco d'Assisi tra Medio Evo e Rinascimento*.

<sup>748</sup> Felice Bataglia (1902-1977) foi um jurista e filósofo italiano, professor na *Università di Siena* e na *Università di Bologna*. Ocupou-se com estudos históricos relativos ao campo da jurisdição e política para, depois, enveredar-se por estudos teóricos sobre o espiritualismo cristão.

<sup>749</sup> Luigi Salvatorelli (1886-1974) foi um jornalista, historiador antifascista e professor na *Università di Napoli*, entre 1916 e 1921, quando se tornou diretor político do jornal *La Stampa* (1921-1925), no qual desempenhou importante papel de opositor ao fascismo. Após deixar o jornalismo político, o estudioso empenhou-se em pesquisas fundamentais sobre o *Risorgimento* italiano, a partir de uma perspectiva liberal, junto a estudos sobre a história do cristianismo.

<sup>750</sup> CANTIMORI, Delio. *Storia e storiografia in Benedetto Croce*. Terzo Programa, 1966, n 2, p 15-24. In: CANTIMORI. Op. cit. 1971. p. 397 e 398.

historiografia e história da historiografia estavam entranhadas nas reflexões de todos os estudiosos italianos “um pouco como o ar que se respira sem perceber”.<sup>751</sup>

Visto por Cantimori como um homem de cultura, empenhado na defesa de um modelo de análise ético e histórico, B. Croce foi, primeiramente, exaltado pelo romagnolo como uma figura importante para os estudos sobre o século XIX, entrelaçados ao seu interesse pelo pensamento liberal. Entretanto, na leitura de Cantimori, a parte mais importante e essencial da vasta produção intelectual de B. Croce estava na sua meditação sobre o método historiográfico.

Segundo o intelectual de Russi, Croce conduziu a secular experiência filológica, inserindo-a nos estudos históricos e nos vários trabalhos e experiências do campo da historiografia, oferecendo uma patente divisão entre “*res gestae* e *historia rerum gestarum*”.<sup>752</sup>

Como enfatizou Cantimori, o filósofo de Abruzzo chamou atenção para uma questão intrínseca ao estudo da História, a de

(...) não renunciar à crítica (*historia rerum*) pela ilusão de poder obter a substância ou a essência das coisas como foram e de poder conhecê-las de uma vez por todas (*res gestae*); porque só tal distinção crítica permite se manter sob um ponto de vista no qual se possa seguir o movimento e o caminhar das sociedades e dos indivíduos, dos homens e das coisas e de conhecer no vivo e no concreto e não no abstrato e genérico.<sup>753</sup>

Na visão de Cantimori, com a atenção voltada para a história da historiografia, Croce defendeu um segundo aprofundamento crítico no trabalho do historiador, como ferramenta para atingir uma análise livre das especulações metafísicas e metodologias derivadas de princípios filosóficos, desprovidas da empiria técnica.

Dessa maneira, dentro do método de análise histórica crociana, pautado na filologia e na sua capacidade de distinguir a *res gestae* e a *historia rerum gestarum*, Cantimori reencontrava o *buon metodo storico*, capaz de desenvolver uma crítica contínua e contextualizada das teorias e dos eventos históricos, problematizando modelos historiográficos que operavam em condições culturais específicas e que tinham como objetivo uma leitura ideológico-propagandista, desvinculada do efetivo interesse moral pela realidade histórica e a formação crítica do estudioso.

Em suma, para Cantimori, o grande estudioso de História seria aquele que:

---

<sup>751</sup> Idem, p. 397 e 398.

<sup>752</sup> Idem, p. 406.

<sup>753</sup> Idem, p. 406.

a) saiba propor problemas e definições novas; b) saiba dar substância aos problemas e às definições com uma pesquisa filológica e erudita, sistemática e criticamente controlada, segundo o “bom método” tradicional; c) saiba expor todo este trabalho de investigação empírica e de reflexão crítica de modo que faça presente o passado, vivos aqueles que parecem mortos, esses merecem o epíteto de grande historiador.<sup>754</sup>

Aquele que não fosse capaz de abarcar tais quesitos em seus estudos poderia ser um “um bom professor de história, um historiógrafo (...) propagandista, como foi Ranke na sua Revista histórico-política”, mas não um historiador do calibre, por exemplo, de Jacob Burckhardt, ou do seu biógrafo, concidadão suíço ocupante da sua Cátedra na Universidade de Basileia, Werner Kaegi, que também teve sua obra, *Meditazione storiche*, traduzida por Delio Cantimori, em 1960.

Composta por uma coleção de artigos de distintos períodos, as *Meditazione storiche* passavam por importantes temáticas pouco exploradas pela historiografia italiana, como a origem das nações, questão que, segundo Cantimori, na Itália, tinha seu debate limitado à F. Chabod, C. Morandi e A. Saitta.<sup>755</sup> Como constatou o tradutor e prefaciador Delio Cantimori, esse livro de W. Kaegi carregava algo de burckhardtiano nas *Meditazione*, expressão enfática da presença do elemento subjetivo do estudioso e cidadão empenhado na defesa da sua pátria, junto ao interesse do estudioso suíço pelo trabalho analítico preciso e objetivo das suas indagações *Storiche* intrínsecas dos afazeres do historiador.<sup>756</sup>

Permita-nos, contudo, observar, em conclusão, que estes ensaios devem ser lidos também na perspectiva da história da historiografia ou crítica historiográfica liberadora, que assinalamos falando da biografia burckhardtiana, levando em conta o fato de que eles também ensinam criticamente o estudioso de coisas históricas a concentrarem-se realmente sobre um ponto também muito pequeno ou limitado, sem por isso fechar-se ao conjunto da história dos homens.<sup>757</sup>

---

<sup>754</sup> Idem, p. 123 e 124.

<sup>755</sup> Além da origem das nações europeias, na obra *Meditazione storiche* também foram publicados textos de W. Kaegi que retrataram a presença do pequeno Estado no pensamento europeu, a relação entre a ciência história e o projeto de Estado prussiano, na época de Ranke, e a trajetória de figuras como Erasmo, no século XVIII, Maquiavel e seu contato com Basileia, J. Huizinga, Jules Michelet e Voltaire. CANTIMORI, Delio. Prefazione. In: KAEGI, Werner. *Meditazione storiche*. Editori Laterza, Bari, 1960. p. XI.

<sup>756</sup> Idem, p. XVII.

<sup>757</sup> Idem, p. XXVII.

Junto às reflexões filológicas italianas e à concepção crociana de divisão entre *res gestae* e a *historia rerum gestarum*, foi através dessa tradição historiográfica burckhardtiana e sua concepção de história como ciência propedêutica, que Delio Cantimori conseguiu ocupar o vazio deixado pelo seu distanciamento do marxismo. Nela, o romagnolo encontrou uma nova possibilidade de continuar na atividade de formação do povo a partir do conhecimento histórico desprovido de ilusões providencialistas e finalistas e dentro da seriedade científica necessária para a formação de um *buon metodo storico*.

### 5.3 – Cantimori e Jacob Burckhardt: diálogos historiográficos sobre a escrita da história e a organização da cultura.

Nos anos nos quais se aproximou a Burckhardt, falou frequentemente de “horror da política”. Sem dizer nada a ninguém, desde a revolta da Hungria não renovou mais o cartão de filiação ao partido. Mas os indícios do desligamento dos marxistas e do ocorrer da sua última atitude se sentiram já no outono de 1955, nos *Epiloghi congressuali*, que escreveu como relatório sobre Congresso histórico internacional que aconteceu em Roma, em setembro daquele ano. Amarga ironia, o sorriso sarcástico, que havia revelado no estilo de Burckhardt, tinha-se tornado a expressão da sua atitude interior. Em relação ao congresso romano, falou de um fastidioso grupo de congressistas, de cultíssimos exibicionistas que dão a entender aos outros o quanto foram ignorantes e tolos com aqueles que não compartilharam das suas opiniões. Falou de grupos e grupinhos de jovens intrigantes, que não participam das discussões, mas exercitavam os seus intelectos desordeiros em reuniões e conversas, procurando captar historietas das quais a difusão fosse vantajosa à carreira deles e agradasse seus superiores.<sup>758</sup>

Essas reminiscências apresentadas no necrológio à Cantimori, escrito pelo seu amigo Werner Kaegi, relatam bem parte daquele momento de transição vivido pelo estudioso italiano, que o colocou em meio a uma nova desilusão política, impulsionando o romagnolo à renovação de sua incessante busca pela efetivação de seu projeto de formação civil do povo italiano.

Seu “horror pela política” estimulava Cantimori em direção a um caminho que limpasse os “resíduos do desordenado período de 1948-1957”<sup>759</sup> e o levasse a garimpar

<sup>758</sup> KAEGI. Op. cit. 1967. p. 889 e 900.

<sup>759</sup> Correspondência de Cantimori a Werner Kaegi, em cinco de julho de 1958. Apud MANGONI. Op. cit. 2004. p. 64.

uma nova reflexão histórica que cobrisse aquele vazio deixado pela descrença no projeto do materialismo histórico daqueles jovens marxistas.

Foi exatamente naquele contexto, em 1959, que o intelectual veio a publicar sua tradução e introdução de *Meditazioni sulla storia universale*, de Burckhardt, e sua coleção de artigos e resenhas de aspectos metodológicos, *Studi Storici*, a qual, por meio de Paolo Sereni, a editora *Einaudi* já vinha idealizando desde 1954.<sup>760</sup>

Uma passagem do prefácio dessa coleção é peça-chave para o entendimento dos projetos cantimorianos dentro desse momento em que mergulhava ainda mais nos trabalhos de organização e divulgação da cultura, na Itália. Fragmento este que se refere a uma longa citação de Terenzio Mamiani<sup>761</sup>, na qual o filósofo e patriota italiano demonstrou seu apreço pela difusão da ciência como meio de formação cultural do povo.<sup>762</sup>

Foi dentro dessa mentalidade que o intelectual romagnolo idealizava e organizava seu manual de história geral para leitores não especializados e “para a Universidade e o ensino médio (para professores, preparação de concursos em liceu, etc.)”, como foi descrito em uma anotação, ainda em 1952, enviada a Giulio Bollati. Obra de “recolha de datas e fatos de caráter eclético-bibliográfico-objetivo-escolar” para consulta, dotada de um repertório ordenado cronologicamente, sem “ideia própria”, mas que abarcasse as

principais ideias historiográficas (problemas) e também as principais controvérsias (questões superadas ou superáveis, por exemplo a “culpa da guerra” depois de 1919, mas não totalmente entendido como superadas, etc.).<sup>763</sup>

Seu objetivo era atingir o público ao qual chegou a *Enciclopedia Treccani* e expandir-se para outros setores da sociedade, nos quais se encontravam pessoas cultas, mas não especializadas em estudos históricos.<sup>764</sup>

Na avaliação de Cantimori, sua realização deveria ser dirigida por um grupo de intelectuais do calibre de F. Chabod, A. Momigliano, G. Martini, Venturi, A. Saitta e pelo próprio Cantimori, fazendo um sistema de colaboração, modelado no exemplo da

<sup>760</sup> Idem, p. 64. Cf. Carta de Cantimori a P. Sereni de 12 de janeiro de 1954. In: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 819.

<sup>761</sup> Terenzio Mamiani (1799-1885) foi um filósofo, político e escritor italiano de destaque, durante o período do *Risorgimento*.

<sup>762</sup> CANTIMORI. Op. cit. 1959. p. XIII. Cf. MANGONI. Op. cit. 2004. p. 64 e 65.

<sup>763</sup> Cartas de Cantimori a G. Bollati uma de 2 de setembro de 1952 e outra de setembro de 1952, sem a definição do dia. In: CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 812-815. MANGONI. Op. cit. 2004. p. 66.

<sup>764</sup> CANTIMORI, Idem, p. 812.

Enciclopédia Italiana.<sup>765</sup> Como ressaltou, em agosto de 1955, em seu artigo *Un trattato di buona storia*, tal projeto era inspirado nos manuais de história geral dos alemães, que ajudavam

na formação daquela instrução geral que deveria depois constituir o fundamento dos seus trabalhos, de sorte que tanto quem tivesse realizado uma preparação preordenada, quanto quem se direcionasse aos estudos históricos depois de erros em outros campos, era grato àquelas coleções sistemáticas.<sup>766</sup>

Na Alemanha, segundo Cantimori, essas reflexões sobre a organização do conhecimento científico e sua divulgação, através dos manuais, surgiram no final do *Settecento*, e estiveram presentes na reforma da universidade prussiana, realizada por W. von Humboldt, no modelo burckhardtiano de História Geral,<sup>767</sup> chegando até a geração de Meinecke.<sup>768</sup>

Não obstante, nesse ponto relacionado à História Geral, em carta enviada à revista *Itinerari* de julho-agosto de 1961, o intelectual romagnolo demonstrou sua aproximação com as reflexões de Jacob Burckhardt sobre o entendimento da História Geral, não como uma linha contínua universal,<sup>769</sup> e sobre a História como “uma disciplina propedêutica às demais atividades posteriores mais definidas”, voltada para a educação civil e o desenvolvimento vocacional dos homens.<sup>770</sup>

Foi exatamente essa a questão desenvolvida em seu prefácio da obra *Le Meditazioni sulla storia universale*, no qual Cantimori insistiu sobre a importância do estudo da História não apenas para especialistas e, sim para todos aqueles que se

<sup>765</sup> Idem, p. 813 e 814.

<sup>766</sup> CANTIMORI, Delio. *Un trattato di buona storia*. Il Nuovo Corriere, 14 de agosto de 1955. In: Cantimori, Ibidem, 1959. p. 752.

<sup>767</sup> Ibidem, 1991. p. 814. Quando Cantimori preparava seu próprio manual, o estudioso relatou que teve uma crise de desespero e raiva em relação a generalizações, esquemas, fórmulas e lugares comuns, que compunham aquele tipo de “gênero literário”, levando-o a rasgar três pacotes de papéis que representavam três anos de trabalho árduo: “Na última leitura superficial daquele manual de história para as escolas de segundo grau (...), quando estava próximo do final e me preparava para fechar também o terceiro volume, devo ter tido um momento de loucura ou de frenesi, escurecimento mental, melancolia ou hipocondria. Foi um transbordar de repugnância e repulsa por aquele tipo de ‘gênero literário’, por certos esquemas que não se pode fazer ao menos repetindo as fórmulas que é preciso inventar com objetivo didático, que me pareciam precisas e claras e ‘grávidas’ como dizem os alemães, e então me pareciam evasivas por esforço de brevidade e ‘objetividade’? Foi sofrimento pela escolha que tive que fazer para estar nos limites dos programas? Não sei.” Carta à revista *Itinerari* XII, n 55, dezembro de 1961. In: CANTIMORI. Ibidem. 1967. p. 103 e 104.

<sup>768</sup> CANTIMORI. *Un trattato di buona storia*. In: Ibidem. 1959. p. 752 e 753.

<sup>769</sup> Carta à revista *Itinerari* n 50-51, julho agosto de 1961. In: Ibidem, 1967. p. 85.

<sup>770</sup> Idem, p. 84. Cf. MANGONI. Op. cit. 1993. p. 66.

interessassem pelo aprofundamento pessoal de suas capacidades de compreensão crítica do universo que habitam.<sup>771</sup>

Entretanto, esse discurso burckhardtiano voltava-se para pessoas relativamente cultas, as quais teriam desenvolvido a consciência de que o estudo da História seria imprescindível à educação do cidadão e de suas responsabilidades civis. Por isso, segundo Cantimori:

(...) o autor se importava, sobretudo, em comunicar ao seu público o interesse pela história “universal” ou “geral” como ampliação e elemento de consciência crítica e como fundamento da liberdade de juízo. Consciência crítica e liberdade de juízo no sentido de independência e capacidade autônoma de orientação, sem perda, não no sentido da “Reflexion”, do criticismo genérico e precipitado com tendência a intervir sobre cada questão, com base em preconceitos progressistas.<sup>772</sup>

Assim, a função real do historiador seria levar essa consciência da realidade histórica para a população, com o intuito de apresentar as questões dentro da “imparcialidade do historiador e do estudioso de história que queira realmente entender a história propriamente, tomada por si só e não em função deste ou daquele Estado, Igreja, ou outra instituição, ou como exemplificação desta ou daquela doutrina”.<sup>773</sup>

Vê-se, portanto, que as reflexões de Burckhardt encaixavam-se dentro dos velhos parâmetros de interesses cantimorianos de crítica histórica, formação intelectual do povo e aproximação entre elites intelectuais e a população, ocupando aquele vazio teórico-metodológico gerado pela sua desilusão em relação ao materialismo histórico e o PCI.

Não obstante, como afirmou Luisa Mangoni, as afinidades de Cantimori com o pensamento burckhardtiano ultrapassaram o campo teórico-metodológico e educacional, gerando uma autorreflexão no romagnolo sobre um Burckhardt em que encontrava “elementos contraditórios, incertezas, dúvidas, antinomias, de modo a fazer pensar numa insegurança, numa ambigüidade, numa inquietude e numa timidez fundamental”.<sup>774</sup>

Essa identificação pessoal e profissional com o basileense também passou a se traduzir na sua ironia em relação à política, no pessimismo e na crítica à filosofia da

---

<sup>771</sup> Prefácio da obra BURCKHARDT, Jacob. *Meditazioni sulla storia universale*. Firenze: Sansoni, 1959. In: *Ibidem*, 1971. p. 141.

<sup>772</sup> *Idem*, p. 157.

<sup>773</sup> *Idem*, p. 156.

<sup>774</sup> *Idem* p. 146. MANGONI. *Op.cit.* 1991. p. 68.

história herderiana, hegeliana e schellingiana não sustentada por análises psicológicas individualizantes,<sup>775</sup> como fizeram alguns integrantes dos *Annales*.

(...) o estudioso que não acredita ser útil histórica e criticamente aprofundar-se nos mistérios das consciências, nas questões psicológicas e “existenciais”, poderá observar que Burckhardt entendia, sobretudo, compreender e fazer compreender, conhecer, todos e vários aspectos e momentos da história com as suas contradições e as suas incertezas. A sua contestação de uma “filosofia da história” é a contestação de uma interpretação da história com escopos educativos ou edificantes, pedagógico-moralísticos ou patrióticos, não somente, mas também entendida em função de uma particular concepção.<sup>776</sup>

A sua negação do “desenvolvimento” ou do “desenrolar” da Filosofia da História, característicos do pensamento historicista, vinha concretizada pela importância que Burckhardt deu à cultura como força móvel e transformadora, que refutava o sentido de “progresso” e reforçava o ideal de “processo” histórico, contestando a visão historicista finalista, sem deixar de observar o dinamismo do homem no tempo.<sup>777</sup>

Dessa maneira, Cantimori frisava as indicações de J. Burckhardt sobre a necessidade de estudar o conflito entre as três forças motrizes da História, para que se pudesse entender o processo histórico e aprofundar na educação civil: “a política na sua realidade de Estado (...), a religião na sua realidade de organizações eclesiásticas ou sacerdotais”, que tendiam ao posicionamento conservador, em contraposição à cultura como representante da inovação e mobilidade histórica.<sup>778</sup>

Segundo Cantimori, a percepção burckhardtiana sobre a fragilidade da cultura perante as outras potências também despertou no estudioso basileense a consciência dos limites da função do historiador, o qual deveria se voltar para a pureza do conhecer e do compreender. Assim, uma das funções do historiador era garantir um julgamento independente e privado de “ilusões providencialistas ou finalistas” e colocações sobrenaturais, que levassem em concepção as reais possibilidades de ação dos representantes da cultura e o “exato cumprimento dos próprios deveres de professor e cidadão: seriedade científica”.<sup>779</sup>

Tal discurso direcionava-se para a definição da ciência histórica e seu caráter autônomo insubordinado, que, em Burckhardt, materializava-se na História Geral ou

<sup>775</sup> Idem, p. 147.

<sup>776</sup> Idem, p. 146.

<sup>777</sup> Idem, p. 148.

<sup>778</sup> Idem, p. 149.

<sup>779</sup> Idem, p. 138.

Universal,<sup>780</sup> fornecendo, na leitura de Cantimori, o quesito necessário para que o estudo da História obtivesse o status de ciência, pois, nas palavras do romagnolo, a “história não seria ciência histórica (...) se perdesse o sentido daquilo que exatamente se chama ‘história universal’ ou ‘geral’”.<sup>781</sup>

Dentro do seu entendimento de História Geral, destituída de uma linha universal contínua, para Cantimori, Burckhardt teria indicado, implicitamente, uma nova via de pesquisa que objetivava a investigação dos problemas por meio de questões mais vastas do que o limitado “especialismo técnico-monográfico”, e menos expandido em superfície do que a história universal. Entretanto, ainda insistia no seu gosto cosmopolita basileense, que fazia de sua História Geral uma prática diferente da história da pátria.<sup>782</sup>

Delio Cantimori também ressaltou a atenção burckhardtiana para aquilo que era “típico e permanente (...) que sobrevive, que é vital, não transeunte, estrutural e não superficial (...) o elemento humano fundamental e elementar que o historiador pode conhecer e fazer conhecer Heródoto ou Moisés sem muitas ilusões”.<sup>783</sup>

Na visão do intelectual italiano, essa leitura era a lição dada pelos estudos de Nicolau Maquiavel e seu realismo pessimista, que vinha acompanhado do ensinamento sobre as características elementares carregadas pelos homens, que dariam a possibilidade de colher o que seria constante na história do ser humano.<sup>784</sup>

Entrando, em acordo com a leitura de Burckhardt sobre a debilidade do ofício do estudioso de História, Cantimori afirmava, na edição de março e abril de 1961 da revista *Itinerari*, que, em sua opinião, o próprio termo “historiador” parecia soberbo e pouco claro e a sua atividade de investigador dos fatos históricos, pouco segura, sendo reconhecida entre outros profissionais da cultura, como

filósofos (também quando se chamam historiadores e historiadores da filosofia), juristas, literatos, críticos, filólogos, exatamente porque o estudo da história deu-lhes uma modéstia maior (que não é ceticismo!), e não somente no sentido psicológico-pessoal, mas também por conta da sua própria profissão.<sup>785</sup>

<sup>780</sup> Idem, p. 141.

<sup>781</sup> CANTIMORI, Delio. *Il problema della “storia generale”*, prefácio da obra organizada por Maurice Crouzet: *Storia generale delle civiltà*. Firenze: Sansoni, 1957. In: CANTIMORI. Op. cit. 1959. p. 803.

<sup>782</sup> Ibidem, 1971 p. 158.

<sup>783</sup> Idem, p. 148.

<sup>784</sup> Idem, p. 148.

<sup>785</sup> Carta à revista *Itinerari*, VII, n 47-48, março-abril, 1961. In: Ibidem 1967. p. 64, 65 e 71.

No artigo enviado para a edição de julho-agosto da mesma revista, Cantimori ressaltava o valor educativo do pessimismo burckhardiano e sua contemplação sobre a História. Segundo o estudioso italiano, esse pessimismo abria seus olhos para o radicalismo de roupagem niilista, como uma fase característica e necessária para superar as ilusões da época de Burckhardt, o que poderia servir para meditar sobre a atualidade europeia e a obrigação de educar, com o intuito de superar as ilusões do próprio período.<sup>786</sup>

Não obstante, Delio Cantimori refletia sobre a dificuldade de Burckhardt e do estudioso de história, no geral, exercer esse papel de “profeta retrospectivo” ou “voltado para o passado”, a fim de entender, sem fantasias, o processo dinâmico da História que gerou aquela dada situação, sem presságios que buscassem prever um “certo tipo de futuro, criticando a própria época e as suas ilusões”.<sup>787</sup>

Com a definição de pesquisa narrativa histórica de G. M. Trevelyan<sup>788</sup>, Cantimori evocava a necessidade do historiador de “fazer entender que o passado foi real como o presente e incerto como o futuro.”<sup>789</sup>

De alguma forma, essa máxima e suas ideias soavam harmonicamente com a sua crítica à leitura visionária de J. Huizinga o qual, no seu livro *Nelle ombre del domani*<sup>790</sup>, comportou-se mais como um profeta direcionado para o amanhã, em tempos de crise e escuridão.<sup>791</sup>

Em prefácio publicado em 1962, o romagnolo retomava suas escolhas intelectuais e políticas joviais, ironizando o posicionamento tomado em uma resenha desse mesmo livro, publicada em 1936, quando, segundo o próprio Cantimori, “se encontrava fadigadamente na estrada do historicismo integral e absoluto”, sentindo que não deveria mais deixar aquele caminho libertador do seu provincianismo ravennense.<sup>792</sup>

<sup>786</sup> Carta à revista *Itinerari*, IX, n 50-51, julho-agosto de 1961. In: Idem, p. 82.

<sup>787</sup> Idem, p. 82.

<sup>788</sup> George Macaulay Trevelyan (1876-1962) foi um historiador e escritor inglês, que escreveu importantes obras históricas sobre o *Risorgimento* italiano, tendo como destaque as obras *Garibaldi e la difesa della Repubblica romana*, *Garibaldi e i Mille*, *Garibaldi e la formazione dell'Italia* e *Scene della guerra d'Italia*.

<sup>789</sup> Carta à revista *Itinerari*, VIII, n 49, maio de 1961. In: Idem, p. 74.

<sup>790</sup> A obra de Huizinga foi publicada pela Einaudi, em 1964, com o título *La crisi della civiltà*, a contragosto de Cantimori, que reivindicou a tradução do título original (*Nelle ombre del domani*) e viu, na tradução desse título, um sinal de deformação do significado da obra, derivada da incompreensão do universo cultural do historiador holandês. Cf. prefácio da obra HUIZINGA, J. *La crisi della civiltà*. Torino: Einaudi, 1964. In: CANTIMORI. Op. cit. 1971. p. 357.

<sup>791</sup> Idem, p. 343 e 357. Cf. MANGONI. Op. cit. 1993. p. 69.

<sup>792</sup> Idem, p. 358. Cf. MANGONI. Idem, p. 68.

A partir dessa reminiscência, o romagnolo veio a declarar seu interesse e necessidade de defender um estudo mais aprofundado da cultura *metteleuropea*<sup>793</sup>, para captar o significado que contornava aquelas reflexões de Huizinga e o peso daquela história intelectual e cultural do final do século XIX, até 1956. Seu intuito era evitar confusões e dispersões sobre as ideias e abordagens historiográficas que dominaram e ainda se mantinham hegemônicas em ambientes italianos e não italianos.<sup>794</sup>

Naquela obra, enfatizou Cantimori, não é um contemporâneo que diz, mas um homem de outra época, herdeiro da grande cultura universitária de Língua Alemã, que, com seu caráter antifascista, antinazista e antirracista, buscava combater as degenerações daquela cultura e de uma concepção de história e de vida social.

Não obstante, na leitura do intelectual italiano, as propostas de Huizinga não eram de ação, mas, sim, “de um grito de angústia de um homem de outro mundo, no perceber que esse seu mundo se desfaz, que esse seu período se fecha, que aquela sua época está por acabar”.<sup>795</sup> Além disso, segundo Cantimori, o historiador holandês fazia parte de uma aristocracia cosmopolita, sobre a qual escrevia e falava, com base em um fundo filosófico confessional de tipo protestante-liberal, com tendências aristocrático-eclesiásticas católicas, próximas da crítica barthiana e da tradição clássico-humanista de Lessing, Kant, Goethe e Schiller, e com forte presença da energia nietzschiana de “crítica à própria época” e da “crítica à civilização”<sup>796</sup>

O mesmo Nietzsche que, em maio de 1961, Cantimori afirmava ter utilizado uma linguagem oracular sobre as contradições de cada conceito moral e científico, em cartas enviadas a J. Burckhardt, calava-se, na sua limitação consciente e modesta de estudioso da História e do ensino de História. Burckhardt silenciava-se, em especial, quando o filólogo alemão voltava-se para o assunto do nascimento e a vida dos futuros super-homens na Terra.<sup>797</sup>

O historiador basileense mantinha-se no seu pessimismo consciente sobre os limites do professor e do estudioso autônomo e, mesmo se interessando por grandes problemas levantados por Nietzsche, não quis confrontá-los na teoria, optando por não

<sup>793</sup> Como afirmou Cantimori, o livro trata da civilização europeia, tendendo a concentrar-se na cultura da Europa alemã, austríaca, suíça, holandesa, anglo-francesa do seu tempo. CANTIMORI. Idem, p. 361.

<sup>794</sup> Idem, p. 354.

<sup>795</sup> Idem, p. 356 e 357.

<sup>796</sup> Idem, p. 356.

<sup>797</sup> Carta à revista *Itinerari*, IX, n 50-51, julho-agosto de 1961. In: *Ibidem*, 1967. p. 86.

“deixar uma religião para entrar em outra”, como teria feito Nietzsche, segundo Cantimori, com seu tom entusiasta apostólico.<sup>798</sup>

Seguindo esse caminho, o intelectual romagnolo negava qualquer tentativa de entendimento finalista direcionado a uma leitura do futuro e entrava em acordo com Jacob Burckhardt, na defesa da História como disciplina propedêutica, com a função de dar base para a organização da cultura e formação do cidadão.<sup>799</sup>

A partir desse posicionamento educativo-instrutivo, em cartas publicadas na revista *Itinerari*, Cantimori mirou sua atenção, novamente, na importância do modelo pedagógico do editor moderno einaudiano e no exercício de tradução e circulação de obras importantes, para o debate historiográfico italiano.

Os próprios livros de F. Nietzsche foram alvos dessas reflexões cantimorianas, os quais, com todo o perigo do seu irracionalismo, deveriam ser acompanhados de uma apresentação aprofundada, pelo prefaciador, que abarcasse tanto os aspectos positivos quanto os negativos daquelas obras, assim como o professor, normalmente, apresenta suas críticas aos textos trabalhados em seus cursos.<sup>800</sup>

As ideias de Delio Cantimori, sobre a função do homem de cultura na formação civil e nos trabalhos editoriais, foram seguidas, também, pelas suas reflexões sobre a organização dos arquivos, bibliotecas provincianas e das universidades italianas e europeias, em geral.

Naquele contexto, Cantimori insistiu na necessidade de um cuidado particular em relação aos “instrumentos de trabalho”, que também seriam de responsabilidade dos historiadores. Estes deveriam exercer seus papéis de “homens de cultura”, estudiosos e, também, “organizadores”, contribuindo para o funcionamento eficaz dos arquivos e bibliotecas.

---

<sup>798</sup> Idem, p. 87.

<sup>799</sup> MANGONI. Op.cit. 2004. p. 70.

<sup>800</sup> Em debate com Vasoli, que era contra a publicação das obras de Nietzsche e divulgação do irracionalismo, Cantimori, em carta publicada na edição de setembro-outubro da revista *Itinerari*, defendeu a divulgação das obras de Nietzsche, para conhecê-las melhor, afirmando ser necessário criticar a fundo os livros e obras com tal irracionalismo, fornecendo os meios para os estudiosos entrarem no mundo da ciência e da historiografia com mais consciência da realidade e da história, não escapando dela por meio da seleção de fatos. [Carta à revista *Itinerari*, X, n 52-52, setembro-outubro de 1961. In: CANTIMORI. Op. cit. 1967. p. 92-95]. Naquele contexto, no ano letivo de 1960-1961, quase a metade do curso de História Moderna apresentado por Delio Cantimori, na *Università di Firenze*, foi direcionado para a reflexão sobre a influência de Nietzsche na cultura política das correntes irracionalistas nacionalistas, ativistas e anarquistas do final do século XIX e início do século XX. MICCOLI. Op. cit. 1970. p. 364.

Por essa e outras razões, o intelectual romagnolo flertava, novamente, com sua origem provinciana ravennese, aceitando um posto na comissão organizadora da Biblioteca Malatestiana de Cesena, cidade vizinha a Russi.

Dentro desse âmbito, Cantimori também chamou a atenção para a importância de outras bibliotecas de província, como a “Biblioteca do povo”<sup>801</sup>, encontrada em uma cidade do Veneto, não citada, mas descrita idealmente, da seguinte maneira:

Uma sala, um salão transformado e habitável, que seja aberto ao estudante universitário ainda não especializado, ao estudante do segundo grau e ginasial, ao artesão que queira se atualizar, ao cidadão que queira procurar uma primeira informação, que queira fazer qualquer verificação, uma ou mais salas com enciclopédias, repertórios, coleções atualizadas de manuais, com os livros mais recentes dos quais mais se fala ou se escreve, revistas, jornais, e assim por diante.<sup>802</sup>

Na mesma revista, o intelectual italiano também debateu sobre as mudanças curriculares da disciplina História nas universidades italianas, opinando sobre a importância da História da Igreja e da História Contemporânea nos cursos, a maneira como deveriam ser trabalhadas e seus limites.

Não obstante, essa temática relacionada às universidades italianas não ficou limitada às cartas enviadas à *Itinerari*. Os últimos três anos de sua vida foram dedicados a cursos, na *Università di Firenze* e na *Scuola Normale di Pisa*, centrados no debate sobre o papel das universidades italianas e europeias, em geral, entre o século XIX e início do século XX, deixando um grande legado para a discussão sobre o ensino superior e a sua função na formação civil do povo.<sup>803</sup>

---

<sup>801</sup> Na carta de outubro de 1962, enviada à revista *Itinerari*, Cantimori apontou três perigos para as pequenas “bibliotecas do povo”: “1 - trocar a cultura humanista e histórica com o classicismo estetizante. É mais verdadeiramente humanista fornecer um manual de carpintaria ou hidráulica elementar que oferecer um texto ciceroniano ou o Simpósio platônico. 2- cair nas mãos dos arquitetos modernos e progressistas, os quais são capazes de simbolizar em tantas maneiras livro e cultura, mas esquecem que uma biblioteca, mesmo pequena, cresce, é uma coisa viva e não um brinquedo mecânico (...). 3 – Esquecer a importância das leituras histórico-políticas e dos jornais e das revistas políticas, que não deveriam ser jogadas fora depois da primeira leitura, porque ‘não faz ciência sem acreditar de ter entendido’ e é necessário verificar a memória.” Carta à revista *Itinerari*, XVII, n 60, outubro de 1962. In: CANTIMORI. Op. cit. 1967. p. 158 e 159.

<sup>802</sup> Idem, p. 156.

<sup>803</sup> Cf. MANGONI. Op. cit. 1993. p. 71. MICCOLI. Op. cit. 1970. p. 370-374.

#### 5.4 – As universidades e a escrita da História entre o ideal de pequeno Estado e o projeto de Estado Potência: Basileia *versus* Berlim.

Como afirmado, em meio à sua defesa da concepção de História como ciência propedêutica e seu empenho no âmbito da organização da cultura para a formação civil italiana, Delio Cantimori direcionou boa parte dos seus cursos para o debate sobre a relação entre historiadores, as reformas universitárias e a organização do ensino superior na Itália e no restante da Europa do século XIX e início do século XX,<sup>804</sup> período em que as ciências começaram a ser desenvolvidas em conexão entre as universidades e o sistema de escolas.<sup>805</sup>

Nesse âmbito, o intelectual italiano deu atenção especial à Reforma universitária prussiana realizada por W. von Humboldt<sup>806</sup>, quando foi criado um modelo de ensino em que se pretendia dar acesso à ciência, para o desenvolvimento do Estado, com o objetivo de formar as classes dirigentes e profissionais alemães capacitados. Ali o elemento principal tornava-se a noção de que “o serviço público consciente na sua própria cidade seja uma das coisas mais altas que o homem pode cumprir”.<sup>807</sup>

Entretanto, o intelectual de Russi também mostrou-se sensível em relação à degeneração da concepção de Estado ético, de origem luterana, que, historicamente, justificou barbáries e violências<sup>808</sup>, e aos problemas ligados à concepção de Estado Potência, que embasaram a historiografia prussiana nacionalista, a qual teve como principal expoente L. von Ranke. Assim, Cantimori abriu-se para um tradicional debate europeu entre dois mundos ideais, diferentes e conflitantes: o Pequeno Estado de Basileia e o Estado Nacional prussiano.

Dentro dessa questão, um exame do desenrolar histórico das reformas educacionais e as tradições universitárias desses dois universos distintos faz-se necessário, a fim de esclarecer seus contatos, aproximações e conflitos ideológicos para a formação de diferentes tradições de pensamentos históricos e concepções de Estado.

---

<sup>804</sup> MICCOLI. Idem, p. 370-374.

<sup>805</sup> Carta à revista *Itinerari*, III, n 39, março de 1960. In: CANTIMORI. Op. cit. 1967. p. 30.

<sup>806</sup> O primeiro curso cantimoriano em que abordou o pensamento humboldtiano foi realizado no ano letivo de 1942-1943 e direcionado para o ofício do historiador. Após seu distanciamento do marxismo, o nome de W. von Humboldt ficou cada vez mais presente nas suas lições sobre metodologia, aparecendo, frequentemente, nos cursos de 1956-1957 em diante, ao lado de historiadores de Língua Alemã, como Droysen, Ranke, Burckhardt, Niebuhr, Nietzsche, Weber, entre outros, com o intuito de apresentar um debate sobre os problemas políticos e historiográficos relacionados ao Estado, universidade e formação do cidadão. Ver: MICCOLI. Op. cit. 1970. p. 349-374.

<sup>807</sup> Carta à revista *Itinerari*, III, n 39, março de 1960. CANTIMORI. Op. cit. 1967. p. 30.

<sup>808</sup> Idem, p. 30 e 31.

Por sua vez, em Basileia, como já apresentado, desde o *Cinquecento*, o saber e o exercício de lecionar já eram verdadeiramente estimados, e a Universidade era o centro irradiante de formação do cidadão. O século XVIII viu esse quadro transformar-se diante de alguns eventos: a defasagem dos profissionais que ocupavam as cátedras, que eram sorteadas, e a tentativa de castrar a autonomia da cidade, através das ameaças napoleônicas e da ação da República Helvética.<sup>809</sup>

No decorrer do século XIX, para a cidade, a Restauração não significou apenas a volta ao poder da elite dominante basileense, mas, também, a reestruturação da Universidade e o reforço do *ethos* cívico da cultura humanista. Ciente dos problemas gerados pelo monopólio basileense das cátedras, que gerou a deterioração da Universidade, durante o século XVIII, o governo colocou em prática um projeto no qual a direção da instituição seria ligada à administração central da cidade.

Basileia seria administrada por dois burgomestres: funcionários públicos, de famílias abastadas, sem remuneração, sendo que um deles seria o reitor da Universidade, portanto, academicamente qualificado para obter consentimento do corpo docente. O Conselho educacional e o Pequeno Conselho do Governo foram criados para designar os professores e analisar as escolhas e, dessa maneira, combater a precariedade do ensino, que assolou a Universidade de Basileia.<sup>810</sup>

Essa reformulação do ensino esteve ligada intimamente ao desenrolar histórico da Prússia, onde, desde a segunda metade do século XVIII, a única teoria aplicada e discutida pela administração e instituições de ensino era o *Philantropismus*, uma corrente pedagógica inspirada nos princípios universais do Iluminismo, que tinha como conceitos básicos a disciplina, a domesticação e valorização da cultura física, com o objetivo de afirmar a educação como atividade para a transformação do homem em cidadão, no sentido de ser útil à sua espécie.<sup>811</sup>

Devido à falta de investimentos no campo da instrução e à ineficácia das instituições de ensino e cultura, o governo prussiano acabou por formar uma estrutura burocrática administrativa arbitrária e ineficiente.

---

<sup>809</sup> SCHORSKE, Carl E. op. cit. 2000. p. 76.

<sup>810</sup> Idem, p. 77.

<sup>811</sup> BRITTO. Op. cit.

Em específico, o professor, sem a necessidade de uma vasta formação intelectual e com seu papel limitado quase à função de disciplinador, teve sua imagem desvalorizada, sendo enxergado como um ente parasitário do Estado.<sup>812</sup>

Com o advento da expansão napoleônica, a Prússia tornou-se alvo do exército francês e, em 1806, foi derrotada na Batalha de Jena, provocando uma forte crise institucional no governo, que culminou em um processo de deterioração da sua identidade política e educacional.

Diante dessa situação de precariedade da burocracia estatal e do sistema de ensino, iniciaram-se apelos às políticas governamentais voltadas para a reversão desse quadro crítico.<sup>813</sup>

Durante o Governo de Frederico Guilherme III, o primeiro ministro, Karl August von Hardenberg, iniciou um processo de modernização e descentralização administrativa, por meio da implantação de uma sólida política liberal, acompanhada de reforma educacional pautada nos preceitos neo-humanistas, em que Wilhelm von Humboldt tornou-se figura central da renovação.<sup>814</sup>

Durante sua formação, o intelectual prussiano W. von Humboldt estudou um período na Universidade de Frankfurt e transferiu-se para Göttingen, tendo contato com a jurisprudência, a filologia e os problemas filosóficos de Emmanuel Kant.

Terminados seus estudos universitários, moveu seu espírito aventureiro, jovial, promovendo grandes viagens culturais aos Alpes suíços, a Paris – onde assistiu de perto a Revolução Francesa –, à Espanha e a Roma, local em que começou sua vida de diplomata, em 1802, e manteve-se, até voltar para a Prússia, em 1808, quando se tornou, entre 1809 e 1810, diretor do Departamento de Ensino Público do Ministério do Interior, ocupando o cargo responsável pelo desenvolvimento da educação e cultura.<sup>815</sup>

Embora seu pensamento já se orientasse para a História, como fonte de conhecimento, na juventude, seu foco não era o Estado, retratado apenas como uma das mais diversas formas manifestadas das concretas forças em ação, fruto do desdobramento, no interior das relações entre governantes e governados, sem uma unidade precisa de poder.

---

<sup>812</sup> Idem.

<sup>813</sup> Idem.

<sup>814</sup> Idem.

<sup>815</sup> KAEHLER, Siegfried. Introdução. In: HUMBOLDT, Guilherme de. *Escritos políticos*. Fondo de Cultura Economica, México, 1943. p. 9.

Dentro dessa lógica apresentada por Kaehler, entre novembro de 1791 e abril de 1792, próximo da antropologia e da psicologia, W. von Humboldt produziu um estudo intitulado *Ideias para um ensaio de determinação dos limites que circunscrevem a ação do Estado*, no qual seu principal foco foi o homem por si só e a cultura, deixando para o Estado o debate sobre o limite da sua ação.<sup>816</sup>

Aqui, Humboldt ainda manteve o foco do problema no sujeito histórico e a meta direcionada para a cultura desse indivíduo, sem ater-se à importância da sua vida coletiva. Assim, “o verdadeiro fim do homem (...) é o mais elevado e proporcionado desenvolvimento de suas forças em um todo harmônico”.<sup>817</sup>

No redigir desse livro, W. von Humboldt ainda se encontrava em pleno gozo de suas viagens culturais pela Europa e não esperava o que o devir dos acontecimentos históricos apresentaria como desfecho de sua vida profissional.

Após passar um período focado na ociosidade dos estudos, na Turingia, em 1797, o prussiano teve um novo contato com Paris, onde reencontrou um Estado Moderno, caracterizado pela constante imersão dos homens na política, sendo submetidos às consequências da Revolução, por todas as partes. Tal experiência serviu para aumentar sua aversão à política.

Como dito acima, logo depois, em 1802, seguiu seu caminho para Roma, onde exerceu uma tranquila função de diplomata<sup>818</sup> e deparou-se com um Estado eclesiástico completamente diverso, com seu arcaísmo e um terreno elevado de cultura.<sup>819</sup>

Entretanto, o inesperado confirmou-se. Em 1809, Humboldt foi convidado a tornar-se diretor do recentemente criado Departamento de Ensino Público do Ministério Prussiano do Interior, com o objetivo de liderar uma reforma educacional no sentido da unificação prussiana.

Nessa situação, o pensador enxergou a sonhada possibilidade de pôr em prática suas ideias e trabalhar na formação social que almejava, tendo consciência de que toda educação pública imprime ao homem certa forma social, prevalecendo o espírito do governo.<sup>820</sup>

Na gerência das questões educacionais do Estado, Humboldt buscou aproximar a formação cultural nacional (*Nationalbildung*) e a educação popular (*Volksunterricht*),

---

<sup>816</sup> Idem, p. 32.

<sup>817</sup> HUMBOLDT. Op. cit. 1943. p. 94.

<sup>818</sup> KAEHLER. Op. cit. 1943. p. 11.

<sup>819</sup> Idem, p. 40, 41 e 42.

<sup>820</sup> Idem, p. 37.

distanciando-se dos filósofos esclarecidos, que entendiam a política como um evento homogêneo e inerte, antecessor da cultura e da Bildung, que se voltava para a categoria global e abstrata, denominada como humanidade, desvalorizando a particularidade do povo alemão.<sup>821</sup>

Mesmo tendo contato com o pensamento de Kant, o qual referenciava as disposições universais inatas no homem, que o distinguem de outras espécies, a aproximação com o romantismo abriu sua perspectiva para a diversidade cultural entre os povos e, assim, a necessidade de um projeto político-educacional para a Prússia.<sup>822</sup>

Segundo Siegfried Kaehler, nesse contexto, W. von Humboldt iniciou uma inflexão interpretativa sobre o Estado e entrou em contato com os escritos de Schelling. Essas leituras fizeram com que o agora reformador educacional reinterpretasse seu entendimento sobre individualidade, transferindo-a para a coletividade de indivíduos ou para as formas coletivas, a partir das quais a humanidade atua na história.<sup>823</sup>

Assim, surgiram as linhas iniciais de sua Filosofia da História e as teorias das ideias históricas com raízes na individualidade histórica das nações, atuando, através dela, sobre a vida dos homens. Antes essa unidade residia na cultura, agora começa a operar no processo histórico circundante, que vai do mundo racional ao ponto de vista romântico moderno.<sup>824</sup>

No novo posto, Humboldt fez ascender suas ambições a uma nova concepção de cultura do homem, mas, agora, dentro do Estado e através dele, com mais liberdade e energia, para dar unidade à cultura e aproximar a intelectualidade prussiana ao humanismo.

Seu trabalho constituía-se em criar planos para novos estabelecimentos de cultura, transformar os já existentes e, principalmente, organizar e direcionar os estabelecimentos de ensino público e científicos, trabalhando desde as escolas primárias às universidades e academias.<sup>825</sup>

A fim de modificar a imagem negativa das instituições de ensino e dos docentes, com apoio do Estado, as reformas neo-humanistas colocaram em vigor uma série de medidas, objetivando justificar a necessidade da criação do professor-intelectual e tornar essa categoria profissional organizada burocraticamente para ser objetiva,

---

<sup>821</sup> BRITTO. Op. cit.

<sup>822</sup> Idem.

<sup>823</sup> KAEHLER Op. cit. 1943. p. 41.

<sup>824</sup> Idem, p. 42.

<sup>825</sup> Idem, p. 43.

concreta e avaliável. Dessa forma, elencaram critérios para admitir e avaliar os professores e alunos e controlar suas formações.<sup>826</sup>

Esse projeto foi direcionado à fundação da Universidade de Berlim, a qual, ainda hoje, leva seu nome: Universidade Humboldt de Berlim. Ali o filósofo estampou suas ideias para a formação de uma nova intelectualidade e firmou sua missão de produzir ciência sempre mantendo um diálogo entre investigação e vida e combatendo um possível projeto de domesticação dos estabelecimentos estatais.

Através do Estado, Humboldt conseguiu desempenhar um papel de “Mecenas” da nova vida científica, agindo na totalidade nacional, após ter agido sobre si mesmo, para fazer dos pensamentos os selos da concreta realidade.<sup>827</sup>

Portanto, para Humboldt, a expressão “humanidade” tornou-se um termo que se referia à síntese entre a forma universal do homem cosmopolita e a forma fortuita do homem inserido em um universo específico. A formação cultural e a *Bilbung* traduziriam-se na necessidade de uma concepção específica, na qual o filósofo construiu o ideal de funcionário, aquele que serve ao Espírito e reforça os laços dos que compartilham da mesma língua e geografia, sendo o Estado apenas produto do homem.<sup>828</sup>

Nesse primeiro momento, apesar de se manter ligado ao governo, não deixou a ideia da superficialidade da ação estatal para o desenvolvimento da nação e dos homens. Entretanto, sua atividade focou o homem culto dentro do Estado que, em 1809, foi esboçado por intermédio do ideal de “funcionário perfeito”, com sua imagem relacionada ao tipo de homem que engendraria a aliança entre realidade e pensamento, reflexo do homem livre do Estado e culto, imaginado por Humboldt, em sua juventude.<sup>829</sup>

Segundo Britto, no pensamento de Humboldt, esse ideal de funcionário seria concretizado através da inclusão e propagação das ciências na escola, pois, através dela, poderia formar homens oficiosos, funcionários úteis, além de bons cidadãos.<sup>830</sup>

Dentro dessa linha interpretativa, as decisões dessa política ambicionaram não o fortalecimento do Estado, mas um novo e melhor espírito para o povo prussiano. Para

---

<sup>826</sup> BRITTO. Op. cit.

<sup>827</sup> KAEHLER. Op. cit. 1943. p. 45.

<sup>828</sup> Idem.

<sup>829</sup> Idem, p. 46

<sup>830</sup> BRITTO. Op. cit.

isso, o Estado deveria respeitar a liberdade do homem e tornar-se extensão natural do espírito e da *Bildung* alemã.

Essa naturalização sofreu com os impasses, a partir de 1819, quando Hardenberg aproximou-se da ideologia reacionária do príncipe austríaco Matternich, dando um passo atrás no projeto neo-humanista de educação, levando ao rompimento ideológico com W. von Humboldt.<sup>831</sup>

No desenrolar desse contexto, a Prússia veio a colocar em prática seu plano de nação por meio de um Estado forte, que valorizou os professores especialistas com interesses voltados para as ciências e tecnologias de importância estatal e pressionou parte da intelectualidade que se posicionava contra essa ideia.<sup>832</sup>

Nesse contexto, dentro da historiografia, despontava a figura de Leopold von Ranke<sup>833</sup>, historiador que, na visão de Cantimori, tendia a reduzir a História à história político-diplomática e militar, tendo preferências por fontes oficiais, como epistolários, memoriais dos homens de estado, documentos proferidos por altos funcionários e embaixadores, que acreditava levar as

exposições de homens responsáveis, inteligentes, preparados, honestos, servidores do seu príncipe, do seu Estado, que só podem dizer como as coisas ocorreram na realidade, porque são eles que dirigiram, conduziram, seguiram ou observaram diretamente a ação política.<sup>834</sup>

---

<sup>831</sup> Idem.

<sup>832</sup> SCHORSKE. Op. cit. 2000. p.78.

<sup>833</sup> Nascido em Wiehe, território, na época, pertencente à Prússia, em 1814, ingressou na Universidade de Leipzig, onde cursou os Clássicos e a teologia luterana, desenvolvendo seu conhecimento em Filologia. Logo tornou-se tradutor dos autores antigos para o Alemão. Entre os principais pensadores clássicos que vieram a influenciá-lo, destacou-se Tucídides, historiador da Grécia Antiga, autor da *História da Guerra do Peloponeso*, obra que projetou seu modo de escrita histórica como a narrativa dos fatos políticos. Em 1817, Ranke mudou para Frankfurt, onde trabalhou como professor dos Clássicos e desenvolveu seu gosto pelos estudos da História. Já em 1824, ocupado com o entendimento do surgimento do mundo moderno europeu, lançou seu primeiro livro, *História dos povos latinos e teutônicos de 1494 a 1514*, que lhe rendeu uma Cátedra na Universidade de Berlim. Ranke ainda lançaria, em 1836, um livro vinculado às primeiras obras: *Os Papas Romanos nos quatro últimos séculos*. Em 1841, tornaria-se historiografista real da Corte Prussiana e, conseqüentemente, cada vez mais ligado aos projetos nacionalistas. Redigiu, entre 1845 e 1847, *História da Reforma na Alemanha*, onde, antecipando a constituição do Estado Alemão, já enxergava a existência do espírito nacional germânico no século XVI. Em 1865, agindo dentro do Estado, Ranke foi condecorado com o título de Barão e, dez anos depois, escreveu *Origem das Guerras Revolucionárias 1791 e 1792*. Em 1882, tornou-se membro do Conselho Prussiano, mas, quatro anos mais tarde, seus projetos pessoais seriam findados, com sua morte. Assim, o historiador não viu o desenrolar dos tempos, nos quais os nacionalismos exacerbados seriam canalizados, como forças fanáticas, às duas grandes Guerras do século XX. Acontecimentos que colocariam sua crença no equilíbrio entre as potências como problema de interpretação histórica.

<sup>834</sup> Prefácio do livro RANKE, L. von. *Storia dei Papi*. Firenze: Sansoni. 1959. In: CANTIMORI. Op. cit. 1971. p. 176.

Segundo o estudioso romagnolo, Ranke era um historiador conservador, “ligado ao seu tempo tanto pela ideia do Estado-nação como uma das principais forças motrizes da história, quanto através da ideia do serviço indispensável ao seu Estado”.<sup>835</sup>

Não obstante, o historiador prussiano serviu ao seu Estado, na Universidade de Berlim humboldtiana, como representante das tradições protestantes e do racionalismo frederiquiano que, perante a retomada do pensamento austro-católico, teria entendido cumprir seu dever de cidadão, informando aos seus estadistas “como foram realmente as coisas no passado, para que eles pudessem agir no presente com consciência de causa”.<sup>836</sup>

Ranke chegou a se tornar um publicitário oficial do Estado,<sup>837</sup> em 1831, fundando a revista *Historisch-politische Zeitschrift*, na qual publicou um artigo, *As Grandes Potências*, em 1833, deixando claro seu engajamento intelectual na formação do Estado Nacional alemão, no combate aos desdobramentos da Revolução Francesa e sua ideia de História Universal.

Utilizando-se das narrativas focadas nas rupturas dos processos históricos e nas ações individuais dos “Homens de Estado” como representantes do povo, nesse artigo, Ranke apresentou seu modelo de História Universal como atento “(...) aos grandes acontecimentos, ao progresso das relações externas entre os Estados.”<sup>838</sup>

Nele relatou o desenrolar das relações políticas entre o século XVI e a Restauração, apresentando um trajeto histórico-político, em que as potências constantemente rompem com o equilíbrio das relações político-militares dos Estados europeus. Entretanto, na sua leitura, esse equilíbrio sempre seria reconquistado, pois, para Ranke, não haveria uma potência capaz de subjugar outra pátria na qual o espírito nacional estivesse amadurecido.

A História Universal não apresenta apenas o espetáculo de combates fortuitos, ataques recíprocos, Estados e povos que se sucedem, como pode parecer à primeira vista. Nem consiste apenas na imposição tantas vezes duvidosa de valores da cultura. O que vemos evoluir são as forças, espirituais em verdade, forças geradoras da vida, forças criadoras e, em suma, a própria vida. São energias morais. Não podem ser definidas por meio de abstrações, mas contempladas e captadas; podemos senti-las e compreendê-las. Elas florescem, conquistam o mundo, manifestam-se em múltiplas expressões, entrechocam-se,

---

<sup>835</sup> Idem, p. 192.

<sup>836</sup> Idem, p. 176.

<sup>837</sup> Idem, p. 178.

<sup>838</sup> RANKE; Leopold von. *As Grandes Potências*. In: HOLANDA; Sergio Buarque de. L. Von Ranke. *História*. São Paulo: Ática, 1979. p. 147.

defendem-se, subjugam-se umas às outras, em seu agir e reagir, em seu decair ou em seu ressurgir, ganhando crescente plenitude, valor mais alto, perspectivas mais amplas. Aqui está o segredo da História Universal. Quando, pois, uma força espiritual nos agredir, é mister enfrentá-la com forças espirituais. A supremacia com que outra nação nos ameaça, só nos cabe opor expandir-se de nossa própria nacionalidade.”<sup>839</sup>

Assim continuam suas palavras:

A união de todas [literaturas] há de se basear na autonomia de cada uma. Nada deve impedir que entrem em contato; o que não se deve querer é o predomínio de uma sobre as outras.

O mesmo acontece com os Estados, as nações. A preponderância positiva de um reverteria na desgraça de outro. A mistura de todos arruinaria a essência de cada um. A harmonia verdadeira surgirá da separação e da autenticidade.<sup>840</sup>

Com a hegemonia da historiografia rankiana na Prússia, Basileia, com seu espírito de concórdia, tornou-se novamente escoadouro para os intelectuais neo-humanistas, formados pelos preceitos acadêmicos do filósofo, filólogo e linguista Wilhelm von Humboldt (1767 – 1835), que tomaram parte das cátedras basileenses e mantiveram o ideal de provedores da cultura humanista e defensores da ciência como vocação.

Assim, aquele pensamento neo-humanista, segundo o estudioso brasileiro Fabiano de Lemos Britto, formado através da retomada do holismo típico do humanismo greco-romano e da humanização burocrática do intelectual, e, em termos políticos, da formação de uma elite esclarecida, a qual, teoricamente, deveria procurar aproximar o universo científico acadêmico e a sociedade como um todo,<sup>841</sup> tornou-se peça-chave na formação da *Bildung* dos basileenses.

Em Basileia, esses professores adotaram a responsabilidade de transformarem-se em preceptores urbanos, que trabalhavam para além das fronteiras do universo culto, dando palestras públicas voltadas para amadores, com o objetivo de defender a tradição da *polis* e do poder do patriciado, formar uma resistência ideológica àqueles pensamentos de progresso, que vinham ganhando espaço dentro da cidade, e combater a

---

<sup>839</sup> Idem, p. 179.

<sup>840</sup> Idem, p. 180.

<sup>841</sup> BRITTO. Op. cit.

penetração do pensamento liberal, com suas políticas democráticas centralizadoras, direcionadas à industrialização e à formação do grande Estado.<sup>842</sup>

Nessa nova fase da Universidade de Basileia, os professores legaram o compromisso de manter os alicerces daquela ancestral educação humanista, para a geração formada e amadurecida na cidade, no transcorrer do século XIX.

Jacob Burckhardt foi um dos estudiosos que levantaram bandeira contra os projetos dos grandes Estados Nacionais. Em seus cursos, que deram origem ao livro *Weltgeschichtliche Betrachtungen*<sup>843</sup>, traduzido e prefaciado por Delio Cantimori, o basileense deixou claro seu distanciamento da hipótese contratualística de Rousseau, afirmando que, na realidade, nunca houve um contrato social em que os homens se submetessem a um poder estatal, assim como inexistiu um pressuposto espiritual basilar ao Estado, como defendiam os historicistas alemães, defensores do Estado Potência.<sup>844</sup>

Como bom leitor de Maquiavel, no entendimento de Burckhardt, o Estado seria um órgão opressor. Suas origens não estariam no campo transcendental ou na abstração do contrato social, mas, sim, no poder coercivo de uma pequena parcela sobre o povo, que atribui ao Estado energias para negar a ação do indivíduo isolado. Em suas palavras:

Seja qual for a origem do Estado (a expressão política de uma nacionalidade), ele só poderá demonstrar sua capacidade vital ao transformar a violência em energia, isto é: enquanto o crescimento material durar, cada força vital tenta alcançar uma expressão e aperfeiçoamento completos, externa e internamente, ignorando a validade do direito dos mais fracos.<sup>845</sup>

A partir dessa máxima, o historiador basileense constituiu seu parecer sobre o grande e o pequeno Estado. Segundo Burckhardt, o “Grande Estado” teria como principal característica o poder de desenvolver as grandes energias coletivas em direção à realização de enormes feitos históricos, quando seu aparato atingiria um grau de solidificação em que os indivíduos perderiam-se na robustez de seus alicerces. Já o

---

<sup>842</sup> SCHORSKE. Op. cit. 2000. p. 79 - 80.

<sup>843</sup> Apesar da obra de Burckhardt, *Weltgeschichtliche Betrachtungen*, ter seu título traduzido para o Português como *Reflexões sobre a história* [Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961.], acredito que teria sido mais pertinente a utilização de *Reflexões sobre a história universal* ou *Considerações sobre a história universal*. No caso italiano, vemos que Cantimori preferiu o termo *Meditazioni*, entretanto, em uma nova tradução de 2002, a tradutora Maria Teresa Mandalari optou pelo título *Considerazione sulla storia universale* [Milano: SE SRL, 2002].

<sup>844</sup> BURCKHARDT, Jacob. *Reflexões sobre a História*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961. p. 35 e 36.

<sup>845</sup> Idem, p. 40.

“Pequeno Estado” seria frágil, necessitando da aceitação de sua população, por isso teria como finalidade máxima dar liberdade à maior parcela da população.<sup>846</sup>

Portanto, para Burckhardt, o maior problema dos Estados contemporâneos seria sua magnitude, que solidifica e distancia o governo dos indivíduos. As repúblicas das grandes massas nada teriam de democráticas, se comparadas às *polis* gregas. O que o historiador realmente enxergava eram Estados fortes, centralizados nas mãos de uma pequena parcela da população, dotada de todo aparato repressor, para submeter a ação individual.

Rompendo com o entendimento das questões políticas propostas pela Filosofia da História e pelo Historicismo, essa perspectiva histórico-cultural chamou a atenção para problemas voltados à interpretação histórica, que, de certo modo, anteviu os problemas que acarretariam no afloramento desenfreado dos nacionalismos, justificados pelas leituras que defendiam uma lei natural de equilíbrio entre as nações europeias, que, na realidade, não existiu.

Para Burckhardt, o viés hegeliano seria um programa geral, embasado em um ponto de vista otimista, no qual se julgou seguir critérios racionais para o entendimento da História Universal. Dentro desse modelo de entendimento, segundo o basileense, a História seguiria um processo evolutivo, com ponto de origem e chegada: do espírito à formação dos estados nacionais. Isso nada mais seria que apresentar sua própria época como o cume de todos os períodos que a antecederam.<sup>847</sup>

Assim sendo, para o suíço, ao propormo-nos a escrever uma “História da Pátria”, o tema deve ser considerado como um dos elementos da História Universal, para não correremos o risco de inflar a disciplina de intenções ufanistas.<sup>848</sup>

O combate ao pensamento político, baseado nos pressupostos espirituais e análises globais, estava lançado. Não obstante, J. Burckhardt afirmou:

Nosso ponto de partida é constituído pelo único elemento invariável e que consideramos passível de ser analisado: o ser humano, com seu sofrimento, suas ambições e suas realizações, tal como ele é, sempre foi e será, daí podemos afirmar que nossas considerações serão, até certo ponto, patológicas.<sup>849</sup>

---

<sup>846</sup> Idem, p. 39 e 40.

<sup>847</sup> Idem, p. 11.

<sup>848</sup> Idem, p. 19.

<sup>849</sup> Idem, p. 12.

Para Burckhardt, o tema central da História seria o espírito humano e suas mutações no tempo, inserido em um todo de grandes proporções. Esse processo estaria em um exercício de construção e destruição, denominado “realidade histórica”.<sup>850</sup>

Dessa maneira, a concepção de História como disciplina formada nas universidades, a serviço do grande Estado, perdia a validade nas leituras de Cantimori, que contrapunha os dois modelos de entendimento histórico. O nacionalismo imperialista prussiano de Ranke, com sua objetividade científica, que identificava o historiador com o Estado, era combatido pela concepção irônica de política e pela desilusão teológica de Burckhardt, que oferecia uma leitura sem fantasias providencialistas ou finalistas, preocupado com a formação do cidadão, a seriedade científica e os limites do historiador, e, ainda, contrário à sociedade de massas.<sup>851</sup>

Dessa maneira, Cantimori abria seu prefácio às *Meditazioni sulla storia universale*, com as palavras proferidas por Momigliano, o qual, em sua opinião, teria apresentado a leitura italiana mais equilibrada e inteligente sobre o livro:

as *Weltgeschichtliche Betrachtungen* buscam desembaralhar os problemas de um processo histórico no qual a democracia mata o liberalismo, o Estado nacional estrangula as pequenas unidades regionais e cívicas e o desejo de potência cresce em tamanho inverso em relação à educação para o verdadeiro e o belo. Entretanto, o pessimismo nos confrontos do imediato futuro é temperado pelo radical pessimismo em torno de toda história humana, enquanto Burckhardt reconhece que as forças históricas reguladoras do presente operam também no passado, do qual provém tudo isto que de belo, bom e verdadeiro o mundo possui. Se o Estado e a religião podem esterilizar a cultura, esta não existiria sem a religião e o Estado. Exatamente porque sem ilusões sobre o custo da cultura, Burckhardt estava pronto para reconhecer as condições das quais a cultura depende.<sup>852</sup>

Como conclusão, Cantimori deixou clara a afirmativa do historiador basileense, conservando o ideal tradicional suíço do pequeno Estado e seu ideal de cidadão, que não se iludiu com as pretensões culturais dos grandes Estados e da civilização de massa.

Segundo Cantimori, J. Burckhardt teria se posicionado de forma tão adversa ao projeto berlinense, a ponto de rejeitar a importante cátedra deixada livre pelo seu renomado ex-professor, L. von Ranke, ocupada, logo depois, por H. von Treitschke.<sup>853</sup>

---

<sup>850</sup> Idem, p. 14 - 15.

<sup>851</sup> CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. 2011. p. 139.

<sup>852</sup> Prefácio do livro BURCKHARDT. Op. cit. 1959. In: CANTIMORI. Op. cit. 1971. p. 137 e 138.

<sup>853</sup> Idem, p. 154 e 155.

Esse interesse por representantes dessas duas linhas de pensamentos, rankiana e burckhardtiana, ainda teve seu desenrolar em outros prefácios e traduções. Em Gehard Ritter, Cantimori sentia “um eco de longíssimas palavras de Ranke, e as recordando nos faz pensar nos altos funcionários e oficiais de tradição prussiana que haviam participado, com outros membros da classe dirigente”.<sup>854</sup> Era o historiador político que, em sua obra *I cospiratori del 20 luglio*, em combate aos ideais nazistas, queria contribuir na formação de homens políticos dotados de responsabilidade moral, através do conhecimento científico da história política.<sup>855</sup>

Por sua vez, o historiador holandês Huizinga foi apresentado como um patriota de pequeno Estado, conectado àquela pátria cosmopolita ideal liberal de uma aristocracia intelectual, fiel aos critérios tradicionais da filosofia e historiografia racional e positiva.<sup>856</sup>

Encontrava-se, também, dentro desse ideal de pequeno Estado, W. Kaegi,<sup>857</sup> historiador suíço responsável pela biografia de Burckhardt, composta por sete volumes, obra na qual o romagnolo detectou a presença da “história da cultura basileense e da universidade de Basileia, isto é, da cultura e da vida universitária de todo o século XIX e não somente (embora prevalente) do século XX alemão”.<sup>858</sup>

Como Cantimori afirmou, entre os artigos desse livro de Kaegi, encontram-se dois artigos, *Sul piccolo Stato nella storia della vecchia Europa* e *Il Piccolo stato nel pensiero europeo*, em que o estudioso basileense aprofundou as ideias sobre a temática do pequeno Estado – tão importante para a concepção de política do cidadão suíço – em meio às invasões nazistas.<sup>859</sup>

O estudioso italiano deixava claro, na sua introdução, que as reflexões de W. Kaegi não tratavam do “Estado ético” hegeliano de origem prussiana luterana, mas do

---

<sup>854</sup> Idem, p. 368.

<sup>855</sup> Idem, p. 370.

<sup>856</sup> Idem, p. 361.

<sup>857</sup> Em seu necrológio, W. Kaegi apresentou o seguinte parecer, sobre a tradução e a introdução de Cantimori da obra *Meditazione sulla storia universale*: “A Burckhardt fez a melhor doação que pudesse: o traduziu. Não sei quanto foi seu mérito que a editora Sansoni publicasse uma estupenda série de volumes, que constituíram um tipo de edição completa das obras de Jacob Burckhardt. A si mesmo Cantimori reservou, a cada modo, o dever mais difícil: tradução das *Weltgeschichtliche Betrachtungen*. Tinha saído uma outra tradução, conduzida, muito claramente, não sobre o texto original, mas sobre uma versão francesa de 1938. Cantimori se colocou à obra e se aprofundou no texto enigmático, que no fundo permaneceu absolutamente intraduzível. A introdução de Cantimori, sobre história e o significado da obra, está entre as coisas melhores que nunca foram ditas sobre *Weltgeschichtliche Betrachtungen* e sobre Burckhardt em geral.” KAEGI, Op. cit. 1967. p. 889.

<sup>858</sup> CANTIMORI. Prefazione. In: KAEGI, Werner. *Meditazioni storiche*, a cura di D. Cantimori, Laterza Bari 1960. p. XXIII.

<sup>859</sup> Idem, p. XI e XII.

burckhardtiano das *Meditazioni sulla storia universale*, como expôs no artigo *Scienza storica e Stato al tempo di Ranke*, no qual apresenta as reflexões de Burckhardt sobre “a cultura referida ao Estado e os limites ou contradições que ele impõe”.<sup>860</sup>

Nesse artigo, instrutivo e irônico, Werner Kaegi enfatizava a relação entre J. Burckhardt e o potente Reich Prussiano Bismarckiano de Ranke, com seus institutos históricos que vão se tornar referência para toda a Europa culta, em detrimento da historiografia basileense dotada de uma estrutura institucional incomparavelmente menor. Não obstante, a perspectiva de Kaegi “não está na Berlim bismarckiana, mas na cidade de Basileia, não na Alemanha hegemônica, mas na Suíça republicana e irônica.”<sup>861</sup>

Dessa maneira, ao se debruçar sobre esse profícuo debate historiográfico, que teve como pano de fundo os modelos de ensino superior prussiano e o basileense e os seus ideais de Estado, Cantimori trazia, novamente, para o foco do seu interesse político e historiográfico o pensamento e a cultura da *Metteleuropa*, que vinha, desde os anos nos quais o jovem estudante da *Scuola Normale* especializava-se em Literatura Alemã, investigando o Estado romântico alemão, e seguia atenciosamente as transformações políticas na Alemanha, impulsionadas pela *Weltanschauung* nacional-socialismo conservadora, racista e intolerante.

Não obstante, foi frequentando o ambiente cosmopolita humanista de Basileia, pautado na concórdia e na liberdade de opinião e confluyente dos saberes heréticos do *Cinquecento*, que Cantimori desvendava o caráter teológico da cultura alemã e o uso do misticismo nacional-socialismo, para agitar as massas, através do apelo aos instintos.

Mais tarde, inserido dentro dos preceitos ideológicos marxistas, Cantimori aprofundou-se nessa questão, identificando a relação entre a teologia e a formação dos preceitos espirituais das análises generalizantes sociológicas. A partir disso, o intelectual romagnolo formava sua crítica aos intelectuais liberais da República de Weimar e à sociologia alemã herdeira do pensamento historicista rankiano.

Então, o modelo de Estado Potência bismarckiano, sustentado pelas reflexões de L. von Ranke, tornara-se o novo alvo das contestações ético-históricas cantimorianas – em um contexto no qual o intelectual italiano reestruturava suas crenças políticas, após as desilusões, como o materialismo histórico – que alicerçavam-se na concepção

---

<sup>860</sup> Idem, p. XIII.

<sup>861</sup> Idem, p. XIII e XXVI.

histórico-cultural do basileense J . Burckhardt, para defender a formação do cidadão, através da História como ciência propedêutica.

Era o retorno do intelectual romagnolo ao universo basileense, reduto da resistência herético-humanista, no qual, desde muitos séculos, colocou-se a formação do homem em primeiro plano, em detrimento do poder massificador estatal; o ensino como atividade privilegiada, para o combate à ortodoxia e qualquer tipo de fanatismo; a razão filológica como base científica para os estudos da área de humanidades, em contraposição aos preceitos ideológicos simplistas e providencialistas.

Portanto, foi nas reflexões sobre o pequeno Estado, defensor da concórdia e da tolerância, que, no final de sua vida, o experiente professor italiano depositou parte da sua esperança em construir uma civilização europeia e uma Itália moderna, mais consciente de suas responsabilidades morais e éticas.

## 6 CONCLUSÃO

A complexidade, presente na trajetória política e nas reflexões historiográficas e metodológicas, foi uma marca registrada de Delio Cantimori. Talvez por essa questão, o estudioso romagnolo, que teve a vida interrompida por um acidente em sua biblioteca, em treze de setembro de 1966, em Florença, não terminou sua carreira com certezas absolutas e, muito menos, com ideias e trabalhos plenamente consolidados.<sup>862</sup>

Em vida, Cantimori foi um estudioso inquieto e inquietante, defensor da organização da cultura e semeador de dúvidas.<sup>863</sup> Seu costume profissional de historicizar as atividades humanas, inclusive a própria escrita da história e seus paradigmas, marcou sua constante busca pela problematização de leituras apologéticas, propagandistas, confessionais e ideológicas, combatendo qualquer tipo de generalização, visões simplistas pautadas em esquemas rígidos de interpretação.

Suas reflexões políticas também eram alvo da sua própria consciência crítica. Ainda no contexto da década de 1920 e 1930, o jovem Cantimori carregava questões políticas tradicionalmente italianas, relacionadas à unificação da Itália, e já se projetava como um homem de cultura, preocupado com a consolidação do Estado italiano e com a formação ético-moral do povo.

Nesse âmbito, o intelectual inseriu-se no profícuo debate sobre a história moderna italiana e a relação entre o Renascimento, o *Risorgimento* e o Regime Fascista, no projeto de formação nacional da Itália e da Europa, como civilização.

Ao inserir-se na reflexão sobre essas temáticas, Delio Cantimori carregava uma grande influência dos ideais mazzinianos, defendidos pelo seu pai, o republicano Carlo Cantimori. Com sua aprovação na *Scuola Normale Superiore*, o jovem romagnolo tornou-se mais próximo do idealismo atualista dos seus professores G. Gentile e G. Saitta, que deram uma organização teórica maior para sua crença na Revolução Fascista, como a grande responsável pela materialização da nação italiana e pela realização do projeto de aproximação entre os valores ético-morais da elite intelectual e o povo, tarefa que não teria sido cumprida pelos movimentos nacionais do Renascimento e do *Risorgimento* italiano.

Não obstante, mesmo como seguidor e defensor do *Duce*, Cantimori não se manteve dentro dos padrões ideológicos pregados pelos principais expoentes intelectuais do regime fascista.

---

<sup>862</sup> CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. 2011. p.143.

<sup>863</sup> MANGONI. Op. cit. 2004. p. 62.

Partindo de uma concepção de política e Estado como uma religiosidade laica, Cantimori acreditava que o Partido Nacional Fascista seria a entidade capaz de realizar a tão esperada revolução sindicalista e republicana mazzinista, combatendo a Igreja e integrando as massas ao Estado, através da ação intelectual e política dos representantes do governo, no esforço de formação do cidadão italiano.<sup>864</sup>

Não obstante, a Concordata arruinou suas esperanças na sacralidade não confessional do fascismo e da filosofia idealista, fazendo com que Cantimori se aproximasse das correntes mais heterodoxas, ainda que atualistas, mas anti-burguesas, de inspiração esquerdista, inclinadas à defesa do Estado Ético Corporativo como alternativa para superar o liberalismo e o comunismo soviético.<sup>865</sup>

Contudo, após suas viagens pela Europa, em busca das pistas deixadas pelos hereses italiano do *Cinquecento*, Cantimori teve os primeiros impulsos para uma reformulação mais profunda das suas interpretações políticas, historiográficas e metodológicas.

Na Suíça, especialmente, em Basileia, o intelectual romagnolo descobriu um novo mundo, que o distanciaria da perspectiva nacionalista patriótica da história da reforma, e constatou a forte importância da teologia para a interpretação do conservadorismo nazista e sua intolerância, irracional, que vinha movimentando o povo alemão, através dos seus apelos propagandistas e das leituras tipológicas generalizantes da sociologia alemã.

Nesse mesmo momento, Cantimori despertava sua consciência crítica para a importância da filologia, para os estudos históricos e para a decodificação do universo político hostil que pairava nos ares europeus. A filologia se tornava a arma cantimoriana de combate a qualquer tipo de apelo ao irracionalismo, como via de consolidação de um Estado ou Nação, e de fortalecimento do exercício de produção do conhecimento histórico-científico, ligado ao particular, distante de pressupostos, generalizações e intervenções ideológicas.

Nessas condições, Cantimori passou a se mover sob uma perspectiva “histórico positiva”, alicerçada nas reflexões racionalistas de L. Valla, que, indiretamente, dava ao Estado cantimoriano uma conotação de instituição necessariamente racional e ordenadora dos instintos, em contraposição ao nazismo e ao governo de Mussolini, que

---

<sup>864</sup> PERTICI. Op. cit. 1997. p 40-50. MICCOLI. Op. cit. 1970. p. 22.

<sup>865</sup> CHIANTERA-STUTTE. Op. cit. 2011. p 21.

se aliaram no projeto expansionista e racista, em detrimento dos ideais corporativistas e idealistas atualistas.

Estava selada a primeira desilusão política de Delio Cantimori, que começava a exercer oposição ao regime fascista, apoiando agentes ilegais do PCI e lançando críticas veladas ao modelo de sociedade defendido pelos fascistas, através de seus estudos sobre os reformadores, utopistas e jacobinos italianos do final do *Settecento* e da primeira metade do *Ottocento*.

Com a alma maculada pelas catástrofes da II Grande Guerra, seguida pela sensação coletiva de crise da Europa e pelo remorso aflorado por expectativas frustradas em relação ao fascismo e a mazelas vivenciadas com as atrocidades realizadas pelo nazismo, Cantimori tornara-se ainda mais inquieto e crítico em relação à política e à necessidade de precisão da história como conhecimento científico.

Ao aproximar-se do PCI e do materialismo histórico, Cantimori não mais se atrevia a escrever textos intrinsecamente político-apologéticos, como fazia na sua juventude fascista.

O romagnolo carregava, agora, um forte desejo de se empenhar nas políticas culturais do PCI, nos trabalhos editoriais, junto à editora *Einaudi*, e nos seus cursos universitários, sempre se embasando na defesa de um pensamento crítico, científico e filológico, nos quais se misturavam lições de métodos que, entre outros, abordavam o pensamento de M. Weber, W. von Humboldt, B. Croce, J. Burckhardt e Droysen e estudos historiográficos sobre o materialismo histórico nos quais eram presentes G. Lukács, A. Gramsci, A. Labriola, , Karl Kautsky, Bernstein, Mehring, K. Marx e Engles, etc.

Nesse contexto, o marxismo despontava, na leitura cantimoriana, como a grande ideologia capaz de promover a tão esperava renovação cultural italiana e europeia, de modo geral, tendo poder de combater a interferência da Igreja no Estado italiano e de promover uma verdadeira reforma dos valores ético-morais da sociedade.

Essa simpatia pela ideologia marxista incentivou Cantimori a direcionar seu interesse para os jacobinos e reformadores políticos italianos, a combater o pensamento liberal, como a via de solução dos problemas apresentados no pós-guerra, e a esclarecer os motivos espirituais que levaram os alemães à adesão ao irracionalismo nazista.

Nesse último âmbito, o romagnolo investigou a vida cultural e os seus intelectuais da República de Weimar – dando destaque a Friedrich Meinecke, Ernst Troeltsch e M. Weber –, com o intuito de esclarecer a razão da incapacidade do governo

weimariano em frear o crescimento do apoio alemão aos preceitos políticos e místicos nacionalistas e nacional-socialistas, embasados na cultura teológica e no seu poder de simplificação da realidade, com a finalidade de mobilizar as massas.

Porém, com o passar dos anos, a ambição cantimoriana de formação do povo através do conhecimento crítico, adverso a qualquer interferência ideológica político-propagandista, entraria em colisão com as políticas culturais e os posicionamentos de alguns dos líderes e jovens intelectuais inseridos nos órgãos de cultura do PCI.

Após assistir ao comportamento dos jovens marxistas no *X Congresso de ciências históricas*, Cantimori não se calou perante o fechamento partidário daquele grupo em suas “igrejinhas”, acusando-os de promoverem atos de ingerência e burocratização da organização da cultura italiana, ao seguir o “pankratovismo” e seus posicionamentos político-ideológicos ligados ao comunismo soviético.

Sua irritação com o Partido Comunista Italiano misturava-se ao ambiente político europeu conturbado pelas notícias das atrocidades cometidas pelo governo de Stalin e a Revolta da Hungria, eventos desconfortantes que geraram uma forte crise na relação entre os intelectuais e o PCI.

Dessa maneira, paulatinamente, o materialismo histórico e o PCI perdiam a áurea civilizadora, aos olhos do romagnolo, que começava a sofrer uma nova desorientação em relação ao desenrolar histórico.

Naquele contexto, Cantimori chegou à convicção de ser incapaz de tecer uma compreensão do seu universo político contemporâneo, que esfacelava suas crenças ideológicas novamente. Agora, o romagnolo era tomado, novamente, pelo remorso em relação às suas escolhas políticas.<sup>866</sup>

Assim, Delio Cantimori afundava-se em um período de colapso de um mundo que acreditava ser possível materializar-se, e em uma profunda autorreflexão, acessando, corriqueiramente, suas reminiscências em relação à primeira grande desilusão, sofrida no início dos anos de 1930, quando descobriu “*Giustizia e libertà*”, os escritos de Lênin, a socialdemocracia vienense (...), a Ação Católica de Dollfuss e o caráter negativo do fascismo, o qual acreditava ser a revolução italiana”, e que, junto às atrocidades do nacional-socialismo, o fizeram “entender o que era o fascismo e a cair nas últimas ilusões sobre o seu caráter revolucionário e renovador”.<sup>867</sup>

---

<sup>866</sup> MANGONI. Op. cit. 1991. p. XLI. VITTORIA. Op. cit. 2013. p. 73.

<sup>867</sup> Apud. VITTORIA. Op. cit. 2013. p. 94 e 95.

Entretanto, nos anos de 1930, Cantimori ainda tinha esperança na ação dos comunistas e socialistas, os quais, agora, golpeavam suas expectativas em promover uma reforma social embasada na elevação ética e intelectual do povo. Essa dor espiritual fez com que o romagnolo buscasse o silêncio absoluto sobre as questões políticas contemporâneas.

Seus textos sobre historiografia eram marcados pela nostalgia de sua geração de historiadores, empenhados em leituras históricas ético-políticas, pautadas em métodos e interpretações filológicas, incompatíveis com os pressupostos ideológicos partidários.

Tais sentimentos fizeram com que Cantimori se aproximasse mais da tradição histórico-cultural burckhardtiana, de seu pessimismo, seu cientificismo e de sua concepção de História como uma disciplina propedêutica. Essa posição supriria parte do vazio deixado pela decepção com as políticas do PCI, fazendo com que Cantimori se firmasse em seu trabalho de homem de cultura na formação civil do povo italiano, através das suas reflexões históricas e historiográficas e suas ações na organização da cultura italiana.

A partir disso, o intelectual romagnolo concentrou-se no debate sobre a função de bibliotecas, arquivos, universidades e da disciplina História. Isso também levou Cantimori a refletir sobre problemas historiográficos e históricos do século XIX: o conflito entre o pensamento histórico de J. Burckhardt e L. von Ranke, os projetos de Estado basileense e berlinense, os ideais do Pequeno Estado suíço e do Estado Potência alemão.

Assim, Cantimori redirecionava o foco de seus interesses históricos para o universo político, herético e historiográfico basileense – do qual nunca se distanciara por completo –, continuando a alimentar as meditações sobre a tolerância, a espiritualidade reformadora herética e o diálogo entre a História Geral e os atores históricos.

Como afirmou no final do ano de 1963, em uma carta enviada à revista *Itinerari*, naquele contexto, ele se fechava “mais nas usuais pesquisas particulares de história do *Cinquecento* e do *Seicento* e dos movimentos de idéias religiosas e políticas, conectadas com a Reforma protestante”.<sup>868</sup>

O estudioso romagnolo trabalhava na publicação de um novo livro, que seria intitulado *Storia della Cultura Italiana*. A ideia de escrever essa nova obra surgiu com o

---

<sup>868</sup> Carta à revista *Itinerari*, XIX, n 73-74, novembro-dezembro de 1963. In: CANTIMORI. Op. cit. 1967. p. 165.

pedido de G. Einaudi de uma republicação revisada dos *Eretici italiani del Cinquecento*, em 1952,<sup>869</sup> que foi sendo reavaliada durante os anos de 1950 e 1960, em meio a mudanças de perspectivas, reflexões e leituras.

O volume esteve parcialmente atualizado para a tradução alemã. Para uma nova edição italiana tem muitíssimo a mudar, refazer, adicionar, etc. Proporia isto, porque as reconstruções, adições, complementos, etc., são muitos, e a obra seria enorme, poderíamos fazer dois volumes: um que poderia ser entregue em 1953.<sup>870</sup>

Essa afirmativa de Cantimori a P. Serini foi seguida por pedidos de desculpas feitos pelo romagnolo o qual, logo depois, propôs fazer uma ampliação do seu trabalho para uma “História da vida religiosa e da cultura italiana no *Cinquecento*”, composto por três volumes,<sup>871</sup> até chegar à proposta de redigir uma História da Cultura italiana, em 1957.<sup>872</sup>

Em 1959, ressaltava o empenho nesse novo trabalho, que dialogava com trabalhos secundários, preparatórios e complementares à sua obra<sup>873</sup> de História Geral, a qual tanto o instigava naquele momento de aproximação com o modelo de ensino universitário humboldtiano e a historiografia basileense burckhardtiana.

Em 1962, Cantimori afirmava que sua “obra maior” já estava em estágio avançado. Quatro anos depois, afirmava a Giulio Einaudi estar terminando “o primeiro capítulo do primeiro volume herético-cultural religioso” e começando os trabalhos do segundo”.<sup>874</sup>

Entretanto, esse projeto seria interrompido naquele mesmo ano de 1966, com a sua morte. Cantimori, personagem complexo, de uma riqueza inestimável para o campo historiográfico, despediu-se, sem deixar completa essa obra entre seus muitos outros legados à historiografia italiana.

<sup>869</sup> Cantimori – “Eretici: sou livre. (mas devem decidir se querem arrastar este tijolo) eu não os aconselho!” (Archivio Einaudi, incart. Cantimori, nota de onze de setembro de 1952, ata de vinte e sete de agosto de 1952). Carta de Giulio Einaudi a Delio Cantimori. Torino, dezessete de setembro de 1952 (Archivio Cantimori, SNS): “Caro Cantimori; Sou, antes somos satisfeitíssimos que os Eretici sejam livres e possam sair na nossa ‘Storica’. Caso se lembre bem, você me havia falado ano passado, em via Lamarmora. Reli o volume, o achei muito bom, realmente exemplar, e, tendo sabido de Bollati, que o havia ‘atualizado’ para a tradução alemã, pensei que uma nova edição einaudiana seria sem dúvida possível (...). Então, não resta que ‘elaborar’ o contrato. E, da sua parte, nos fazer o mais rápido o texto da obra. Tenho muito desejo de te rever, e não desespere de fazer uma vez ou outra, uma corrida a Florença.” Apud. CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 800.

<sup>870</sup> Archivio Einaudi, incart. Cantimori, carta à P. Serini, de vinte e três de setembro de 1952. Apud. CANTIMORI. Op. cit. 1991. p. 800.

<sup>871</sup> Idem, p. 802.

<sup>872</sup> Idem, p. 802.

<sup>873</sup> Idem, p. 804.

<sup>874</sup> Idem, p. 805.

Assim partiu o grande estudioso e intelectual italiano, fazendo jus à heterodoxia dos homens sempre inquietos e ávidos pelo saber. Um semeador de dúvidas, constantemente inserido no exercício de busca por respostas jamais entendidas como absolutas. Delio Cantimori deixou páginas em branco e uma infinidade de possibilidades para se pensar sobre o que poderia ser publicado naquele novo e, provavelmente, marcante trabalho sobre a história da cultura italiana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUZZI, Luciano. *Utopisti e Riformatori sociali nell'opera di Delio Cantimori (1937-1943)*. In: Trimestre, 1989.
- BAINTON, Roland H. *La Riforma protestante*. Torino: Giulio Einaudi editore, 2000.
- \_\_\_\_\_ *Matin Lutero*. Torino: Giulio Einaudi editore, 2013.
- \_\_\_\_\_ *Vita e Morte di Michele Serveto*. Roma: Fazi Editore, 2012.
- BELARDELLI, Giovanni. *Dal fascismo al comunismo*. In: Storia Contemporanea. Anno XXIV. n. 3, p. 379-403, 1993.
- BERENGO, Marino. *La ricerca storica di Delio Cantimori*. In: Rivista storica italiana, n.4. fasc. IV, Napoli: Edizioni scientifiche italiane, p. 902-943, 1967.
- BLOCH, Marc. *Introdução à História*. 4. ed. Mira; Sintra: Publicações Europa-América, s.d.
- \_\_\_\_\_ *A sociedade feudal*. Lisboa: Edições 70, 1982.
- \_\_\_\_\_ *Os reis taumaturgos. O caráter sobrenatural do poder régio*. França e Inglaterra. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- \_\_\_\_\_ *Apologia da história ou ofício do historiador*. Rio De Janeiro: Zahar, 2002.
- BONGIOVANNI, Bruno. *Rivoluzione e controrivoluzione conservatrice*. In: Studi storici, anno XXXIV, n. 4. Bari: Dedalo, p. 799-810, 1993.
- BRAUDEL, Fernand. *Escritos Sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- \_\_\_\_\_ *Una Lezione di Storia*. Firenze: Sansoni, 1986.
- \_\_\_\_\_ *Storia misura del mondo*. Bologna: Il mulino, 1997.
- \_\_\_\_\_ *O Espaço e a História no Mediterrâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- \_\_\_\_\_ *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II*. 2. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.
- \_\_\_\_\_ *Civilização Material e Capitalismo: séculos XV - XVIII*. Lisboa: Rio de Janeiro: Edições Cosmos, 1970.
- \_\_\_\_\_ *La Historia y las ciencias sociales*. Madrid: El libro de bolsillo, 1970.
- BRITTO, Fabiano de Lemos. *As teorias pedagógicas de Wilhelm Von Humboldt na historiografia da educação alemã*. s.d.
- BURCKHARDT, Jacob. *Meditazioni sulla storia universale*. Firenze: Sansoni, 1959.
- \_\_\_\_\_ *Reflexões sobre a História*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961.
- \_\_\_\_\_ *Considerazione sulla storia universale*. Milano: SE SRL, 2002.

\_\_\_\_\_ *La pittura italiana del Rinascimento*. A cura di Maurizio Ghelardi e Susanne Müller. Venezia: Marsilio, 2001.

\_\_\_\_\_ *Michelangelo Furioso*. (A cura di Maurizio Ghelardi.) In: *Belfagor*, anno XLVI, n. 6, p. 605-623, 1991.

\_\_\_\_\_ *Storia della Civiltà Greca*. Volume 1, tomo 1. Firenze: Sansoni, 1992

\_\_\_\_\_ *L'arte italiana del Rinascimento*, vol. II. Pittura: i generi. A cura de Maurizio Ghelardi. Venezia: Marsilio, 1992.

\_\_\_\_\_ *La civiltà del Rinascimento in Italia*. Roma: Grandi Tascabili Economici Newton, 2011.

BURDACH. C. E. K. *Dal medioevo alla Riforma*. In: Grande antologia filosofica. Milano: Marzorati, 1964.

\_\_\_\_\_ *Riforma, Rinascimento, Umanesimo*. Trad. Delio Cantimori. Firenze: Sansoni, 1935.

CACCAMO, Domenico. Profilo di Delio Cantimori. In: *Storia Contemporanea*, anno V, n. 4 Luni editrice, luglio-agosto, p. 87-92, 2001.

CAMPIONI, G; BARBERA, S. *Sulla crise dell'attualismo. Della Volpe, Cantimori, De Ruggiero, Lombardo-Radice*. Milano: Franco Angeli Editore, 1981

CANTIMORI, Carlo. *Saggio sull'idealismo di Giuseppe Mazzini*. Roma: Libreria politica moderna, 1922.

CANTIMORI, Delio. *Il caso del Boscoli e la vita del Rinascimento*. In: *Giornale Critico della Filosofia Italiana*. v. VIII, Milano; Roma: Casa Editrice d'Arte Bestetti e Tumminelli, p. 241-255, 1927.

\_\_\_\_\_ *Bernardino Ochino uomo del Rinascimento e Riformatore*. V. XXX, fasc. I, *Annali della R. Scuola Normale Superiore di Pisa*. Tipografia Editrice Pacini Mariotti, p.5-35, 1929.

\_\_\_\_\_ *Ulrico von Hutten e i rapporti tra Rinascimento e Riforma*. *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa. Classe di Lettere e Filosofia*. Vol. XXX, Fasc. II. Pisa. Tipografia editrice pacini Moriotti. p. 1-79, 1930.

\_\_\_\_\_ *L'“Agnes Bernauer” di Friedrich Hebbel e la rappresentazione romantica dello Stato*. In: *Civiltà Moderna*, v. V, p.428-437, 1933; v. VI, p. 51-69, 1934.

\_\_\_\_\_ *Spigolature per la storia del nicodemismo italiano*. In: *Genevra e l'Italia*. Firenze: G. C. Sansoni. s.d.

- \_\_\_\_\_ *Eretici italiani del Cinquecento e altri scritti*. Torino: Giulio Einaudi editore, 1992.
- \_\_\_\_\_ *Recensione di Vincenzo Cuoco. Il pensiero politico*. A cura di G. Tarroni. Istituto Nazionale Fascista di Cultura. Cappelli, Bologna s.d. 1936. Leonardo, 1939.
- \_\_\_\_\_ *Utopisti e Riformatori italiani (1794-1847)*. Ricerche storiche. G. C. Firenze: Sansoni, 1943.
- \_\_\_\_\_ *Italiani a Basilea e a Zurigo nel Cinquecento*. Cremonese, Roma: Ist. Ed. Ticinese, Bellinzona, 1947.
- \_\_\_\_\_ *Prospettive di storia ereticale italiana nel Cinquecento*. In: *Eretici italiani del Cinquecento e altri scritti*. Torino: Giulio Einaudi editore, 1992.
- \_\_\_\_\_ *Studi di storia*. Torino: Einaudi, 1959.
- \_\_\_\_\_ *Storici e storia. Método, caratteristiche e significato del lavoro storiografico*. Torino: Giulio Einaudi editore, 1971.
- \_\_\_\_\_ *Conversando di storia*. Bari: Editori Laterza, 1967.
- \_\_\_\_\_ *Politica e storia contemporanea*. A cura di Luisa Mangoni. Torino: Einaudi, 1991.
- \_\_\_\_\_ Introduzione. In: ROTTERDAM, Erasmo di, *Elogio della pazzia*. Torino: Einaudi, 1964.
- \_\_\_\_\_ Prefazione. In: CHURCH, F. C. *I riformatori italiani*. Firenze: La nuova Italia, 1933.
- \_\_\_\_\_ Prefazione. In: DE FELICE, Renzo, *Storia degli ebrei italiani sotto il fascismo*. Torino: Giulio Einaudi editore, 1961.
- \_\_\_\_\_ Prefazione. In: BAINTON, Roland. *Lutero*. Torino: Giulio Einaudi editore, 1960.
- \_\_\_\_\_ Prefazione. In: KAEGI, Werner, *Meditazioni storiche*. a cura di D. Cantimori, Bari: Laterza, 1960.
- \_\_\_\_\_ Prefazione: Lucien Febvre. *Studi su Riforma e Rinascimento e altri scritti su problemi di metodo e di geografia storica*. Torino: Einaudi, 1966.
- CANTIMORI, Delio; Feist, E. *Per la storia degli eretici italiani del secolo XVI in Europa*. Reale Accademia D'Italia, 1937.
- CAPATI, Massimiliano. Cantimori, Contini, Garin: *crise di una cultura idealística*. Società Editrice il Mulino, 1997.
- CAPITINI, Aldo. *Nuova società e riforma religiosa*. Torino: Einaudi, 1950.

- CARAVELE, Giorgio. Delio Cantimori e il fascismo. In: *Storia Contemporanea*, anno IV, n. 2, Luni editrice, marzo-aprile, p. 129-150, 2000.
- CASADEI, A. *Fanino Fanini da Faenza. Episodio della riforma protestante in Italia*. In: *Nuova Rivista storica*. Milano; Genova; Roma; Napoli: Editrice Dante Alighieri, p. - 168-198, 1934.
- \_\_\_\_\_ I riformatori italiani. In: *Religio*, XI. p. 422-448, 1935.
- CASSIRER, Ernst. *Linguagem e Mito*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- \_\_\_\_\_ *O Mito do Estado*. São Paulo: Códex. 2003.
- CASALI, Antonio. *Storici italiani tra le due Guerre. La "Nuova Rivista Storica Italiana" 1917-1943*. Napoli: Guida Editori, sd.
- CERVELLI, Innocenzo. "Storici e storia" nel pensiero e nella critica di Delio Cantimori. in: In: *Belfagor*, anno XXVII, n. 6, Firenze: Casa editrice LEO S. Olschki, p. 625-650, 1972.
- CHABOD, Frederico. *Lo Stato e la vita religiosa a Milano nell'epoca di Carlo V*. Torino: Giulio Einaudi editore, 1971.
- \_\_\_\_\_ *Storia dell'idea d'Europa*. Roma-Bari: Editori Laterza, 2010.
- \_\_\_\_\_ *L'idea di nazione*. Roma-Bari: Editori Laterza, 2006.
- \_\_\_\_\_ *L'Italia contemporanea (1918-1948)*. Torino: Giulio Einaudi editore, 1961.
- \_\_\_\_\_ *História do Fascismo*. Lisboa: Editora Arcádia Limitada, 1963.
- \_\_\_\_\_ *Lezioni di metodo storico*. Roma-Bari: Editori Laterza, 2012.
- \_\_\_\_\_ *Scritti su Machiavelli*. Torino: Giulio Einaudi editore, 1964.
- CHARTIER, Roger. *História cultural: entre as práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- \_\_\_\_\_ *À Beira da Falésia: a história entre incerteza e inquietude*. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. – Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002.
- CHIANTERA-STUTTE, Patricia. *Res nostra agitur*. Il pensiero di Delio Cantimori. Bari: Palomar, 2005.
- \_\_\_\_\_ *Delio Cantimori: un intellettuale del novecento*. Roma: Carocci, 2011.
- CILIBERTO, M. *Intellettuali e fascismo*. Saggio su Delio Cantimori. Bari: De Donato, 1977.
- \_\_\_\_\_ *Intellettuali e fascismo. Note su Delio Cantimori*. In: *Studi Storici*, Anno XVII, p. 57-93, 1976.

COLLOTTI, Enzo. *Gli scritti di Cantimori sulla crisi tedesca*. In: Studi Storici, anno XXXIV, n. 4. Bari: Dedalo, p. 811-818, 1993.

CROCE, Benedetto. *Teoria e storia della storiografia*. Settima edizione. Bari: Laterza, 1954.

\_\_\_\_\_ *A História: Pensamento e Ação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1962.

\_\_\_\_\_ *Storia della storiografia italiana*. Bari: Laterza, 1921.

\_\_\_\_\_ *Storia dell'età barocca in Italia*. Milano: Adelphi, 1993.

\_\_\_\_\_ *Il concetto della storia*. Bari: Laterza, 1954.

\_\_\_\_\_ Recensione a Delio Cantimori – Osservazioni sui concetti di cultura e storia della cultura. In: La critica, anno XXVI, fasc. I, Bari: Laterza e figli, p. 454-456, 1928.

\_\_\_\_\_ Recensione: CHURCH, F. C. I riformatori italiani - traduzione: Delio Cantimori. In: La critica, vol. XXXIII, Napoli, p. 223-224, 1935.

D'ELIA, Nicola. *Delio Cantimori e la cultura politica tedesca (1927-1940)*. Roma: Istituto Storico Germanico di Roma & Viella, 2007

DE FELICE, Renzo. *Mussolini l'alleato*. La guerra civile 1943-1945. Torino: Giulio Einaudi editore, 1998.

\_\_\_\_\_ *Intellettuali di fronte al fascismo*. Saggi e note documentarie. Roma: Bonacci editore, 1985.

\_\_\_\_\_ *Il fascismo. Le interpretazioni dei contemporanei e degli storici*. Roma-Bari: Laterza, 1998.

\_\_\_\_\_ *Storia degli ebrei italiani sotto il fascismo*. Torino: Giulio Einaudi editore, 1961.

DE FUSCO, Renato. *Storia dell'idea di storia*. Napoli: Edizione scientifiche italiane, 1998.

DE GRAND, Alexander J. *Bottai e la cultura fascista*. Roma-Bari: Laterza, 1978.

DE SANCTIS, Francesco. *Storia della letteratura italiana*. Roma: Newton & Compton, 1991.

\_\_\_\_\_ *Saggi e scritti critici e vari*. Milano: La universale "barion" della casa per Edizione popolare, S. A, s.d.

\_\_\_\_\_ *Scritti pedagogici*. Roma: Armando Armando Editore, 1959.

DELLA VOLPE, Galvano. *Hegel Romantico e mistico (1793-1800)*. Firenze: Felice Le Monnier, 1929.

- DESSÌ, Giuseppe. *Il professore di liceo*. In: Belfagor, Anno XXII, n. 3, Firenze: Casa editrice LEO S. Olschki, p. 307-310, 1967.
- DIONISOTTI, Carlo. *Chierici e Laici*. Novara: Interlinea edizione, 1995.
- DROYSEN, J. G. *Sommario di istorica*. Trad. e nota di Delio Cantimori. Firenze: Sansoni, 1943.
- FEBVRE, Lucien. *Studi su Riforma e Rinascimento e altri scritti su problemi di metodo e di geografia storica*. Torino: Giulio Einaudi editore, 1966.
- \_\_\_\_\_ *Combates pela História*. Lisboa: Presença, 1985.
- \_\_\_\_\_ *O Reno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- \_\_\_\_\_ *Martin Lutero: un destino*. México: FCE, 1992.
- \_\_\_\_\_ *O problema da descrença no século XVI*. A religião de Rabelais. Lisboa: Editorial Início, s.d.
- \_\_\_\_\_ *Europa*. Gênese de uma civilização. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- \_\_\_\_\_ *Michelet e a Renascença*. São Paulo: Scritta, 1995.
- FERNANDES; Cássio. *Jacob Burckhardt e a preparação para a Cultura do Renascimento na Itália*. In: Fênix – Revista de História e Estudos Culturais. Julho / Agosto / Setembro de 2006. Vol 3, nº3.
- \_\_\_\_\_ *Jacob Burckhardt e Aby Warburg: da arte à civilização italiana do Renascimento*. Págs 127 – 143. In: História da Historiografia e Teoria da História. LOCUS: Revista de História. Juiz de Fora: Programa de Pós-graduação em História / Departamento de História, 2006 v.12, n. 01.
- \_\_\_\_\_ *Aby Warburg entre a arte florentina do retrato e um retrato de Florença na época de Lorenzo de Médici*. n. 41, História: Questões & Debates, Curitiba: Editora UFPR p. 131-165, 2004.
- \_\_\_\_\_ *Delio Cantimori: um diálogo com a História da Cultura*. In: Exercícios de micro-história. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- FIRPO, Massimo. *Per una discussione su Delio Cantimori e la nuova edizione degli "Eretici italiani"*. In: Studi Storici, anno XXXIV, n. 4. Bari: Dedalo, p. 737-756, 1993.
- GALASSO, Giuseppe. *Storici italiani del novecento*. Bologna: Il mulino, 2008.
- GARIN, Eugenio. *Intelletuali italiani del XX secolo*. Roma: Editori Riunti, 1974.
- \_\_\_\_\_ *Delio Cantimori e gli studi sull'età del Rinascimento*. In: Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa, anno XXXVII, p. 221-269, 1968.
- \_\_\_\_\_ *La cultura del Rinascimento*. Milano: Il saggiatore tascabili, 2012.
- \_\_\_\_\_ *Ermetismo del Rinascimento*. Scuola Normale Superiore, Pisa, 2006.

- \_\_\_\_\_ *L'Umanesimo Italiano*. Bari: Laterza, 2000.
- \_\_\_\_\_ *L'uomo del Rinascimento*. Bari: Laterza, 2000.
- \_\_\_\_\_ *Ritratto di Enea Silvio Piccolomini*, in: *Ritratti di umanisti*. Milano: Bompiani, 1996.
- GENTILE, Giovanni. *Giordano Bruno e il pensiero del Rinascimento*. Firenze: Vallecchi Editori, 1920.
- \_\_\_\_\_ *Studi Vichiani*. Firenze: Felice Le Monnier Editore, 1927.
- \_\_\_\_\_ *Il pensiero italiano del Rinascimento*. Firenze: Sansoni, 1955.
- \_\_\_\_\_ *Teoria generale dello spirito come atto puro*. 7 ed. Firenze: Casa editrice le lettere, 1987
- \_\_\_\_\_ *I profeti del Risorgimento italiano*. Firenze: Sansoni, 1944.
- \_\_\_\_\_ *Discorsi di religione*. In: *La Religione*. Firenze: Sansoni, 1965.
- \_\_\_\_\_ *La religione*. Firenze: Sansoni, 1965.
- \_\_\_\_\_ *La vita e il pensiero*. Firenze: G. Sansoni editore, 1951.
- \_\_\_\_\_ *Genesi e struttura della società*. Arnoldo Mondadori Editori, 1954.
- GENTILE, Emilio. *Fascismo. Storia e interpretazione*. Roma-Bari: Editori Laterza, 2002.
- GHELARDI, Maurizio. *La Scoperta del Rinascimento. L'“Età di Raffaello” di Jacob Burckhardt*. Torino: Einaudi, 1991.
- GINZBURG, C. E. CASTELNUOVO e C. PONI (orgs.), *A micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro /Lisboa, Bertrand Brasil /Difel, 1989.
- GINZBURG, Carlo. *I benandanti*. Stregoneria e culti agrari tra Cinquecento e Seicento. Torino: Giulio Einaudi editore, 2002.
- \_\_\_\_\_ *Il formaggio e i vermi*. Il cosmo di un mugnaio del '500. Torino: Giulio Einaudi editore, 2009.
- \_\_\_\_\_ *Il nicodemismo*. Simulazione e dissimulazione religiosa nell'Europa del '500. Torino: Giulio Einaudi editore, 1970.
- \_\_\_\_\_ *Miti emblematici spie*. Morfologia e storia. Torino: Giulio Einaudi editore, 2000.
- \_\_\_\_\_ *Storia notturna: una decifrazione del sabba*. Torino: Giulio Einaudi editore, 2008.
- \_\_\_\_\_ *Occhiacci di legno*. Nove riflessioni sulla distanza. Milano: Feltrinelli Editore, 2011.

\_\_\_\_\_ *Rapporti di froza*. Storia, retorica, prova. Milano: Feltrinelli Editore, 2000.

\_\_\_\_\_ *Carlo Ginzburg racconta Cantimori*. in: STABILE, Alberto. I buoni maestri. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1988.

GIRARDET, Rauol. *Mitos e Mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a Organização da Cultura*. 4º edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

\_\_\_\_\_ *Quaderni del carcere*. 3º ed, Torino: Einaudi, 2007.

\_\_\_\_\_ *A Questão Meridional*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_ *Il materialismo storico e la filosofia di Benedetto Croce*. Torino: Einaudi, 1948.

HOEPKE, Klaus-Peter. *La destra tedesca e il fascismo*. Bologna: Società editrice Mulino, 1971.

HORKHEIMER, M., ADORNO, T. W. *Dialettica dell'Illuminismo*. Torino: Einaudi, 1997.

HOBSBAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Tradução Maria Célia Paoli, Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. 5º. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

\_\_\_\_\_ *Erasmus*. Barcelona: Zodiaco, 1946.

\_\_\_\_\_ *Sobre el estado actual de la ciencia historica: cuatro conferencias*. Buenos Aires: Editorial Cervantes, s. d.

\_\_\_\_\_ *L'uomo e la cultura*. 2. ed. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1948.

\_\_\_\_\_ *La crisi della civiltà*. Prefazione: Delio Cantimori. Torino: Einaudi, 1964.

\_\_\_\_\_ *Autunno del Medioevo*. Introduzione: E. Garin. Milano: BUR Rizzoli, 2010.

\_\_\_\_\_ *Le immagini della storia. Scritti 1905-1941*. Traduzioni di Tatiana Bruni; Piero B. Marzolla; W. de Bôer. Torino: Giulio Einaudi editore, 1993.

\_\_\_\_\_ *La Scienza Storica*. Il suo valore, la sua attualità. Milano: Res Gestae, 2013.

HUMBOLDT, Wilhelm von. *Stato, società e storia*. Roma: Editori Riuniti, 1974.

\_\_\_\_\_ *Escritos políticos*. Fondo de Cultura Económica, México, 1943.

KAEHLER, Siegfried. *Introducción*. In: HUMBOLDT, Guilherme de. Escritos políticos. Fondo de Cultura Económica, México, 1943.

KAEGI, Werner. *Meditazioni storiche*. Bari: Editori Laterza, 1960.

\_\_\_\_\_ *Ricordo di Delio Cantimori*. In: Rivista storica italiana. anno LXXIX, n. 4, Napoli: Edizioni scientifiche italiane, p. 883-901, 1967.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006.

LABRIOLA, Antonio. *Saggi sul materialismo storico*. Roma: Editori riuniti, 1977.

LIMA, Henrique Espada. *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.

LÖWITH, Karl. *La sinistra hegeliana*. Roma-Bari: Gius. Laterza & Figli, 1982.

\_\_\_\_\_ *Da Hegel a Nietzsche*. La frattura rivoluzionaria nel pensiero del secolo XIX. Torino: Einaudi, 1949.

MANGONI, Luisa. *L'interventismo della cultura*. Intellettuali e riviste del fascismo. Roma-Bari: Laterza, 1974.

\_\_\_\_\_ *"Società": storia e storiografia nel secondo dopoguerra*. In: Italia Contemporanea, anno XXXIII, p. 39-58, 1981.

\_\_\_\_\_ *L'Europa sotterranea*. In: CANTIMORI, Delio. *Politica e storia contemporanea*. A cura di Luisa Mangoni. Torino: Einaudi, 1991.

\_\_\_\_\_ *In paartibus Infidelium*. Don Giuseppe De Luca: il mondo cattolico e la cultura italiana del Novecento. Torino: Einaudi, 1989.

\_\_\_\_\_ *Pensare i libri*. La casa editrice Einaudi dagli anni Trenta agli anni Sessanta. Bollati Boringhieri, Torino: 1999.

\_\_\_\_\_ *Delio Cantimori e l'organizzazione della cultura*. In *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa*. V. IX, serie IV, Pisa: Unione Stampa Periodica Italiana, p. 61-78, 2004.

MANACORDA, Gastone. *Lo storico e la politica. Delio Cantimori e il partito comunista*. In: Storia e storiografia. Studi su Delio Cantimori. Cura di BANDINI, B. V. Roma: Editori Riuniti, 1979.

\_\_\_\_\_ *Recensione di Delio Cantimori, Studi di storia*. In: Studi Storici, Anno I, Istituto Gramsci editore, 1959-60.

MARX, Karl. *Il Capitale. Critica dell'economia politica, libro primo: Il processo di produzione del capitale*. vol I e II, Tradução Delio Cantimori, Roma: Edizione Rinascita. 1951.

- MASSELLA, Luigi. *Passato e presente nel dibattito storiografico*. Storici marxisti e mutamenti della società italiana (1955-1970). Bari: De Donato, 1979.
- MATURI, Walter. *Interpretazioni del Risorgimento: Lezioni di storia della storiografia*. Torino: Einaudi, 1962.
- MAZZINI, Giuseppe. *Cosmopolitismo e nazione*. Scritti sulla democrazia, l'autodeterminazione dei popoli e le relazioni internazionali. Roma: Elliot, 2011.
- MEINECKE, Friedrich. *El historicismo y su génesis*. Fondo de Cultura Económica México, 1982.
- MENCHI, Silvana Seidel. "Ein Neues Leben": contributo allo studio di Delio Cantimori. In: *Studi Storici*, anno XXXIV, n. 4. Bari: Dedalo, p. 777-786, 1993.
- MICCOLI, Giovanni. *Delio Cantimori*. La ricerca di una nuova critica storiografica. Torino: Giulio Einaudi editore, 1970.
- \_\_\_\_\_ *La ricerca storica come "storia positiva"*. In: *Studi Storici*, anno XXXIV, n. 4. Bari: Dedalo, p. 757-768, 1993.
- MIOZZI, U. Massimo. *La Scuola Storica Romana 1926-1943*. Roma: Consiglio Nazionale delle Ricerche, 1982.
- MIRRI, Giovanni. Cantimori, Febvre e le "Annales". In: *Storia e storiografia*. Studi su Delio Cantimori. Cura di BANDINI, B. V. Roma: Editori Riuniti, 1979.
- MITRE, Antonio. *O dilema do centauro: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano*. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2003.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *Sui fondamenti della storia antica*. Torino: Einaudi, 1984.
- \_\_\_\_\_ *De paganos, judíos e cristianos*. México: FCE, 1992.
- \_\_\_\_\_ *El conflicto entre el paganismo y el cristianismo en el siglo IV*. Madrid: Alianza, s.d.
- \_\_\_\_\_ *Ensayos de historiografía antigua y moderna*. México: FCE, 1993.
- \_\_\_\_\_ *Os limites da helenização*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1991.
- \_\_\_\_\_ *Lo sviluppo della biografia greca*. Torino: Einaudi, 1974.
- \_\_\_\_\_ *Storia e storiografia antica*. Bologna: Il Mulino, 1987.
- \_\_\_\_\_ *Lo sviluppo della biografia greca*. Torino: Einaudi, 1974.
- MONTINARI, Mazzino. Delio Cantimori e Nietzsche. In: *Storia e storiografia*. Studi su Delio Cantimori. Cura di BANDINI, B. V. Roma: Editori Riuniti, 1979.
- MORANDI, Carlo. *I partiti politici nella storia italiana*. Firenze: Felice le Monnier, 1968

\_\_\_\_\_ Problemi storici della Riforma. In: *Civiltà Moderna*, v. I, Firenze: Vallecchi editore, 1929.

OMODEO, Adolfo. *Difesa del Risorgimento*. Torino: Einaudi, 1951.

\_\_\_\_\_ *L'Età del Risorgimento italiano*. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 1965.

PARLATO, Giuseppe. *La sinistra fascista: storia di un progetto mancato*. Bologna: Il Mulino, 2000.

PERFETTI, Francesco, DI RIENZO, Eugenio. *Delio Cantimori e la cultura politica del novecento*. Firenze: Casa editrice Le Lettera, 2009.

PERINI, Leandro. *Delio Cantimori: un profilo*. Roma: Edizioni di storia e letteratura, 2004.

PERTICI, Roberto. *Mazzinianesimo, fascismo, comunismo: l'itinerario politico di Delio Cantimori (1919-1943)*. Milano: Editoriale Jaca Book SPA, 1997.

PETERSEN, Jens. *Cantimori e la Germania*. In: *Studi Storici*, anno XXXIV, n. 4. Bari: Dedalo, p. 819-826, 1993.

POPPER, Karl R. *Miséria do historicismo*. São Paulo: Editora Cultrix, 1961.

PROSPERI, Adriano. Introdurre. In: *Eretici italiani del Cinquecento e altri scritti*. Giulio Einaudi editore, Torino, 1992.

\_\_\_\_\_ *Il Concilio di Trento: una introduzione storica*. Torino: Giulio Einaudi editore, 2001.

\_\_\_\_\_ "Ereciti da rileggere". In: *Studi Storici*, anno XXXIV, n. 4. Bari: Dedalo, p. 727-736, 1993.

RANKE; Leopold Von. *As Grandes Potências*. In: HOLANDA; Sergio Buarque de. L. Von Ranke. *História*. São Paulo. Ática.

\_\_\_\_\_ *Storia di Papi*. Traduzione di Claudio Cesa. Prefazione di Delio Cantimori. Firenze: Sansoni, 1965.

\_\_\_\_\_ *Le epoche della storia moderna*. A cura di Franco Pugliese Carratelli. Napoli: Bibliopolis, 1984.

\_\_\_\_\_ *Lutero e l'Idea di Storia Universale*. A cura di Francesco Donadio e Fulvio Tessitore. Napoli: Guida, 1986.

RIBEIRO, Naiara dos Santos Damas. *A Europa em Jogo: as críticas de Johan Huizinga à cultura de seu tempo (1926-1945)* / Naiara dos Santos Damas Ribeiro. – Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2008. Orientador: Manoel Luiz Lima Salgado Guimarães

Dissertação (mestrado) – UFRJ/ PPGHIS/ Programa de Pós Graduação em História Social, 2008.

ROTONDÒ, Antonio. *Alcune considerazioni su “Eretici italiani del Cinquecento”*. In: Studi Storici, anno XXXIV, n. 4. Bari: Dedalo, p. 769-776, 1993.

RUFFINI, Francesco. *Relazioni tra Stato e Chiesa*. Bologna: Società Editrice Il Mulino, 1974.

\_\_\_\_\_ *Francesco Stancaro*. Contributo alla storia della riforma in Italia. Edizioni di Religio, Roma, 1935.

SASSO, Gennaro. *Delio Cantimori: filosofia e storiografia*. Ed. Scuola Normale Superiore di Pisa. 2005.

SESTAN, Ernesto. *Un vecchio amico*. In: Belfagor, Anno XXII, n. 3, Firenze: Casa editrice LEO S. Olschki, p. 310-314, 1967.

SIMONCELLI, Paolo. *Cantimori, Gentile e la Normale di Pisa*. Profili e documenti. Milano: Ed. FrancoAngeli storia, 1994

\_\_\_\_\_ *Cantimori e il libro mai edito*. Il Movimento nazionalsocialista dal 1919 al 1933. Firenze: Casa Editrice Le Lettere, 2008.

\_\_\_\_\_ *Cantimori, Schmitt e il nazionalsocialismo*. In: Storia Contemporanea. Luni Editrice, novembre-dicembre, p. 143-151, 1997.

SAITTA, Giuseppe. *Marsilio Ficino e la filosofia dell’umanesimo*. 3° edizione. Bologna: Editoriale Fiammenghi & Nanni. 1954.

\_\_\_\_\_ *Filosofia italiana e umanesimo*. Venezia: La nuova Italia, 1928.

\_\_\_\_\_ *Il Pensiero di Vincenzo Gioberti*. Firenze: Vallecchi Editore, 1927.

SALVATORELLI, Luigi. *Pensiero e azione del Risorgimento*. Torino: Giulio Einaudi editore, 1963.

SCHMITT, Carl. *Principii politici di Nazionalsocialismo*. Scritti scelti e tradotti da D. Cantimori, prefazione di A. Volpicelli, Firenze: Sansoni, 1935.

SCHORSKE, Carl E. *Pensando com a História*. Indagações na passagem para o modernismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SOREL, Georges. *Scritti politici e filosofici*. Firenze: Sansoni, 1975.

SZCZUCHI, Lech. *Delio Cantimori e le ricerche eretiche in Polonia*. In: Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa. V. XXXVII, Pisa: V. Lischi & Figli, p. 249-258. 1968.

\_\_\_\_\_ *Stanislaw Kot (1885-1975)*. In: Rivista storica italiana. Anno CXI. Fasc. I, p. 125-145. s.d.

VENTURI, Franco. *Utopia e Riforma nell'Illuminismo*. Torino: Giulio Einaudi editore, 1970.

TENENTI, Alberto. Delio Cantimori storico del Cinquecento. in: Studi storici, Anno XI, Istituto Gramsci Editore, 1968.

TEDESCHI, John. Ancora su Delio Cantimori: Per la storia degli eretici italiani. In Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa. v. IX. Pisa: Unione Stampa Periodica Italiana, p. 15-60, 2004.

\_\_\_\_\_ Introduction. *The correspondence of Roland Bainto and Delio Cantimori*. Leo S. Olschki Editore, Firenze, 2002.

VIVANTI, Corrado. *Intorno a Umanesimo e Riforma*. In: Studi storici, anno XXXIV, n. 4. Bari: Dedalo, p. 787-798, 1993.

\_\_\_\_\_ *Politica e riflessione storiografica: Delio Cantimori*. in: Studi storici, anno 32, p. 777-797, 1991.

VOLPE, Gioacchino. *Movimenti religiosi e sette ereticali nella società medievale italiana*. Roma: Donzelli virgolette, 2010.

\_\_\_\_\_ *Medio Evo italiano*. Firenze: Laterza, 1992

WARBURG. Aby. *Arte do Retrato e Burguesia Florentina: Domenico Ghirlanda em Santa Trinita; os retratos de Lorenzo de Médici e de seus familiares*. Traduzido por: Cássio Fernandes.

\_\_\_\_\_ *La rinascita del paganesimo antico*. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1996.

\_\_\_\_\_ *Il rituale del serpente* Milano: Adelphi, 1998.

WEBER, Max. *Il Lavoro intellettuale come professione*. Torino: Einaudi, 1948.

\_\_\_\_\_ *Il método delle scienze storico-sociali*. Torino: Einaudi, 2003.

### **Correspondências:**

The correspondence of Roland Bainto and Delio Cantimori. Firenze: Leo S. Olschki Editore, 2002.

*Amici per la storia* – Lettere 1942-1966. Roma: Carocci editore, 2013.

Coleção de cartas trocadas entre Cantimori e Aldo Capitini. In: CHIANTERA-STUTTE, Patricia. *Res nostra agitur. Il pensiero di Delio Cantimori*. Bari: Palomar, 2005.

Epistolário entre Mario Manlio Rossi e Delio Cantimori. in: CHIANTERA-STUTTE. *Delio Cantimori: un intellettuale del novecento*. Roma: Carocci, 2011.

Cartas Venturi-Cantimori de 1945 à 1955. in: UMBRUGLIA, Girolamo. *Illuminismo e storicismo nella storiografia italiana*. Napoli: Bibliopolis, 2003.

**Entrevistas:**

Entrevista com Carlo Ginzburg. História e Cultura conversa com Carlo Ginzburg.

Entrevistadoras: Alzira Alves de Abreu, Ângela de Castro Gomes e Lúcia Lippi.

Estudos Históricos. Rio de Janeiro. Vol.3. n° 6. 1990. Pág. 254-263.

Conversa com Ginzburg. Estudos históricos; Rio de Janeiro, vol 3, n 6, 1990.

Entrevista com Carlo Ginzburg. Por: Maria Lúcia G. Pillares Burke. Especial para o jornal A Folha.